

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

TABITA STRASSBURGER

**A PARTICIPAÇÃO DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES
SOBRE A FRONTEIRA SÃO BORJA/BR-SANTO TOMÉ/AR**

PORTO ALEGRE

2018

TABITA STRASSBURGER

**A PARTICIPAÇÃO DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES
SOBRE A FRONTEIRA SÃO BORJA/BR-SANTO TOMÉ/AR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, na Linha de Pesquisa Mediações e Representações Culturais e Políticas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação e Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Strassburger, Tabita

A participação da mídia na construção de representações sobre a fronteira São Borja/BR-Santo Tomé/AR / Tabita Strassburger. -- 2018.

207 f.

Orientadora: Karla Maria Müller.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Jornalismo informativo. 2. Mídias impressa e radiofônica. 3. Representações. 4. Identidades. 5. Fronteira São Borja/BR-Santo Tomé/AR. I. Müller, Karla Maria, orient. II. Título.

TABITA STRASSBURGER

**A PARTICIPAÇÃO DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES
SOBRE A FRONTEIRA SÃO BORJA/BR-SANTO TOMÉ/AR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, na Linha de Pesquisa Mediações e Representações Culturais e Políticas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação e Informação.

Aprovada em 20 de abril de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nicolás Lorite García – UAB

Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado – UNISINOS

Profa. Dra. Vera Lucia Spacil Raddatz – UNIJUÍ

Profa. Dra. Adriana Dorfman – UFRGS

Profa. Dra. Karla Maria Müller – UFRGS (orientadora)

Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário – UFRGS (suplente)

Para minha Mãe, Adelaide, e meu Pai, Irineu.
Amor, cuidados, dedicação, apoio, confiança...
Presença constante e imprescindível nos meus dias.
Sou grata por ter vocês e por tudo que significam!

AGRADECIMENTOS

Os movimentos da vida permitiram que eu fosse conhecendo muita gente querida por todos os lugares em que estive. De diferentes maneiras, pertinho, de longe, nos telefonemas curtos ou bem demorados, por abraços digitais, “beijos de Vóva”, nas orações silenciosas antes de dormir, em conversas com chimarrão, café, cerveja, essas pessoas foram garantindo, cada uma do seu jeito e com suas possibilidades, que eu nunca estaria sozinha. A gratidão e o afeto enchem meu coração, e deixam meus dias mais felizes. Só posso agradecer a companhia nos percursos até aqui e desejar que continuemos juntos nas caminhadas que vierem!

Agradeço a Deus por tantas bênçãos que tenho e por garantir que eu esteja segura em meus movimentos! Pela vida e todos os caminhos que me permite construir e conhecer.

A minha Mãe, Adelaide, e meu Pai, Irineu, pelos cuidados, beijos, abraços, colos, por sempre terem uma palavra de apoio, por todo o amor e dedicação, pela confiança, pelas noites em que o sono não vinha em virtude da preocupação comigo, por me deixarem fazer escolhas, por me incentivarem a ir, caminhar, cruzar fronteiras... Por estarem junto, em pensamentos, orações, na torcida pelos melhores dias. Obrigada por me ensinarem a acreditar e a valorizar as pessoas e as relações! Obrigada por terem acreditado no André, na Damaris e em mim, e terem dado todas as condições que estavam ao vosso alcance para que pudéssemos estudar!

Ao meu irmão, André, minha cunhada, Katiúscia, e minha sobrinha, Yasmin, pelo amor e incentivo. Estar com vocês me fortalece, e ver o sorriso da nossa florzinha enche de alegria e esperança todos os momentos.

A minha irmã e melhor amiga, Damaris, e ao meu cunhado, Bruno, pela torcida e todo o afeto. A saudade é constante e proporcional ao amor que sinto. Dama, tua presença vai comigo para todos os lados, está nos meus jeitos de ser, nas lembranças e no coração.

Ao Rafa que, de diferentes maneiras e com intensidades que são suas, esteve junto e contribuiu nessa caminhada, torcendo e vibrando por minhas conquistas. Também, a Ana e ao Gilmar, a Mari, ao Bruno, e ao Gustavo, pelo carinho, a preocupação e o apoio.

Agradeço as orações, alegria e todo o amor de tias e tios, primas e primos, de Caxias do Sul, Novo Hamburgo e extensões. Quero sempre estar perto de vocês!

Às amigas-irmãs Gabriele e Quelen, com quem, a Damaris e eu, formamos o Quarteto Fantástico. Também, à afilhada, Ana Catharina, e aos afilhados, Nicolás e Valentin, crianças cheias de vida, alegria e afeto. Pelo amor, torcida, incentivo, confiança, por compreenderem as ausências e compartilharem os melhores sentimentos comigo.

A Alessandra, amiga do coração, à afilhada, Pietra, e ao afilhado, Pierre, pelo amor com que me recebem a cada encontro, por entenderem meu afastamento e estarem sempre presentes em mensagens e pensamentos positivos.

A Greice que, apesar da distância física, está incluída em minhas vivências diárias, em lembranças felizes e áudios imensos, pelo amor, apoio, e atenção com a nossa amizade.

A Ludmila e ao pequeno Martin, afilhado fronteiro que, mesmo de longe, enchem meus dias de alegria. Por tanto amor e confiança, pela amizade que se fortalece apesar da distância entre Uruguaiana e Porto Alegre.

Agradeço pelo carinho, preocupação e as orações da Denise, Tia Baldivina, Tia Erna, Dona Maria e Gladis, sempre queridas, amáveis e atenciosas, independente de onde eu estivesse, torcendo por mim e pela nossa família.

A Marina, pela amizade, amor, incentivo e presença, constantes desde o Mestrado. Entre as muitas coisas para agradecer, um super obrigada por me apresentar a música do Drexler, canção de tantas e tantos, e epígrafe dessa Tese.

Ao Marcelo, pelas conversas leves, a amizade e o afeto que também vêm do mestrado.

A Dani e Jana, pela acolhida, amizade e diversão, quando vim morar em Porto Alegre.

A Lucia, pela amizade, carinho, preocupação, por me acolher e integrar a sua família, fazendo com que eu me sentisse em casa, pelo cuidado e ajuda em distintos momentos.

A Silvana e Taís, pela amizade, confiança e por, junto com os demais colegas, terem compartilhado comigo as alegrias e os desafios da Representação Discente do PPGCOM.

Também a Cássia, pelo afeto, torcida, conversas gostosas e boas vibrações sempre.

A Ana Mercedes e Paulo Albuquerque, pelo carinho, preocupação e acolhimento.

Ao Pedro, pelos momentos divertidos e de descontração na reta final da Tese.

A Fernanda, psicóloga querida, que me acompanha desde o início do doutorado, dando suporte para equilibrar tantos sentimentos e vivências que me atravessam.

Agradeço ao Esquadrão da Alegria pelas vivências e amizades proporcionadas. A participação nesse grupo maravilhoso e repleto de gente bacana trouxe muitos sentimentos e experiências importantes que levo comigo.

A professora Karla, pela orientação, afeto, paciência e compreensão, por dar espaço e incentivo as minhas escolhas acadêmicas e investigativas, por compartilhar conhecimentos variados, e o interesse e amor pelas pesquisas sobre as fronteiras.

Aos colegas de orientação, em Laboratório de Pesquisa e no Projeto de Extensão Em dia com a Pesquisa, Stefânia, Camila, Jandré, Diego, Thaís, Dulce, Melissa. Por dividirem angústias, inquietações, alegrias e conquistas, para além do âmbito acadêmico.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Processocom e da Rede AMLAT, pelos múltiplos intercâmbios latino-americanos. Um carinho especial a Nísia, Jiani e Efendy, com quem, desde o mestrado, tenho a alegria de conviver e aprender sobre as várias dimensões da vida.

Sou muito grata por todas as experiências que pude ter no contexto de Barcelona. Agradeço, especialmente, ao professor Nicolás, por me receber e auxiliar na construção da pesquisa a partir de outros olhares. Aos colegas Thays, Felipe e Juciano. Também, a Sueli e Vitória que fizeram meus dias mais felizes na cidade catalã.

A Virgínia, Bruna e Jana, as amigas jornalistas que conheci por lá e que ajudaram a superar a saudade de casa, entre conversas, risadas e brindes. Também a Renata pelo carinho e os encontros de sotaques gaúcho e carioca, sempre descontraídos e alegres.

A Marina Almeida e Victor Theodoro, pela amizade, o carinho e a diversão, de modo especial, em momentos importantes do processo de doutorado sanduíche.

Ao Gianluca, por compartilhar as angústias e o prazer da pesquisa sobre as fronteiras.

Agradeço às fronteiriças e aos fronteiriços, pelo apoio e compreensão, por doarem seus tempos e auxiliarem na pesquisa, participando de diferentes maneiras. Especificamente, aos profissionais do jornal Folha de São Borja e das rádios Cultura AM e Fronteira FM, por contribuírem com informações e as produções jornalísticas analisadas.

Agradeço às professoras e aos professores que aceitaram participar das Bancas de Qualificação e Defesa da pesquisa de Doutorado, com leituras atentas e interessadas, trazendo contribuições importantes para além da Tese.

A UFRGS, ao PPGCOM e a Fabico, pela infinidade de experiências e aprendizados, acadêmicos e pessoais, proporcionados nos últimos quatro anos. De forma carinhosa, às funcionárias e bolsistas da Secretaria do PPGCOM, e à Coordenação do Programa, pela disposição em auxiliarem e resolverem os problemas que insistem em aparecer.

Agradeço às professoras Ada e Rejane, por terem sido as primeiras incentivadoras da minha caminhada de pesquisa, na graduação em Jornalismo, e por me colocarem em contato com os temas que investigo até hoje, fronteiras internacionais e relações Brasil-Argentina.

Também sou grata ao contexto da Unipampa, principalmente, pela oportunidade de conhecer tantas pessoas maravilhosas, estudantes, docentes e servidores. Parte importante dessa investigação começou por lá, na fronteira entre São Borja e Santo Tomé. São tantas pessoas especiais que marcaram esse processo que é impossível mencionar todas aqui.

Ao CNPQ e a Capes, por financiarem minha pesquisa, com bolsa de doutorado no Brasil e no exterior, possibilitando uma formação qualificada, humana, ética e comprometida.

Apenas nos pusimos en dos pies
Y nos vimos en la sombra de la hoguera
Escuchamos la voz del desafío,
Siempre miramos al río
Pensando en la otra ribera.

Somos una especie en viaje,
No tenemos pertenencias
Sino equipaje.

Nunca estamos quietos,
Somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño
Que lo que toco,

Yo no soy de aquí
Pero tu tampoco
Yo no soy de aquí
Pero tu tampoco
De ningún lado del todo
De todos lados un poco

Lo mismo con las canciones, los pájaros, los alfabetos:
Si quieres que algo se muera
Déjalo quieto.

(Movimiento – Jorge Drexler)

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral compreender as representações sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé, divisa entre Brasil e Argentina, que circulam entre os profissionais da mídia são-borjense e nos meios de comunicação em que trabalham, a partir de entrevistas com esses sujeitos e da análise de produções que elaboram. Para tanto, foi constituído um *corpus* de unidades informativas a partir do jornal *Folha de São Borja* e dos programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades*, das emissoras Cultura AM e Fronteira FM, respectivamente. Os três veículos pertencem ao mesmo grupo empresarial de comunicação da cidade limítrofe brasileira. O período elegido para as análises inclui os meses de dezembro de 2016, janeiro e fevereiro de 2017, e foi definido por ser considerado de maior movimento na região, devido ao trânsito de pessoas pelas festas de final de ano, férias escolares e volta às aulas. Os principais conceitos acionados na investigação dizem respeito a jornalismo informativo, mídia local, fronteiras internacionais, culturas, identidades e representações sociais. A construção empírica e analítica buscou uma confluência de perspectivas e estratégias metodológicas, com entradas no campo nos dois municípios, pesquisa exploratória, entrevistas semiestruturadas com os profissionais da mídia são-borjense, diálogos informais com moradores das cidades-gêmeas, e Análise de Conteúdo das produções jornalísticas informativas mapeadas nos meios de comunicação. As categorias encontradas remetem, prioritariamente, a representações de *Interação* e de *Passagem* ocorrendo no contexto investigado, e evidenciam eixos temáticos vinculados a *Relações Comerciais*, *Institucionais*, *Culturais* e *Identitárias*. Ainda, costumam ser construídas abordagens em torno das identidades argentinas, muitas vezes, sem diferenciar os santo-tomenhos e os turistas advindos de outros locais, e das identidades missioneiras, fazendo alusão ao passado comum dos povos vizinhos, em virtude da experiência histórica enquanto região de Reduções Jesuítico-Guarani. A pesquisa tem a pretensão de contribuir com as reflexões sobre as fronteiras internacionais no Campo das Ciências da Comunicação, contemplando uma realidade ainda pouco investigada na área, e pontuando aproximações e diferenciais desse cenário específico e particular, tendo em vista propostas desenvolvidas em publicações anteriores.

Palavras-chave: Jornalismo informativo; Mídias impressa e radiofônica; Representações; Identidades; Fronteira São Borja/BR-Santo Tomé/AR.

RESUMEN

La pesquisa tiene como objetivo general comprender las representaciones sobre la frontera São Borja – Santo Tomé, línea divisoria entre Brasil y Argentina, que circulan entre los profesionales de los medios de São Borja y en los medios de comunicación en los que trabajan, a partir de entrevistas a estos sujetos y del análisis de las producciones que elaboran. Para lo cual, se construyó un corpus de unidades informativas del periódico *Folha de São Borja*, y de los programas radiofónicos *Gente é Notícia* de la emisora Cultura AM y *Atualidades* de la emisora Fronteira FM. Los tres vehículos pertenecen al mismo grupo empresarial de comunicación de la ciudad limítrofe brasilera. El periodo elegido para el análisis incluye los meses de diciembre de 2016, enero y febrero de 2017, y fueron seleccionados, considerando, el mayor movimiento en la región, debido al tránsito de personas por las fiestas de fin de año, vacaciones escolares, y regreso a clases. Los principales conceptos accionados en la investigación abordan temas de periodismo informativo, medios locales, fronteras internacionales, culturas, identidades y representaciones sociales. La construcción empírica y analítica buscó una confluencia de perspectivas y estrategias metodológicas, con acercamientos de campo en los dos municipios, pesquisa exploratoria, entrevistas semiestructuradas con los profesionales de los medios de *São Borja*, diálogos informales con moradores de las ciudades-gemelas y, Análisis de Contenido de las producciones periodísticas informativas, mapeadas en los medios de comunicación. Las categorías encontradas hacen referencia, principalmente, a las representaciones de *Interacción* y de *Tránsito* que suceden en el contexto investigado, y evidencian ejes temáticos vinculados a *Relaciones Comerciales, Institucionales, Culturales e Identitarias*. Todavía, se suele construir abordajes en torno de las identidades argentinas, muchas veces, sin diferenciar a los santotomenses y a los turistas que llegan de otros lugares, y de las identidades misioneras, haciendo alusión al pasado común de los pueblos vecinos, en virtud de la experiencia histórica en cuanto región de reducciones jesuitas-guaraní. La investigación pretende contribuir con las reflexiones sobre las fronteras internacionales, en el campo de las Ciencias de la Comunicación. Contemplamos una realidad, todavía, poco investigada en el área, y puntuamos aproximaciones y diferencias de ese escenario específico y particular, tomando en cuenta propuestas desarrolladas en publicaciones anteriores.

Palabras clave: Periodismo informativo; Medios impresos y radiofónicos; Representaciones; Identidades; Frontera São Borja/BR-Santo Tomé/AR.

ABSTRACT

The main goal of this research is to understand the representations of the São Borja-Santo Tomé borderlands, between Brazil and Argentina, circulating amongst media professionals in São Borja and within the media outlets at which they work, drawing on interviews with said subjects as well as on the analysis of what they produce. The *corpus*, in that sense, encompasses informative units from newspaper *Folha de São Borja* and from radio programmes *Gente é Notícia* and *Atualidades*, from radio stations *Cultura AM* and *Fronteira FM*, respectively. All three outlets belong to the same corporate media group based on the Brazilian side of the boundary. The period chosen for analyses included the months of December 2016 as well as January and February 2017. It was defined in consideration of a larger flow of people in the region, due to the holiday season, the school holidays, and the back-to-school period. The main concepts to have been activated during this investigation relate to information journalism, local media, international borders, cultures, identities, and social representations. Empirical and analytical construction sought for a confluence of methodological perspectives and strategies, including fieldwork in both cities, exploratory research, semi-structured interviews with media professionals from São Borja, informal dialogues with residents of the twin cities, as well as Content Analysis of the production of information journalism mapped from the media outlets. Categories found refer chiefly to representations of *Interaction* and of *Passage* that take place in the context in question, which bring forth thematic axes linked to *Commercial, Institutional, Cultural, and Identity Relations*. What is more, approaches around Argentine identities are usually often built without differentiating people from Santo Tomé to tourists from elsewhere in the country. Likewise, there is an approach around Missionary identities, alluding to a shared past of these neighbouring peoples due to historical experience as the Jesuit Missions of the Guaranis. This research intends to contribute with reflections on international borders within Communications, encompassing a reality that is still understudied in this field, highlighting approximations and differentials of this specific and particular scenario, considering the propositions of previous publications.

Keywords: Information journalism; Print press and radio; Representations; Identities; São Borja/BR-Santo Tomé/AR borderlands.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa Faixa de Fronteira	43
Figura 2: Localização da fronteira São Borja-Brasil/ Santo Tomé-Argentina	45
Figura 3: Plano urbano Reduacional	46
Figura 4: Rotas a partir de São Borja	50
Figura 5: Dia 31/12/2016 – Edição 4070	122
Figura 6: Dia 03/12/2016 – Edição 4064	133
Figura 7: Dia 03/12/2016 – Edição 4064	135
Figura 8: Dia 10/12/2016 – Edição 4066	138
Figura 9: Dia 21/01/2017 – Edição 4073	140
Figura 10: Dia 04/02/2017 – Edição 4075	146
Figura 11: Dia 03/12/2016 – Edição 4064	151
Figura 12: Dia 21/01/2017 – Edição 4073	154
Figura 13: Dia 03/12/2016 – Edição 4064	157
Figura 14: Dia 17/12/2016 – Edição 4068	159
Figura 15: Dia 28/01/2017 – Edição 4074	164
Figura 16: Dia 18/02/2017 – Edição 4077	165
Figura 17: Dia 11/02/2017 – Edição 4076	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação dos gêneros jornalísticos	79
Quadro 2: Grade classificativa dos gêneros jornalísticos	81
Quadro 3: Matérias analisadas no <i>Folha de São Borja</i> – Divisão por meses e Categorias Primárias	119
Quadro 4: Matérias analisadas no <i>Folha de São Borja</i> – Divisão por editorias e Categorias Primárias	120
Quadro 5: <i>Caderno Retrospectiva 2016</i> , jornal <i>Folha de São Borja</i> – Chamadas gerais e menções à fronteira	123
Quadro 6: Trechos analisados no programa <i>Gente é Notícia</i> – Divisão por meses e Categorias Primárias	125
Quadro 7: Trechos analisados no programa <i>Atualidades</i> – Divisão por meses e Categorias Primárias	126
Quadro 8: Exemplos de abordagens dos meios para Categorias Primária e Secundárias	129
Quadro 9: Exemplos de abordagens dos meios para Categorias Primária e Secundárias	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

Acisb – Associação Comercial, Industrial, de Prestação de Serviços e Agropecuária de São Borja

AMM – Associação dos Municípios das Missões

Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações

CAT's – Centros de Atenção ao Turista

CBT – Código Brasileiro de Telecomunicações

CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas

CELPCYRO – Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins

CMVSB – Câmara Municipal de Vereadores de São Borja

Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

CUF – Centro Unificado de Fronteira

ESBC – Empresa São-borjense de Comunicações Ltda

GGI-F – Gabinete de Gestão Integrada de Fronteira

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFFar – Instituto Federal Farroupilha

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Mercosul – Mercado Comum do Sul

MIGRACOM – Observatorio y Grupo de Investigación en Migración y Comunicación

POSCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

POSGEA – Programa de Pós-Graduação em Geografia

PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação

Serpro – Serviço Federal de Processamento de Dados

Setel – Secretaria Estadual do Turismo, Esporte e Lazer

Sindilojas – Sindicato do Comércio Varejista de São Borja

SSP-RS – Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul

UAB – Universidade Autônoma de Barcelona

Uergs – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Unipampa – Universidade Federal do Pampa

Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

PRÓLOGO	17
1 INTRODUÇÃO	22
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS BRASIL-ARGENTINA	29
2.1 PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA	29
2.2 “DELIMITANDO” AS FRONTEIRAS INTERNACIONAIS: AS DIVISAS ENTRE BRASIL E ARGENTINA	36
2.3 AS CIDADES-GÊMEAS DE SÃO BORJA E SANTO TOMÉ	42
2.4 A MÍDIA E OS PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO EM SÃO BORJA	52
2.5 APROXIMAÇÃO À REALIDADE MUDIÁTICA DE SANTO TOMÉ	57
3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS	61
3.1 CULTURAS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	61
3.2 APREENDENDO A MÍDIA EM SUAS PRÁTICAS E PROCESSOS	74
3.3 JORNALISMO INFORMATIVO NAS MÍDIAS IMPRESSA E RADIOFÔNICA	78
4 DINÂMICAS METODOLÓGICAS	84
4.1 PESQUISA QUALITATIVA, ESCOLHA E COMPREENSÃO DO MÉTODO	84
4.2 ESTADO DA ARTE: AS PESQUISAS SOBRE AS FRONTEIRAS ENTRE BRASIL E ARGENTINA	90
4.3 ENTRADA NO CAMPO: COLETA DE PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS	95
4.4 ENTRADA NO CAMPO: A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	100
4.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO METODOLOGIA DE INTERPRETAÇÃO	107
5 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A FRONTEIRA SÃO BORJA-SANTO TOMÉ	111
5.1 APROXIMAÇÃO ÀS TEMÁTICAS INVESTIGADAS	111
5.1.1 A fala dos entrevistados sobre as mídias e as fronteiras internacionais	112
5.1.2 Características do jornal impresso <i>Folha de São Borja</i>	118
5.1.3 Características dos programas <i>Gente é Notícia</i> e <i>Atualidades</i>	124

5.2 A FRONTEIRA SÃO BORJA-SANTO TOMÉ NAS PRODUÇÕES INFORMATIVAS	127
5.2.1 Abordagem Direta: a fronteira em representações de Interação e de Passagem ..	128
5.2.2 Abordagem Indireta: a fronteira em representações de Interação e de Passagem	147
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	188
ANEXO A – Grade de programação da Cultura AM	196
ANEXO B – Grade de programação da Fronteira FM	197
ANEXO C – Materiais que apresentam as unidades informativas analisadas	Disponíveis em arquivos digitais
APÊNDICE A – Edições do jornal <i>Folha de São Borja</i>	199
APÊNDICE B – Programas selecionados – <i>Gente é Notícia</i>	200
APÊNDICE C – Programas selecionados – <i>Atualidades</i>	201
APÊNDICE D – Roteiro de entrevistas com os profissionais	202
APÊNDICE E – Matérias analisadas no jornal <i>Folha de São Borja</i>	203
APÊNDICE F – Recortes analisados no programa <i>Gente é Notícia</i>	205
APÊNDICE G – Recortes analisados no programa <i>Atualidades</i>	206

PRÓLOGO

De modo semelhante ao que diz a letra de Jorge Drexler, transformada em epígrafe da minha Tese, eu também me constituo de movimento. Também sou uma espécie em viagem, nunca estou quieta, sinto que sou um pouco de todos os lugares por onde já estive. E, inclusive, daqueles que ainda não conheço, mas desejo estar, pelas representações que circulam por aí ou que eu mesma “inventei”.

Sempre gosto de pensar nas investigações que fazemos como um atravessamento de pessoas e vivências, de contatos, idas e retornos, de apontamentos colocados em bilhetinhos que se perdem e se reencontram em gavetas. Vejo um somatório de tantas questões nos processos de cada pesquisa e considero importante valorizar essa junção de vida que instiga a refletir, a fazer escolhas, a andar por aqui e por ali, a fazer isso e não aquilo, a criar. Por isso, o objetivo principal dessa primeira parte do texto é indicar alguns elementos da trajetória que conformou a Tabita enquanto pesquisadora, sujeita comunicante e gente desse mundo. Sendo, assim como muitas pessoas, filha, neta e bisneta de imigrantes, que escutaram a voz do desafio e se colocam em trânsito entre municípios, estados, países e continentes.

Em todo o processo de doutorado estive em movimento por diferentes lugares. Morava em Porto Alegre, mas ia para o centro do estado, visitar meus pais, e para a fronteira oeste, fazer as entradas no campo para a pesquisa. Quando sobrava um tempinho, organizava minhas viagens para a serra, o litoral, e o norte do Rio Grande do Sul. No último ano, Santa Catarina foi incluída no roteiro, mesmo que em poucos momentos. Pela oportunidade do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, mais uma vez, estive cruzando fronteiras e pude fazer de Barcelona meu lar durante quase cinco meses. Além das responsabilidades e compromissos acadêmicos, como o desenvolvimento da investigação e a participação em eventos, encontrar com familiares e amigos era o que me motivava a estar na estrada.

Mas essa história de percursos e andanças começa muito antes de eu ingressar no PPGCOM da UFRGS, em 2014, para ser orientanda da professora Karla Maria Müller e me reaproximar de temas que valorizo muito. Costumo dizer que minha pesquisa de doutorado surgiu comigo, pelas escolhas que minha Mãe e meu Pai fizeram. A gaúcha e o catarinense tiveram quatro filhos, um no Rio Grande do Sul e três no Paraná. Nasci em Porto Mendes, distrito de Marechal Cândido Rondon. Pertinho da fronteira com a Argentina e o Paraguai. Sou, portanto, fronteiriça!

Cresci ouvindo histórias de cidades limítrofes, sobre o trânsito pelos países, e nossa convivência com os povos vizinhos, especialmente, a proximidade com pessoas paraguaias.

Minha infância foi em meio a fotografias das cataratas de Foz do Iguaçu e de Sete Quedas, e também do Lago e da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Ainda temos um cartão postal da Prainha, localizada às margens do Rio Paraná, divisa com o Paraguai. Desse tempo, trago lembranças repletas de memórias e representações, que confundem realidade e imaginação.

Quando eu tinha três anos de idade, mudamos para São Vicente do Sul, na região central do Rio Grande do Sul. E foi lá que os movimentos alheios começaram a chamar minha atenção, especialmente, a circulação de automóveis com “placas diferentes” passando em frente a casa onde morávamos, nas margens da BR 287, rodovia federal que corta o estado, e termina em São Borja. Eram os fluxos de argentinos, rumo às praias gaúchas e catarinenses, durante os períodos de verão, no final da década de 1990.

Nessa época, por negociações comerciais, o convívio com as fronteiras se ampliou, e as narrativas sobre essas regiões também. Pelo fato de minha família ter uma malharia com confecção de vestuário, frequentemente, meu Pai viajava para Santana do Livramento, Uruguaiana, Itaqui e São Borja, vendendo e entregando mercadorias que eram produzidas e que cruzavam as aduanas para vestir argentinas e uruguaias. Assim como ele atravessava para comprar combustível, alfajor, torrão, cerveja, e outros produtos.

Com o tempo, a peculiaridade das relações entre Brasil e Argentina começou a gerar questionamentos, e meu interesse foi tomando forma nas observações de comentários cotidianos e interpessoais acerca dos vizinhos. Na adolescência, o olhar foi se voltando à mídia e à maneira como desenvolvia e apresentava a questão. Devia haver algum motivo para aqueles enfoques, porém, eu ainda não compreendia qual era.

A graduação em Comunicação Social – Jornalismo, na UFSM, entre 2006 e 2010, trouxe inúmeras respostas, pelo contato com obras e autores de referência. Além de artigos científicos sobre as representações e estereótipos de identidades argentinas na mídia, um dos primeiros livros que li, acerca de tais temáticas, foi *Hermanos, pero no mucho*. Com o incentivo de docentes do Curso, especialmente, duas professoras que tinham áreas de interesse relacionadas as minhas inquietações, descobri que eu também poderia ser pesquisadora e me dedicar às reflexões desses assuntos – e de outros mais que fossem se colocando em meus horizontes.

Assim, em 2008, tive a oportunidade de pesquisar as coberturas jornalísticas sobre as fronteiras internacionais brasileiras, nas revistas semanais *Época* e *Isto É*, como bolsista do projeto de pesquisa *Jornalismo e Estigmas Sociais*, coordenado pela professora Ada Cristina Machado Silveira. E, no ano seguinte, 2009, fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a construção de identidades argentinas a partir das representações midiáticas da então

presidente, Cristina Kirchner, no jornal Zero Hora, com a orientação da professora Rejane de Oliveira Pozobon.

O mestrado, no POSCOM da Unisinos, indicou novos movimentos, tantos geográficos quanto investigativos. Pela primeira vez, fui morar em São Leopoldo, cidade berço da colonização alemã no Brasil. Apesar desse contexto remeter às experiências migratórias de meus antepassados, a pesquisa que desenvolvi tinha um enfoque totalmente distinto dessa questão. Orientada pelo professor Alberto Efendy Maldonado, buscava refletir sobre os processos que inter-relacionavam os sujeitos comunicantes, a Cidadania Comunicativa e o sistema multimidiático TeleSUR, criado com uma proposta de comunicação voltada à América Latina, ao conhecimento mútuo de seus povos e culturas. Na ocasião, passei a integrar o Grupo de Pesquisa *Processos comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção – PROCESSOCOM*, e a rede temática de cooperação *Comunicação, cidadania, educação e integração – Rede AMLAT*, ampliando as várias modalidades de intercâmbios com colegas pesquisadores do Brasil e de outros países da região. Nesse sentido, preciso explicitar outros posicionamentos, o de acreditar na importância dos processos de integração latino-americana, política, econômica e culturalmente, e de me identificar com a ideia da Pátria Grande com que sonharam Simón Bolívar e os demais libertadores. Uma América Latina que olhe mais para si mesma e menos para Estados Unidos e Europa.

Após o mestrado, novamente, os caminhos me levaram às fronteiras internacionais, dessa vez, para o contexto de São Borja, onde atuei como professora substituta do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Unipampa, entre 2012 e 2014. Inclusive, tendo a possibilidade de ministrar, em dois semestres, a Disciplina Complementar da Graduação, *Comunicação, Fronteira e Identidade*. Muito da Tese, mesmo a escrita do projeto de pesquisa, surgiu em virtude da preocupação e do comprometimento com aquela realidade limítrofe. Também, devido aos questionamentos que as experiências na cidade geraram em mim, pelas observações do lugar, dos relatos de moradores, das elaborações midiáticas, das particularidades de situações cotidianas que experimentei nas relações entre Brasil e Argentina, são-borjenses e santo-tomenhos, fronteiriços e “forasteiros” – eu mesma nesse papel exterior, muitas vezes, sem perceber ou na tentativa de refutá-lo.

Com a aprovação no doutorado, veio a mudança para Porto Alegre e outras tantas agitações. Dentre elas, o movimento do Sanduíche foi, talvez, o que mais exigiu. Começou em 2014, com a Missão Científica de Curta Duração, na Universidade Autônoma de Barcelona. Durante dez dias, pude conhecer professores e estudantes da UAB e vivenciar o contexto catalão em uma das cidades mais lindas que conheci. E a beleza se desenha de

diferentes maneiras. Para além das vivências nos contextos acadêmicos e universitários, descobri um dos meus espaços favoritos de lá quando voltei, em 2017, para o estágio doutoral. Era primavera e, logo, chegou o verão. As ruas cada vez mais se enchendo de gentes, de sotaques e idiomas, de sujeitos e suas multiplicidades, pulsando sempre mais intensidades, mais vida. *La Rambla* se tornou meu lugar preferido para observações casuais e olhares turísticos. Qualquer sentimento ruim ia embora enquanto eu caminhava por lá. Para mim, parecia que tudo estava naquele lugar, congregado. Todas as culturas, todas as identidades, todas as relações possíveis, as trocas mais variadas, desde as afetivas, até as comerciais. Por isso, foi tão surpreendente e assustador o atentado que aconteceu no dia 17 de agosto, dois dias antes de eu me colocar em movimento de novo e voltar para o Brasil.

Em Barcelona, especialmente, pelo contato com os professores Nicolás Lorite García e Jorge Grau Rebollo, e com os colegas, brasileiros e espanhóis, do Migracom – Observatorio y Grupo de Investigación en Migración y Comunicación, pude escutar, ler, refletir e debater sobre distintas questões teórico-metodológicas, relacionadas a identidades, diversidade, alteridade, interculturalidade, estereótipos, práticas comunicacionais e produções midiáticas. E também pude ver e sentir esses conceitos efervescendo na sociedade, em manifestações articuladas por movimentos sociais e culturais, palestras acadêmicas, encontros interpessoais, ações institucionais, entre outros. De modo bastante similar ao que ocorre aqui em Porto Alegre, cada realidade com suas proporções, cada contexto com características muito próprias. E, para mim, o que mudava radicalmente, de uma cidade para a outra, era o meu lugar nesses lugares, e como os outros me percebiam nas interações.

Durante a *Escuela de Verano sobre estudios de Comunicación*, do programa de Doutorado em Comunicação e Jornalismo da UAB, apresentei parte da minha Tese para pesquisadores de diferentes nacionalidades e pude dialogar sobre as fronteiras internacionais brasileiras, a partir do contexto específico da investigação. Enfrentei algumas dificuldades e o sentimento de exclusão por não dominar o inglês, idioma prioritário no decorrer do evento. Ao mesmo tempo, a experiência se mostrou relevante e peculiar para observar as trocas culturais que se constituíam a partir do desejo dos participantes de estarem em comunicação. Em alguns momentos, a diferença linguística não era mais problema, mostrando a importância de pensar outras formas de comunicar, que ultrapassem o discurso verbal e considerem a linguagem corporal, as expressões e gestos.

As situações do dia a dia trouxeram inúmeras experiências que me desestabilizaram frente a representações e preconceitos – meus e dos outros. Percebi alguns imaginários e estereótipos desmoronando, enquanto outros se mantiveram arraigados, infelizmente. Senti

minha própria resistência em agir de maneira natural e espontânea, por medo das percepções de outras nacionalidades no que se refere a ser mulher brasileira nos países europeus. Foram vivências que me modificaram em intensidades que ainda estou descobrindo.

De volta ao Brasil, as últimas entradas no campo, para registrar dados finais e concluir os arranjos da pesquisa, também desestruturaram algumas conformações anteriores, com destaque para as entrevistas com os profissionais da mídia. Enquanto pesquisadores, nem sempre nos deparamos com os resultados que gostaríamos e/ou que tornariam nossas reflexões mais amenas. Pelo contrário, há situações em que os fatos que se colocam diante de nossos olhos trazem mais questionamentos e novas agitações do que, propriamente, as respostas que buscávamos. Obviamente, também são essas processualidades que tornam a caminhada tão instigante e prazerosa, que motivam a estabelecer aproximações constantes com a concretude de nossos objetos de pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa teve a pretensão de contribuir com as reflexões do Campo das Ciências da Comunicação, contemplando um cenário fronteiriço pouco investigado, trazendo novas agitações e possibilidades. Devido à atuação como docente na Unipampa, o desejo é que, de alguma forma, as problematizações trazidas possam auxiliar estudantes que vivenciam a realidade da fronteira, durante seus anos de formação, a pensar e propor outras formas possíveis de abordagens e construção de representações sobre as regiões limítrofes. Quem sabe possa ser um movimento que considere mais o outro lado da Ponte Internacional da Integração, a outra margem do rio Uruguai, valorizando processos consistentes de trocas e intercâmbios, incentivando dinâmicas efetivas de integração, participando da conformação das relações que sonhamos para os povos latino-americanos e tendo o Sul como nosso Norte.

Concluo a jornada de pesquisa da Tese e do doutorado com algumas respostas, uma infinidade de inquietações, novas propostas investigativas em construção, e a certeza da necessidade de me manter sempre caminhando. A vida exige que eu esteja assim, em movimento constante, com a bagagem pronta para ir como o pólen no vento, descobrindo paisagens novas, desconhecidas, estabelecendo aproximações com o outro, rompendo com preconceitos e me constituindo no contato com as múltiplas culturas e identidades que estão em meu entorno. Como finaliza a canção de Drexler, também eu encerro, pela afirmação de que “Si quieres que algo se muera / Déjalo quieto”.

1 INTRODUÇÃO

Os debates em torno de travessias e limites, possibilidades e negações, da abertura e do acirramento das fronteiras internacionais, da construção de pontes ou muralhas, estão cada vez mais presentes no cotidiano contemporâneo. Seja nas pautas midiáticas ou em conversas triviais dos sujeitos, de maneira discreta ou por meio de abordagens diretamente construídas, a realidade dessas regiões, em seus distintos fluxos e processos, atravessa a vida das pessoas mesmo que nem sempre atentem a isso.

Os movimentos migratórios e de refugiados e suas consequências humanas, sociais, culturais, políticas e econômicas se manifestam com intensidade, sendo, praticamente, impossível ignorar as imagens e notícias que circulam pelas telas de televisões, computadores e celulares. De maneira semelhante, coberturas jornalísticas, no Brasil e no mundo, fazem referência a acordos bilaterais, negociações financeiras entre países e seus blocos, volumosas movimentações de mercadorias e capital por diferentes territórios, conforme o interesse de governantes e do poder vigente.

Evidenciando a realidade brasileira, especificamente, também há interações relevantes ocorrendo, muitas vezes, sem tanta ênfase midiática quanto as experiências daqueles que perpassam grandes distâncias para fugir de guerras, desemprego, perda de direitos, xenofobia, catástrofes naturais, entre outras tantas mazelas. Os meios de comunicação nacionais, não raro, descuidam da proeminência brasileira em termos de limites e divisas, silenciando essa característica e as implicações que traz.

Conforme o documento *Bases para uma Proposta de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira* (2010), o Brasil é vizinho de outros dez países, possui uma Faixa de Fronteira (FF) que corresponde a 150 km de largura e abriga 10% da população, ao longo de 15.719 km, onde estão inseridos 588 municípios de onze Unidades da Federação. Porém, em linhas gerais, o destaque que a mídia comercial atribui remete a aspectos negativos das regiões limítrofes, como a ausência de controle do Estado e seus possíveis efeitos.

A contemporaneidade tem enfatizado problemáticas relacionadas às discussões sobre identidades, alteridade, diversidade cultural, convivência e aceitação do “outro”. Processos que envolvem tensões e acirramentos nas relações interpessoais, ao mesmo tempo em que promovem experiências socioculturais ricas de compartilhamentos e interações. Os meios de comunicação, como instituições inseridas nesses contextos, obviamente, também acionam tais temáticas em suas práticas comunicacionais e nas produções midiáticas que elaboram. Dessa

maneira, colocam em circulação determinadas representações, que podem ou não mobilizar para questões de interculturalidade, por exemplo.

A realidade fronteiriça, de maneira específica, tende a evidenciar essas experiências socioculturais com ainda mais intensidade e de forma natural, devido à possibilidade de uma presença constante da diversidade. Nesses ambientes, os sujeitos acionam, ao mesmo tempo, perspectivas locais, regionais, nacionais e internacionais, mesmo nas realizações triviais do cotidiano. A busca por preços acessíveis pode significar compras no país vizinho, um passeio no centro da cidade resulta em encontros com outra nacionalidade, o hábito de escutar rádio oferece uma profusão de emissoras em outro idioma para sintonizar, são situações que ilustram algumas das vivências que costumam ser partilhadas nas divisas entre os países.

Todas essas perspectivas (e outras mais) instigaram o percurso investigativo e trouxeram questionamentos e agitações importantes à elaboração da pesquisa. Dentre eles, pode-se destacar: De que modo a mídia participa da construção de representações sobre as identidades e as fronteiras internacionais, considerando o cenário de São Borja (BR) e Santo Tomé (AR)? Como os profissionais que atuam nos meios de comunicação dessas cidades percebem a si próprios e às regiões limítrofes? Essas pessoas se reconhecem enquanto fronteiriças? Quais aspectos das identidades e que representações das fronteiras internacionais são acionados por esses profissionais e pelos veículos em que trabalham?

As problematizações organizadas a partir dessas inquietudes indicaram objetivos concretos e pertinentes à pesquisa, também sinalizaram para demandas temáticas do meio acadêmico e alguns interesses da pesquisadora. Por meio da presente investigação, buscou-se **compreender as representações sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé, divisa entre Brasil e Argentina, que circulam entre os profissionais da mídia são-borjense e nos meios de comunicação em que trabalham, a partir de entrevistas com esses sujeitos e da análise de produções que elaboram.**

Para tanto, foram selecionados o jornal impresso *Folha de São Borja* (existente desde 1970, é o mais antigo e com maior circulação da cidade) e os programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades*, das emissoras *Cultura AM* e *Fronteira FM* (ambas são as mais antigas em funcionamento na comunidade de São Borja e as únicas comerciais). Dessa maneira, conforme enfoque metodológico que será apresentado adiante, a pesquisa contempla a mídia impressa, construída a partir de elaborações jornalísticas que mesclam distintos gêneros e formatos, e a radiodifusão, com emissoras de diferentes frequências, ondas médias e ondas curtas, variando suas qualidades de transmissão e alcance, bem como, a abordagem e estética

de programação, uma com viés mais sério e informativo (Amplitude Modulada), e a outra com perfil mais descontraído e diversional (Frequência Modulada).

A definição buscou veículos com proeminência e credibilidade junto à comunidade são-borjense, no sentido do número de exemplares vendidos e do tempo de fundação. O período delimitado para a seleção das produções jornalísticas remete aos meses de dezembro de 2016, janeiro e fevereiro de 2017, por entender que seria uma época de maior trânsito de pessoas e circulação de mercadorias na região fronteiriça, em virtude das festas de final de ano, das férias escolares e laborais, e da preparação para a volta às aulas. Nesses produtos jornalísticos, foram elencados materiais com viés informativo e que contemplavam temáticas sobre “Argentina”, “argentinos”, “fronteira” e “fronteirizos”. Posteriormente, as unidades informativas coletadas foram submetidas à Análise de Conteúdo.

A investigação, ainda, previa a realização de entrevistas com os profissionais responsáveis por essas elaborações jornalísticas, buscando aproximações e contrapontos entre os resultados da análise dos meios e os relatos desses sujeitos. A seleção de profissionais que atuam em emissoras de radiodifusão se justifica devido à cultura radiofônica ser bastante intensa no cotidiano da localidade. Além disso, as ondas de rádio ultrapassam os limites definidos pelas fronteiras geopolíticas, não raras vezes, sendo captadas pelos radiouvintes que circulam e/ou habitam ambos os lados das fronteiras internacionais.

Já a definição por profissionais de jornais impressos remete à relevância desses veículos no interior, em geral, tendo mais destaque que o espaço digital, onde ainda se costuma reproduzir as notícias publicadas na versão em papel, sem utilizar as ferramentas e potencialidades da nova ambiência. Além disso, o *Folha de São Borja* está próximo de alcançar cinco mil edições, número que indica a continuidade desse periódico. Relativo a essa questão, importa destacar que, não raras vezes, os sujeitos trabalham em mais de um veículo da cidade, característica que é comum no jornalismo interiorano e foi a realidade encontrada também junto aos entrevistados, durante as entradas no campo.

A presente pesquisa compreende as fronteiras internacionais para além de definições geográficas, mais do que linhas e divisas que delimitam territórios distintos, percebendo esses espaços como de troca, confluência e compartilhamento de valores e relações – sociais, materiais, afetivos, culturais, éticos, jurídicos, históricos, simbólicos, entre outros – por/entre grupos de diferentes nacionalidades. Nessa perspectiva, a opção pela realidade investigada, divisa de Brasil e Argentina, interessa devido às inúmeras trocas estabelecidas entre ambos, no decorrer dos séculos, e à proeminência que possuem no âmbito sul-americano (além de serem parceiros comerciais com negociações volumosas, são os dois países que apresentam a

maior expressão, no sentido territorial). Também, pelas abordagens midiáticas características, por exemplo, em coberturas jornalísticas e campanhas publicitárias, que, não raro, perpetuam uma visão estereotipada ao representar os argentinos – muitas vezes, de maneira pejorativa e debochada, chamados de *Hermanos*.

Diferentes autores em distintos campos de estudo se debruçam sobre temáticas referentes às fronteiras entre as nações, abordando hábitos, práticas, vivências, idiomas, os povos e suas culturas, amparados em abordagens variadas e considerando o caráter simbólico que permeia esses contextos. As reflexões elucidadas perpassam áreas do conhecimento como Antropologia, Ciências Sociais, Geografia, História, Psicologia Social, mas é nas Ciências da Comunicação que está seu principal eixo orientador, a relação entre mídia e fronteiras.

Apesar do interesse de investigações anteriores e de se perceber um avanço no número de trabalhos desenvolvidos, há diversos aspectos a serem problematizados no que concerne ao mote fronteiriço. Muitas incógnitas continuam sem resposta e outras vão se colocando e exigindo olhares atentos e abordagens múltiplas. Com relação ao cenário de divisa entre Brasil e Argentina, no âmbito das pesquisas em Comunicação, costumeiramente, restringe-se o foco em Uruguaiana-Paso de Los Libres ou na Tríplice Fronteira, Foz do Iguaçu-Puerto Iguazu-Ciudad del Este. Observa-se que são escassas, e mesmo inexistentes, reflexões direcionadas a outros locais.

Dessa maneira, teve-se a pretensão de contribuir com o mapeamento que já vem sendo desenvolvido, acerca de mídia e fronteiras, a partir de outro cenário limítrofe, no caso, São Borja e Santo Tomé, e de ampliar os debates por intermédio desse panorama atravessado por questões ainda pouco conhecidas. Entende-se a inclusão de novos espaços nas reflexões como um movimento fundamental para construir uma visão geral, completa e aprofundada, e desenvolver análises mais densas, especialmente, no que diz respeito a semelhanças e peculiaridades vivenciadas nas regiões fronteiriças.

A escolha também considerou o fato de São Borja ser denominada “Primeiro dos Sete Povos das Missões” e “Terra dos Presidentes”, servir como rota turística e comercial do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), e contar com a Ponte Internacional da Integração e o Centro Unificado de Fronteira (CUF – administrado por uma comissão mista de brasileiros e argentinos) que, em 2017, completaram 20 anos de criação e atividades. Ainda, cabe referir a presença significativa de brasileiros em Santo Tomé, devido à Faculdade de Medicina da *Fundación Hector A. Barceló*, e o caráter universitário de São Borja, com três instituições públicas de ensino superior (Universidade Federal do Pampa – Unipampa; Universidade

Estadual do Rio Grande do Sul – Uergs; e Instituto Federal Farroupilha – IFFar), recebe docentes e discentes de inúmeros estados brasileiros.

Em consonância com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS) e com a Linha de Pesquisa “Mediações e Representações Culturais e Políticas”, a investigação problematiza o modo como a comunicação e os produtos midiáticos, com ênfase nos informativos, participam das práticas socioculturais experienciadas na sociedade fronteira. E, também, reconhece a importância de compreender as representações que circulam no contexto limítrofe e de ouvir os sujeitos, o habitante do lugar, tantas vezes relegado a espaços periféricos não só geograficamente, mas no jornalismo, por exemplo (e, não raro, nas pesquisas acadêmicas).

Por meio das entrevistas com os profissionais fronteiriços que têm participado das produções midiáticas, da compreensão de suas práticas, nas elaborações que desenvolvem, e das lógicas comunicacionais inerentes a essa localidade, vislumbra-se contribuições da pesquisa ao campo das Ciências da Comunicação. De forma mais específica, pensando uma reflexão acerca da produção jornalística e da construção de representações nesses espaços, pretende-se auxiliar nas problematizações sobre a peculiaridade desse “fazer jornalismo” – que é local e, ao mesmo tempo, de fronteira. Ainda, observa-se a possibilidade de refletir sobre outras formas de tratar a temática, por exemplo, assumindo pautas diferentes daquelas que são trazidas tradicionalmente pelos meios de comunicação comerciais do Brasil e evitando os estereótipos que estão presentes em suas coberturas quando o assunto são os limites do estado-nação.

Com o intuito de alcançar os propósitos elencados, a presente Tese se divide em seis capítulos. O primeiro, que se constitui na “Introdução”, elucida aspectos iniciais da pesquisa, como os objetivos que orientaram as processualidades empreendidas, as justificativas que motivaram a realização do percurso investigativo, os objetos empíricos elencados para os tensionamentos reflexivos, e a própria organização e estrutura divisória do texto.

A segunda parte, “Contextualização das fronteiras Brasil-Argentina”, discorre sobre elementos das realidades limítrofes entre os dois países, problematizando as noções de práticas socioculturais e condição fronteira, essenciais à investigação, e o conceito de fronteiras internacionais, considerando algumas das finalidades que esses espaços tiveram no transcorrer do tempo. O capítulo também aborda determinadas particularidades, históricas e contemporâneas, na conformação das cidades-gêmeas de São Borja e Santo Tomé, apresentando, especificamente, características do cenário midiático do município brasileiro, a partir dos meios de comunicação analisados e de seus profissionais.

No tópico três, são apresentadas as “Perspectivas teóricas”, indicando autores e obras que fundamentaram a pesquisa e dando sequência às principais reflexões que orientaram o desenvolvimento das atividades investigativas. O texto elucida problematizações concernentes a culturas, identidades, representações sociais, práticas e processos midiáticos, comunicação e jornalismo, com ênfase na atualidade e nas elaborações informativas das mídias impressa e radiofônica. Os atravessamentos e imbricações entre os conceitos se mostraram evidentes e também solicitaram aportes advindos de vários campos do conhecimento, como Antropologia, Ciências Sociais, História, Geografia, Psicologia, e Comunicação, obviamente.

A quarta seção atenta às “Dinâmicas metodológicas” empreendidas pela confluência de processualidades e estratégias, como a entrada no campo, em São Borja e Santo Tomé, a realização de entrevistas semiestruturadas com profissionais brasileiros, os diálogos informais estabelecidos com os argentinos, e a coleta e registro do *corpus*, em unidades informativas do jornal impresso *Folha de São Borja* e dos programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades*. Nesse capítulo, é apresentado o Estado da Arte das pesquisas sobre as fronteiras entre Brasil e Argentina, no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação brasileiros, e as razões que motivaram determinadas escolhas da investigação, como a definição pelos três meios de comunicação, os períodos incluídos na análise e os profissionais selecionados para as entrevistas. O item também aborda a Análise de Conteúdo como metodologia de interpretação, trazendo os procedimentos acionados com a finalidade de compreender as representações que circulam nas produções jornalísticas, e sinaliza para os atravessamentos da perspectiva transmetodológica na construção da pesquisa, e as aproximações com as dinâmicas do Estudo de Caso, pelo caráter particular do problema/objeto e o uso integrado de múltiplas técnicas de levantamento e análise de dados.

Intitulado “As representações sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé”, o capítulo cinco começa estabelecendo uma aproximação com a perspectiva de análise, pela exposição de elementos gerais das entrevistas com os profissionais. São relatos que evidenciam, por exemplo, a compreensão que esses sujeitos possuem quanto à importância das mídias, às representações sobre as fronteiras internacionais e às relações e vivências no contexto limítrofe. Também são explicitadas características de cada um dos meios de comunicação incluídos na pesquisa, e as primeiras reflexões críticas elaboradas no contato com os resultados analíticos. Na sequência, as discussões são elucidadas pelas categorias encontradas nas elaborações jornalísticas, trazendo unidades informativas das mídias impressa e radiofônica. A sistematização ressalta duas configurações iniciais divididas nas **Categorias Primárias Abordagem Direta** e **Abordagem Indireta** e, no que se refere às representações

do contexto investigado, remetendo às *Categorias Secundárias Fronteira de Interação* e *Fronteira de Passagem*, que indicam os principais enfoques acionados para construção das informações acerca da divisa São Borja-Santo Tomé. Nesse sentido, tem destaque, ainda, os *Eixos Temáticos* vinculados a *Relações Comerciais, Institucionais, Culturais e Identitárias*.

Para concluir o texto, a última sessão retoma apontamentos do percurso teórico-metodológico desenvolvido, recupera problematizações fundamentais das análises e indica as “Considerações finais” da pesquisa. De modo especial, entende-se esse capítulo como um espaço oportuno para refletir sobre as possibilidades e alternativas de abertura e continuidade das discussões teóricas e empíricas no que tange à mídia e fronteiras internacionais. Assim, mesmo com a necessidade burocrática de encerrar a caminhada da pesquisa, a pretensão não é indicar elementos conclusivos fechados ou limitadores da investigação, mas sim, evidenciar alguns achados que solicitam e impulsionam novas propostas, que sinalizam a necessidade constante de propor dinâmicas e se manter em movimento.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FRONTEIRAS BRASIL-ARGENTINA

A contextualização é uma etapa fundamental da investigação, permite que o pesquisador se acerque dos fenômenos que estão sendo analisados e compreenda melhor a realidade a que se relacionam. No âmbito da pesquisa em Ciências da Comunicação, é necessário que se estabeleçam vínculos com os contextos midiático e comunicacional, que constituem a especificidade dos problemas/objetos da área. Entretanto, não se pode descuidar dos múltiplos contextos que conformam e atravessam a problemática analisada, como social, histórico, cultural, político, econômico, geográfico, tecnológico (MALDONADO, 2011). Para discutir aspectos característicos da região contemplada na pesquisa, são acionadas as reflexões de autoras como Müller (2004; 2016), Raddatz e Müller (2015), Dorfman (2013), Martins (2002; 2004; 2011), e Chiappini, Martins e Pesavento (2004). As obras desenvolvidas e disponibilizadas pelo *Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins (CELPCYRO)* também tiveram participação significativa na elaboração dos debates teóricos. Convém destacar a importância da entidade para a organização e divulgação de materiais que se referem às fronteiras, suas culturas, vivências, peculiaridades. Ainda, a atuação no projeto de pesquisa *Unbral Fronteiras: Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Fronteiras e Limites* e o contato com as publicações disponíveis em seu repositório e produzidas pela equipe de trabalho, como os Anuários (2016; 2017), contribuíram substancialmente para o avanço da pesquisa, tanto no que se refere às dinâmicas metodológicas quanto ao desenvolvimento do referencial bibliográfico, a partir do mapeamento de teses e dissertações.

2.1 PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E A CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA

Importa ponderar que nenhuma fronteira é igual à outra e que elas se mantêm em construção a partir de elaborações próprias do lugar e daquelas advindas de quem as atravessa. Além disso, há inúmeros elementos que fazem cada espaço distinto dos demais, como localização geográfica, manifestações culturais, conformações históricas, relações de vizinhança. Variam os modos de circulação e fluxo de pessoas, bens, informações, produtos, culturas, moedas, palavras, simbologias, bem como a tendência dos sujeitos à integração, devido ao convívio e todo tipo de compartilhamento, e à naturalidade das práticas vivenciadas

pelos habitantes do lugar em atividades “transgressoras” ligadas à sobrevivência dos povos e a suas negociações, ora favoráveis a um, ora a outro.

A ambivalência da globalização também se manifesta nesses cenários, fazendo com que a liberdade dos sujeitos seja afirmada e aclamada ao mesmo tempo em que crescem movimentos que restringem a mobilidade humana e ampliam o controle de barreiras impostas ao trânsito de pessoas. É certo que as fronteiras não são estáticas, pelo contrário, estão em constante movimento de redefinição e negociação, como lugares de experimentações, trocas culturais, porosidade, com dinâmicas de interação e, concomitantemente, processos de exclusão e conflitos. São espaços que se configuram nas linhas divisórias – estabelecidas burocraticamente – e que, de modo simultâneo, as extrapolam – na concretude das necessidades e vivências humanas. Confluência de encontro de várias culturas, onde afloram inúmeras identidades (locais, regionais, nacionais, internacionais) e, portanto, de uma riqueza infindável de saberes, conteúdos e possibilidades de interpretações e manifestações culturais.

Em um cenário mais específico de interação, considerando as fronteiras do Brasil com os países da América do Sul, pode-se destacar a tradição fronteiriça do Rio Grande do Sul. O estado faz divisa com a Argentina e o Uruguai, e conviveu com disputas territoriais desde o início de sua conformação, sendo afetado significativamente por todas as implicações que tais dinâmicas impõem. A posição estratégica que possui é assinalada por Oliven (2006a) ao abordar elementos da constituição regional. Sendo área limítrofe, poderia fazer parte tanto do Brasil quanto de outros países, de acordo com as forças históricas em jogo, nas lutas e na defesa dos territórios. O autor elucida que essas dinâmicas repercutem ainda hoje nas representações que circulam nos discursos acerca do gaúcho, esse sujeito que viveu imerso em uma realidade que exigia bravura e rigidez para proteger seu espaço durante as guerras e as investidas dos “inimigos”.

Martins (2002) também apresenta como características desses sujeitos a necessidade de se manter bruto, viril, de dominar a natureza, controlar os animais e de manter as fronteiras salvaguardadas. Ao abordar peculiaridades históricas, econômicas, sociais e culturais do desenvolvimento do estado, a autora traz a compreensão do “drama da fronteira”, afirmando a existência de um clima de adversidade, em parte, pelas desvantagens da condição periférica do Rio Grande do Sul, distante dos grandes centros de poder e decisão governamental. Cabe ressaltar que há inúmeras instâncias, como mídia, escola, trabalho, igreja, relações de amizade, família, associações de bairro, atuando na percepção sobre essas realidades.

As regiões de fronteira entre Brasil e Argentina remetem ao pampa e sua produção voltada, de maneira prioritária, à agropecuária. Efetivamente, o desenvolvimento dessas

regiões, conformadas por cidades pequenas, mas com grandes extensões territoriais, apresenta dificuldades para acontecer. No plano social e econômico, o que se verifica é precariedade. Ainda assim, a região “se constitui como espaço privilegiado de proximidade entre povos, nações e suas culturas em que séculos de contendas resultaram em aprendizado de convivência harmônica” (MARTINS, 2004, p. 227). Conforme mencionado, essa realidade de que se fala inclui, obviamente, o Uruguai, sendo importante assinalar tal configuração e a relevância que possui, apesar de a pesquisa não se debruçar sobre as relações com o país.

O processo de elaboração das representações do gaúcho também acontece em aproximação com os países vizinhos, onde a figura do *gaucho* ora se assemelha ora se diferencia do mito, do herói, das associações e do entendimento que se tem em cada lado da fronteira, e das mudanças pelas quais passa. O “centauro dos pampas” e o “gaúcho a pé” são exemplos dessa configuração histórica dos sujeitos, apresentados por Cyro Martins, no registro ficcional do romance estruturado na trilogia *Sem Rumo, Porteira Fechada e Estrada Nova*, comentada por Martins (2011). Também Flôres (2012), resgatando aspectos da história são-borjense, rememora esse personagem comum dos três países e que vivia em circulação pelos arredores da bacia do rio Uruguai. A figura do gaúcho/*gaucho* é presença constante na literatura regional, sendo representativa dos elementos históricos e míticos que perpassam a cultura e os atravessamentos desses contextos. Entre outras vivências, seu percurso contempla a importante junção entre o homem do campo e seu cavalo, utilizado como meio de locomoção, defesa e luta, e os movimentos migratórios originados pela saída do ambiente agrário, trazendo como consequências o choque entre as realidades e culturas rural e urbana, a marginalização e falta de perspectivas para esse sujeito.

Abordando o conceito, Hohlfeldt (2006, p. 35) afirma que, com o passar do tempo, o termo gaúcho se universaliza e perde o tom jocoso, de agressividade, “para transformar-se em referência de orgulho para o morador do pampa, seja o sul-rio-grandense brasileiro, seja o uruguaio ou argentino”. Com relação ao termo fronteiriço, para o autor, refere-se ao indivíduo que trabalha em ambas as nações, mesmo que resida em um dos lados da fronteira (independente da categoria ou classe social, pode ser tanto um estancieiro quanto um sujeito sem propriedades). Especificando o contexto de Uruguai e Brasil, e a conformação de fronteira seca que existe entre eles, comenta o bilinguismo que é destaque nas divisas dos dois países e a prática do contrabando, muitas vezes, exercida dentro das terras de um mesmo indivíduo, por existirem propriedades que atravessam as linhas divisórias e estão nos dois lados da fronteira.

O cenário limítrofe analisado na presente investigação, quer seja, São Borja-Santo Tomé, contempla peculiaridades distintas e que não evidenciam experiências de intercâmbios e irmandade tão intensos, conforme será observado no decorrer do texto. Um dos fatores remete a contendas históricas de Brasil e Argentina, lutas bélicas, disputas econômicas e pela liderança regional, durante muito tempo, colocando os países em estado de alerta e desconfiança para com o vizinho: “*La historia de la rivalidad entre Brasil y Argentina es casi tan antigua como la historia de América del Sur, después de la llegada de los colonizadores, y tan compleja como la historia de este continente*” (JACKS; BENETTI; MÜLLER, 2004, p. 42). O itinerário perpassa fatos e aspectos variados da trajetória dos países, esses percursos ora se atravessam, ora tomam rumos diferentes. Em resumo, pode-se dizer que a narrativa dos vizinhos é a história da luta pela hegemonia do continente, desde Portugal e Espanha, e continuada em governos posteriores às independências e à formação dos estados nacionais.

Dorfman, França e Assumpção (2015), abordando o expansionismo brasileiro, em referência ao projeto de controle da Bacia do Rio da Prata, nas áreas que equivalem a Paraguai e Uruguai, afirmam que a Argentina é quem continha esse movimento. Os autores citam os principais conflitos resultantes dessa ideia de expansão, Guerra da Cisplatina, Guerra Grande, Guerra do Uruguai e Guerra da Tríplice Aliança, que representaram uma maior fragmentação da América espanhola e também o fortalecimento do Império brasileiro.

Além desses resquícios históricos, o estabelecimento das fronteiras, entre Brasil e Argentina, pelo recurso natural do rio Uruguai e a interligação das comunidades de São Borja e Santo Tomé, por intermédio da Ponte Internacional da Integração, também são elementos importantes de se mencionar. Essas configurações, não raro, têm resultado em entraves à integração dos povos, devido à necessidade de realização de procedimentos burocráticos e, inclusive, ao pagamento de pedágio para atravessar ao outro lado.

A situação mencionada apresenta algumas semelhanças com a realidade da fronteira Posadas-Encarnación, entre Argentina e Paraguai. Segundo explicita Grimson (2002), nessa região, também o limite se estabelece por um rio, no caso, o Paraná, e a construção da Ponte San Roque González Santa Cruz gerou uma série de expectativas nas populações locais, de certa forma, não alcançadas, especialmente, no âmbito econômico.

Os aspectos da vida na fronteira são evidenciados no conceito de condição fronteiriça, elaborado por Dorfman (2013). De acordo com a autora, as fronteiras são, ao mesmo tempo, lugares da contradição e da diversidade, periferias do estado-nação e área de contato entre grupos nacionais distintos. Considerando certos tipos de práticas legais e ilegais, atraem pessoas interessadas nas vantagens que essas regiões podem trazer.

Assim, a experiência de vida na fronteira fornece aos seus frequentadores os instrumentos necessários para articular as diferenças identitárias, instrumentalizando seus habitantes para tornarem-se portadores/passadores dos bens simbólicos ou materiais que expressam tais contradições e diferenças manifestas no lugar (DORFMAN, 2013, p. 9).

Faz parte da condição fronteiriça saber acionar as práticas necessárias a cada situação, negociar as particularidades do local e desenvolver a articulação para a convivência nessa realidade. Seria como um sentimento, que é aprimorado ao longo da vida social, de pertença a um contexto múltiplo. A autora fala em “praticar” a fronteira, “agir” como fronteiriço, aproveitando as possibilidades que se multiplicam em virtude de se estar em um local com influências de dois territórios nacionais. Essas lógicas e características podem ser relacionadas às elaborações postas por De Certeau (2011) quanto às “estratégias” e “táticas” dos usuários, em suas dinâmicas de consumo e interação. Também as leituras desse sujeito fronteiriço não são passivas, a “arte de fazer” que elabora para sua sobrevivência está atravessada por fatores específicos do lugar em que está inserido e está evidente nas práticas socioculturais, em seu cotidiano, no modo como apreende e significa todo tipo de informação.

Cabe referir que o conceito de condição fronteiriça foi criado para dar conta de práticas observadas em regiões de fronteiras específicas¹, e reflete as experiências de campo da autora. Desse modo, tem-se a compreensão de que não há como simplesmente reproduzir o conceito e tentar encaixá-lo em toda e qualquer realidade de investigação. No caso da pesquisa, observou-se que há sujeitos que acionam essa condição em seus cotidianos, especialmente, por motivação econômica. Atividades simples como frequentar restaurantes, tomar um sorvete e fazer compras têm outra conotação quando realizadas no país vizinho – apesar de serem executadas com naturalidade pelos moradores locais.

Essas trocas conformam identidades a partir das relações entre os países. Nas obras organizadas por Chiappini, Martins e Pesavento (2004) e por Gallinati (et al, 2011), ficam nítidos os cruzamentos desses contextos e as experiências de compartilhamento, seja na música, na literatura, no cinema, na dança, no teatro, na própria história dos países, no dia a dia dos sujeitos do lugar. Muitas vezes, não se consegue ter clareza de onde “as coisas” começaram (e importa saber?), há um punhado de incertezas sobre o país no qual determinada expressão cultural surgiu. E a fronteira ganha ainda mais relevância por ser a origem dessas incógnitas e o cenário em que tantas manifestações se misturam. Para ilustrar, as autoras fazem referência ao poema *Martin Fierro*, de José Hernandez, sendo a obra reivindicada por

¹ São elas: Chuí (BRA) – Chuy (URY); Jaguarão (BRA) – Rio Branco (URY); Santana do Livramento (BRA) – Rivera (URY); Uruguaiana (BRA) – Paso de Los Libres (ARG); Posadas (ARG) – Encarnación (PRY); e Dionísio Cerqueira (BRA) – Barracão (BRA) – Bernardo Irigoyen (ARG).

Brasil, Argentina e Uruguai. Há uma polêmica quanto aos lugares por onde o autor circulou enquanto escrevia, com disputas pelo “solo” em que estava Hernandez quando criou o poema, justamente, indicando a permeabilidade das fronteiras.

No horizonte desse processo, vislumbra-se a diminuição do isolamento entre países da América Latina em geral e entre hispano-americanos e brasileiros, em particular, ainda de costas uns para os outros. Não se trata de delinear um panorama *sem fronteiras* – elas sempre existiram e continuarão existindo, seja sob o ponto de vista geopolítico, seja sob a perspectiva cultural, social, econômica. A questão está em reconhecer e avaliar a existência delas, suas potencialidades, configurando as características sul-americanas formadas pelo amálgama de seus componentes (MARTINS, 2004, p. 231).

Esse espaço complexo, que ora parece indicar limites e divisões, ora ressalta passagem e integração, traz oportunidades especiais de abordar (e construir) a comunicação, o diálogo e o intercâmbio. Pesavento (2004, p. 11) elucida que esse “trânsito não apenas de lugar, mas também de situação ou época, essa dimensão da fronteira aponta para a instigante reflexão de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira possibilita o surgimento de algo novo”, seria um terceiro, diferente dos anteriores, mestiço, “tornando-se” nesta situação de atravessar.

A autora também sinaliza a importância de, ao pensar as fronteiras culturais ou analisar situações de fronteira, distinguir modos de ser e sensibilidades, que são comuns e diferentes entre esses sujeitos fronteiriços, que os aproximam e os afastam. Apesar de esses espaços guardarem semelhanças, em consonância com essa e outras reflexões e autores, pode-se observar que apresentam especificidades e características próprias de uma experiência fronteiriça, vinculadas a cada um dos contextos.

No livro *Comunicação, Cultura e Fronteira*, de Raddatz e Müller (2015), são encontrados exemplos de como a comunicação, especialmente a que se produz nessas localidades, pode atuar fomentando processos de integração, e como as regiões fronteiriças se conformam em oportunidades estratégicas para trabalhar a aceitação da diferença e o respeito à cultura do Outro. Os artigos apresentados falam da fronteira a partir dela mesma, ilustrando experiências de projetos comunitários, portais de notícias do interior, emissoras de televisão e radiodifusão que ultrapassam os limites geográficos estabelecidos burocraticamente, entre outras situações. Também, abordando dificuldades e limitações profissionais específicas desses espaços, como a distância dos grandes centros decisórios e determinadas características midiáticas que restringem o fazer jornalístico.

Algumas observações, empreendidas nos últimos quatro anos, indicaram que, de maneira geral, há um interesse mais expressivo dos pesquisadores por contextos fronteiriços

entre Brasil e Uruguai, em comparação com abordagens relacionadas aos cenários limítrofes de Brasil e Argentina. O enunciado se baseia, entre outras dinâmicas, na aproximação com teses e dissertações desenvolvidas em programas de pós-graduação brasileiros, de modo especial, no período de 2000 a 2015. O contato foi possível em virtude da participação nos projetos de pesquisa *Unbral Fronteiras – Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Fronteiras e Limites*², coordenado pela professora doutora Adriana Dorfman (POSGEA/UFRGS), e *Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos no Brasil*, coordenado pela professora doutora Karla Maria Müller (PPGCOM/UFRGS).

Dorfman, França e Rocha (2016) apresentam alguns resultados do mapeamento de 611 teses e dissertações inseridas no Portal Unbral Fronteiras, dedicadas aos Estudos Fronteiriços Brasileiros e defendidas entre 2000 e 2014. Os dados indicam os nomes de países mais frequentes nos trabalhos, sendo que o Brasil aparece em primeiro lugar no *corpus* (frequência de 152), o Uruguai em terceiro (83) e a Argentina em quarto (72). Conforme os autores, a presença do Paraguai foi uma surpresa. O país apareceu em segundo, frequente 91 vezes. No que se refere aos nomes de cidades mais frequentes, São Borja aparece em 25º lugar na posição geral da coleção analisada. Frequente nove vezes, está atrás, por exemplo, de Sant’Ana do Livramento (8º lugar, frequente 26 vezes) e de Uruguiana (12º lugar, com 18 vezes). As cidades de Bagé, Itaqui e Pelotas aparecem empatadas (em 31º lugar, sete vezes).

Com foco na área da Comunicação, Müller et al (2017a) trazem os primeiros resultados do mapeamento e análise de teses e dissertações de PPG’s brasileiros, de 2000 a 2015. O Estado da Arte retornou vinte e três pesquisas, treze de mestrado e dez de doutorado. As autoras referem os municípios contemplados pelas produções acadêmicas analisadas, sendo que apenas um é argentino (Paso de Los Libres), frente a oito uruguaios (Acegua, Artigas, Bela Unión, Cerrillada, Chuy, Masoller, Rio Branco e Rivera). Talvez seja arriscado utilizar as informações para concluir que um país é mais pesquisado do que o outro – inclusive, porque esse dado não é oferecido no texto. Porém, chama a atenção a diferença no número de cidades que aparecem nos trabalhos – mesmo que, somente, tenham sido referenciadas.

Partindo dessas perspectivas, a investigação que se apresenta volta o olhar a um contexto limítrofe específico, as cidades-gêmeas de São Borja, no Brasil, e Santo Tomé, na Argentina. Nesse momento, a análise das representações sobre as identidades e as fronteiras internacionais se debruça nas produções midiáticas elaboradas no lado brasileiro, pelo jornal

² Disponível em: <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/site/>. Acesso em: 18 ago. 2016.

impresso *Folha de São Borja* e as emissoras de rádio *Cultura AM* e *Fronteira FM*, utilizando entrevistas com profissionais desses meios como contraponto para apreender tais elaborações. A definição se justifica devido à carência de pesquisas sobre o referido cenário no campo das Ciências da Comunicação. E também pela necessidade de, primeiramente, compreender e aprofundar as reflexões sobre a realidade mais singular, construindo uma base solidificada, para, em próximos momentos, adentrar nas investigações dos meios santo-tomenhos, ampliando o enfoque e avançando ainda mais.

2.2 “DELIMITANDO” AS FRONTEIRAS INTERNACIONAIS: AS DIVISAS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

Inicialmente, convém referir que o entendimento acerca das fronteiras e de sua utilidade foi mudando ao longo do tempo. Assim, pode-se afirmar que a fronteira também é uma construção histórica que surge atrelada a sentidos militares e bélicos, à exigência de salvaguardar os territórios, impedir investidas de um outro que seria o bárbaro, o selvagem, o invasor. Dorfman, França e Assumpção (2015) explicam que, na América do Sul, assim como na Península Ibérica, muitas vezes, as cidades de fronteira se convertiam em pequenos fortes – o que surgiu como uma linha de *front*, hoje, constitui-se em muitas cidades-gêmeas.

Ferrari (2014) comenta que, atualmente, o termo “fronteira” tem sido empregado em vários sentidos, indo muito além dos limites territoriais entre países. A visão contemporânea foi sendo ampliada e passa a considerar elementos culturais e simbólicos. A expressão tem sido usada no plural, considerada a partir da multiplicidade que lhe caracteriza: fronteiras (nacionais, internacionais, culturais, sociais, étnicas, entre outras). Ainda, admite-se que, mesmo as fronteiras mais rígidas, com diferentes intensidades, possuem brechas, apresentam uma medida de permeabilidade. Tendo referência principal na geografia, os estudos sobre as fronteiras foram ganhando espaço e estão circulando por diferentes campos do conhecimento, como Antropologia, Comunicação, Filosofia, História, Relações Internacionais e Sociologia.

Segundo Chiappini, Martins e Pesavento (2004, p. 19), “fronteiras, por definição, seriam terras sem dono, e sua conquista seria um ganho para a sociedade civilizada”. Nesse contexto, a violência se justificava pelo conflito entre natureza e cultura, e era, especialmente, contra mulheres, crianças, negros e povos originários. Ainda, encontrava legitimidade no fato de aqueles locais terem suas próprias leis, diferentes daquelas presentes no mundo civilizado.

As imagens de território não-usado, terra vazia ou espaço vazio são evocados até hoje, com diferentes propósitos: aliviar pressões para reforma agrária, expandir as áreas de agronegócio e mineração em larga escala, criar coesão nacional em face de alegadas ameaças externas, justificar a securitização das fronteiras representadas pejorativamente como “abertas” ou como terras de ninguém etc. Esses processos podem ser resumidos sob o conceito de frente (ou front, fronteira, *frontier*...) cunhado no século das Guerras de Independência latino-americanas, associado ao espaço vazio, ao futuro, à terra virgem e fértil dentro de um Estado territorial moderno em construção. Assim, a fronteira americana é um movimento descrito como a expansão da civilização, a conquista do desconhecido, a criação livre de espaço. Certamente, não havia espaços vazios na América do Sul, é trabalho da imaginação colonial desconsiderar os povos indígenas (DORFMAN; FRANÇA; ASSUMPÇÃO, 2015, p. 100).

De alguma maneira, na atualidade, podem-se visualizar situações semelhantes, com os ataques contra os povos indígenas acontecendo, nas chacinas que dizimam suas tribos, em estados brasileiros como Acre, Amazonas, Maranhão e Roraima. Outro exemplo seriam as “caçadas” contra o terrorismo, e toda sorte de intervenções que realizam, com Estados Unidos definindo o Eixo do Mal, os lugares onde imperaria a barbárie (em contraposição a esse país que se coloca, e é aceito por muitos, como modelo de civilização). Ainda, nos embates com a cultura de imigrantes africanos, negros, etnias de povos originários, considerados símbolo de retrocesso e do que é primitivo, são encontradas similaridades com tal julgamento e violência.

Benedetti (2014) aproxima os conceitos de fronteira e território, considerando a fronteira como um dos componentes fundamentais na conformação de qualquer território institucionalizado: “*la frontera de un país surge, en gran medida, como espejo y reflejo de otra semejante en el país vecino*” (p. 15), como interesse dos Estados por controlar recursos e pessoas que cruzam o limite compartilhado. A diferença operativa entre o território e outras categorias geográficas, como o espaço, a região ou o lugar, seria sua associação direta com o poder e o sujeito social que o define.

Nessa direção, o autor considera que o território é definido a partir de práticas simbólicas e materiais da sociedade, são processos abertos e contingentes. Assim como os limites e as fronteiras, os territórios deveriam ser considerados enquanto entidades geo-históricas que se transformam permanentemente, movidos pelas práticas sociais. Ainda, “a importância do território está respaldada na compreensão de que ele é a base (o lugar) onde tudo acontece: desde a vida, os sentimentos, as paixões até a esfera do processo de dominação e de poder” (LAMBERTI e OLIVEIRA, 2008, p. 76). Apresenta dinamicidade e deve ser entendido no conjunto, considerando o território usado, o chão (aspecto físico) e a identidade e as significações particulares (aspectos subjetivos).

Pesquisadoras do tema afirmam que “vários estudiosos têm assinalado que o conceito de fronteira é ele mesmo fronteiriço, porque ao mesmo tempo separa e une, espacial e temporalmente, semelhantes e diferentes, os de fora e os de dentro, o tradicional e o moderno, o bárbaro e o civilizado, o outro e o mesmo” (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2004, p. 16). Nas divisas entre Brasil, Argentina e Uruguai, evidencia-se a presença de gaúchos e de *gauchos*, mas também de uma diversidade de povos originários, de negros, de gringos, conformando fronteiras culturais internas e tensões entre essa multiplicidade de culturas e identidades. Nas localidades pesquisadas, além de brasileiros, argentinos e uruguaios, circulam pessoas de outras nacionalidades, como os árabes-palestinos (e, atualmente, é frequente a presença de migrantes africanos e caribenhos).

Povos de culturas distintas convivem com o fenômeno *fronteira*, realizando um exercício de interação, aproximação, onde o respeito pelo *outro* dá sustentação à relação amigável. Surge assim uma nova identidade, a identidade fronteiriça. O fenômeno *fronteira* passa a ser o elemento comum que liga os diferentes integrantes da sociedade local, diferenciando-os dos demais, considerados os “visitantes” ou “estrangeiros” (MÜLLER, 2004, p. 146, grifos da autora)

Desse modo, as fronteiras podem ser evidenciadas enquanto lugares que se apresentam caracterizados pela constante reciprocidade entre as populações e, também, pelas tensões, advindas da relação, do conflito simbólico entre “nós” e “eles”, entre o local, o nacional e o global. Conforme evidencia Sahlins (2000), essa ênfase na natureza relacional e contingente das identidades é muito mais evidente em regiões fronteiriças. Também Benedetti (2014) assinala a necessidade de atentar às formas em que os grupos sociais se identificam e manifestam suas solidariedades e contradições através do espaço. Assim como os autores apontam a importância de observar as dinâmicas sociais a partir das pessoas do lugar, também se reconhece nessa postura uma possibilidade metodológica de pesquisa, refletindo, por exemplo, acerca das negociações que ocorrem entre representações midiáticas e elaborações sociais e individuais.

O entendimento acerca do que seria a fronteira e de quem seria o fronteiriço se fundamenta, ainda, nas reflexões de Martins (2002; 2004). Um sujeito que tem sua identidade cunhada, individual e coletivamente, nas práticas socioculturais de três países, Brasil, Argentina e Uruguai. Nesse espaço, compartilha-se não apenas o “drama da fronteira” (MARTINS, 2002) – por exemplo, devido ao histórico de guerras e disputas, à precarização do desenvolvimento, às dificuldades econômicas, à situação de desvantagem, em grande medida, resultantes de sua localização periférica. Os intercâmbios ocorrem nas relações

familiares, nos idiomas que se entrelaçam, nas distintas necessidades de sobrevivência que colocam a população fronteiriça em contato. Tais comunidades estão unidas em suas lutas, aspirações e conquistas.

A noção de fronteira “refere-se a um espaço e suas possibilidades, é percebida mais como ampliação de horizontes do que identificação de uma região e seus limites” (MARTINS, 2004, p. 231). Para conhecer tais contextos, é fundamental investigar as práticas culturais que ocorrem e suas relações, observando aproximações e contrastes, valorizando a diversidade que se apresenta e buscando um entendimento mútuo. Além disso, é preciso atentar ao mote do pertencimento, em que a identidade fronteiriça tem papel fundante, como “resultado do amálgama de culturas, de costumes, de idiomas, de laços consanguíneos, fraternos e de convivência, assim como de contendas superadas e auxílio mútuo entre desafetos eventuais” (MARTINS, 2004, p. 247). Estudar as práticas socioculturais impregnadas nas realidades fronteiriças aciona uma riqueza de experiências e sensações que perpassam elementos de diferentes nacionalidades, integrados em vários níveis, por dimensões sociais, afetivas, culturais, econômicas, geográficas, históricas, etc., que auxiliam a compreender a fronteira, mas, ao mesmo tempo, abrem outras tantas reflexões e questionamentos sobre o fenômeno.

Padrós (1994) também aborda a ambiguidade de a fronteira ser, ao mesmo tempo, limite e projeção, e comenta sobre seu caráter temporário e móvel. Citando Zientara, explica que ela não implica uma zona de passagem duradoura, mas a circulação diante da falta de condições vitais necessárias ou frente à resistência de movimentos no sentido contrário. O autor vincula o tema da integração fronteiriça com o processo de integração entre estados nacionais que muitas vezes não é fácil, pois:

O Estado, além de refletir uma determinada situação de poder no espectro das forças sociais que existem num espaço definido e habitado pelos seus cidadãos, representa também um determinado grau de organização da dinâmica social. Mas o Estado, além dessa função de representação política do espaço social, tem também a função de conviver num meio internacional caracterizado pela autonomia das expressões soberanas que o compõem. Uma das questões mais delicadas de interseção de interesses de soberanias diferentes está constituída pela existência dos pontos de tangência identificados com as fronteiras (PADRÓS, 1994, p. 65).

Em concordância com o autor, compreende-se que as dinâmicas de integração não dependem apenas do Estado – apesar de seu poder –, mas sim, de todos os atores envolvidos, de uma visão conjunta da sociedade civil e dos órgãos decisórios. É necessário que exista comprometimento, vontade política e consciência das possibilidades e restrições que cada

realidade concreta apresenta. Mesmo porque, integrar exige que sejam feitas concessões em troca de benefícios comuns e, dependendo do avanço desse processo, pode-se chegar a níveis complexos nas relações de vinculação e aprofundamento.

Com um sentido de “encontro”, advém da Psicologia Social o conceito de interação compreendido pela pesquisa. Abordando a interação face-a-face, Goffman (2005, p. 23) elucida que, em linhas gerais, diz respeito à “influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros”. Assim, entende-se que seriam dinâmicas espontâneas e repentinas (mais simples e naturais, quando comparadas aos movimentos de integração), envolvendo sujeitos que se colocam em contato.

Müller (2016) evidencia que os debates sobre as diferentes demonstrações culturais presentes em um mesmo espaço não são exclusivos das fronteiras internacionais, mas podem ser transpostos para análises em outros cenários. Há processos semelhantes ocorrendo em outros contextos, por exemplo, com grupos e tribos que estabelecem formas de convivência.

Nos grandes centros urbanos é possível verificar hábitos e costumes próprios dos grupos que compõem a comunidade local, mas que passam despercebidos no dia a dia. O que salta aos olhos nas fronteiras nacionais nem sempre é visível em outros espaços, mas nem por isso deixa de existir. Se nos surpreendemos com a riqueza cultural dos espaços fronteiriços, muitas vezes ignoramos ou negligenciamos algo que merece destaque no contexto da cidade de modo geral, em especial nas grandes cidades (MÜLLER, 2016, p. 108).

De certa maneira, a ênfase nas regiões limítrofes se coloca por suas singularidades e a diversidade cultural se apresentarem com mais nitidez. Como pelo fato de seus moradores acionarem dois idiomas oficiais diversos, em práticas corriqueiras, ou estarem sujeitos às legislações próprias de cada país, com regras e normas que variam ao cruzar a fronteira. Também, pelas constantes negociações entre as nacionalidades e o sentimento de alteridade, e pelas dinâmicas de aceitação e respeito ao Outro.

O Brasil possui 1.263 km de fronteira com a Argentina. Desses, 724 km correspondem à divisa entre o Rio Grande do Sul e as províncias de Corrientes e Misiones, sendo toda essa extensão banhada pelo Rio Uruguai. As fronteiras entre os dois países não apresentam conformações bélicas ou conflitos eminentes como em outras regiões (mesmo em divisas brasileiras, há certas tensões ocorrendo, por exemplo, devido à entrada de imigrantes venezuelanos e às disputas na Reserva Indígena Raposa Serra do Sol, ambos na fronteira entre o estado de Roraima e a Venezuela). Ao mesmo tempo, sua convivência não é tão fraterna

quanto às de Brasil e Uruguai que chegam ao status de “Fronteira da Paz”, no caso de Livramento-Rivera. Em parte, esse aspecto se deve a marcas da configuração histórica dos países e à disputa pela liderança econômica da região.

Outra questão relevante nesse sentido diz respeito à diferença que é atribuída à importância da fronteira, de acordo com os espaços territoriais de contato (PADRÓS, 1994). Pode-se ilustrar, mais uma vez, a partir dos exemplos de Brasil e Argentina e Brasil e Uruguai. No primeiro caso, há dois países com nuances semelhantes, tanto no sentido do peso econômico regional, quanto ao se comparar as áreas (mesmo que o território brasileiro seja maior, o argentino também é expressivo no contexto em que estão inseridos). Já na outra comparação, as distinções se mostram mais expressivas, pois, na escala territorial, um dos vizinhos possui dimensões continentais, diante da reduzida extensão do outro, e essa diferença entre ambos também se mostra na dimensão econômica.

Reflexões sobre as características dessas relações são encontradas na obra de Frigerio e Ribeiro (2002), com artigos que ilustram os intercâmbios e acirramentos entre os dois povos, considerando distintos contextos, períodos e localidades, tanto do Brasil quanto da Argentina. E serviram como fundamentação, especialmente, as contribuições trazidas por Jacks, Benetti e Müller (2004), para quem as conformações históricas e ideológicas perpassam os discursos sociais que são reproduzidos nas mais variadas instâncias da sociedade e refletem nas práticas socioculturais e nas relações entre os sujeitos e os países e que se fazem presente nos produtos midiáticos.

Falando sobre os turistas argentinos nas praias de Florianópolis, Schmeil (2002, p. 76) explicita que “a relação entre estes dois povos de características específicas é influenciada pela imagem que ambos fazem um do outro. Estas imagens construídas historicamente possuem elementos positivos e negativos, estereotipados, superestimados e reforçados”. Esses processos são gerados pela divulgação da mídia, em geral, e pela indústria do turismo, com vídeos, cartões postais, *folders*, pacotes, etc.. Os meios de comunicação (tanto por via do jornalismo quanto pela publicidade) assumem determinadas peculiaridades dessas realidades e as representa de maneira redutora, caricatural e, inclusive, mentirosa.

A partir de referências da antropologia, a autora assinala que o turismo pode ser considerado um ritual de inversão, um processo que rompe com a vida ordinária cotidiana, oferecendo possibilidades de o turista extravasar, sair daquilo que lhe é comum. No caso da pesquisa que resultou na presente pesquisa, o turismo tem importância pelo trânsito de argentinos e a expectativa de vendas por parte do comércio são-borjense. Ainda, observou-se que há outras questões que recebem atenção dos meios de comunicação quanto ao movimento

de argentinos em direção ao litoral gaúcho e catarinense, por exemplo, o comportamento dos motoristas do país vizinho e os acidentes automobilísticos nas rodovias brasileiras. Essas colocações são retomadas com detalhes no capítulo de análise.

2.3 AS CIDADES-GÊMEAS DE SÃO BORJA E SANTO TOMÉ

A entrada no campo oportunizou o contato e o diálogo com pessoas de distintos contextos socioculturais nos dois municípios da fronteira, bem como o acesso a documentos, panfletos, materiais de divulgação, jornais impressos, produções e acervos, que auxiliaram na compreensão das articulações e possibilidades dessa região. Foram realizadas visitas a museus, igrejas, prédios públicos, espaços culturais, e entrevistas com artistas, representantes políticos, funcionários públicos municipais, estaduais e federais, líderes religiosos, além, é claro, dos profissionais atuantes nos meios de comunicação.

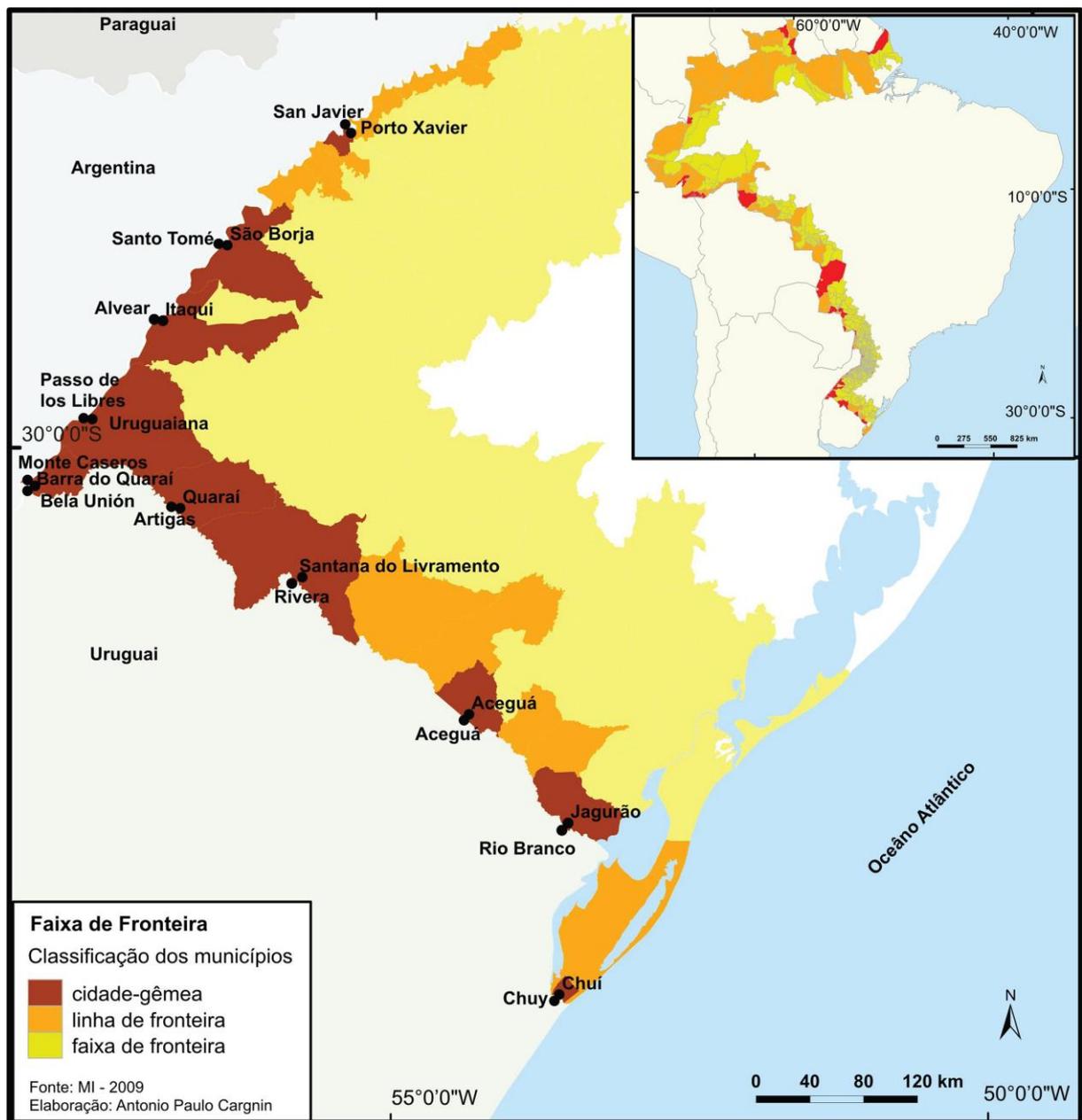
As dinâmicas evidenciaram elementos importantes para a pesquisa, informações que são resgatadas na sequência, com o objetivo de apresentar a trajetória dessas localidades que surgiram entrelaçadas, a partir das reduções jesuíticas. Inicialmente, importa trazer conceitos como cidades-gêmeas, dando subsídios para explicar a conformação histórica que originou São Borja e Santo Tomé, e apresentar alguns indicadores contemporâneos dessa realidade limítrofe entre Brasil e Argentina.

Conforme mencionado anteriormente, de maneira geral, as fronteiras já apresentam peculiaridades por suas mesclas internacionais, convivência de múltiplas identidades e trocas entre os sujeitos. Quando são pensadas de modo mais específico, por exemplo, como espaço e processo de conurbação, elas adquirem outros tantos sentidos. Entre as características desta configuração, está a de ser uma área urbana composta por um grupo de cidades organizadas, que pressupõe individualidade. A condição transita próximo à noção de cidades-gêmeas, locais com adensamento populacional cortado pela linha de fronteira e que apresentam várias especificidades decorrentes das possibilidades de fluxos fronteiriços.

A denominação ‘cidades-gêmeas’ é aplicada aqui de maneira bastante livre, uma vez que no caso da fronteira internacional brasileira compõem arranjos espaciais bastante diversificados. Dificilmente apresentam tamanhos urbanos similares, inclusive em alguns casos um dos núcleos na divisa não chega a ser uma ‘cidade’, não estão necessariamente em fronteiras secas ou formam uma conurbação; podem não ocupar posições simétricas em relação à divisa (MACHADO, 2010, p. 66).

No mapa a seguir (Figura 1), é possível visualizar o espaço destinado à Faixa de Fronteira do Brasil e, com destaque, do Rio Grande do Sul. Ainda, são apresentadas dez das onze cidades-gêmeas do estado, nas divisas com Argentina e Uruguai. Convém mencionar que, além das contempladas, desde 20 de julho de 2016, o Ministério da Integração incluiu nessa lista o município de Porto Mauá, que não aparece na imagem, formando par com a cidade argentina de Alba Posse.

Figura 1: Mapa Faixa de Fronteira.



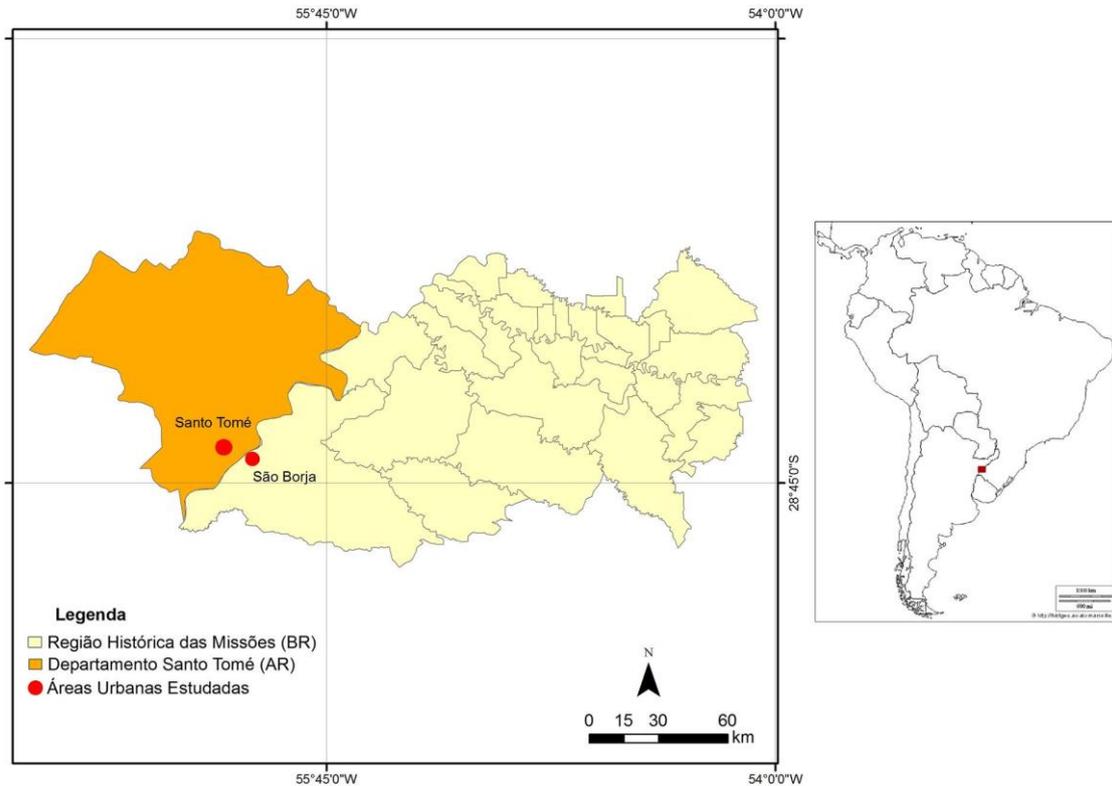
Fonte: Ministério da Integração, 2009.

Lamberti e Oliveira (2008) explicam que a conformação de cidades-gêmeas possibilita diferentes processos de integração e de conflitos que, em geral, escapam a determinações jurídicas, normas ou regulamentações: “Além disso, o desenvolvimento nem sempre é simétrico nesse território, dado que vigoram leis e objetivos de nacionalidades diferentes com estreita proximidade física” (2008, p. 81). Essa disparidade está relacionada aos diferentes níveis do desenvolvimento econômico da região fronteira, e remete a movimentos de trabalho, capital, terra, serviços de consumo, entre outros. Mesmo que as cidades investigadas não se caracterizem como conurbadas, pois a distância física entre seus centros urbanos as qualifica como semi-conurbadas, as dinâmicas referidas podem ser facilmente encontradas no cotidiano das populações, por exemplo, nas atividades de pessoas que moram em um país e trabalham ou estudam no vizinho. A Portaria Nº 125, publicada pelo Ministério da Integração Nacional, no Diário Oficial da União, em 21 de março de 2014, determina que:

Serão considerados cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações “condensadas” dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

O Brasil (no estado do Rio Grande do Sul) e a Argentina possuem cinco pontos que se configuram como cidades-gêmeas, que são Porto Mauá-Alba Posse, Porto Xavier-San Javier, Itaqui-Alvear, São Borja-Santo Tomé e Uruguaiana-Paso de Los Libres. O cenário investigado aparece em segundo lugar dentre as cidades-gêmeas mais populosas das fronteiras entre Brasil e Argentina. De acordo com o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), São Borja possuía 61.671 habitantes, naquele ano, sendo estimado um aumento populacional para 62.808, em 2017. Já o Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas, organizado pelo Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC), do país vizinho, também em 2010, a população do Departamento de Santo Tomé era de 61.297 habitantes, com projeção de 70.123, em 2017. Importa explicar que o Departamento referido contempla as municipalidades de Santo Tomé, capital do Departamento, com 23.299 habitantes, Gobernador Virasoro, José Rafael Gómez e Garruchos. Os dois primeiros são considerados localidades urbanas, e os segundos, rurais. Assim, a cidade vizinha possui pouco mais de um terço do número de moradores de sua gêmea no Brasil.

Figura 2: Localização da fronteira São Borja-Brasil/ Santo Tomé-Argentina.



Fonte: Nola Gamalho, 2015.

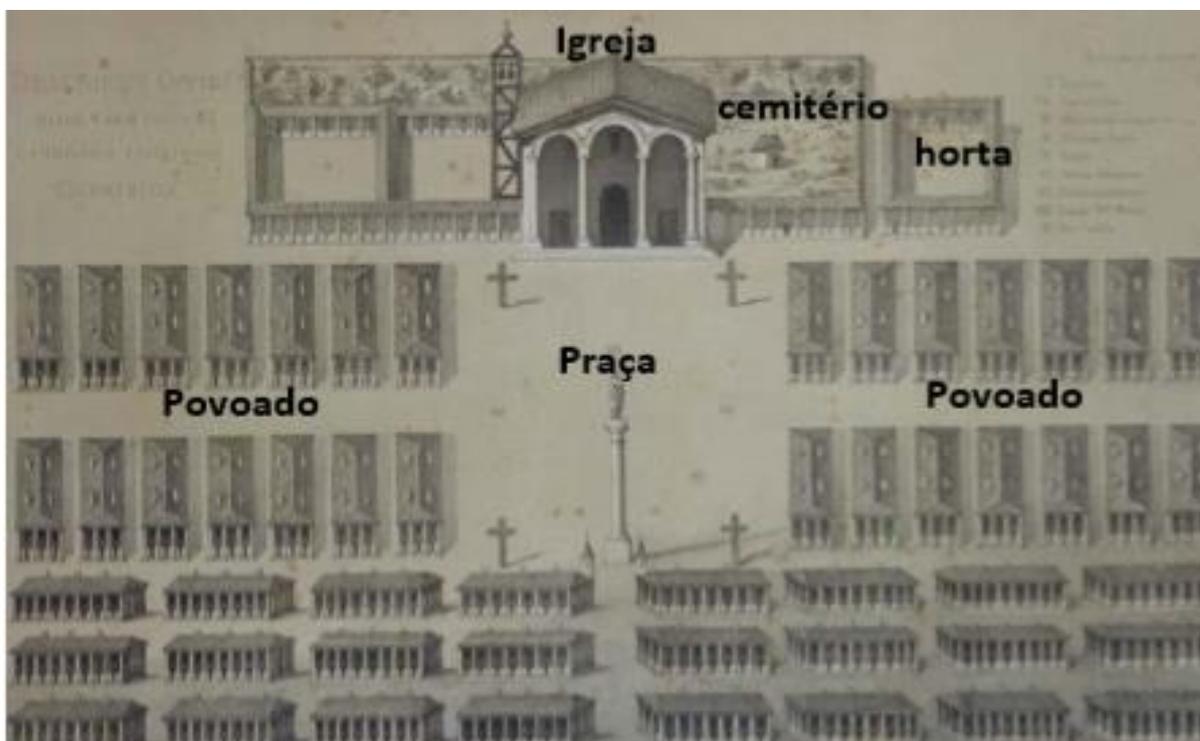
Tendo como base as obras de Rodrigues (1982), Sempé (1982) e Rillo (2012), pode-se constatar que São Borja e Santo Tomé possuem uma história compartilhada, por intermédio das experiências missioneiras. Ambas integram os territórios de fundação das Reduções Jesuítico-Guarani, pelos espanhóis, nos séculos XVII e XVIII. A aproximação é tão expressiva que o surgimento de uma se mistura ao da outra, quando seus povos cruzam o rio Uruguai, transferindo-se para a margem oposta.

Em publicações comemorativas ao tricentenário são-borjense, ocorrido em 1982, os referidos autores, nascidos na cidade ou que a adotaram como lar, discorrem sobre aqueles que consideram os principais registros da região, evidenciando que, em um período sem obras ou construções grandiosas, como a Ponte Internacional da Integração, as comunidades arrumavam meios de integração e de sobrevivência conjunta. Nessa direção, também o trabalho de Flôres (2012) contribuiu para o entendimento sócio-histórico necessário à investigação. Importa, ainda, destacar a compreensão de que, mesmo antes da chegada dos europeus, já existiam dinâmicas de interação entre os povos originários, que se articulavam em vivências e trânsitos pela região.

Historicamente, no lado brasileiro, os Sete Povos integravam a segunda fase das Missões Orientais do Uruguai, denominação atribuída ao conjunto de aldeamentos indígenas fundados pelos padres jesuítas e que incluíam São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Luiz Gonzaga, São Lourenço Mártir, São João Batista e Santo Ângelo Custódio. Antes dessas, existiram dezoito reduções, no território do Rio Grande do Sul, resultantes do primeiro ciclo fundacional e que foram destruídas por bandeirantes paulistas e abandonadas pelos moradores.

As reduções, geralmente, eram compostas por dois padres jesuítas e até seis mil “índios” (denominação atribuída pelos colonizadores) e sua construção sempre seguia um mesmo plano. Conforme ilustra a imagem, havia uma praça central, onde se realizavam cerimônias religiosas, jogos, desfiles, etc., uma igreja, que era o prédio mais importante, e prédios comunais, como a residência dos padres, a escola, as oficinas, as moradias dos guaranis, entre outros. Também possuía pomar, horta, açudes, fontes de água, capelas. Entre outras finalidades, os povoados das missões buscavam integrar os hábitos culturais europeus aos costumes dos povos originários, com destaque para a catequização ao catolicismo.

Figura 3: Plano urbano reducional.



Fonte: Muriel Pinto, 2015.

De acordo com a matéria publicada no jornal *Folha de São Borja*, em 10 de dezembro de 2016, a fundação da redução de Santo Tomé data de 1632, onde, hoje, fica a cidade de São Francisco de Assis: “Isso se deve ao fato de que naquele momento histórico, pelo tratado de Tordesilhas, todo o atual território do Rio Grande do Sul pertencia a Espanha”. O texto também faz referência às incursões dos bandeirantes, e ao encerramento da redução, com seus integrantes migrando, primeiro, para Yapeju e, depois, em 1663, para a atual localização de Santo Tomé, na província de Corrientes. Sendo que, enquanto município, sua refundação data de 27 de agosto de 1863.

Como cidade e sede do município de mesmo nome, São Borja teve origem na Revolução de São Francisco de Borja, sendo fundada por jesuítas da Companhia de Jesus, na margem esquerda do rio Uruguai, quase fronteira com a Redução de Santo Tomé, no lado direito do rio. Sobre a ligação histórica entre as duas reduções, Rillo (2012, p. 8) afirma que “a fundação, em termos históricos, de São Francisco de Borja, se originou da divisão da Redução de Santo Tomé, através de 1.952 ‘almas’ que, de lá provindas, aqui se localizaram no ano de 1682”. O autor também comenta que, em 1687, a Redução de São Francisco de Borja foi oficialmente instalada, pois até então, era uma espécie de colônia ou posto avançado da Redução de Santo Tomé, não possuindo, por exemplo, livros próprios de registro com informações de batismo.

A cidade brasileira se configura como o núcleo habitacional permanente mais antigo do Rio Grande do Sul e um dos mais antigos do Brasil, pois, desde sua fundação, foi povoada ininterruptamente. O nome do município é uma referência e homenagem a São Francisco de Borja y Aragon, que foi membro da nobreza espanhola e, quando sua esposa faleceu, entrou para a Companhia de Jesus, exercendo cargos importantes na direção da ordem jesuítica em seus primórdios. A redução foi fundada pelo jesuíta Francisco Garcia de Prada, tendo sido designado para trabalhar nas Missões Ocidentais do Uruguai. Ele foi cura da Redução de Santo Tomé e o responsável pela transferência das pessoas que formaram o agrupamento humano inicial de São Francisco de Borja.

Comandadas por padres e irmãos leigos, as reduções tinham grande desenvolvimento, devido ao trabalho dos guaranis em diferentes atividades, como fabrico artesanal de instrumentos musicais, móveis, esculturas, altares, sinos, ferramentas para a lavoura, etc., fundição de ouro, prata, cobre e ferro, produção agrícola variada para abastecimento das reduções, entre outros ofícios. Citando o historiador, Padre Clóvis Lugon, Flôres (2012) afirma que o sistema econômico implementado nas Missões Jesuítico-Guarani poderia ser considerado comunista/socialista, no sentido das relações comunitárias e das atividades de

subsistência, com base na ideia de produção coletiva e bem comum, e pela característica de todos trabalhando para a comunidade, e esta provendo a todos.

O declínio das reduções teve início com a assinatura do Tratado de Madrid, em 13 de janeiro de 1750. O acordo entre Portugal e Espanha determinava que o Território das Missões ficaria em mãos portuguesas, passando para os espanhóis a Colônia de Sacramento – hoje, localizada no Uruguai. Ainda, exigia que os povos missioneiros fossem transferidos para o outro lado do rio – atualmente, Argentina. Nesse movimento, tiveram que abandonar o acervo material construído, como templos, oficinas e casas, e também suas terras e gados. Obras importantes do período reducional na região, como um relógio solar de 1753 e esculturas de santos, mártires e anjos, estão preservadas no Museu Apparício Silva Rillo, também conhecido como Museu Missioneiro, em São Borja.

Assim como ocorreu com outras reduções, grupos indígenas de São Borja, que haviam atravessado para a outra margem do rio, não adaptadas ao novo contexto, retornaram para o local anterior (agora, lado brasileiro). Obviamente, para os povos originários, a ideia de um acordo não era compreensível, e falhavam as tentativas de convencimento, por parte dos padres, para que eles obedecessem ao Tratado. O retorno dos indígenas aos antigos povos resultou em atritos que culminaram com a “Guerra Guaranítica”, contra os interesses de Portugal e Espanha, que se uniram para combatê-los, matando os comandantes Sepé Tiarajú e Nicolau Languiru, dizimando o exército missioneiro em uma verdadeira chacina e impondo a rendição dos povos. Importa referir que a Redução de São Francisco de Borja não teve participação na Guerra, pois aceitou de maneira pacífica as mudanças.

Mesmo com o Tratado, não houve cumprimento integral das definições, e os espanhóis continuaram administrando os povos das duas margens do rio. Após a expulsão dos jesuítas, ocorreram tentativas de retomada do controle dos indígenas remanescentes por outras ordens religiosas, como a dos Padres Franciscanos. Todavia, sem alcançar êxito, as Reduções decaíram de vez. Nesse período, a região de São Borja era administrada por comandantes de Buenos Aires, e assim como aconteceu com os demais povos, esses governantes os escravizaram e se apossaram de bens materiais que ainda restavam. Mais tarde, os portugueses com o auxílio de aliados, conquistaram as terras missioneiras onde estavam os espanhóis. Por fim, em 25 de dezembro de 1801, foi firmada a paz entre Espanha e Portugal.

No dia 7 de outubro de 1809, pela “provisão provincial”, São Borja e demais Povos das Missões foram incorporados ao Termo de Rio Pardo. A partir da distribuição de lotes de terras pelo Governo Imperial (as chamadas sesmarias), esses locais passaram, efetivamente, a receber pessoas e formar populações (RILLO, 2012). Com o desenvolvimento promissor da

povoação, São Borja se eleva à condição de Vila em 1834 (com emancipação política no dia 21 de maio), passando a ter autonomia administrativa com subordinação apenas aos governos provinciais. Na ocasião, foi instalada sua primeira Câmara Municipal.

Rillo (2012) explicita que o primeiro traçado oficial de São Borja, enquanto Vila, data de 1885, quando foram elaborados três mapas do perímetro urbano, fixando seus limites, dando denominação às ruas e se estendendo até o Bairro do Passo. Em 1887, ano em que São Borja foi elevada à condição de Cidade, a população urbana era de 3360 “almas”, não havendo informações sobre a população da área rural que, possivelmente, seria ainda maior que a da urbana, devido à extensão territorial e às atividades rurais que prevaleciam na economia local. Importa mencionar que existem algumas imprecisões quanto à história de São Borja. Mesmo com relação à data de sua fundação, há hipóteses divergentes. Contudo, não é o objetivo desta pesquisa resgatar ou discutir de maneira aprofundada tal temática, basta sinalizar essa compreensão e reconhecer sua importância.

Os autores mencionam, ainda, que a cidade teve participação importante na Guerra do Paraguai, contendo tropas que entraram pela fronteira do rio Uruguai, e na Proclamação da República, a partir da Moção Plebiscitária³, aprovada em 13 de janeiro de 1888. Outro destaque diz respeito à libertação dos escravos, pois, segundo Rillo (2012), a Câmara de São Borja, por maioria de seus membros, havia os declarado libertos dois anos antes da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel.

O passado próximo remete à tradição da cidade como Terra dos Presidentes, por ser onde nasceram Getúlio Dornelles Vargas e João Belchior Marques Goulart (Jango), em 1882 e 1919, respectivamente. Getúlio esteve à frente do governo do Brasil em dois períodos, de 1930 até 1945, e depois, eleito por voto direto, de 1951 a 1954, ano em que se suicidou. Já João Goulart presidiu o país entre 1961 e 1964. Com vivências e histórias que perpetuam um sentimento ligado à tradição política, ambos são cidadãos ilustres de São Borja e motivos de muito orgulho para seus cidadãos – alguns moradores costumam acrescentar o deputado estadual Ibsen Pinheiro à lista dos ex-presidentes naturais de São Borja.

Outra situação relevante de ser mencionada remete ao ano de 1973, quando, a convite do presidente da Argentina, Juan Domingo Perón, Jango se muda para o país vizinho, onde faleceu em 6 de dezembro de 1976, na cidade de Mercedes. Jango estava exilado no Uruguai

³ O então vereador são-borjense, Aparício Mariense da Silva, propôs que ocorressem plebiscitos para que os brasileiros escolhessem se queriam a continuidade do regime monárquico ou a adoção da república. A iniciativa teve repercussão nacional e foi considerada determinante para instituir o regime republicano no Brasil. No dia 13 de janeiro de 2017, em comemoração pelo aniversário da Moção, no programa radiofônico *Atualidades*, o locutor afirmou que aquele havia sido um dos principais atos democráticos no país, denotando a importância do fato para os cidadãos locais.

desde 4 de abril de 1964, quando foi deposto do cargo de Presidente do Brasil por um golpe civil-militar. No período, também foram caçados seus direitos políticos. Mais de três décadas depois, no ano de 2009, recebeu Anistia Política *post mortem*.

Outra questão pertinente, no contexto das cidades-gêmeas pesquisadas, remete ao período anterior à existência da Ponte Internacional da Integração, quando a circulação entre os dois municípios era realizada por navegação de balsas no rio Uruguai, entre o Porto de São Borja e o Puerto Hormiguero, em Santo Tomé. O serviço tinha horários fixos de partida e chegada, e era interrompido apenas durante o período de enchentes. Em 26 de maio de 1982, os portos foram abertos para transporte de cargas e o cruzamento de barcas de alta capacidade, com o serviço de exportação e importação entre os países.

Figura 4: Rotas a partir de São Borja.



Fonte: Prefeitura Municipal de São Borja, 2018.

Conforme informações disponíveis na página da Prefeitura Municipal de São Borja, a cidade está localizada a 600 km de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil; 855 km de Buenos Aires, capital da Argentina; 528 km de Assunção, capital do Paraguai; e 884 km de Montevidéu, capital do Uruguai. Nesse sentido, outras duas

informações interessantes dizem respeito à distância de 2.211 km até Brasília, capital brasileira; e 405 km de Corrientes, capital da província argentina de mesmo nome. Dessa forma, observa-se que São Borja está mais próximo das capitais das nações vizinhas do que da capital do próprio país, bem como está mais perto da capital da província de Corrientes do que de Porto Alegre. As informações indicam as possibilidades de articulação com o país vizinho, em virtude da aproximação geográfica, que também resulta em semelhanças ambientais, climáticas e de relevo.

Assim como outras cidades do pampa gaúcho, São Borja chama a atenção pela área que possui, estando na décima colocação em extensão territorial no RS, com 3.616,691 km² (segundo dados do IBGE para 2016). Os municípios brasileiros com que faz divisa são Garruchos, Santo Antônio das Missões, Maçambará, Itaqui, Itacurubi e Unistalda. Todavia, São Borja está mais próxima da vizinha argentina São Tomé. O centro das duas cidades fica a cerca de 16 km, sendo que a Ponte Internacional da Integração está, praticamente, no meio do caminho. A obra que interliga as duas cidades e, obviamente, os dois países possui 1.403 metros, tendo sido inaugurada em dezembro de 1997, constitui-se em uma das principais rotas de importação e exportação entre os países da América do Sul.

Ainda, a divisa São Borja-Santo Tomé conta com o primeiro Centro Unificado de Fronteira (CUF) do Mercosul, que congrega órgãos dos dois países em um mesmo espaço aduaneiro, possibilitando trâmites migratórios em único local e constituindo um moderno sistema de liberação de cargas e travessias. Administrado pela concessionária Mercovia S.A., empresa argentina com filial no Brasil, o Centro está em operação desde 1 de janeiro de 1998 com mais cinco anos de atuação prevista (o tempo estabelecido em licitação foi de 25 anos).

Com relação ao cenário atual, pode-se referir que São Borja segue as características da região em que está inserida, tendo como principal base econômica a agropecuária, com destaque para a produção e o beneficiamento de arroz, plantação de soja, trigo e milho, e para a criação de rebanhos bovinos, ovinos e de cavalos crioulos. Apresenta cena cultural bastante intensa, com atividades como Carnaval, Semana Farroupilha, festivais de estilos musicais diversos, entre eles, o Concurso Regional de Músicas para o Carnaval Apparício Silva Rillo (chamado popularmente de Festival de Sambas e Marchinhas), entre outros.

Além disso, possui *campi* da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Instituto Federal Farroupilha (IFFar) e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), situação que tem mobilizado sujeitos e atividades na região. Santo Tomé também vem se destacando como polo educacional superior do noroeste argentino, contando com o Instituto Superior de Formación Docente Jorge Luis Borges, uma extensão da Facultad de Derecho y Ciencias

Sociales y Políticas de la Universidad Nacional del Nordeste, e o Instituto Universitario de Ciencias de la Salud Fundación Héctor Alejandro Barceló – que recebe inúmeros estudantes brasileiros em virtude do curso de Medicina.

Observa-se que o contexto da pesquisa se mostra ativo, dinâmico e possui distinções significativas e que são acionadas ao longo da investigação, tanto no percurso teórico, quanto nas aproximações empíricas. As definições resgatadas, além de outras tantas que conformam essas cidades-gêmeas, são utilizadas para representar o contexto fronteiriço em diferentes espaços comunicacionais e midiáticos. Tais características perpassam os sujeitos de distintas maneiras, participando na elaboração de suas múltiplas identidades e do modo como se percebem e pelas quais são identificados. Após explicitar determinados aspectos da história, cultura, educação e sociedade, importantes à pesquisa, na sequência do texto, cabe apresentar os meios de comunicação analisados e as particularidades que possuem, e que resultam nas representações que colocam em circulação em suas elaborações informativas.

2.4 A MÍDIA E OS PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO EM SÃO BORJA

Os espaços limítrofes são profícuos para compreender as relações de identidades e alteridades, em virtude de, historicamente, serem locais de intercâmbio de bens simbólicos e materiais, produtos e culturas. De maneira similar, são relevantes para atentar às relações que se estabelecem no âmbito comunicacional e midiático, tanto no que diz respeito às práticas e representações de profissionais que atuam nos meios de comunicação quanto ao que é veiculado pelos produtos que elaboram e estão inseridos nesse contexto local. Müller et al (2010) assinalam a importância de tais publicações na configuração dos contextos em que estão inseridos, colocando assuntos em pauta, propondo reflexões, definindo práticas socioculturais que serão abordadas, determinando lugares de fala, participando na elaboração de determinados conceitos junto aos públicos, entre outros processos.

Antes de adentrar nos aspectos midiáticos da realidade investigada, finalidade desse subcapítulo, cabe destacar a compreensão de que as pesquisas e seus contextos são datados, em outros termos, o desenvolvimento das análises e interpretações acontecem em um período específico, com uma determinada experiência se apresentando ao pesquisador. No caso da presente investigação, o espaço temporal está compreendido entre os anos de 2014 e 2018, com ênfase nos meses de seleção do *corpus* de análise das elaborações jornalísticas, dezembro de 2016, janeiro e fevereiro de 2017. Em outro momento histórico, os resultados poderiam

indicar elementos completamente distintos, mesmo que se realizasse uma investigação com objetos empíricos e objetivos semelhantes, em virtude das características que o cenário vai apresentar, por haverem desdobramentos constantes.

Para ilustrar, a partir da presente pesquisa, convém destacar que as observações ocorreram, por exemplo, em um período que se mostrava economicamente vantajoso para os argentinos virem ao Brasil fazer compras, e não tanto para a ida dos brasileiros ao país vizinho. Também, uma época em que não havia transporte coletivo entre as duas cidades fronteiriças, pois, desde 2014, a empresa *Crucero del Norte* deixou de fazer a linha Santo Tomé-São Borja – as tratativas indicam um retorno dessa linha em 2018. Ainda, considerando o cenário mais macro dos países, com governantes que talvez não privilegiassem as relações regionais, mas sim intercâmbios com Estados Unidos e Europa (dinâmicas frequentes antes de os presidentes progressistas terem assumido os países da região, a partir da década de 2000).

Os movimentos de entrada no campo permitiram compreender elementos importantes dos contextos de São Borja, entre eles, o midiático e seu percurso histórico. O foco se coloca nos meios de comunicação investigados, o jornal impresso *Folha de São Borja* e as emissoras de rádio *Cultura AM* e *Fronteira FM* (a partir, respectivamente, do *Gente é Notícia* e do *Atualidades*, indicados pelos próprios profissionais entrevistados como sendo os principais programas com cunho informativo das emissoras). Além das observações e entrevistas, também foi importante a leitura da obra “Memórias sobre a Imprensa em São Borja”, de Emerim e Pippi (2007), que resgata a história dos meios na cidade, incluindo informações sobre os objetos empíricos da pesquisa.

A *Folha de São Borja* surgiu em 24 de fevereiro de 1970, fundada por José Grisolia, de São Luiz Gonzaga. Inicialmente, circulava uma vez por semana, nas terças-feiras, com quatro páginas e em formato tabloide. Conforme Emerim e Pippi (2007), desde o início, apresentava características de jornal local e de interior, enfrentando problemas como precariedade de estrutura e recursos e dificuldades técnicas e orçamentárias. Em 1976, foi adquirida pelos atuais proprietários, Andres Editora Jornalística Ltda, a família Andres. Na época, continuou com uma edição semanal, mas circulando nas sextas-feiras. Começou a ter periodicidade bissetimanal na década de 1990, e continua até hoje, saindo às ruas nas quartas-feiras e nos sábados. O jornal já foi impresso na Editora Jornalística A Platéia, em Santana do Livramento, na Gráfica Mercosul, em Santo Ângelo, e, atualmente, a impressão é feita por Zero Hora, em Porto Alegre.

A *Cultura AM* foi fundada em 26 de fevereiro de 1977, e a *Fronteira FM*, em 10 de outubro de 1984. Ambas integram a Empresa São-borjense de Comunicações Ltda (ESBC) e

também são propriedades do grupo Andres. A primeira prioriza o viés informativo, e tem em sua trajetória a relação com grandes eventos esportivos, como o Culturão, um campeonato de futsal que reunia atletas de diversas categorias, com equipes brasileiras e argentinas.

O início da implantação da rádio FM, em São Borja, acontece em um momento de expansão dessas emissoras no Brasil e no mundo, durante a década de 1980. O empresário da ESBC, Roque Auri Andres, vislumbra a oportunidade de um novo canal, mais voltado ao entretenimento, considerando que a empresa já tinha um canal de rádio AM e um jornal impresso. Dessa maneira, a *Frenteira FM*, mesmo que apresente conteúdos informativos, tem já em seu surgimento outro foco.

A característica de empresa familiar faz com que uma marca importante do jornal impresso e das rádios seja, justamente, o forte envolvimento dos Andres nas diferentes áreas de atuação e atividades ligadas aos meios do grupo. Os integrantes da família participam de diferentes etapas do empreendimento, como administração, relação com anunciantes e venda de espaço comercial, definição da estrutura e da grade de programação, apresentação de programas, participação nas elaborações jornalísticas e informativas, entre outras.

De acordo com informações sobre a abrangência do sinal da *Cultura AM*, a princípio, estaria disponível apenas para São Borja, mas alcança municípios como Itaqui e Macambará, tendo a possibilidade de chegar, inclusive, em Santo Tomé, dependendo de alguns fatores técnicos como, por exemplo, o direcionamento da antena. Ainda, sobre a migração para a FM, por enquanto, a opção da emissora é aguardar a obrigatoriedade da mudança, em virtude de, nesse momento, não considerarem que a ação seria positiva, ponderando sobre o contexto em que a emissora está inserida.

A grade de programação⁴ é bastante variada, contemplando produtos de diferentes gêneros radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2009). Há programas de variedades com a participação do ouvinte, informações de utilidade pública, avisos para o interior, espaços fixos para os poderes executivo e legislativo, bem como, para diferentes igrejas e segmentos religiosos. Além disso, chama a atenção os programas voltados a características da região em que a cidade está situada, com destaque para a música nativista, os costumes do homem do campo e do ambiente rural, a cultura gaúcha e do pampa.

Na página da *Cultura AM*, o *Gente é Notícia* é apresentado como um “Programa Jornalístico com as principais notícias locais, nacionais e internacionais. Entrevistas e reportagens ao vivo com temas como saúde, economia, política, policia, esporte e variedade”.

⁴ Disponível no “ANEXO A – Grade de programação da Cultura AM”.

Sobre essa perspectiva, um dos entrevistados explicou que a prioridade é a cobertura dos fatos locais, que esse é o diferencial das rádios, e o modo que encontraram para continuar atraindo os públicos, colocar mais notícias e que essas informações sejam de interesse para a cidade.

A *Frenteira FM* também vem inovando, incluindo transmissões de programas em vídeo, ao vivo, em tempo real pelo Facebook (utilizando o recurso *Live*), interagindo com os ouvintes pelo WhatsApp, saindo dos estúdios e realizando as coberturas no lugar dos eventos, mais uma vez, utilizando elementos audiovisuais. Inclusive, a página da emissora está em processo de atualização, sugerindo que “Enquanto o novo site fica pronto, fique Atualizado através da Nossa Fan Page”, e disponibilizando um link que direciona o expectador para as redes sociais. Com relação às elaborações informativas, tem viés similar à *Cultura*, voltando sua abordagem aos fatos de São Borja, acompanhando o que aconteceu, as novidades, e quais previsões importam para o local.

Além de materiais com viés jornalístico, a grade⁵ da emissora contempla programas musicais, sobre personalidades famosas e celebridades, prestação de serviços, participação de ouvintes, variedades e entretenimento. Durante a entrada no campo, os entrevistados comentaram que estavam sendo criados programetes, em parceria com empresas da cidade, para divulgar dicas de saúde, hábitos esportivos, alimentação saudável, entre outros. E que a elaboração desses produtos vinha apresentando um resultado mais satisfatório do que os *spots* tradicionais, em virtude de combinar informação e publicidade. Ainda, contaram que as equipes das emissoras estavam sendo mescladas, com diferentes profissionais, para que esses produtos fossem desenvolvidos com mais qualidade.

Outro mote que esteve presente nos diálogos diz respeito aos avanços tecnológicos e às dinâmicas atuais que impõem aos meios uma mudança de postura e abordagens que levem em consideração os espaços digitais. Um dos profissionais explicou que as emissoras de rádio estão conseguindo se adaptar melhor e ter um retorno mais significativo por parte dos públicos, em comparação com o impacto que o jornal impresso está sentindo. Tanto a *Cultura AM* quanto a *Frenteira FM* parecem se inserir bem na internet, são atuantes nas redes sociais, interagem com os ouvintes, têm aplicativos de celular para a escuta, conseguiram passar pela transição para o digital de modo satisfatório, de acordo com um dos entrevistados.

Conforme foi relatado, a maioria dos públicos desses meios tem preferência pela cobertura dos fatos locais, quer saber o que está acontecendo em seu entorno e as rádios trazem essas informações. Para o jornal está sendo mais difícil, porque, quando a edição é

⁵ Disponível no “ANEXO B – Grade de programação da Frenteira FM”.

veiculada, as notícias já saíram em outros meios, e as pessoas têm ciência sobre o que ocorreu a partir das rádios e/ou da internet. Relativo ao cenário contemporâneo, importa ter em vista que, apesar de os meios analisados serem voltados ao local, em virtude de estarem na internet, as representações que colocam em circulação extrapolam o espaço imediato, estando disponíveis para toda a rede, podendo ser acessado em diferentes lugares do mundo.

Segundo Emerim e Pippi (2007), outros aspectos da história dos meios em São Borja remetem à Rádio Fronteira do Sul e ao programa *Hora Radial Argentina*, apresentado em português e espanhol. Alguns entrevistados também mencionaram experiências de programas binacionais, e afirmaram que a Rádio era um exemplo de integração pela cultura, devido às coberturas que fazia e às transmissões de eventos do país vizinho. A Rádio Nacional de Santo Tomé também teve participação na história da vizinha são-borjense.

Ainda, destacam a *Butuí FM*, que continua em funcionamento, como a primeira rádio comunitária do Brasil a transmitir um jogo de futebol internacional. A partida aconteceu no estádio Monumental de Nunes, em Buenos Aires, com River Plate e Grêmio se enfrentando. “A rádio também fez a cobertura da eliminatória da Copa do Mundo no jogo entre Argentina e Brasil, também em Buenos Aires, no ano que classificou o Brasil para a copa da Alemanha de 2006” (EMERIM; PIPPI, 2007, p. 71). Outra comunitária da cidade é a *Navegantes*, e há também web-rádios de segmentos variados, como a *Líder*, *Costaneira*, *Querência*, *Minuano*, etc., e as religiosas *Amigo Espiritual*, *Viva Com Cristo* e *Gospel Liberdade*.

Guindani e Martins (2015) abordam a multiplicidade de emissoras nesse espaço de fronteira (na época, havia mais de vinte disponíveis no *dial*), problematizando as implicações (i)legais que a radiodifusão apresenta no contexto São Borja-Santo Tomé. Algumas das web-rádios citadas têm seus conteúdos produzidos no Brasil e, além de funcionarem pela internet, possuem radiotransmissor no lado argentino, atuando sem autorização da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). A situação já suscitou polêmicas e, inclusive, enfrentamentos jurídicos. Os autores evidenciam a importância de considerar a dimensão cultural nessas experiências, bem como, as tentativas de controle e/ou de negociações diplomáticas entre os países a partir de acordos binacionais.

Durante as entrevistas, os profissionais falaram sobre essas emissoras, tratando muitas delas como piratas, clandestinas e ilegais. Na Argentina, utiliza-se o termo *truchas* para se referir ao sistema, que utiliza antenas e transmissores de um lado da fronteira, e elabora materiais informativos no outro. Um dos entrevistados brasileiros afirmou que já tiveram problemas em virtude das rádios, mas que, atualmente, não as veem como ameaça ou

empecilho, que não há como competirem com a radiodifusão comercial por terem perdido qualidade de programação, no decorrer dos anos, e por concorrerem entre si.

Na sequência, o objetivo é referir alguns aspectos da realidade midiática de Santo Tomé, trazendo elementos peculiares do país vizinho e o modo como, em determinadas situações, essas características interferem diretamente no contexto brasileiro. As informações foram organizadas como resultado da entrada no campo e dos dados coletados nas entrevistas com profissionais argentinos.

2.5 APROXIMAÇÃO À REALIDADE MIDIÁTICA DE SANTO TOMÉ

A entrada no campo previa conversas informais com profissionais de Santo Tomé, buscando estabelecer uma aproximação com a realidade midiática do lugar e ampliar o entendimento conjunto acerca da configuração limítrofe. A atividade possibilitou a interação com jornalistas, locutores, produtores audiovisuais, diretores de rádio, entre outros. Também foi relevante para que a pesquisadora se deparasse com as dinâmicas que envolvem cruzar a fronteira (e as dificuldades de, naquele período, não haver transporte coletivo entre os municípios) e construir os contatos, pois, no lado brasileiro, eram escassas as informações disponibilizadas sobre os meios de comunicação argentinos. Além de materiais localizados na internet, o dado mais concreto que possuía era a existência da *Rádio Sol FM*, onde um radialista brasileiro havia trabalhado, segundo contou um dos profissionais entrevistado.

Para conhecer a realidade santo-tomenha, foi utilizada a técnica de bola de neve (PRIEST, 2011), obtendo indicações com os próprios informantes sobre outras pessoas com as quais se pudesse conversar para que participassem da investigação, auxiliando, por exemplo, com questões para essa etapa de contextualização. Por se configurarem em diálogos informais, foi utilizada a técnica da entrevista que, conforme é aprofundado no capítulo metodológico, apresenta a flexibilidade como uma de suas características (GIL, 2002), e se mostra eficaz para suprir distintos objetivos, tanto no sentido de coletar dados gerais sobre a realidade investigada, quanto de focar em abordagens sobre o tema específico da pesquisa.

O primeiro local visitado foi a rádio *Bunker*. Na emissora, os profissionais contaram um pouco sobre suas relações com os vizinhos são-borjenses, explicando que o povo argentino incorporou muito da cultura brasileira, como as festas e o Carnaval (realizado em Santo Tomé há mais de sessenta anos). Um dos entrevistados disse que não acredita que haja rivalidade entre os países. Também, explicitou que não há integração entre os meios de

comunicação das duas cidades-gêmeas, apesar de existirem questões importantes que mobilizam as relações, como a faculdade de medicina e as trocas comerciais. Por fim, a pesquisadora recebeu sugestões de outros espaços midiáticos, como a emissora radiofônica *FM Libertad* e o canal de televisão por assinatura *Cablevisión* (empresa de telecomunicações vinculada ao Grupo Clarín, que oferece televisão a cabo e internet de banda larga).

No *Centro de Atención al Cliente Sucursal Santo Tomé*, da *Cablevisión*, foi possível conversar com um jornalista e produtor audiovisual que elabora conteúdo para ser exibido em canais fechados argentinos. Ele explicou que, devido à legislação do país⁶, há uma exigência mínima na programação para materiais voltados ao contexto local. Também, contou que produz notícias para a página *Digital Santo Tomé*, criada por ele e com informações que trazem aspectos da realidade próxima. Sem haver jornais impressos na cidade, o espaço tem sido uma das principais fontes de produção informativa e divulgação de fatos (acontecimentos de São Borja entram apenas quando são situações muito importantes e/ou envolvam, diretamente, os argentinos). Ele também mencionou o *Diário de Corrientes* e o *Diário del Interior*, jornais da província que são acessados em Santo Tomé, mas não produzidos na cidade. A relação entre os vizinhos é muito boa, de acordo com o que ele tem percebido e vivenciado. Sendo filho de mãe brasileira, sempre esteve muito ligado aos dois lados do rio Uruguai. Para ele, a Ponte trouxe mudanças fundamentais, por uma série de benefícios, como um efeito multiplicador para determinada classe de trabalhadores, na Aduana.

Logo que a pesquisadora explicou a investigação, o entrevistado comentou que era importante que conversasse com o proprietário da *FM del Mercosur*, localizada na beira do rio Uruguai, possui um Museu das Rádios, com coleção de materiais antigos. Ao chegar, o responsável falou sobre a emissora, de caráter comercial com enfoque informativo e musical. No que se refere à linha editorial, afirmou que recebem todas as vozes, que são livres politicamente. O informante contou que havia trabalhado no consulado do Brasil na Argentina, por isso tinha muitas referências sobre os vizinhos. De fato, demonstrou conhecer hábitos, costumes e elementos da história, com destaque para questões típicas do Rio Grande do Sul, como a música, o folclore, o chimarrão, e características de São Borja, a partir da relação com os presidentes Getúlio Vargas e João Goulart. Para ele, há um intercâmbio fugaz unindo os dois povos, que já existiram iniciativas importantes na comunicação, como um

⁶ Conhecida como *Ley de medios*, a Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual da Argentina foi promulgada em 2009, pela então presidenta Cristina Kirchner. Entre outras medidas, buscou democratizar o acesso aos meios, limitando a formação de oligopólios. Para mais informações, consultar Segura (2014).

programa de rádio bilíngue, mas que são movimentos muito frágeis e sujeitos às oscilações da balança comercial, do câmbio, ora favorável a um, ora ao outro.

Também foi visitada a emissora *FM Ciudad 102*. O locutor e jornalista entrevistado fez questão de tentar responder em português, às perguntas que a pesquisadora arriscava fazer em espanhol. Ele comentou que era natural acompanharem programas brasileiros, por isso a facilidade com o idioma, que sempre assistiam às produções do vizinho, mencionando o *Xou da Xuxa*. Ainda hoje, segundo disse, consomem muito as mídias brasileiras. O participante afirmou, inclusive, que a Rádio Nacional teria sido criada para “frear” a entrada dos meios de comunicação brasileiros na cultura argentina.

Foi possível observar uma realidade midiática com intensa presença de emissoras radiofônicas comerciais na cidade de Santo Tomé. De acordo com um dos informantes, essa ampliação aconteceu há uns dois anos, após a flexibilização do controle da legislação que regulamentou os meios no país. O número é ainda mais significativo se comparado à realidade são-borjense, na qual apenas as rádios *Cultura AM* e *Fronteira FM* são comerciais.

Outro aspecto que chamou a atenção se refere às rotinas de produção que parecem ser mais abertas e experimentais do que no Brasil. Para ilustrar, quando a pesquisadora chegou na emissora de radiodifusão *FM Libertad* e se apresentou, explicando sobre a pesquisa, os locutores perguntaram se ela queria participar do programa ou fazer algum tipo de intervenção ao vivo. Abordagens como essa não foram encontradas nas emissoras brasileiras analisadas, entre outras razões, em virtude de uma estrutura rígida e organizada da grade de programação. Nesse sentido, um dos profissionais argentinos afirmou que os meios brasileiros – de modo específico, os são-borjenses – são mais fechados do que os santo-tomenhos. Acredita-se que diferenças como essa acabam dificultando a aproximação e a realização de projetos conjuntos entre os meios de comunicação de São Borja e Santo Tomé.

Por fim, novamente o aspecto econômico pode ser evidenciado, pois, conforme entrevistados brasileiros e informantes argentinos contaram, as iniciativas de integração entre as mídias, quando existiam, eram encerradas diante da flutuação cambial dos países. Mesmo as experiências mais simples, como a cobertura dos acontecimentos sobre a realidade vizinha, muitas vezes, não são realizadas por exigirem investimentos – de tempo, de pessoal, de locomoção, etc. –, por não existirem anunciantes ou assinantes do outro lado da Ponte e, obviamente, pelas questões burocráticas que geram empecilhos aos fluxos. A região de fronteira é marcada por essa oscilação, às vezes, convém e, às vezes, não convém que determinadas relações ocorram.

De acordo com o que será apresentado na sequência, o câmbio das moedas não é o único elemento inconstante dessas regiões limítrofes que, de diferentes maneiras e intensidades, mesmo com a tímida integração entre as populações vizinhas, coloca em evidência e em negociação processos culturais, identitários e referentes a representações sociais e midiáticas. Tendo em vista a complexidade que o problema/objeto de pesquisa evoca, novamente, salienta-se a importância de ouvir os profissionais que trabalham nos meios de comunicação de Santo Tomé. Em virtude de esses jornalistas, radialistas, locutores, produtores, proprietários, entre outros, também serem agentes desses contextos, entende-se que a partir dessa interlocução foi possível acionar e ampliar elementos para a compreensão da realidade fronteiriça como um todo.

3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

O suporte teórico foi construído a partir de obras e autores de referência, quanto às temáticas indicadas e às abordagens conceituais desenvolvidas, quer seja, culturas, identidades, representações sociais, processos midiáticos e jornalismo informativo. Durante a construção do percurso reflexivo, foi possível consultar livros, artigos, revistas científicas e pesquisas acadêmicas com diferentes enfoques, a partir da participação em disciplinas e seminários de Programas de Pós-Graduação, em áreas como História, Geografia, Psicologia Social e Comunicação. Ainda, devido à experiência de estágio de doutoramento no exterior, a aproximação com pesquisadores, contextos e perspectivas de investigação múltiplas, contribuiu para o desenvolvimento das problematizações, especialmente, pela possibilidade de dialogar com os professores Nicolás Lorite García e Jorge Grau Rebollo, e com colegas brasileiros e espanhóis, no âmbito do Migracom – Observatorio y Grupo de Investigación en Migración y Comunicación. De acordo com as discussões apresentadas na sequência, em virtude da complexidade dos conceitos trabalhados, foi imprescindível estabelecer relações entre os campos do conhecimento, vinculando-os ao problema/objeto de pesquisa, em suas especificidades, atravessamentos e imbricações.

3.1 CULTURAS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As experiências contemporâneas têm demonstrado cada vez mais que a sociedade está imersa em um contexto global, que sugere o rompimento de barreiras e a configuração do mundo como um só. Obviamente, as ideias e projeções têm se efetivado apenas até certo ponto e para determinadas pessoas, em virtude de interesses superiores a essa articulação dinâmica. Há um limite comandado pelo poder, de modo especial, o econômico.

Os limites de toda essa abertura e “liberdade” são bastante claros nas restrições impostas aos acessos de determinados sujeitos. Nem tudo que a globalização oferece é válido para todas as pessoas. Com relação a essa realidade, Martín-Barbero (2006) indica a revitalização dos autoritarismos, a partir dos atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. O autor também assinala o impacto nas sociedades em virtude da existência de conglomerados de mídia e de hegemonias comunicacionais.

Fundamentada na disjunção entre o local e o global, Castells (2002) aborda as características da sociedade em rede, mencionando a revolução da tecnologia da informação e

a reestruturação do capitalismo. As experiências contemporâneas estão atravessadas por vivências midiáticas, a cultura da virtualidade integra a vida dos sujeitos desde muito cedo, refletindo nos modos de interação com os demais. O autor assinala que também a concepção de tempo e espaço mudou, frente à dinâmica de fluxos. Todavia, essas alterações não estão acessíveis a todos os sujeitos e grupos sociais.

Sobre a sociedade atual e as consequências da globalização, Guibernau (2017) afirma que o fenômeno acelerou o ritmo das mudanças socioeconômicas e que tais dinâmicas repercutem profundamente na vida das pessoas. A crescente velocidade e interdependência relacionada às comunicações afetam as diferentes experiências de vida dos sujeitos, como o consumo, a produção, o lazer, a educação. Entretanto, a autora concorda que nem todas as pessoas têm acesso aos meios da globalização. As ferramentas tecnológicas desenvolvidas, pode-se exemplificar com os meios de comunicação e as elaborações midiáticas, não estão ao alcance de todos de maneira homogênea, nem suas consequências afetam a todas as pessoas igualmente. Características como a classe social e o acesso à educação costumam estar relacionados à desigualdade entre os que têm acesso e se beneficiam desses bens do mundo globalizado, e aqueles que ficam à margem dessa realidade.

Compreendendo a realidade limítrofe como um espaço privilegiado para trocas sociais, materiais, econômicas, culturais, políticas, jurídicas, históricas, simbólicas, afetivas, e buscando fundamentos nas reflexões de García Canclini (1995), pode-se refletir acerca das comunidades transnacionais e as reestruturações pelas quais estão passando. O autor explicita a heterogeneidade e as fraturas do cenário atual, com segmentações dentro de cada nação e fluidez nas comunicações.

Ao mesmo tempo, há códigos que unificam os sujeitos, porém, esses códigos compartilhados não são os mesmos que eram referência anteriormente (cada vez menos dizem respeito às velhas unidades que estão se reformulando, como etnia, classe ou nação). Nessa direção, mostra-se fundamental considerar o cenário fronteiro a partir dos sujeitos que o vivenciam, buscando indícios das interações entre as produções jornalísticas e esses consumidores, mas também traços de outras experiências e trocas existentes.

García Canclini (2002) assinala que, hoje, todas as culturas são de fronteira. Nesse sentido, os impactos verificados não são apenas os econômicos, solicitando a abertura das fronteiras para o mercado e o capital. Os efeitos são visíveis em aspectos culturais, em movimentos impositivos e de padronização e também naqueles de manutenção e resistência. As dinâmicas culturais apresentam diferentes vias. Se, por um lado, a sociedade ainda vivencia um caminho que parece levar à homogeneização de culturas ocidentais impostas,

como a estadunidense, por outro, há uma disseminação de experiências e movimentos que difundem e valorizam a pluralidade das culturas. Já nas fronteiras, o que se percebe é um somatório de culturas, sem que uma se sobreponha a outra, com múltiplas identidades convivendo – não sem conflito e tensionamento.

As discussões em torno da questão identitária se devem, entre outros fatores, às alterações ocorridas na sociedade ao longo dos anos. As mudanças estruturais, das mais diversas naturezas, reconfiguraram tudo o que antes parecia definido e fixo. Diversos autores, a partir de diferentes áreas e contextos, têm voltado seus esforços com o objetivo de compreender os processos nos quais estão envoltas as identidades e seus engendramentos.

A pertinência de tais reflexões também é assinalada pelo crescente interesse dos meios de comunicação em veicular e noticiar acontecimentos ligados ao mote identitário. A difusão de identidades e suas representações estão incluídas nos processos midiáticos, a partir de procedimentos, estratégias e tecnologias, mesmo que os meios ainda não consigam atender às expectativas mais amplas com as quais os sujeitos se deparam continuamente, e, muitas vezes, apresentem de maneira simplista às profundas demandas presentes na percepção interior dos indivíduos – e mesmo na dos coletivos.

Um primeiro ponto a salientar diz respeito ao que a identidade é e ao que ela não é. De acordo com Silva (2014), não seria uma essência; nem um dado ou um fato, não seria coerente, unificada, permanente, homogênea, definitiva, idêntica, transcendental. Seria sim uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade seria instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. Estaria ligada a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação e às relações de poder.

Las preguntas clave respecto a la identidad son: «¿quién soy yo?» y «¿quiénes somos nosotros?»». La identidad es una definición, una interpretación del yo que establece qué es la persona y dónde se sitúa en términos tanto psicológicos como sociales. Todas las identidades surgen dentro de un sistema de representaciones y relaciones sociales (GUIBERNAU, 2017, p. 29).

De acordo com Guibernau (2017), a identidade se refere a um conjunto de atributos que fazem de cada pessoa única. Estes atributos são o resultado de uma complexa rede de intercâmbios e relações que envolvem pessoas, situações, valores, ideologias e objetivos. A identidade individual se constrói mediante a interação e uma interpretação reflexiva de pontos de vista, atitudes, expectativas e demandas geradas nos demais.

Cabe explicitar que, apesar de semelhantes, identidade e identificação são concepções distintas. Simplificando, pode-se dizer que as identidades estariam vinculadas ao plano das

práticas discursivas, já as identificações, ao das subjetividades. A identificação descreve o processo a partir do “qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2014, p.19). Então, ela seria construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, do compartilhamento de características ou ideais entre grupos.

Utilizando como ilustração a história de Édipo, Smith (1997) trabalha a identidade como algo coletivo, mas ao mesmo tempo individual, e problematiza as múltiplas identidades que todos possuem. Compreende-se que, assim como um sujeito é brasileiro, também é uma infinidade de outras coisas: “A individualidade é composta por múltiplos papéis e identidades – familiar, territorial, de classe, religiosa, étnica e de gênero sexual” (SMITH, 1997, p. 16). Há situações em que determinadas identidades são acionadas, e outras, silenciadas. Elas se baseiam em classificações sociais que podem ser modificadas ou inclusive extintas. Apesar de tal configuração ser percebida em distintos espaços urbanos, nas fronteiras internacionais, mostra-se mais comum e peculiar, devido às diferenças e semelhanças serem acionadas constantemente. Pelo idioma, as normativas ou a aproximação cultural, os indicativos se manifestam nas atividades, ora afastando, ora interagindo.

Guibernau (2017) explicita que a identificação com um grupo ou uma comunidade desempenha um papel importante na construção da identidade individual, mediante processos de inclusão, exclusão e renegociação constantes. A autora afirma que distintas identidades costumam existir ao mesmo tempo, e sua relevância se move e se modifica em função das necessidades individuais e das demandas e expectativas externas. Ainda, que a construção das identidades ocorre tanto em virtude do pertencimento quanto da exclusão, como uma escolha, por livre vontade, ou uma imposição dos demais. Essas dinâmicas sugerem uma vinculação emocional, com diferentes intensidades, de acordo com os grupos e comunidades.

Castells (2002) ressalta que as identidades não podem ser abordadas em linhas gerais, abstratas, pois estão relacionadas a um contexto social e devem ser situadas historicamente considerando essas especificidades. De acordo com suas reflexões, a principal questão está relacionada a como, a partir de quê, por quem e para que isso acontece.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado e função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (CASTELLS, 2002, p. 23).

Conforme os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o indivíduo se vê tentado por um sem fim de identidades possíveis, com as quais pode se identificar, por mais ou menos tempo. No momento em que aparecem termos como globalização, modernidade, sociedade contemporânea é que surge a alusão à “crise de identidade” (HALL, 2006). Quando algo que se julgava fixo, coerente e estável, sofre deslocamentos em seus mecanismos, e abalos no que antes servia como referência. O turbilhão de transformações muda as identidades pessoais do indivíduo, abalando a ideia que ele tem de si mesmo como sujeito integrado. Há, assim, um duplo deslocamento, tanto do indivíduo perante seu lugar no contexto social e cultural, quanto do indivíduo diante dele próprio. Nesse aspecto, estaria a constituição de uma “crise de identidade” para o indivíduo.

De acordo com Bauman (2005), todas essas questões mutacionais ocorrem devido à globalização, que se apresenta como um modelo de mudança radical e irreversível. Chamada pelo autor de “grande transformação”, não pode ser resolvida e apreendida com base em formatos preestabelecidos. Deve ser vista como um processo, que afeta estruturas estatais, condições de trabalho, relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana, as relações entre o eu e o outro e, é claro, as concepções do que seriam as identidades.

Castells (2002, p. 23) atenta à distinção entre as identidades e papéis sociais. As primeiras “constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação”, autoconstrução. Já os papéis “são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade” (por exemplo, ser mãe, vizinho, trabalhador, militante, ao mesmo tempo). O autor explicita, ainda, que algumas autodefinições de identidades podem se configurar em papéis, e que as identidades também podem ser formadas a partir de instituições dominantes, mas somente assumem a condição de identidades quando e se os atores sociais as internalizarem, construindo seu significado a partir dessa internalização.

Outro aspecto a ser comentado, em concordância à abordagem de Silva (2014), remete ao caráter relacional que as identidades possuem. Para existir, uma identidade precisa de outra. Ou seja, ela é marcada pela diferença. Nesse jogo, é imprescindível que identidade e diferença sejam produzidas ativamente, no contexto de relações culturais e sociais. Assim, elas são construídas dentro e não fora do discurso, são resultados de atos de criação linguística, atos de fala, práticas discursivas, com iniciativas e estratégias específicas, e não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido.

Em geral, ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo (SILVA, 2014, p. 93).

Portanto, ainda que pareçam despreziosas e apresentem caráter de inocência, é por meio das representações que a identidade e a diferença adquirem sentido. Elas estão estreitamente relacionadas aos modos de produzir e utilizar classificações pela sociedade. “Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados” (SILVA, 2014, p. 82). Esse domínio determina a representação de quem será privilegiada em detrimento da de quem não o será; para quem será atribuída valorização positiva e para quem será a negativa. Apesar dos movimentos de resistência, não raro, o papel de classificar e representar está no plano da hegemonia, que define e estipula normativas, inclui e exclui identidades.

Para Oliven (2006b, p. 20), o Estado-nação participa nesses processos, demarcando fronteiras culturais de maneira semelhante à ação de delimitar suas fronteiras geopolíticas. A imagem de uma identidade nacional passaria por esse processo em que o Estado é um dos responsáveis por estabelecer o que faz e o que não faz parte da Nação. Os conceitos referentes a nações, nacionalismos e identidades nacionais são caros à pesquisa por estarem diretamente relacionados aos cenários de fronteiras internacionais.

Estudos mais recentes têm apontado justamente o quanto a construção de uma memória nacional e de uma identidade nacional, longe de ser consensual, está ligado aos grupos que são vistos como detendo poder e autoridade legítima para se erigirem nos guardiões da memória. Esse processo, que envolve disputas simbólicas, passa pelo Estado, pelos meios de comunicação de massa e pelos intelectuais dos diferentes grupos que estão em competição (OLIVEN, 2006b, p. 26)

A exclusão é uma das marcas desse processo, que se apresenta por meio de simbologias, refletindo condições materiais e sociais. Há um sistema de associações, ligando a identidade do sujeito às coisas que ele usa. Essas coisas funcionariam como significantes fundamentais da diferença e da identidade. Assim, a marca simbólica reflete de modo real e material uma parcela do social, que será excluída. Segundo Woodward (2014), o social e o simbólico seriam dois processos distintos, mas igualmente necessários à construção e à manutenção das identidades. É por meio da marcação simbólica que se dá sentido às práticas e relações sociais, e são nessas relações sociais que se apresenta a diferenciação social, a partir de classificações da diferença.

Cabe ressaltar que determinadas diferenças podem ser obscurecidas, a afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero, por exemplo. Assim também, há situações em que as marcas da diferença aparecem com mais evidência que outras. Com destaque para os grupos étnicos, e principalmente em lugares e momentos particulares (HALL, 2008).

Partindo dessa questão, entende-se que “a identificação nacional e tudo o que se acredita nela implicado pode mudar e deslocar-se no tempo, mesmo em períodos muito curtos” (HOBSBAWM, 1990, p. 20). Nessa direção, as identidades também se apresentam e se constroem por meio do resgate ao passado, ao apelo a antecedentes históricos. Essas identidades, frequentemente, envolvem reivindicações essencialistas sobre quem pertence ou não a determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e inalterável; e são baseadas em versões substanciais da história e do passado, construídos ou representados como verdades imutáveis.

Apresenta-se a perspectiva das identidades culturais, que merece atenção, “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8). Esse panorama se instaura a partir da preocupação com a dispersão das pessoas, pelo processo de globalização, e com as consequências desse fenômeno para as identidades nacionais e étnicas. As novas identidades que nascem desses processos podem ser desestabilizadas e também desestabilizadoras. Geralmente, nascem da busca por segurança e afirmação frente a transformações sociais, individuais e coletivas, econômicas e políticas.

Nesse momento, é pertinente aludir às consequências advindas desse jogo das identidades com as alterações estruturais. Ao refletir sobre os processos atuais é preciso ter em mente que eles surgiram de inúmeros outros que foram sendo desencadeados, lenta ou abruptamente. Pode-se citar fenômenos, como: hibridismo, multiculturalismo, deslocamento das religiões da centralidade das culturas, diáspora planetária, fluxos migratórios em consequência das guerras e regimes políticos, anomia, xenofobia, fundamentalismos religiosos, étnicos, raciais, entre outros.

A busca pela identidade nacional está ligada ao sentimento de pertença a um local que seja percebido como o território e a terra natal de um determinado grupo. Há como que um desejo de resgatar uma identidade tida antes como fixa, é como se no momento ela pudesse ser ressuscitada, “as pessoas envolvidas nesse processo comportam-se como se ela existisse e expressam um desejo pela restauração da unidade dessa *comunidade imaginada*” (WOODWARD, 2014, p. 24, grifos da autora). O argumento desenvolvido por Benedict

Anderson (1997), no que se refere à comunidade imaginada, ressalta que a identidade nacional é totalmente dependente da ideia que se faz dela. Como não é possível que todas as pessoas que partilham de uma mesma identidade nacional se conheçam, é imprescindível que haja uma ideia partilhada sobre aquilo que a constitui. Assim, a diferença entre as nações – e as identidades nacionais – reside nas diferentes formas a partir das quais elas são imaginadas.

Para Renan (2000), não seria suficiente estruturar as bases da nacionalidade, por exemplo, na língua, raça, religião ou terra. Aquilo que a constitui estaria na posse comum de um legado, lembranças compartilhadas, e em um desejo atual de viver junto, fazendo valer a herança recebida. A existência de uma nação é considerada por ele um plebiscito diário – comparada à existência do indivíduo enquanto afirmação perpétua da vida. E, assim como os sujeitos, a conformação das nações também não é algo eterno, mas sim, flexível e mutável.

Nação e tradição são recortes da realidade, categorias para classificar pessoas e espaços e, por conseguinte, formas de demarcar fronteiras e estabelecer limites. Elas funcionam como pontos de referência básicos em torno dos quais se aglutinam identidades. Identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção (OLIVEN, 2006b, p. 34).

Refletindo sobre as ideias prescritivas e rígidas do que constitui a nação enquanto tal, Thiesse (2000/2001) apresenta uma *check-list* que seria a matriz de todas as representações de uma nação. E apresenta a lista de elementos que uma nação deve contemplar para ser assim caracterizada: ancestrais fundadores, uma história que estabeleça a continuidade da nação através da história, galeria de heróis, idioma, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, paisagem típica, folclore, além de determinadas identificações pitorescas, como modo de vestir, gastronomia, animal emblemático.

Guerra (2003) alerta que nação remete a significações muito diferentes, de acordo com épocas e países, e que é preciso evitar generalizações ou anacronismos, tanto no sentido de essencializar as nações contemporâneas como se fossem realidades atemporais, quanto no que diz respeito a considerá-las apenas invenção ou artefato. Uma possibilidade seria entender a nação como um novo modelo de comunidade política, uma combinação de ideias, imaginários, valores, comportamentos.

Segundo as reflexões de Hobsbawm (1990, p. 19), nação seria “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma ‘nação’”, e o nacionalismo seria anterior, pois “as nações não formam os estados e os nacionalismos, mas sim o oposto”. Para o autor, “a base dos ‘nacionalismos’ de todos os tipos

era igual: era a presteza com que as pessoas se identificavam emocionalmente com ‘sua’ nação e podiam ser mobilizadas, como tchecos, alemães, italianos ou quaisquer outras, presteza que podia ser explorada politicamente” (HOBSBAWM, 1988, p. 204). Entendendo o nacionalismo também como uma comunidade de pertencimento, observa-se que suas “motivações” são acionadas em determinados momentos e contextos históricos, sociais, políticos, econômicos, etc., segundo interesses distintos.

Em busca de uma ancoragem que possibilite às comunidades lidar com a fragmentação do presente, são estabelecidos pactos com o passado – os dois tempos exercendo papéis importantes dentro da questão identitária. Woodward (2014) assinala que as ferramentas para isso podem se basear em lendas, mitos, antigas tradições, fatos heroicos, locais sagrados, histórias de glória, de uma época de ouro, evocando origens e buscando justificativas para a criação de novas e futuras identidades nacionais. Essa perspectiva também é desenvolvida por Renan (2000) a partir do mito das origens, explicitando o culto dos antepassados como uma das dinâmicas características da nação.

Para Castells (2002, p. 69, grifo do autor), um conceito atual de nações, tendo em vista a era da informação, remete a “*comunidades culturais construídas nas mentes e memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados*”. Ainda, explicita que a medida e intensidade dessa história a ser compartilhada, para que uma determinada coletividade se configure em nação, variam de acordo com contextos e períodos assim como são variáveis os ingredientes que levam à formação dessas comunidades.

O autor também tece algumas críticas a conceitos referentes a nações e nacionalismos, entre elas, ao de “comunidades imaginadas”, assinalando que “a incongruência entre algumas teorias sociais e a experiência prática contemporânea resulta do fato de que o nacionalismo, bem como as nações, tem vida própria, independentemente da condição de Estado, embora estejam inseridos em ideários culturais e projetos políticos” (CASTELLS, 2002, p. 45). E que a era da globalização viu ressurgir o nacionalismo, tanto pelo desafio que impõe aos Estados-Nação quanto pela (re)construção da identidade com base na nacionalidade, definida por oposição ao estrangeiro.

Pode-se observar uma correlação entre os conceitos apresentados até aqui. Essas múltiplas identidades reconstruídas, o impacto da globalização, as tecnicidades e novas práticas socioculturais, os processos a que se relacionam esses fenômenos e experiências mobilizam demandas, reivindicações e desafios, tanto para o Estado quanto para a sociedade civil. Também é evidente que o âmbito midiático está atravessado por essas problemáticas, significando por meio da veiculação de distintas elaborações comunicacionais.

Em um cenário de sociedades modernas, surgem as pesquisas em Psicologia Social de Serge Moscovici, que originam o conceito de Representações Sociais. Pensado a partir de características dinâmicas e fluidas, partiu do conceito de Representações Coletivas, elaborado por Durkheim, diante de um modelo de sociedade estático e tradicional, no qual a mudança se processava lentamente (GUARESCHI, 2012; FARR, 2012). A realidade vislumbrada por Moscovici, e de que o conceito deveria dar conta, está relacionada à contemporaneidade, com seu pluralismo e dinâmicas complexas.

Com o passar do tempo, a noção de Representações Sociais começou a ser abordada por distintos campos do conhecimento, circulando em áreas como Psicologia, Comunicação, Sociologia, Filosofia, Semiótica, sendo tensionada e adaptada. Nos estudos comunicacionais, tais reflexões merecem ênfase devido à importância da mídia como uma das instâncias com poder de colocar em circulação e legitimar representações de todos os tipos – relações e significações provenientes de outros campos sociais e contextos específicos.

Moscovici (2011, p. 205) afirma que “vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação”. Por essa perspectiva, a pesquisa se coloca no âmbito do jornalismo para buscar as representações sobre as identidades e as fronteiras internacionais em elaborações midiáticas construídas dentro da própria região limítrofe entre Brasil e Argentina, na cidade de São Borja, divisa com Santo Tomé. A análise se volta ao jornal impresso *Folha de São Borja* e aos programas *Gente é Notícia* e *Atualidades*, das emissoras radiofônicas *Cultura AM* e *Fronteira FM*, bem como, ao contraponto das representações que circulam entre profissionais que atuam nesses veículos

Guareschi (2012, p. 162) explica que “o ato de representar não é um processo simples”, pois além da figura, ele carrega sempre um sentido simbólico. Citando as reflexões de Jodelet (1985), as cinco características fundamentais nesse ato de representar, são que “representa sempre um objeto; é imagem e com isso pode alterar a sensação e a ideia, a percepção e o conceito; tem um caráter simbólico e significante; têm poder ativo e construtivo; finalmente, possui um caráter autônomo e generativo” (GUARESCHI, 2012, p. 163). As representações sociais não ficariam restritas a elementos cognitivos, que produzem comportamentos e permitem que os indivíduos se comuniquem; mas sim, existiriam dentro e enquanto práticas comunicativas e atuariam como agentes da realidade, modificando-a. Sua formação ocorre por influências recíprocas, negociações implícitas, nas quais as pessoas se orientam, a modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos. Desse modo,

ocorre um processo que configura repertórios comuns de interpretação e explicação às pessoas, procedimentos normativos que tomam a vida cotidiana e suas conjunturas.

As relações em sociedade ocorrem em dois níveis: através da experiência direta dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, através de sua representação. Enquanto fenômeno psicossocial, as representações sociais estão fixadas “no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros” (JOVCHELOVITCH, 2012, p. 54). Enquanto lugar da alteridade, a esfera pública fornece o espaço no qual as representações sociais podem ser cultivadas e se estabelecer. Os estímulos e respostas resultantes desse processo não ocorrem de modo isolado, mas recebem intervenções dos mais variados campos sociais.

Guareschi e Roso (2014), falando sobre o triângulo Sujeito-Outro-Objeto, evidencia que o conceito de relação é fundamental para compreender as representações. Para que existam e sejam sociais, é necessário a existência de outros. No caso da relação triangular, cada termo é determinado pelos outros dois, sendo compreendidos em interação.

Uma reflexão atenta sobre a maneira como pensamos, falamos e agimos, nos vai indicar que os seres humanos todos “representam”. Nós temos essa capacidade extraordinária de prescindir do objeto material ao pensar nele, ao falar dele e até ao nos relacionarmos com ele. Mas é necessário, ao mesmo tempo, tomar consciência de que não existe uma separação entre essa representação mental, o sujeito que conhece e o objeto conhecido (GUARESCHI; ROSO, 2014, p. 26).

Aproximando as discussões aos processos midiáticos, cada vez com mais intensidade, os meios de comunicação se configuram em atores importantes dessas dinâmicas. Muito além de simples transmissores de mensagens e conteúdos, aparecem como produtores de sentidos circulantes na sociedade. Atuam como mediadores, responsáveis por estruturar sistemas de comunicação e, a partir deles, comunicar, difundir ou propagar determinadas representações. A partir das diferentes intervenções que perpassam a mídia, em suas práticas discursivas, podem ser estabelecidas representações que naturalizam certos vieses. No entanto, importa destacar que essas representações não são necessariamente aceitas, pois “o indivíduo tanto é um agente de mudança na sociedade como é um produto dessa sociedade” (FARR, 2012, p. 44). As elaborações construídas e veiculadas midiaticamente podem ser aceitas ou não, e ainda reconfiguradas, retornando ao âmbito social – e, inclusive, retornando à mídia, pois há uma interferência mútua nesses processos relacionais.

Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas. Conseqüentemente, o *status* dos fenômenos da representação social é o de um *status* simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando o significado através de algumas proposições transmissíveis e, no menor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema (MOSCOVICI, 2011, p. 216).

Basicamente, as representações vão aparecer em contextos discursivos, como formas casuais, simples insinuações, pistas visuais e/ou cenários. Assim, os textos produzem certas composições de imagens, aparentemente obtidas no mundo empírico, e as transformam em representantes de pessoas, situações, fatos. É por meio dessa configuração que as intervenções invisíveis do autor de um texto tem a capacidade de influenciar de maneira sutil percepções sobre pessoas, gêneros, grupos sociais e categorias. A construção das representações possui tanto a finalidade de agir quanto a de avaliar, o ato de compartilhar representações perpassa todos os espaços de realidade, constituindo-os. Ainda, as representações sociais não ficariam restritas a elementos cognitivos, que produzem comportamentos e permitem que os indivíduos se comuniquem; mas sim, existiriam dentro e enquanto práticas comunicativas e atuariam como agentes da realidade, modificando-a.

No que se refere ao caráter ideológico das representações sociais, Moscovici (2011) assinala para a capacidade de elas agirem como norteadoras das visões de mundo, não raro, com referências que atuam mostrando uma realidade direcionada pelos interesses do poder, pela ideologia dominante. Um exemplo, nesse sentido, poderia ser a postura da mídia comercial brasileira quanto às construções sobre as fronteiras internacionais. Suas práticas e processos jornalísticos, geralmente, resultam em materiais que ressaltam aspectos negativos das regiões limítrofes (ALBUQUERQUE, 2013; SILVEIRA, GUIMARÃES, SCHWARTZ, 2017). Para essas elaborações, utilizam abordagens pelo viés da segurança pública, da violência, da necessidade de controle e soberania nacional, entre outras.

A situação referida quanto à mídia também pode ser relacionada diretamente ao propósito das representações sociais referente à familiarização, tornar o não-familiar, a não-familiaridade, em algo familiar (MOSCOVICI, 2011). O paralelo é feito considerando que, em suas elaborações, a mídia atua estabelecendo relações e aproximando os expectadores de realidades, pessoas, objetos e acontecimentos, até então, desconhecidos ou distantes. Isso se mostra possível pela capacidade das representações de se fazerem presentes atuando em ausência, por exemplo, através de símbolos, marcas, traços, menções, que significam uma

outra coisa, criando o que é representado, construindo uma nova realidade para a realidade que já está lá. A atividade simbólica tem em sua essência o reconhecimento de uma realidade compartilhada. A comunicação (não apenas a midiática, mas especialmente) circula de um ao outro, em um processo no qual se produzem, trocam e atualizam imagens e representações.

Os avanços tecnológicos trazem possibilidades de amplificar essas representações, conferindo ainda mais realismo, drama e intensidade ao que é significado. Na modernidade, ao fazer referência a determinadas propriedades de objetos, eventos, processos e relações, por intermédio de palavras, sons, imagens, vídeos, ambientes digitais, a mídia alcança a máxima consolidação da representação, no sentido da figuratividade, de estabelecer símbolos. Pela similaridade entre imagem e objeto, tem-se um caráter testemunhal, uma verossimilhança. Algo que, antes desses aparatos, não era possível com tamanha dimensão. Dessa forma, mostra-se cada vez mais necessário atentar às representações midiáticas enquanto construções sociais, enquanto realidades produzidas.

Todas essas dinâmicas fazem com que as representações, muitas vezes, acabem se tornando algo automático, podendo, inclusive, contribuir para estabelecer, confirmar e/ou fortalecer estereótipos. Quando tomada pelo viés do jornalismo, a questão parece ainda mais controversa, devido ao caráter de precisão exigido das representações circulantes no meio jornalístico. A hipótese de haver representações construídas e fantasiosas pode ser aceita naturalmente em comerciais publicitários e filmes de ficção. Porém, ao ser levada para o âmbito do jornalismo, essa prática se torna inadmissível. A explicação está no compromisso ético e profissional, que a prática pressupõe, com o interesse público e a referencialidade. Não obstante, o jornalismo é sempre uma composição de relatos de acontecimentos, produção de narrativas elaboradas a partir de determinados pontos de vista de indivíduos sobre fatos agendados. Assim, o caráter de construção se mantém, a partir de seleções, valores, destaques, omissões ou atenuações, que podem produzir diferentes representações de uma mesma situação.

As representações não se constituem apenas em reflexos da realidade. Elas são organizadas em meio a diversas significações e dependem de inúmeros fatores. Nessa direção, Spink (2012) explica que, por serem produtos sociais, é fundamental relacionar as representações ao seu contexto de produção. Sem atentar às condições sociais não é possível compreender as construções que elas originam e que também as transformam. Há uma atividade de reinterpretação constante no processo de elaboração das representações no espaço da interação. Importa destacar que o contexto pode ser tanto o espaço social em que a ação ocorre (remetendo a produções culturais do passado e/ou locais e atuais), quanto a

perspectiva temporal em que se desenrola (o tempo curto da interação, o tempo vivido pelo processo de socialização, e o tempo longo relativo ao imaginário social).

Através da circulação de significações e formas simbólicas, as pessoas constroem associações, utilizadas em suas comunicações e nas interpretações das próprias associações que recebem dos mais variados agentes. Desse modo, vão sendo configuradas as representações sociais que circulam continuamente nas práticas do mundo cotidiano (por meio de palavras, gestos, sentidos, conceitos), impregnando a realidade, as relações estabelecidas, os objetos produzidos e consumidos, e as comunicações – na presente investigação, tendo ênfase na perspectiva midiática e nas elaborações jornalísticas.

Os modelos não são construídos somente a partir da circulação de valores, mas também por intermédio dos silêncios, de seu apagamento. Assim, construções distorcidas não estariam relacionadas apenas a representações negativas, fantasiosas ou estereotipadas, mas também, ao ato de não representar determinados acontecimentos, objetos e/ou pessoas. Conforme é apresentado nas análises, no caso da pesquisa com o jornal impresso e as duas emissoras de rádio de São Borja, percebe-se como um apagamento das identidades referentes às fronteiras internacionais.

3.2 APREENDENDO A MÍDIA EM SUAS PRÁTICAS E PROCESSOS

A mídia ocupa espaço central nas dinâmicas relativas às culturas, identidades e representações, cumprindo papel importante como articuladora dessas realidades. A partir de suas distintas práticas e processos, pode agendar determinadas temáticas, participando da construção e difusão de elementos socioculturais. Todavia, não é a única instância agindo nesses cenários, há outras mediações responsáveis atuando, como família, trabalho, escola, grupos de amigos, igreja, universidade, associações, entre outros.

Devido à complexidade das regiões limítrofes, a perspectiva midiática que se estabelece nesses locais – e mesmo as comunicações interpessoais – apresenta certas particularidades. A mídia fronteira atua tanto como vitrine dos acontecimentos, trazendo os fatos que ocorrem na fronteira, quanto como sujeito social, assumindo papéis na vida dessas comunidades, contribuindo com a articulação de determinados valores e tradições, reforçando ou desconstruindo as representações existentes.

Os movimentos realizados na construção da identidade fronteiriça podem ser vistos nas diversas manifestações sociais das cidades, e, conseqüentemente na mídia impressa local, isto é, nos jornais produzidos localmente, que têm como principal público-alvo os leitores fronteiriços. Como não poderia deixar de ser, os periódicos trazem um volume considerável de informações a respeito dos fatos que se desenrolam no dia-a-dia das comunidades nas quais estão inseridos (MÜLLER, 2004, p. 146).

A partir dessa compreensão, mesmo que a circulação dos meios de comunicação desses locais, geralmente, não seja tão expressiva, é fundamental que sejam considerados objetos das Ciências da Comunicação. No que tange às abordagens jornalísticas, ao pautar determinado acontecimento, ou focar certa característica de um assunto, o jornalista elimina outras tantas possibilidades, seja pela necessidade de seleção comum ao processo, seja para desviar o foco de algo que se queira ocultar. Importa buscar compreender que informações resultam desses processos e rotinas de produção nas coberturas de áreas limítrofes.

Pensando as coberturas nacionais, Albuquerque (2013) indica o modo estereotipado que segmentos do jornalismo brasileiro utilizam para abordar a temática das fronteiras, amparado na análise das séries de reportagens exibidas pelo Jornal Nacional, *Fronteiras: a vulnerabilidade das fronteiras no Brasil* (2011) e *Fronteiras da Amazônia* (2008). Também a obra organizada por Silveira, Guimarães e Schwartz (2017) apresenta artigos que refletem a partir desse modo pejorativo de representar as fronteiras internacionais.

Referências como essas podem colocar problematizações sobre as outras formas possíveis de se fazer notícia acerca dessas regiões. Bem como, interrogações sobre os motivos que resultam em coberturas assim, e os modos como os sujeitos que recebem essas elaborações reagem a elas, se as contestam, refutam, aceitam, reconfiguram, enfim, como articulam suas representações em contato com determinadas produções.

Lorite e Badet (2011), ao analisar os movimentos migratórios, elucidam que, em geral, os meios de comunicação costumam abordar de maneira enviesada tal realidade, assim como acontece com qualquer outra: “*El medio (re)presenta un fragmento, a veces demasiado minúsculo, de cualquier acontecimiento. La sensación que tenemos al vivirlo de cerca es diferente. A menudo, la realidad mediática y la realidad real nos parecen muy distintas*” (LORITE; BADET, p. 191, 2011). Essa também é a percepção ao aproximar determinadas coberturas jornalísticas ao contexto fronteiriço “real”. As primeiras, com frequência, são vinculadas a cenários de conflito e ilegalidades, não dando espaço para a midiatização de outras práticas socioculturais típicas desses lugares limítrofes – que podem ser considerados de encontro entre distintas culturas.

A partir de pesquisas anteriores e da observação da mídia comercial nacional, no período da pesquisa, tem-se a indicação de que os assuntos que merecem destaque, quando ocorridos nas fronteiras internacionais do país, são aqueles relacionados a situações de tensão. O agendamento midiático parece bastante limitado a questões como contrabando, tráfico – de drogas, armas, pessoas, medicamentos, produtos químicos –, lutas indígenas por terra (costumeiramente, trazendo os fazendeiros como vítimas e os “índios” como baderneiros, selvagens, vagabundos), ausência de controle e de fiscalização do Estado, assaltos, violência, abigeato, entre outros crimes e ilegalidades⁷.

Com relação ao modo de construir as pautas na própria região limítrofe, observa-se uma tendência a “suavizar” assuntos polêmicos e/ou conflitantes, situações que podem ser consideradas fragilidades da fronteira (como crimes, tráfico e contrabando), em virtude da proximidade com o acontecimento e as pessoas envolvidas, divergindo do que é apresentado pelo jornalismo nacional.

Por estar inserido nesse contexto, o cuidado é redobrado ao cobrir esses crimes e contravenções, bem como ao acionar sujeitos locais envolvidos nesse tipo de fato. A proximidade com o ocorrido e o conhecimento das questões latentes, faz com que a mídia local elabore suas mensagens sobre a fronteira, de modo geral, com mais cautela em relação aos procedimentos adotados pelos meios de comunicação sediados fora e longe daquele contexto (MÜLLER, 2016, p. 110).

Em diferentes dimensões e intensidades, as experiências de sociabilidade, identidades e sentido de pertencimento, são mediadas pelos meios de comunicação (LACERDA, 2013). O jornalismo é partícipe nesses processos e os profissionais que atuam no cenário fronteiriço acabam tendo, além da oportunidade de falar sobre a fronteira, a possibilidade de vivenciar essa realidade e de ser agente social da mesma. Na multiplicidade dessas mesclas, estão as conveniências oferecidas pelas regiões fronteiriças, tanto nos âmbitos comunicacional e midiático quanto nas práticas socioculturais mais amplas.

As representações que circulam de geração em geração, por meio da história oral, também estão imbricadas na vivência desses profissionais e também se fazem presentes no âmbito midiático por meio deles. Como aborda Raddatz (2009), a linguagem, acionada na construção discursiva, ilustra tal questão. O elemento linguístico aparece como marca sociocultural da mídia fronteiriça, como expressões típicas do homem do lugar, como as músicas e os poemas que elabora. A autora utiliza a metáfora de janelas que se abrem e se

⁷ Em algumas situações, o jornalismo contribui para a construção dessas representações da fronteira como “terra de ninguém”, sem lei e sem dono. É o caso da série de reportagens produzida por Carlos Wagner para a Zero Hora e, posteriormente, publicada como o livro “País-Bandido: Crime Tipo Exportação” (WAGNER, 2003).

fecham, a influências de toda ordem, refletindo como a cultura fronteiriça se constitui em algo vivo, múltiplo, a partir da dualidade e da convivência com a alteridade. Obviamente, essa convivência não é livre de conflitos e negociações – característica também peculiar dessa região em que o convívio, não raro, é mais intenso com o país vizinho do que com a cidade mais próxima no próprio país.

Ao refletir sobre o tratamento midiático dado às fronteiras internacionais, surge a percepção de que a alteridade adquire pelo menos dois sentidos. O “outro” que está do lado de lá da fronteira, no país vizinho, e o “outro” que é o próprio fronteiriço, pois, apesar de estar no mesmo país, seria diferente dos demais brasileiros.

La dificultad de representar mediáticamente dicha realidad sigue la tendencia de gran parte de los medios de comunicación de todo el mundo de simplificar al máximo la información, simplificación que muchas veces conlleva la fácil representación visual, sonora y textual de los tópicos y estereotipos de siempre (LORITE; BADET, p. 209, 2011).

Além disso, tem-se a impressão de que o jornalismo não tem interesse em construir uma abordagem múltipla que dê conta de apreender a complexidade das práticas socioculturais estabelecidas na fronteira. Que explicitem as trocas simbólicas, sociais, afetivas, linguísticas, que são acionadas nas relações que permeiam o cotidiano dos moradores. A perspectiva fixada quanto às vivências acaba, muitas vezes, restrita às variações do câmbio e às questões econômicas. Convém mencionar que as relações entre fronteira e tráfico aparecem quase de maneira naturalizada, não apenas no jornalismo, mas em outras práticas midiáticas e sociais.

Importa ressaltar que a produção jornalística nunca é neutra, pois os aspectos da cultura – individuais e coletivos – aparecem nas práticas de elaboração das informações e na maneira como são veiculadas nos espaços midiáticos. Como na constituição da identidade e da diferença, há relações de poder atravessando esses processos e “autorizando” determinadas pessoas e instituições a dizer o que dizem, como dizem, e a classificar do modo como fazem.

A linguagem é um elemento fundamental na cultura de qualquer povo e participa ativamente na difusão das distintas práticas sociais, por meio de diferentes formas e suportes, podendo, no âmbito da fronteira, incentivar protagonismos de uma integração, em detrimento da homogeneização que muitas vezes atravessa a mídia comercial. Por exemplo, ao escutar uma rádio fronteiriça, existem abordagens e expressões, aspectos e acontecimentos divulgados, que só se justificam ou são compreendidos dentro da cultura local. Da mesma forma, expressões idiomáticas empregadas nos textos e imagens que ilustram estes,

divulgados pela mídia local, que relatam e retratam a vida na fronteira, têm sentido particular para os leitores e radiouvintes do lugar. Interessa à pesquisa todas essas imbricações, apesar da compreensão de que a limitação do tempo não permite tal amplitude, e que a dinamicidade da vida cotidiana só permite análises com recortes bem específicos.

Conforme mencionado, sabe-se que inúmeras outras instâncias atuam na elaboração e circulação das identidades e de suas representações. Entretanto, no momento, a finalidade é restringir a observação às elaborações do jornal impresso *Folha de São Borja* e dos programas de rádio *Gente é Notícia* e *Atualidades*. Com finalidades teóricas, e também em virtude das delimitações metodológicas da pesquisa, na sequência, é necessário refletir sobre o jornalismo informativo, a partir dos conceitos de gêneros e formatos.

3.3 JORNALISMO INFORMATIVO NAS MÍDIAS IMPRESSA E RADIOFÔNICA

Com finalidades metodológicas e de acordo com os objetivos da pesquisa, foram selecionadas para o *corpus* as elaborações jornalísticas com foco no âmbito informativo, a partir das classificações de Chaparro (1998), Marques de Melo (2003), Barbosa Filho (2009) e Lucht (2010), quanto aos gêneros no Jornalismo⁸. Em concordância com os autores, admite-se que, mesmo esses produtos, apresentam determinados posicionamentos, pois são atravessados por escolhas e tomadas de decisão, pela linha editorial dos veículos, as pressões das rotinas produtivas, as ideologias dos profissionais que os elaboram, entre outros aspectos. A seleção das pautas, a escolha das fontes, a redação das notícias, o espaço atribuído às informações, são processos que resultam de determinadas definições em detrimento de outras.

Marques de Melo (2003, p. 25, grifos do autor) questiona “até que ponto o *jornalismo informativo* efetivamente limita-se a informar e até que ponto o *jornalismo opinativo* circunscreve-se ao âmbito da opinião?”. E explica que a distinção é um artifício profissional e político. Ele próprio reconhece que, mesmo as notícias que aparecem como informativas, possuem, na prática, vieses ou conotações, remetendo as escolhas que são praticadas. Ainda, elucida que, muitas vezes, essa postura é apresentada de maneira velada para omitir o que os jornalistas querem, ou não, colocar para os leitores.

⁸ Observa-se que os autores discordam em determinados aspectos das classificações. Todavia, não se tem a pretensão de adentrar nessas discussões pontualmente.

O jornalismo informativo e o jornalismo opinativo surgiram da necessidade de diferenciar fatos de suas versões, demarcando textos com opiniões explícitas. Em linhas gerais, o primeiro seria limitado a reproduzir acontecimentos, narrar a realidade, e o segundo usaria da persuasão para influenciar a sociedade. Marques de Melo (2003, p. 27) coloca essas duas categorias como fundamentais no jornalismo e explica que se, historicamente, ambas predominavam, “contemporaneamente elas convivem com categorias novas que correspondem às mutações experimentadas pelos processos jornalísticos”. O jornalismo interpretativo e o de entretenimento, ou diversional, seriam exemplos dessa diversidade, e estariam incluídos em uma tendência nos países capitalistas.

Quadro 1: Classificação dos gêneros jornalísticos.

Jornalismo Informativo	Jornalismo Opinativo
Nota	Editorial
Notícia	Comentário
Reportagem	Artigo
Entrevista	Resenha
	Coluna
	Crônica
	Caricatura
	Carta

Fonte: Marques de Melo (2003, p. 65). Adaptado por Strassburger, 2018.

Chaparro (1998) desenvolve sua teorização a partir da análise de jornais impressos de Brasil e Portugal, comparando as formas discursivas da imprensa diária dos dois países. O autor afirma que, há décadas, a dicotomia Opinião/Informação tem condicionado e delimitado a discussão sobre os gêneros jornalísticos, determinando critérios classificatórios e modelos de análise que são empregados pelos pesquisadores dessas temáticas. Ainda, explica que a manutenção dessa matriz tem efeitos que tornam superficiais o ensino e a discussão do jornalismo e trazem prejuízos à prática profissional.

A apuração e a depuração, indispensáveis ao bom relato, são intervenções valorativas, intencionadas por pressupostos, juízos, interesses e pontos de vista estabelecidos. Como noticiar ou deixar de noticiar algum facto sem a componente opinativa? Por outro lado, o comentário – explicativo ou crítico – será ineficaz se não partir de factos e dados confiáveis, rigorosamente apurados (CHAPARRO, 1998, p. 101).

Os espaços não são exclusivos ou excludentes para a opinião e a informação. O jornalismo se nutre de ambas perspectivas, ora com mais intensidade em um enfoque, ora, em outro. Os produtos que foram selecionados para a pesquisa são compreendidos dessa maneira. Teve-se o cuidado de optar por elaborações que se colocavam apenas como informativas, todavia, parte-se da compreensão de que tais produções também têm caráter opinativo de suas abordagens (mesmo que apenas em um plano teórico, em uma suposta divisão). Importa ressaltar que a definição por conteúdos informativos também teve a finalidade de proteger os profissionais entrevistados, em virtude de não haver identificação direta desses sujeitos por meio dos materiais que produzem. No caso de a pesquisa incluir materiais opinativos, essas elaborações seriam assinadas, indicando claramente os participantes.

Conforme suas observações e análises a partir de elaborações jornalísticas (notas, notícias, reportagens, entrevistas, artigos, crônicas), cada vez mais, os materiais informativos necessitam de elucidações opinativas, e os comentários atuais solicitam argumentos fundamentados em informações qualificadas. Para o autor, a separação entre opinião e informação seria um falso paradigma, justamente, porque o jornalismo não se divide, mas precisa de ambas para ser construído. Com o intuito de superar essa proposta, sugere que novas discussões sejam estabelecidas a partir de outra perspectiva.

O mundo de verdade que dá significação ao texto é um mundo de ajustamentos dinâmicos, em contextos reais, com múltiplos sujeitos (todos interessados) e muitas verdades – verdades de quem escreve, de quem lê, de quem informa, de quem comenta, de quem fala, de quem ouve... Há uma estratégia dialéctica de interações, em que cada partícipe entra com as aspirações criadas pela respectiva opinião. E a interpretação dá-se por acordos e conflitos, por compreensão e incompreensão, por rejeições e aceitações, por desconfianças e crenças (CHAPARRO, 1998, p. 105).

Em concordância com o autor, admite-se que a interpretação surge e se forma por intermédio de diferentes instâncias. A midiática é uma delas. Inclusive, a notícia dita objetiva construída com informação “pura” resulta de seleções, exclusões deliberadas, controladas pela competência do jornalista. Chaparro (1998) sugere uma grade classificativa composta por dois gêneros do discurso jornalístico, o **Comentário** e o **Relato**, divididos em quatro espécies, conforme apresentado no quadro a seguir (Quadro 2).

Quadro 2: Grade classificativa dos gêneros jornalísticos.

Gênero COMENTÁRIO		Gênero RELATO	
<i>Espécies</i> <i>Argumentativas</i>	<i>Espécies</i> <i>Gráfico-artísticas</i>	<i>Espécies</i> <i>Narrativas</i>	<i>Espécies</i> <i>Práticas</i>
Artigo Crônica Cartas Coluna	Caricatura Charge	Reportagem Notícia Entrevista Coluna	Roteiros Indicadores Agendamentos Previsão do tempo Cartas-consultas Orientações úteis

Fonte: Chaparro (1998, p. 123). Adaptado por Strassburger, 2018.

O processo de delimitação do *corpus* das matérias impressas do jornal *Folha de São Borja* foi fundamentado mesclando as colocações dos dois autores e os dois quadros apresentados. Dessa maneira, aproximou-se do gênero relato e das espécies narrativas, sugeridos por Chaparro (1998). Entretanto, as colunas foram excluídas por conterem a opinião direta dos responsáveis. Também foram desconsiderados comentários, matérias assinadas, cartas dos leitores, e referências diretas ao jornalismo opinativo, como a editoria opinião.

No que se refere a regras e códigos específicos do discurso radiofônico, Reis (2012) explica que ainda são incipientes os trabalhos com foco exclusivo nos gêneros radiofônicos. Em muitos casos, apenas se realiza uma transposição de gêneros a partir do jornalismo impresso, sem observar as características próprias do rádio, que influenciam diretamente no modo de construção das narrativas. Também Barbosa Filho (2009) menciona a escassez de tais perspectivas, e a dificuldade em construir uma tradição acadêmica em investigações sobre o meio, seus profissionais, produtos e suas audiências. Nesse cenário, o autor destaca o Grupo de Pesquisa *Rádio e Mídia Sonora*, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), que vem desenvolvendo inúmeras pesquisas sobre o meio. Importa ressaltar que Mário Kaplún é um dos nomes que contribuiu para o avanço nas pesquisas dos formatos radiofônicos.

A classificação de Marques de Melo é utilizada por Barbosa Filho (2009) para propor sua própria divisão de gêneros radiofônicos e seus formatos⁹. Todavia, o autor faz adaptações

⁹ A divisão de Barbosa Filho (2009) contempla os seguintes gêneros e formatos: *Jornalístico*: Nota, Notícia, Boletim, Reportagem, Entrevista, Comentário, Editorial, Crônica, Radiojornal, Documentário, Mesas-redondas ou debates, Programa policial, Programa esportivo; *Educativo-cultural*: Programa instrucional, Autobiografia, Documentário educativo-cultural, Programa temático; *Entretenimento*: Programa musical, Programação musical, Programa ficcional, Programete artístico, Evento artístico, Programa interativo de entretenimento; *Publicitário*: Peça de promoção; *Propagandístico*: Peça radiofônica de ação pública, Programas eleitorais, Programa religioso;

considerando as características próprias do rádio. Entre elas, transmissão e recepção instantâneas e simultâneas, comunicação de pouca duração, a mensagem não pode ser guardada (ou não podia), custo relativamente baixo (tanto para o emissor quanto para o receptor), a recepção pode ser feita enquanto se realizam outras atividades (lavar roupa, dirigir, trabalhar), possibilita boa interação com os ouvintes.

Referente a essas particularidades do rádio, pode-se acrescentar que, “no processo de recriação da realidade, intervêm fatores como a fugacidade da mensagem, o suporte exclusivamente sonoro para o transporte do conteúdo, a distância entre o emissor e o receptor, e as condições de recepção de um público indiscriminado” (REIS, 2012, p. 59). A linguagem radiofônica é composta por elementos sonoros e não-sonoros, pela palavra, mas também pelos silêncios, pelo ruído, a música, as pausas, etc.. Elementos que criam um campo imaginário, distinto para cada ouvinte, segundo seus próprios repertórios e interpretações.

Barbosa Filho (2009), ao elaborar sua categorização, relaciona a função específica que os gêneros possuem frente às expectativas das audiências. O gênero jornalístico estaria dividido nos formatos nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo, e seria:

O instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e, portanto, acrescentar ao ato de informar opiniões particulares sobre os acontecimentos (BARBOSA FILHO, p. 89).

No rádio, a impossibilidade de separar rigidamente opinião e informação, e de localizar exemplos “puros” de uma ou outra, fica ainda mais evidente, devido à comunicação falada e à transmissão ao vivo de programas. Essa constatação pode ser observada nos programas analisados, pois, em várias situações, os profissionais traziam depoimentos e colocações respaldadas em suas trajetórias, vivências e experiências pessoais. Seguindo o indicado pelos autores, essas elaborações foram desconsideradas na organização do *corpus*, bem como, crônicas, resenhas, comentários de colunistas e colaboradores, e informações de serviços, sobre trânsito, cotação de moedas e previsão do tempo.

Refletindo a partir da realidade brasileira, Lucht (2010) utiliza a proposta de Marques de Melo para sugerir uma classificação atualizada dos gêneros radiojornalísticos, dividindo-os

em cinco¹⁰, informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Suas elaborações estão fundamentadas em pesquisa bibliográfica e na confrontação das reflexões encontradas pela autora com sua experiência prática no rádio. O gênero informativo, seria “aquele que se limita a narrar os acontecimentos, sem emitir qualquer tipo de juízo de valor, opinião ou interpretação” (LUCHT, 2010, p. 274), estando dividido em nota, notícia, reportagem, boletim, *flash*, manchete, entrevista.

Devido à importância dos formatos nota, notícia, reportagem e entrevista, para a delimitação do *corpus*, sendo comuns a elaborações impressas e radiofônicas, é necessário explicitar o entendimento conceitual elaborado acerca deles. Também, importa referir que as especificidades de cada meio foram observadas a partir de Chaparro (1998) e Marques de Melo (2003), no caso do jornal *Folha de São Borja*, e de Barbosa Filho (2009) e Lucht (2010), no que se refere aos programas de rádio *Gente é Notícia* e *Atualidades*.

Compreende-se que a nota costuma estar mais presente na televisão e no rádio, por seu caráter imediatista, correspondendo à descrição de fatos que estão em processo de configuração. A notícia pode ser entendida como um resumo informativo que descreve, jornalisticamente, um fato relevante, trazendo apenas os elementos que esse fato possui. A reportagem diz respeito à ampliação e ao aprofundamento do relato noticioso, expandindo-o com novas informações e explicações mais densas, incluindo dados para contextualização, diferentes fontes e múltiplas vozes. A entrevista é uma das formas mais básicas de coleta de informações, diz respeito a um relato que coloca outros participantes em cena, permitindo que descrevam os acontecimentos, a partir do diálogo e mediação com o entrevistador.

Novamente, importa ponderar que as delimitações classificatórias são estratégias didáticas, baseadas em princípios funcionais, segundo o papel de descrever ou ler o real. Na prática, conforme é apresentado no capítulo de análise, não há como indicar de modo rígido e preciso onde começam e terminam os gêneros e seus formatos.

¹⁰ Os gêneros e respectivos formatos seriam: *Informativo*: Nota, Notícia, Reportagem, Boletim, Flash, Manchete, Entrevista; *Opinativo*: Editorial, Comentário, Resenha, Crônica, Testemunhal, Debate, Painele, Caricatura/charge eletrônica, Carta/e-mail do ouvinte/participação por telefone, Rádio-conselho; *Interpretativo*: Coberturas especiais, Perfil, Biografia, Documentário radiofônico, Enquete, Divulgação técnico-científica; *Utilitário*: Indicador, Previsão do tempo, Trânsito, Roteiro, Cotação, Serviço/utilidade pública, Necrologia; *Diversional*: Feature radiofônico, Fait divers, História de vida.

4 DINÂMICAS METODOLÓGICAS

A metodologia é um processo que vai sendo elaborado constantemente durante a pesquisa, uma construção decorrente de seus objetivos e especificidades, um desenvolvimento contínuo de estratégias e lógicas que permitem que o pesquisador se acerque daquilo que está investigando. Ainda, admite-se que os métodos não são fixos, mas se modificam e se adaptam de acordo com os objetos, aplicando-se às problemáticas analisadas. Cada investigação aponta para demandas específicas, solicita certos instrumentos técnicos de observação, registro, experimentação, teste e sistematização de informações, segundo a sua problemática. A partir dos objetivos definidos na presente pesquisa, observou-se como necessário um percurso metodológico com abordagens variadas e que contemplassem as diferentes instâncias analisadas (representações sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé a partir das falas dos profissionais e dos produtos que elaboram – as matérias informativas do jornal impresso *Folha de São Borja* e dos programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades*). Assim, foram desenvolvidas processualidades metodológicas próprias, fundamentadas em autores de referência e segundo as necessidades do problema/objeto de pesquisa.

4.1 PESQUISA QUALITATIVA, ESCOLHA E COMPREENSÃO DO MÉTODO

Inicialmente, convém mencionar que a pesquisa entende a relevância de desenvolver movimentos desestabilizantes, que tirem o pesquisador de zonas de conforto e da segurança estabelecida pelo senso comum, aproximando-o dos critérios formais do rigor científico, que garante a validade de uma pesquisa social. Isso não significa conduzir a investigação, por exemplo, com a rigidez de receituários pré-estabelecidos, procedimentos metodológicos baseados em um passo-a-passo engessado. A pesquisa precisa ter liberdade para ser criada e reconfigurada conforme as solicitações advindas do objeto e dos objetivos.

Assim, os procedimentos empreendidos na elaboração investigativa se baseiam na atividade do “artesão intelectual”, indicada por Mills (1975, p. 212), e buscam introduzir estratégias e reflexões adotadas pela pesquisadora em contato com a investigação. A proposta sugere utilizar vários pontos de vista, desenvolver e usar a imaginação sociológica, na elaboração dos caminhos metodológicos. Ainda, relaciona as dinâmicas dos produtos intelectuais com aquelas da vida diária, das experiências do sujeito pesquisador, entendendo que as duas dimensões ocorrem de modo paralelo e se auxiliam mutuamente.

Nessa direção, a pesquisa identifica a relevância de uma abordagem em diálogo com o viés transmetodológico (MALDONADO, 2012; 2013), que também considera as relações entre pesquisador e pesquisa, colocando as dimensões do ser humano, da vida, da sociedade, das transformações do mundo, da participação, do compromisso ético, como problemáticas centrais, e a investigação como atividade constante e cotidiana do aprendizado humano.

A transmetodologia define-se como uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de *confluências* e *confrontações* entre vários métodos, realizando processos de atravessamento lógico, desconstrução estrutural, reconstrução de estratégias e problematizações redefinidas, em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado. Nutre-se de conhecimentos transdisciplinares, na dimensão teórica, e promove estratégias de exploração, experimentação e reformulação metodológicas (MALDONADO, 2012, p. 31).

As reflexões também se vinculam à afirmação de Bonin (2011, p. 29), de que “a metodologia pode ser pensada como dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis; como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que dão feição ao objeto do conhecimento”, a partir de lógicas próprias, construídas para cada problema/objeto. Nessas processualidades, é fundamental considerar os diferentes âmbitos das práticas de pesquisas, com articulações que contemplem a teórica, metodológica, da pesquisa, de contextualização e exploratória.

Aproximando-se da abordagem empreendida por Thompson (1995), a presente proposta vislumbra a necessidade de considerar os contextos em que os objetos e os participantes da pesquisa estão inseridos e de pensar a comunicação de forma processual¹¹. Nesse sentido, considera-se fundamental atentar a todas as instâncias envolvidas na dinâmica comunicacional, desde a produção jornalística e os produtos informativos, passando pelos sujeitos que desenvolvem tais elaborações e suas práticas e constituições socioculturais.

Entende-se a importância da pesquisa de contextualização a partir de uma imersão inventiva, como “processo de reflexão, aprofundamento, sistematização e exposição que dá *valor sócio-histórico e científico* aos projetos” (MALDONADO, 2011, p. 280, grifos do autor). A etapa deve ser aceita como constituinte da pesquisa, incluindo a multiplicidade de contextos disponíveis e que interessem ao entendimento investigativo, colocando o problema/objeto como articulador dos demais contextos e evidenciando os elementos comunicacionais e midiáticos, que são a especificidade da área.

¹¹ Apesar de admitir a relevância de considerar o processo como um todo, a pesquisa não teve a pretensão de investigar a recepção dos produtos, mas sim, de focar na análise das elaborações que os três meios de comunicação selecionados transmitem.

As observações precisam abranger as conformações da sociedade, seus interesses, lógicas, características, entre outros aspectos. Para tanto, foi empreendida uma coleta de dados com vistas a apreender a realidade das cidades-gêmeas investigadas. A dinâmica buscou localizar materiais de arquivos, acervos públicos e privados, pesquisa documental (MOREIRA, 2011), coberturas jornalísticas sobre a região investigada, mapeando elementos históricos, culturais, políticos, sociais, econômicos, que auxiliassem na apreensão do cenário investigado. Nessa direção, também se mostrou relevante ouvir os agentes que estabelecem as práticas comunicacionais no outro lado da fronteira, em Santo Tomé, para discutir, descrever e interpretar o contexto da pesquisa de modo mais completo e denso.

As elaborações da pesquisa trazem, ainda, indícios da proposta do Estudo de Caso (YIN, 2015), em virtude da abrangência das estratégias metodológicas e dos movimentos de aproximação com o fenômeno concreto, tendo em vista múltiplas fontes de evidência, como entrada no campo, observação empírica, entrevistas, descrição e análises sistemáticas. Para Howard Becker (1994, p. 118), essa perspectiva, geralmente, tem um propósito duplo: “Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo [...] Ao mesmo tempo, o estudo de caso também tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais”. Admite-se esse arranjo na investigação, também, a partir do contato com trabalhos anteriores, considerando as características que englobam outras realidades fronteiriças e as singularidades do contexto limítrofe analisado.

Barros e Junqueira (2011) afirmam que fatos não existiriam por si mesmos, mas apenas a partir da observação dos sujeitos, e que esse movimento de observar e perceber o mundo é orientado a partir de teorias (científicas ou não). São elas que classificam, ordenam e produzem o que se costuma chamar de fatos ou de realidade. Os autores explicam que “o mundo não é imediatamente apreensível sem que o ser humano se valha de algum instrumento para percebê-lo, interpretá-lo e avaliá-lo. E ele o faz sempre a partir de um determinado contexto” (BARROS; JUNQUEIRA, 2011, p. 34). Desde o início de uma pesquisa, quando são definidos os objetivos, o *corpus*, os objetos empíricos, há uma série de escolhas e tomadas de posição, por parte do pesquisador, que estão relacionadas a distintos percursos, e são decisões carregadas de interesses e finalidades – científicas, mas também pessoais.

A compreensão da realidade, dos fenômenos que ocorrem, é configurada a partir de um conjunto de esquemas e representações que orientam a percepção, interpretação e avaliação de quem observa um determinado contexto (social, cultural, econômico, político, entre outros).

Esses conjuntos de representações são o que, entre outras coisas, constitui o que se pode chamar “teoria”. Essa teoria não precisa ser necessariamente científica, afinal, o senso comum também é provido de conjuntos de esquemas interpretativos da assim dita realidade. Embora não estejamos acostumados a pensar o senso comum enquanto um arsenal de teorias, elas, à sua maneira também estão lá. Afinal, o senso comum é dotado de conjuntos (ainda que não sistematizados) de representações e de esquemas interpretativos da realidade. Tais conjuntos são, entre outras coisas, constituídos de crenças sobre a concatenação de causas e efeitos (ou seja, de espécies de “modelos explicativos” não científicos) relativos aos eventos humanos, naturais e sobrenaturais” (BARROS; JUNQUEIRA, 2011, p. 33).

Nessa direção, convém referir que a presente investigação não pretendeu refutar o conhecimento advindo do senso comum. Pelo contrário, entende a importância da confluência de saberes para alcançar uma compreensão mais completa e complexa dos fatos, da concretude dos objetos. Segundo Maldonado (2013, p. 42, grifos do autor), “a *ruptura com o senso comum* não pode confundir-se com uma *ruptura com os bons sentidos*”. Vislumbra-se uma relação profícua entre os diferentes conhecimentos com aqueles resultantes dos campos científico e acadêmico. Tais inferências se concretizam na pesquisa por meio das entrevistas e dos relatos de experiências dos sujeitos participantes. Por mais que essas pessoas nem sempre tenham dados científicos, sistematizados a partir de teorias e metodologias acadêmicas, suas vivências diárias do contexto fronteiriço, o fato de estarem em contato com a realidade de duas nações distintas, dão suporte e condições para validar esses saberes que possuem.

No que tange à produção do conhecimento, convém ter clareza da existência de uma série de forças e fatores interferindo, influenciando, no modo como ocorrem esses processos.

Uma coisa é certa: não podemos definir de modo “neutro” e “objetivo” o que vem a ser “a ciência”. Se, por um lado, ela é uma pesquisa metódica do saber, por outro, podemos considerá-la como uma maneira de interpretar o mundo. Na realidade, porém, podemos considerá-la como uma *instituição*, com suas academias, seus grupos de pressão e seu ritual próprio. E seria verdadeiro dizer que ela se torna cada vez mais um *métier* (JAPIASSU, 1991, p. 145, grifos do autor).

Importa ter a compreensão de que, mesmo os objetos de pesquisa são construídos no âmbito das relações sociais e atravessados por elas, a partir da perspectiva teórica adotada e do contexto no qual é empregada. As teorias científicas são desenvolvidas com base em/e atravessadas por diferentes cenários, que transcendem o campo acadêmico e científico, nos quais existem tensionamentos, embates, diferentes visões de mundo, posições e decisões que estão vinculadas, por exemplo, a relações de poder.

Quando o pesquisador está em contato com a sua investigação, além do olhar científico, de analista crítico da realidade, também estão presentes suas experiências cotidianas, relacionadas a diferentes compreensões de mundo, e não há como isolar essas

vivências no momento em que interpreta os fatos. No caso da investigação que se apresenta, não haveria como a pesquisadora estar isenta de sua trajetória como público, leitora, telespectadora, fruidora, sujeita interessada em temáticas fronteiriças, e afetada por inúmeras mediações que a atravessam de múltiplas formas. Por isso é fundamental manter a vigilância epistemológica, buscar o rigor científico (BACHELARD, 1981), o que não significa rigidez, mas sim a manutenção de um fazer científico consciente e cuidadoso.

No processo investigativo, a pesquisadora buscou se manter atenta à necessidade constante de autoavaliação e de deslocamentos dos papéis que ocupa na sociedade de modo geral – mencionados no parágrafo anterior. E, ainda, à imprescindibilidade de fundamentar a pesquisa e seus procedimentos em autores e obras de referência, com o intuito de minimizar distorções, interferências e deslizes pessoais na realização do trabalho.

De modo simplificado, podemos afirmar que as teorias são como prismas através dos quais o observador olha e procura enxergar, reconhecer e interpretar o mundo. Mas o que ele vê e como ele vê dependem do prisma e do contexto no qual ele, observador, encontra-se situado. Pois esse contexto é constitutivo da leitura de mundo que será feita, pois incide nas capacidades e possibilidades de observador se valer (adequadamente ou não) dos instrumentos interpretativos e valorativos oferecidos pelo prisma utilizado, na composição e recomposição desse prisma e, enfim, na relação deste último com outros esquemas e maneiras de perceber e avaliar (BARROS; JUNQUEIRA, 2011, p. 33).

Os autores falam sobre a necessidade de a pesquisa social construir o objeto, e construir seus dados. A realidade social fornece dados pré-construídos, é necessário que o pesquisador os desconstrua e estabeleça movimentos de interpretação e de uma aproximação com uma problemática científica.

Nessa perspectiva, também Bachelard (1981) sinaliza que os dados não falam por si mesmos, o fato científico precisa ser conquistado, construído e constatado, não se pode selecionar um objeto e aceitá-lo como pronto. Esses movimentos de ruptura com o objeto imediato, de problematização e constituição do objeto empírico, são intrínsecos a qualquer percurso investigativo e auxiliam o pesquisador a ter uma postura de objetividade científica frente à realidade que está sendo analisada e interpretada. Nesses processos é que os saberes se constroem.

O objeto empírico é um constructo científico, um resultado, não um *a priori*; precisa da *mediação do pensamento*, da inserção dele na lógica interna, na estrutura, na dinâmica, no conteúdo profundo e no movimento integral da sua processualidade. Os vínculos entre saber teórico e riqueza do empírico expressam-se de modo forte na fase de *descrição do empírico*, descrição sistemática que precisa de uma *práxis teórica* previa e simultânea (MALDONADO, 2013, p. 44, grifos do autor).

Com relação ao objeto empírico dessa pesquisa, cabe relatar que os primeiros contatos e algumas manifestações de interesse exploratório aconteceram ainda antes de ingressar no Doutorado, nos anos de 2012 e 2013. Por meio de aproximações com a realidade limítrofe de São Borja, foi possível mapear indícios e verificar impressões preliminares quanto às representações sobre as fronteiras internacionais, a partir de um cenário de estudantes do curso de Jornalismo da Unipampa (STRASSBURGER, 2015). Naquele período, as reflexões trouxeram contribuições interessantes para a elaboração de novas indagações, apesar de a proposta ser muito distinta da que está sendo apresentada agora. Importa ressaltar que as dinâmicas exploratórias e de entrada no campo eram estabelecidas em diálogo com as teorias, em movimentos concomitantes de tensionamento e construção.

Especialmente no caso das Ciências Sociais e Humanas, os objetos não são inertes, mas estão em constante alteração, apresentam dinamicidade e solicitam processualidades ativas. Nesse sentido, é importante considerar que estão sujeitos a interferências internas e externas, como a presença do pesquisador que, em determinados cenários, pode produzir alterações no contexto observado. Em consonância com o que é apresentado no texto dos próximos subcapítulos, a realização das entrevistas serve para ilustrar tal afirmação, pois a presença da pesquisadora poderia fazer com que os entrevistados ficassem constrangidos, respondessem o que imaginavam que seria o certo e/ou o que pensavam que a entrevistadora esperava que dissessem.

Apesar de compreender que as processualidades da pesquisa não são estanques, nem claramente delimitadas, mas ocorrem de modo paralelo no decorrer das atividades do pesquisador, na sequência, as dinâmicas foram divididas e planejadas, buscando a clareza das informações. Dessa maneira, pode-se compreender que a investigação foi desenvolvida, basicamente, a partir de quatro etapas, realizadas não necessariamente nessa ordem, mas concomitantemente, em algumas situações: a) estado da arte, b) coleta de produtos midiáticos, c) realização das entrevistas, d) interpretação dos dados por meio da Análise de Conteúdo. As etapas b e c foram realizadas durante os movimentos de entrada no campo, empreendidos em diferentes períodos, nos últimos quatro anos, e que também resultaram em dados exploratórios e materiais para a contextualização e o entendimento da pesquisadora acerca da realidade investigada.

4.2 ESTADO DA ARTE: AS PESQUISAS SOBRE AS FRONTEIRAS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

O presente subcapítulo busca elucidar as dinâmicas metodológicas de resgate de teses e dissertações brasileiras, desenvolvidas sobre as fronteiras internacionais entre Brasil e Argentina, nos programas de pós-graduação em Ciências da Comunicação. Para tanto, problematiza a importância da construção de investigações ancoradas em aportes científicos que já foram produzidos e a necessidade de entradas simultâneas na teoria e na empiria. O Estado da Arte contemplou pesquisa bibliográfica em repositórios digitais das universidades e observação inicial de vinte e cinco trabalhos coletados (dez teses e quinze dissertações), tendo em vista os objetivos da pesquisa.

A busca considerou as pesquisas desenvolvidas entre 2000 e 2015, e disponíveis nos repositórios digitais das universidades. Ainda, acrescentou uma dissertação de 2017, com a qual se teve contato após a coleta do Estado da Arte, em virtude de ter relação direta com o cenário investigado, quer seja, a fronteira de São Borja e Santo Tomé. Nos trabalhos, atentou-se, principalmente, à abordagem dos assuntos, aos objetos empíricos elegidos, ao contexto espaço-temporal, e aos principais enfoques e referenciais teórico-metodológicos adotados. Após a sistematização dos materiais, restaram sete produções com abordagem direta acerca dos contextos limítrofes de Brasil e Argentina. São elas as teses de Müller (2003), Raddatz (2009) e Brandalise (2011), e as dissertações de Oliveira (2005), Zamin (2008), Grimberg (2014) e Nazário (2017).

Importa destacar que os procedimentos metodológicos empreendidos para o mapeamento e coleta desse Estado da Arte foram realizados, simultaneamente, à participação nas atividades dos projetos “Unbral Fronteiras – Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Fronteiras e Limites”¹², coordenado pela professora doutora Adriana Dorfman (POSGEA/UFRGS), e “Mídia e Fronteiras – Cartografia dos Estudos no Brasil”, coordenado pela professora doutora Karla Maria Müller (PPGCOM/UFRGS). A experiência de atuar nos referidos projetos foi fundamental para a construção do referencial teórico-metodológico que vem sendo explicitado ao longo desse texto, devido ao contato com publicações de excelência, em variados campos do conhecimento, no âmbito das investigações sobre as fronteiras do Brasil. Ainda, por ter integrado as diferentes etapas de

¹² Disponível em: <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/site/>. Acesso em: 18 ago. 2016.

desenvolvimento das propostas investigativas, desde os primeiros registros de materiais, até a sistematização e análise de dados.

O artigo de Müller et al (2017b) contribuiu com o desenvolvimento do Estado da Arte ao indicar os principais conceitos e autores acionados pelas pesquisas brasileiras, em Ciências da Comunicação, que abordam as temáticas Mídia e Fronteiras, no período de 2000 a 2015. O objetivo foi mapear teses e dissertações que contemplam as temáticas e registrar os enfoques teóricos que costumam aparecer, bem como a frequência e intensidade das referências. Assim, pode-se estabelecer um diálogo profícuo entre a publicação e o resgate que estava sendo concluído para a presente investigação.

A reflexão entende que, em alguma medida, pelo viés do impacto social e da atualidade, as temáticas que circulam nas investigações acadêmicas refletem interesses e anseios das sociedades nas quais a ciência é desenvolvida. Nessa perspectiva, acredita ser fundamental observar o modo como as produções estão abordando as regiões limítrofes e quais atravessamentos são trazidos no que tange a esses cenários. Partindo de tais percepções, desenha elementos para pensar a conformação da Ciência, no âmbito comunicacional brasileiro, e acerca das relações com o país vizinho.

Stumpf (2011, p. 54) explica que a pesquisa bibliográfica seria “um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa”. Os procedimentos de revisão de literatura devem integrar qualquer pesquisa científica, e são atividades constantes no decorrer do trabalho acadêmico, começando com a formulação do problema/objeto e perpassando etapas até chegar na análise dos resultados.

Uma possibilidade de roteiro para a pesquisa bibliográfica, indicada por Gil (2002), traz itens como escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto, redação do texto. Ao trazer a sugestão, o autor deixa claro que não se trata de um formato rígido e definitivo, mas sim, de uma proposta de encaminhamento para esse tipo de atividade, dependendo de fatores como o problema de pesquisa, o conhecimento do pesquisador sobre o tema, os objetivos, entre outros.

Em concordância, entende-se que, apesar de haver uma série de etapas que devem ser instituídas para um Estado da Arte mais eficaz, não há um modelo pré-estabelecido para empreender tais movimentos, as processualidades são variáveis e constantes. Isso se evidencia no contato com diferentes obras, pela elaboração reflexiva que varia de um autor para o outro.

No que diz respeito aos critérios de seleção, a primeira escolha foi a busca por teses e dissertações elaboradas em PPG's filiados à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)¹³. O levantamento foi realizado para o projeto “Mídia e Fronteiras” e contou com a participação de colegas de grupo. A coleta inicial utilizou a palavra “fronteira” e a referência à comunicação midiática nos títulos, resumos e palavras-chave das teses e dissertações inseridas nas páginas dos programas e/ou bancos de dados das universidades. Nesse momento de busca comum, teve-se um retorno de vinte e quatro trabalhos, catorze dissertações e dez teses. Após, os documentos foram consultados pela pesquisadora no intuito de conferir quais se referiam a regiões limítrofes entre Brasil e Argentina, devido ao foco da investigação.

As atividades metodológicas empreendidas registraram três teses e quatro dissertações de cinco universidades e programas de pós-graduação diferentes. Cada um desses trabalhos trouxe determinadas contribuições para o desenvolvimento da presente pesquisa, conforme é explicitado, brevemente e em linhas gerais, na sequência do texto. Antes, importa registrar que a dissertação de Raddatz (2000) também abordou temáticas concernentes aos contextos limítrofes, pela inserção de rádios de fronteira do Brasil com Argentina e Uruguai, discutindo as práticas desse veículo de comunicação no processo de integração do Mercosul, com papel fundamental no estímulo às relações regionais. Todavia, a publicação não pôde ser acessada pela pesquisa, em virtude de não estar disponível no repositório da Universidade, nem ter sido localizada na íntegra no ambiente digital.

Em ordem cronológica, a primeira investigação publicada foi a tese de Müller (2003)¹⁴ que, a partir dos cenários de Santana do Livramento-Rivera e Uruguiana-Paso de Los Libres, discute as fronteiras geopolíticas, a oscilação do local ao internacional, a cultura e identidade fronteiriças, as características do sujeito do lugar, os processos comunicacionais e as práticas sociais a partir da mídia local. A autora utilizou a Hermenêutica de Profundidade, de John B. Thompson (1995), como fundamentação metodológica para se aproximar do contexto e apreender aspectos da realidade investigada. A pesquisa, além de auxiliar com referências bibliográficas importantes, demonstra a necessidade de considerar a amplitude e complexidade dos cenários que estão sendo problematizados. Também, indica elementos importantes dessa relação de convivência ambígua entre os vizinhos fronteiriços, na qual o

¹³ Fundada em 16 junho de 1991, atualmente, congrega 49 programas de todas as regiões do país. Disponível em: <http://compos.org.br/programas.php>. Acesso em: 05 fev. 2018.

¹⁴ Versão digital do texto disponível em: <http://www.midiaefronteira.com.br/>. Acesso em: 13 nov. 2017.

“eu” e o “outro” estão em permanente negociação, com momentos de intensa irmandade e outros de sentimentos estremecidos.

Na sequência, a dissertação “Mídia impressa na tríplice fronteira: estudo do jornal local A Gazeta do Iguaçu”, de Monica Resende de Oliveira (2005), auxiliou a partir das reflexões sobre a comunicação local em área de fronteira, o jornalismo interiorano e as dificuldades e limitações que apresentam – mesmo que a realidade observada fosse distinta, no caso, a região limítrofe de Foz do Iguaçu, no Paraná. A pesquisa também buscou as incidências de notícias sobre a fronteira nas publicações investigadas, observou as características dos veículos, de seu relacionamento com as comunidades, e mediu níveis de participação, comprometimento e influência na política do município. Teve relevância, ainda, o fato de utilizar Análise de Conteúdo como perspectiva metodológica, utilizando elementos quantitativos, como a medida das notícias em centímetros – apesar de não ser a proposta da presente tese, que prioriza o âmbito qualitativo da AC, foi interessante observar outros procedimentos e técnicas para analisar as fronteiras.

Ângela Zamin (2008) apresentou sua dissertação, “A discursivização do local-fronteira no jornalismo: estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias”, tendo como objeto dois programas jornalísticos. A pesquisa investigou o funcionamento do jornalismo no rádio comunitário, pensando como o local é discursivizado por esse jornalismo e considerando esse local como um local-fronteira em suas implicações. A intensa retomada que a autora faz de teorias e percursos do rádio no Brasil, e de discussões sobre o jornalismo propriamente, foram muito válidas para a compreensão dos conceitos e a busca por autores que pudessem servir de referência para a construção teórica da pesquisa. Também, a maneira como organizou a estrutura metodológica, com as sequências discursivas articulando as falas dos locutores e as considerações da pesquisa sobre os temas e a forma de abordagem.

A tese “Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global”, de Vera Lucia Spacil Raddatz (2009), trouxe reflexões sobre o modo como as práticas socioculturais de regiões limítrofes eram representadas na programação radiofônica em circulação nesses espaços. A pesquisa foi realizada com quatro emissoras de rádios FM, que estavam na web, situadas em cidades fronteiriças de diferentes regiões e países (incluindo Uruguaiana-Paso de Los Libres). Os principais aportes vislumbrados na pesquisa se referem à profundidade da discussão sobre as fronteiras e os conceitos apresentados em relação a ela – tanto ligados aos processos comunicacionais quanto às práticas sociais e culturais dos sujeitos. A partir da leitura, surgiram vários indicativos para serem observados, como a questão do idioma e a presença da rádio na internet, e ideias de organização para análise do material radiofônico.

Em 2011, Roberta Brandalise concluiu sua tese “A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai: um estudo sobre como as representações televisivas participam da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço”. Sob certo aspecto, tanto se pensarmos pelo âmbito da análise dos meios de comunicação quanto pela definição dos contextos, as pesquisas têm objetos distintos. De acordo com o título, a investigação tinha como foco as representações televisivas em contextos fronteiriços do Brasil com Paraguai, Argentina e Uruguai, a partir de Foz do Iguaçu-Ciudad del Este, Uruguaiana-Paso de Los Libres e Santana do Livramento-Rivera. Todavia, a riqueza de detalhes e informações extraídas do trabalho de campo empreendido pela autora, e o modo claro e elucidativo de trazer esses dados para o texto, chamaram a atenção e serviram como base para o desenvolvimento dos resultados – principalmente, para descrever as entrevistas e observações realizadas em São Borja e Santo Tomé.

A dissertação de Daniela de Seixas Grimberg, intitulada “Territorialidades da imprensa: estudo da noticiabilidade sobre as fronteiras sul-rio-grandenses em veículos de diferentes escalas de circulação”, foi apresentada em 2014. Relacionando Comunicação e Geografia, a autora trabalha com o conceito de escala de circulação, e analisa veículos jornalísticos de diferentes abrangências: local, regional e nacional. O foco se coloca na noticiabilidade das fronteiras do Rio Grande do Sul, com Argentina e Uruguai. As principais contribuições dizem respeito à utilização de AC, com emprego de ficha de análise, e aos resultados que auxiliaram na problematização de elementos da realidade fronteiriça, com destaque para os resultados referentes à divisa Brasil-Argentina.

Por fim, a última pesquisa considerada foi a de Nazário (2017), “Notícias da travessia: o status fronteiriço nos jornais Folha de São Borja (BR) e Unión (AR)”, incluída após a coleta inicial, por abordar a mesma realidade fronteiriça que a presente investigação. O trabalho tem o mérito de ser o primeiro localizado, no campo da Comunicação, que considera o cenário de São Borja e Santo Tomé, fazendo uma análise histórica de dois periódicos locais, a partir de momentos importantes para as cidades – e, inclusive, para Brasil e Argentina de maneira geral. Os períodos definidos fazem referência às mudanças na forma de travessia do rio Uruguai, com a abertura dos portos para importação e exportação, e a construção e inauguração da Ponte Internacional da Integração, em 1982 e 1997, respectivamente. O autor também fundamenta seu percurso metodológico na AC, considerando como materiais elaborações jornalísticas e entrevistas com os editores dos jornais analisados. Além de trazer elementos importantes para pensar o contexto, a dissertação indicou aspectos fundamentais de serem considerados na presente pesquisa. Foi possível perceber que, determinadas situações,

referentes à postura dos meios de comunicação frente à integração das duas cidades, foram mantidas, mesmo com o passar do tempo.

Mesmo que a última pesquisa traga uma perspectiva histórica, pode-se observar uma predominância de abordagens contemporâneas, focadas no jornalismo, em seus fazeres, coberturas e características. Dentre os objetos empíricos, tem-se rádio, televisão, jornais impressos e digitais, da Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai (a partir da realidade brasileira em Foz do Iguaçu), Uruguaiana-Paso de Los Libres e, em um dos casos, São Borja-Santo Tomé. No que se refere ao âmbito metodológico, apareceram Análise de Discurso, Análise de Conteúdo, Estudo de Caso, Etnometodologia e Hermenêutica da Profundidade – alguns trabalhos combinando mais de uma técnica. Pensando a constituição das Ciências da Comunicação, de modo específico, pode-se referir à amplitude de abordagens e assuntos pesquisados, bem como a relevância e atualidade dos objetos, trazendo contribuições expressivas ao Campo. Outra observação importante se refere à necessidade de as pesquisas utilizarem diferentes técnicas e abordagens múltiplas, para dar conta de apreender um universo tão diverso, multicultural e interdisciplinar como é a fronteira.

Somado a isso, importa explicitar que o mapeamento permitiu observar que há outros trabalhos que abordam as relações entre Brasil e Argentina, mas nos quais o enfoque aparece considerando espaços que não são os fronteiriços. Também, possibilitou o contato com estudos que tangenciam as temáticas de comunicação e fronteiras, trazendo questões sobre América Latina, Mercosul, integração regional, migração, etc..

Ao realizar a pesquisa bibliográfica, teve-se a pretensão de fundamentar as buscas em bases reflexivas coerentes com os movimentos empíricos empreendidos, ampliando as referências que estavam sendo utilizadas. Por meio dessa dinâmica metodológica, foi possível o contato com diferentes olhares, modos variados de analisar as fronteiras. Os exemplos de emprego de metodologias, principalmente, com uso de AC, e o contato com as reflexões e obras acionadas pelos autores contribuíram no sentido de auxiliar nas aproximações com o contexto investigado e no aprofundamento teórico-metodológico que a pesquisa exige.

4.3 ENTRADA NO CAMPO: COLETA DE PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS

Em virtude dos objetivos da pesquisa, foi necessário estabelecer movimentos variados de entrada no campo e de aproximação com o objeto empírico. Com vistas a uma explicação mais elucidativa, tais procedimentos são descritos separadamente, neste subcapítulo e no

próximo. Ambos se referem à coleta de informações, das produções veiculadas pelo jornal impresso e pelas emissoras radiofônicas analisadas, e dos relatos dos profissionais que atuam nesses meios, respectivamente. Contudo, importa ressaltar que esses percursos metodológicos são compreendidos como dinâmicas imbricadas e em diálogo constante com as teorias que fundamentam a presente pesquisa (BONIN, 2011; MALDONADO, 2011).

A imersão no cenário investigado foi pensada a partir de elementos indicados por Gil (2002), no que se refere ao estudo de campo – apesar de a pesquisa aceitar que há diferenças entre os procedimentos. Observa-se que as dinâmicas propostas pelo autor demandam um nível expressivo de profundidade e engajamento do pesquisador. Com relação ao que foi desenvolvido no processo investigativo que está sendo explicitado, não houve um ingresso tão penetrante e minucioso no cenário empírico – fronteiriço e midiático. Isso porque o objetivo não se voltava a compreender uma comunidade como um todo, ou observar seus comportamentos tais como ocorriam, mas sim entender questões pontuais no que tange ao contato com as mídias, sua produção e os profissionais que atuam nos meios de comunicação em âmbito local.

O percurso de aproximação com a realidade concreta apresenta mobilidade, no sentido de se poder realizar mesmo que os objetivos sejam reformulados no decorrer da pesquisa. Em geral, a atenção se volta a um determinado espaço e o contato com o empírico busca aprofundar questões que foram suscitadas a partir de dados anteriores. Há situações em que os fenômenos existentes são de conhecimento superficial do pesquisador e/ou interessa confrontar indagações de pesquisa com informações prévias. Determinadas incógnitas que só são possíveis de serem desvendadas por meio dessa entrada nos contextos. Para tanto, foram realizadas incursões nas cidades-gêmeas e visitas aos veículos de comunicação investigados, com ênfase em procedimentos e observações que dessem conta da realidade de São Borja, mas permitissem um olhar para o conjunto das experiências e configurações dessa fronteira.

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado (GIL, 2002, p. 53).

Mesmo concordando com as colocações do autor sobre a importância de adentrar, verdadeiramente, os lugares e as vivências dos sujeitos, sabe-se das limitações de qualquer processo investigativo, como constrangimentos de tempo e escassez de orçamento. Importa

ênfatizar que, em nenhum momento, houve a pretensão de realizar procedimentos de observação direta das atividades dos profissionais entrevistados ou dos grupos a que fazem parte. Desde os primeiros movimentos de entrada no campo, a finalidade se voltava à captação de elaborações jornalísticas, relatos dos participantes, explicações e interpretações acerca do que ocorre nas cidades fronteiriças, com ênfase nas representações da região limítrofe e das identidades relacionadas a ela.

Observa-se que a opção pela entrada no campo traz contribuições significativas à investigação. Gil (2002) explica que os resultados tendem a ser mais fidedignos porque o estudo é empreendido no próprio local em que ocorrem os fenômenos. Ainda, devido à intensa participação do pesquisador, aumenta a probabilidade de os sujeitos darem retornos e apresentarem respostas mais confiáveis.

As reflexões do autor puderam ser vivenciadas no itinerário do campo de múltiplas formas, por exemplo, pela indicação de nomes e pela sugestão de materiais acadêmicos que poderiam contribuir com dados para a pesquisa. Foram informações variadas, essencialmente, para compreender a história e o contexto local, a partir de livros, fontes orais, como artistas, escritores e moradores são-borjenses, Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores e entidades ligadas a elas, artigos científicos e produções acadêmicas oriundas de estudantes e professores da Unipampa, etc..

Conforme mencionado, a coleta de material aconteceu, basicamente, em duas fases distintas – que não significaram apenas dois movimentos até a fronteira, mas sim, deslocamentos ordenados em diversas oportunidades, incluindo pesquisa em acervos locais, visitas às emissoras e ao jornal, acompanhamento da transmissão de programas radiofônicos, diálogos com moradores buscando ampliar a compreensão dos contextos, entre outras. A etapa mais recente corresponde à realização das entrevistas que seriam utilizadas para a análise, e correspondeu a uma semana de atividades na fronteira entre São Borja e Santo Tomé. Alguns contatos foram estabelecidos antes de a pesquisadora chegar nas cidades, garantindo, antecipadamente, a participação de sujeitos e também, no caso da coleta de produtos midiáticos, a separação e reserva desse material. Outros ocorreram sem agendamento prévio. Foi o caso dos diálogos informais com os argentinos, acerca dos quais, até aquele momento, não se tinha qualquer referência.

A ascensão sistematizada ao campo, por parte da pesquisadora, foi empreendida, inicialmente, para desenvolver a pesquisa exploratória (MÜLLER; STRASSBURGER, 2016) e, na sequência, para buscar os programas radiofônicos que seriam analisados. Considerando as indicações de Bonin (2011), com o intuito de perceber os contornos, especificidades e

singularidades do fenômeno concreto, foram desenvolvidos procedimentos variados de aproximação com o empírico, segundo os objetivos da pesquisa e as necessidades acionadas pelo objeto. A eleição dos programas, inclusive, surgiu a partir das aproximações iniciais com as emissoras e os profissionais. Quando a pesquisadora explicou que estava acompanhando as rádios e buscando programas matinais, de notícias e conteúdo informativo, eles próprios sinalizaram que o *Gente é Notícia* e o *Atualidades* seriam os principais.

Em virtude do Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT), que exige a manutenção das gravações dos programas por trinta dias depois de transmitidos, no início dos meses de janeiro, fevereiro e março, a pesquisadora fez incursões na cidade de São Borja com a finalidade de recolher os arquivos digitais (do mês imediatamente anterior ao que estava em andamento na ocasião) que a equipe técnica da *Cultura AM* e *Fronteira FM* mantinham. Já para fazer o registro das edições do jornal impresso, que constariam como *corpus*, optou-se pela assinatura semestral da *Folha de São Borja*. Assim, semanalmente, a publicação era encaminhada, por correio, para a pesquisadora, dispensando a necessidade de consulta ao acervo físico, junto à sede do periódico. A definição dos veículos se deu por serem os mais antigos na cidade e possuírem uma história junto ao local investigado.

No que concerne à delimitação temporal da pesquisa, uma primeira indicação da relevância dos meses escolhidos surgiu do livro *Hermanos, pero no mucho* (2004), que analisou o discurso jornalístico acerca dos turistas argentinos, nos periódicos regionais *Zero Hora*, *Correio do Povo* e *Diário Catarinense*, em janeiro e fevereiro de 2001, por ser a alta temporada de turismo do verão. Em linhas gerais, a obra discute a abordagem das publicações quanto às relações de fraternidade e rivalidade entre brasileiros e argentinos, pelo contexto das viagens e férias no litoral. Somado a isso, alguns resultados do movimento exploratório, empreendido em São Borja, durante 2016, assinalaram a importância de incluir o mês de dezembro nas análises, devido à expectativa de entrada de argentinos na cidade, para realizar compras de Natal, Ano Novo e retorno letivo (aquisição de material escolar), em virtude de o câmbio estar favorável às compras dos vizinhos no Brasil.

Partindo dessa seleção, compõe a pesquisa quinze edições do jornal impresso *Folha de São Borja*¹⁵, totalizando 496 páginas de material bruto para as análises. Os cadernos que acompanham a publicação, normalmente ou em ocasiões especiais, também foram incluídos.

Com relação ao *corpus* do programa *Gente é Notícia*¹⁶, da Rádio Cultura AM, foram elencadas para a escuta 56 edições, de aproximadamente uma hora e meia cada, totalizando

¹⁵ A lista com as edições está disponível no “APÊNDICE A – Edições do jornal *Folha de São Borja*”.

¹⁶ As datas dos programas estão disponíveis no “APÊNDICE B – Programas selecionados – *Gente é Notícia*”.

cerca de 84 horas de gravação. Importa assinalar que, para as análises, não foi considerado o conteúdo do Correspondente Ipiranga, da Rádio Gaúcha, produzido e divulgado a partir de parcerias com a Rede Gaúcha SAT. A definição se deve aos objetivos da pesquisa priorizarem as elaborações jornalísticas do local de fronteira.

No caso do *Atualidades*¹⁷, programa da Rádio Fronteira FM, observa-se um *corpus* semelhante, também são analisadas 56 edições, cada uma com mais ou menos uma hora e trinta minutos, sendo um total aproximado de 84 horas de gravação. Logo na primeira escuta, o espaço comercial foi, completamente, excluído dos dados de análise, por não ter relevância diante dos objetivos propostos.

Com o intuito de criar uma uniformidade entre os materiais de análise, a investigação utiliza o conceito de “unidade informativa”¹⁸ (LORITE, 2009), a partir de uma releitura da proposta inicial. Tendo em vista que foram selecionadas elaborações das mídias impressa e radiofônica, a partir da integração dos produtos jornalísticos analisados, a adaptação pretende minimizar a problemática de suas especificidades. Desse modo, no caso da presente pesquisa, são consideradas unidades informativas as produções com enfoque informativo e abordagens que incluam, de forma direta ou indireta, temáticas sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé.

Nesse sentido, um aspecto que importa referir, quanto à adequação do conceito, diz respeito à compreensão da unidade informativa como dupla possibilidade. Por exemplo, as dinâmicas metodológicas da investigação podem considerar unidade informativa tanto uma matéria completa do jornal impresso, quanto um determinado parágrafo dentro dessa matéria. Há casos em que são retiradas frases de determinado texto, ambos entendidos como unidades informativas, com o objetivo de colocar em evidência elementos representacionais vinculados pelo jornal *Folha de São Borja*. A frase é tomada como “trecho exemplar”, e o texto completo dá suporte ao entendimento geral sobre a abordagem do assunto. Assim, as processualidades metodológicas fazem alusão ao *corpus* de análise utilizando expressões como “matérias”, “trechos”, “recortes”, “notícias”, “exemplos”, importa ter em mente que, nesses casos, os termos são compreendidos como unidades informativas.

Os materiais jornalísticos apresentados são retomados e discutidos no capítulo cinco, por meio de categorias indicadas na metodologia de Análise de Conteúdo. Na continuidade do texto, são relatados os movimentos de entrada no campo e realização das entrevistas com os

¹⁷ As datas dos programas estão disponíveis no “**APÊNDICE C** – Programas selecionados – *Atualidades*”.

¹⁸ Investigando questões relacionadas aos processos migratórios, na Espanha, e ao tratamento que os meios de comunicação conferem ao tema, Lorite (2009, p. 165) explicita que: “*La unidad informativa en la radio y la televisión se caracteriza por el periodo de tiempo objetivo que se obtiene desde que es introducida la información por el presentador o presentadora del programa hasta que da paso a la siguiente*”.

profissionais dos meios analisados. Além disso, são explicitadas as dinâmicas de delimitação final do *corpus*, como a busca por notícias relacionadas às temáticas *fronteira*, *fronteiriço*, *Argentina* e *argentinos* (admitindo a flexão de número e gênero dessas expressões), e por elaborações do gênero informativo, conforme Chaparro (1998), Marques de Melo (2003), Barbosa Filho (2009) e Lucht (2010).

4.4 ENTRADA NO CAMPO: A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Com o intuito de assimilar o objeto empírico e apreender suas peculiaridades, uma das etapas da coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam no jornal impresso *Folha de São Borja* e nas emissoras de rádio *Cultura AM* e *Fronteira FM*. Os procedimentos empreendidos para a elaboração do roteiro e a realização das entrevistas apresentaram caráter qualitativo e seguiram indicações de autores como Dencker e Viá (2001), Gil (2002), Gaskell (2010), Priest (2011) e Duarte (2011).

A escolha da referida técnica foi motivada por ser um modo clássico de obtenção de informações (DUARTE, 2011), adotado por várias áreas de conhecimento no campo das Ciências Sociais, e por permitir, ao mesmo tempo, flexibilidade nas perguntas e intensidade nas respostas, acionando a subjetividade do entrevistado, suas percepções e experiências. Também, por permitir que o participante fale mais livremente sobre as temáticas acionadas pelo pesquisador, a partir de questões orientadoras, possibilitando que novas perguntas sejam inseridas conforme o andamento da conversa.

O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (GASKELL, 2010, p. 65).

A entrevista com profissionais da mídia se mostra relevante pela aceitação de que eles são partícipes nos processos de elaboração das representações – no caso da presente pesquisa,

com atenção especial àquelas sobre as fronteiras e identidades fronteiriças. Em estudos qualitativos, não há necessidade de representatividade em percentual da amostra, mas sim de uma diversidade de sujeitos relacionados ao tema pesquisado. A seleção dos participantes costuma ser feita pelo próprio pesquisador, sem haver uma preocupação com aspectos probabilísticos, por exemplo, a realização de um sorteio a partir do universo.

Conforme Duarte (2011, p. 69), a escolha que a pesquisa faz dos entrevistados diz respeito à amostra intencional, que é “quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva”, selecionando conhecedores específicos do assunto. A definição dos participantes exigiu pessoas que tivessem relação com a temática investigada e se dispusessem a falar sobre o assunto e outros que pudessem surgir e tivessem relevância para a pesquisa. Assim, os participantes foram selecionados a partir das produções jornalísticas que eles próprios elaboram (os conteúdos informativos veiculados nos meios *Folha de São Borja*, *Cultura AM* e *Fronteira FM*). Essa opção, também, evita escolhas por conveniência, por exemplo, sujeitos que a pesquisadora conhecia previamente e tornariam os contatos mais acessíveis – embora, talvez, não tão profícuos. Parte-se do entendimento da entrevista não como algo isolado, mas como parte de um contexto mais amplo ao qual o pesquisador precisa estar atento, inclusive para possíveis alterações e acréscimos.

Para Richardson (1999, p. 207), “a melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos”. Assim, as entrevistas foram realizadas pessoalmente, a partir da entrada no campo, buscando o contato não apenas com relatos textuais dos entrevistados, mas com suas expressões, no decorrer do diálogo, com suas pausas e entonações das falas.

Nesse sentido, a posição de Dencker e Viá (2001) segue o elucidado, ao afirmarem que, assim como o questionário, a entrevista é uma técnica de coleta de informações adequada quando se tem por finalidade observar percepções, sentimentos, crenças, motivações ou planos de uma pessoa. Ainda, faz aproximação com o que coloca Priest (2011) quanto à tentativa de o pesquisador compreender, a partir de distintas circunstâncias, o ponto de vista dos membros de um grupo social do qual, geralmente, não faz parte.

Tendo em vista que os profissionais selecionados para a pesquisa atuam na mídia e são figuras públicas, as dinâmicas de aproximação e contato foram facilitadas. Os convites para as entrevistas puderam ser realizados pessoalmente, por contato telefônico e/ou envio de mensagens eletrônicas, partindo da apresentação da pesquisadora, da explicação da pesquisa e do interesse nos relatos do convidado. Quando a resposta era positiva, fazia-se a consulta

sobre o local em que preferiam que a entrevista fosse realizada, de modo a manter a comodidade e a espontaneidade dos participantes. Todas as conversas foram estabelecidas no ambiente de trabalho dos participantes por escolha deles próprios.

A elaboração do roteiro de entrevista seguiu indicações de Priest (2011, p. 130), de acordo com o que chama de “programa de entrevista” ou “guia de entrevista”. Tal instrumento “lista os tópicos mais importantes a serem abordados, talvez com sugestões de perguntas experimentais, mas sem a intenção de utilizar palavra por palavra”. Busca garantir que todos os aspectos importantes sejam abordados, que possam ser incluídas novas questões, a qualquer momento, para obter informações extras ou que os rumos mudem para direções completamente distintas daquelas programadas, conforme surjam motes interessantes de serem explorados. Com questões distribuídas em três eixos temáticos diferentes, a proposta inicial de roteiro¹⁹, desenvolvida para a pesquisa exploratória, foi mantida para a entrada no campo e o desenvolvimento das entrevistas com os profissionais do jornal impresso e das rádios. Todavia, a postura da pesquisadora mudou para esse segundo momento, não ficando mais tão presa às questões e seu ordenamento, estabelecendo um diálogo mais independente e menos redundante, no caso de respostas repetidas por parte dos entrevistados.

A autoavaliação da pesquisadora e posterior revisão comportamental foram possíveis a partir das indicações de autores quanto à imprescindibilidade de testar os instrumentos de pesquisa, no caso, o roteiro de perguntas para as entrevistas. Antes da execução definitiva das entrevistas que seriam utilizadas para a análise, foram realizadas experimentações do guia de perguntas com pessoas que representassem os profissionais selecionados efetivamente como participantes da investigação. Nas referências consultadas, a cautela com os procedimentos aparece de modo intenso, considerando desde o preparo das entrevistas e a atenção para com os participantes, até os usos que vão ser feitos desses materiais.

Dentre os aspectos a que a pesquisadora estava atenta no percurso de entrada no campo, pode-se destacar a vigilância com os objetivos da investigação no planejamento das entrevistas, a busca por informações prévias sobre os entrevistados, a organização antecipada de encontros e pontualidade com os participantes, a tentativa constante de estabelecer contatos receptivos, evitar inconvenientes de tempo e empreender esforços para que o participante estivesse à vontade para falar, entre outros. Também, percebeu-se como fundamental manter uma relação de empatia e confiança com os participantes, mostrando-se disposta a ouvir o que os sujeitos tinham a dizer, deixando que falassem sobre o assunto em questão, dando tempo

¹⁹ Disponível no “**APÊNDICE D** – Roteiro de entrevistas com os profissionais”.

para que pensassem sobre as perguntas e as respondessem com serenidade. Porém, atentando a desvios que pudessem fazer o participante “fugir” ao proposto pela investigação e, sempre que necessário, configurando oportunidades de retornos aos assuntos.

No começo das conversas, eram propostas indagações sobre a trajetória de vida dos profissionais (onde nasceram, desde quando residem em São Borja), as atividades de trabalho e as rotinas produtivas junto aos meios em que atuam, as fontes de informação que utilizam em seus cotidianos, entre outras. A ideia era estabelecer uma aproximação que deixasse o participante mais à vontade e, ainda, buscar subsídios para a compreensão dos contextos da pesquisa. Nas perguntas seguintes, adentrava-se com mais propriedade nos assuntos de interesse das análises, resultando nos relatos que são utilizados para as discussões e os atravessamentos com as matérias jornalísticas.

Ainda sobre as características do roteiro elaborado, conforme a classificação de Duarte (2011, p. 64), há uma grande variedade de tipologias para as entrevistas, “geralmente caracterizadas como abertas, semi-abertas e fechadas, originárias, respectivamente, de questões não estruturadas, semi-estruturadas e estruturadas”. A opção foi realizar entrevistas semiabertas, por entender que tal proposta mantém a flexibilidade do processo e permite explorar ao máximo as temáticas de interesse da investigação, sem abrir mão do roteiro-base que orienta os questionamentos iniciais.

O instrumento foi desenvolvido considerando, também, aspectos indicados por Gil (2002), como a relevância das indagações para os objetivos da pesquisa, o cuidado para que as perguntas não sugiram respostas, nem gerem constrangimentos ou resistências por parte dos participantes, a atenção para o uso de palavras claras e precisas, entre outros. Observa-se que

é um risco sempre presente o pesquisador influenciar o entrevistado involuntariamente, provocando distorções nas respostas. A instituição a que está ligado, a forma de vestir, o tipo de abordagem, a personalidade, a linguagem, a diferença de realidades culturais, o tema do questionário pode induzir o entrevistado a tentar responder de forma diferente do que pensa ou do que faria em outra ocasião. É fundamental identificar e minimizar fatores que possam causar distorções nas respostas (DUARTE, 2011, p. 72).

O autor também ressalta que é responsabilidade do pesquisador minimizar os riscos de tais interferências e distorções. Assim, no decorrer da entrada no campo, foi preocupação constante da pesquisadora a vigilância e observação de suas próprias posturas e atitudes, a fim de não inibir os sujeitos, de desenvolver táticas e estratégias de aproximação, de apresentar habilidades para conduzir a entrevista, considerando que isso poderia tanto contribuir com o andamento do diálogo quanto prejudicá-lo, conforme fosse se colocando frente às situações.

Com relação à responsabilidade da pesquisadora e aos cuidados necessários, importa ressaltar que a proposta de investigação foi submetida ao Comitê de Ética da UFRGS e à Plataforma Brasil, tendo sido aprovada e obtida a autorização para ser desenvolvida. Ainda, no tocante a essa questão, atentou-se aos participantes e à clareza das informações prestadas pela pesquisadora. Os envolvidos foram convidados a participar da investigação e a responder a entrevista semiestruturada, a partir da informação e explicação dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como de esclarecimentos quanto aos cuidados com as informações prestadas e aos possíveis benefícios da pesquisa.

Outra postura importante de explicitar diz respeito à decisão de a pesquisadora se apresentar enquanto tal para os entrevistados e participantes de modo geral, explicando as razões que a motivaram a estar nas cidades fronteiriças de São Borja e Santo Tomé, e os objetivos da pesquisa que estava sendo desenvolvida. Richardson (1999) afirma que toda a entrevista precisa de uma introdução, para tornar explícito o que se pretende, a natureza do trabalho, o porquê de se estar fazendo a investigação, as lógicas que vão orientar o diálogo, entre outras explicações. O começo dos diálogos sempre era marcado por uma explanação da pesquisadora, mesmo que, anteriormente, já houvesse comentado com o entrevistado as razões que haviam levado aquele encontro e à busca por informações.

Também Dencker e Viá (2001) assinalam algumas observações que o pesquisador deve considerar na construção da entrevista, como a ordem das perguntas, a forma de redação e a redução de interferências. De acordo com as autoras, existem críticas à determinação do grau de fidedignidade das informações adquiridas por meio de entrevistas e dúvidas quanto à validade científica dos dados obtidos, em virtude da possibilidade de influência, consciente ou inconscientemente, das respostas do participante por parte do entrevistador. Ainda, “o viés não decorre apenas do pesquisador, mas também do entrevistado, que nem sempre responde às perguntas feitas de acordo com suas próprias opiniões, mas em função do que acha que o pesquisador quer que ele responda” (DENCKER e VIÁ, 2001, p. 159). A consequência poderia ser de distorções e erros nos resultados, diferenças entre dados colhidos por um ou outro entrevistador.

Richardson (1999) alerta para o cuidado com o tratamento de temas delicados nas entrevistas, sugerindo que sejam colocados ao final do roteiro, devido à suposição de que entrevistado e pesquisador terão atingido um nível avançado de comunicação. Considerando os objetivos da pesquisa e o roteiro programado para a entrada no campo, aparentemente, não parecia haver perguntas que pudessem gerar constrangimento ou resistência nos sujeitos. Porém, em algumas situações, observou-se certo desconforto nas respostas dos participantes.

A entrevista desenvolve-se em uma *situação* social, em que entrevistador e entrevistado interagem entre si, influenciando um ao outro não apenas por meio das palavras que pronunciam, mas também por outros sinais, como inflexão da voz, gestos, expressão facial e outros traços pessoais, além das manifestações de comportamento que acompanham a comunicação verbal (DENCKER E VIÁ, 2001, p. 158, grifo das autoras).

A postura cuidadosa, fundamental ao pesquisador diante dos momentos de entrevista, também faz parte das reflexões de Priest (2011, p. 132), que sugere “seja paciente e não fique satisfeito com respostas curtas. Esteja pronto para mudar a linha de questionamento se as respostas que estiver recebendo não parecerem ajudá-lo, mas não desista de tentar entender a perspectiva do informante”. A autora ressalta a importância de o pesquisador resistir à tentação de preencher silêncios falando excessivamente, e de indicar ao participante que está interessado no que está sendo dito, por meio de contato visual e outras linguagens corporais.

Dencker e Viá (2001) observam que a entrevista permite uma relação mais íntima com o participante, por meio de contato direto e pessoal, em um nível aprofundado, e a comunicação oral, valorizando a descrição verbal. As autoras também sinalizam alguns cuidados com a elaboração das perguntas e a organização do roteiro, bem como com a ocorrência de desvios e de interferências do pesquisador. A escolha das perguntas abertas remete a maior flexibilidade nas respostas, a partir desse entendimento foram desenvolvidas questões em cada um dos eixos temáticos. Com relação à ordem, optou-se por introduzir de maneira gradativa os temas da investigação, buscando, no início, deixar o participante à vontade por meio de proposições amplas e que possibilitassem uma fala mais livre e genérica, voltada a suas próprias vivências e experiências pessoais.

Inicialmente, foram entrevistados profissionais que atuam em diferentes programas das emissoras radiofônicas e em distintos espaços e editorias do jornal impresso, de veículos de comunicação brasileiros, incluindo produtos e elaborações direcionadas à opinião e ao entretenimento. Dessa primeira etapa, resultaram dez entrevistas que trouxeram contribuições para um entendimento mais amplo das rotinas de produção dos veículos e das dinâmicas específicas da região de São Borja e Santo Tomé, que estão presentes nos textos do jornal impresso e nos programas de rádio.

Na sequência, delimitou-se a análise apenas considerando as produções jornalísticas informativas, veiculadas nos meios de comunicação de São Borja e incluídas no *corpus* da pesquisa. Ou seja, materiais elaborados pelos próprios profissionais entrevistados, mas somente a partir de conteúdos com foco no gênero informativo. Nesse sentido, importa destacar que, em virtude de os objetivos da pesquisa estarem focados na informação, apenas

cinco das entrevistas realizadas foram incluídas nos comentários analíticos, justamente, as empreendidas com os profissionais que atuam nas elaborações informativas.

Também foi considerado o tempo de atuação nas mídias, buscando tanto participantes que estão há anos na profissão quanto aqueles que começaram recentemente. De certa maneira, a finalidade foi incluir um critério geracional, considerando que os primeiros vivenciaram mudanças nas rotinas de produção do jornalismo (por exemplo, a transição para o âmbito digital), bem como experiências históricas da região fronteiriça (como a construção da Ponte Internacional da Integração), enquanto os segundos, apresentam uma trajetória mais ligada a características do presente e a relatos de um passado que não viveram, mas foram transmitidos por meio de outras narrativas.

Com relação aos relatos obtidos pelas entrevistas, optou-se por transcrevê-los a partir dos enfoques da pesquisa e buscando atender a problemáticas que extrapolam as categorias de análise encontradas. Nesse sentido, alguns exemplos são a percepção dos participantes sobre a importância dos meios de comunicação, as representações acerca das fronteiras internacionais, a questão dos idiomas português-espanhol nas vivências desses sujeitos e suas experiências pessoais ligadas ao cotidiano na fronteira.

Sobre a quantidade de entrevistas necessárias e a qualidade e/ou compreensão mais detalhada do contexto que se está investigando, entende-se que “há um número limitado de interpelações, ou versões, da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais” (GASKELL, 2010, p. 71). Esse processo diz respeito às representações que, em parte, são compartilhadas por sujeitos em um cenário social específico ou que tenham um tema de interesse comum.

Os movimentos de entrada no campo foram demonstrando tal afirmação, pois, com o avanço dos diálogos, os assuntos começaram a se mostrar comuns entre os informantes. Refletindo sobre todas as entrevistas que foram empreendidas na investigação, desde a primeira entrada no campo, ainda em 2014, para realização da pesquisa exploratória, até os procedimentos mais conscientes e direcionados para a presente análise, observou-se que não haveria novidades ou acréscimos importantes à compreensão da problemática. Os relatos e respostas se repetiam, indicando que a pesquisa havia chegado ao ponto de saturação.

Com o intuito de proteger as identidades e a privacidade dos participantes, optou-se por não relacionar aspectos dos relatos com o espaço profissional em que trabalham ou com características pessoais que pudessem identificá-los de alguma maneira. Ainda, atribuiu-se a denominação de “Sujeito”, numerando-os até o cinco para evidenciar os posicionamentos e

facilitar a leitura do texto. Dentre os entrevistados, a maioria é natural de São Borja, mas também há alguns que nasceram em outros locais e se mudaram depois para a cidade. De todo modo, são pessoas que vivenciam há anos a realidade do lugar e construíram suas vidas na localidade fronteiriça.

Por fim, é fundamental destacar que, somado aos procedimentos referidos e seguindo o que indicam Mills (1975) e Winkin (1998), a pesquisadora julgou pertinente a adoção de um diário, utilizado para registros de campo e reflexões gerais que a investigação suscitou. Nas páginas e arquivos, foram transpostas tanto observações, falas, comportamentos e expressões dos entrevistados, quanto movimentos, inquietações, dúvidas e curiosidades da própria pesquisadora, no contato com a realidade investigada. Ao longo do percurso, a ferramenta permitiu que fossem consultadas reflexões anteriores, sempre que necessário, e que outras problematizações fossem acrescentadas, quando pertinentes. A utilização do diário começou nos primeiros semestres da pesquisa e se manteve durante os períodos seguintes.

4.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO METODOLOGIA DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação dos dados foi realizada com base na Análise de Conteúdo (AC), especialmente, a partir da obra clássica de Bardin (2016), do livro de Krippendorff (1997) e também de reflexões específicas da Comunicação e do Jornalismo, com Jorge (2015), Fonseca Júnior (2011), Bauer (2010) e Herscovitz (2008). A escolha se justifica por entender que a AC permite uma compreensão crítica e aprofundada das mensagens e de suas significações, observando seu conteúdo manifesto ou latente. Soma-se a isso, o fato de buscar a investigação de fenômenos simbólicos, utilizando-se de uma série de técnicas de pesquisa, que resultam tanto em dados quantitativos quanto nos qualitativos. A metodologia foi empregada para analisar as representações sobre as fronteiras internacionais e as identidades, elaboradas pelo jornal impresso e pelos programas de rádio. Conforme indicado na análise, foram criadas categorias temáticas, considerando os assuntos abordados pelos meios. Ainda, a partir dessas categorias e das interpretações realizadas, foram traçados paralelos entre as entrevistas com os profissionais e as abordagens jornalísticas localizadas.

Segundo Bauer (2010), a AC seria um método para investigar fenômenos simbólicos utilizando várias técnicas de pesquisa. Já passou por períodos de muita valorização, como na Segunda Guerra Mundial, de desqualificação, durante a década de 1970, entre pesquisadores marxistas, e de interesse, mais uma vez, nos anos 1990, com o advento da World Wide Web

(www), e a possibilidade de trabalhar com arquivos online de jornais, programas de rádio e de televisão. Também por esses motivos, desde que surgiu, foi se reinventando, passando por revisões, assimilando novas propostas, objetos e perspectivas de atuação, e conquistando adeptos. Não sem que as críticas permaneçam, principalmente, por sua origem positivista.

Alguns pesquisadores também acusam o método de ser superficial e não ter rigor suficiente, expondo o que consideram suas fragilidades quantitativas e qualitativas. Porém, para Herscovitz (2008), o fato de ser um método híbrido fortalece a AC, colocando-a em espaços metodológicos que outras perspectivas não têm acesso. Cabe mencionar que há outros métodos que são criticados dentro das Ciências Sociais empíricas. Nesse sentido, compreende-se que não há um determinado método que produza resultados totalmente objetivos, pois os percursos de investigação são empreendidos por pesquisadores que possuem subjetividades. É fundamental, na construção dos percursos de investigação, ter em vista os objetivos e objetos, considerando as especificidades que possuem e as maneiras mais indicadas de aproximação.

A decisão pelo uso de Análise de Conteúdo como método de interpretação posiciona o pesquisador diante da realidade que vai investigar. Partindo dessa compreensão, Krippendorff (1997, p. 36) indica um marco de referência conceitual que precisa ser considerado pelo analista, ao adotar a AC. O marco tem três características principais, é prescritivo, analítico e metodológico. Sendo assim, deve guiar o desenho das análises, facilitar o exame crítico dos resultados de verificações realizadas por outros pesquisadores, e orientar o desenvolvimento e aperfeiçoamento sistemático dos métodos de Análise de Conteúdo.

Nele, tem destaque a necessidade de observância dos dados utilizados, e do contexto do qual esses dados provêm, é fundamental explicitar claramente a origem e as definições acerca do que se constitui como objeto de análise. Deve-se atentar ao conhecimento e aos interesses do pesquisador, considerando que esses elementos também determinam o contexto em que as inferências vão ser realizadas. Ainda, os objetivos precisam estar anunciados de modo evidente – exercícios exploratórios podem auxiliar o pesquisador em decisões quanto ao enfoque, seleção do material, às finalidades e inferências da investigação.

O autor coloca a inferência como tarefa básica da AC, e a validade como um critério para o sucesso da análise. A formulação das inferências parte dos dados, em relação com alguns aspectos de seu contexto – as produções jornalísticas analisadas, por exemplo, indicariam questões completamente diferentes se estivessem em uma realidade que não a fronteiriça. E a justificativa dessas inferências se dá em função de fatores estáveis do objeto analisado, novamente, nas relações entre os dados e o contexto.

No âmbito da pesquisa em comunicação, com destaque para o jornalismo, conforme Herscovitz (2008, p. 123), entende-se que a escolha pela AC possibilita a descrição e classificação de produtos, gêneros e formatos, e serve “para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para compreender o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas”. Por meio da AC, busca-se fazer inferências de maneira sistemática, identificando características no interior do texto, os raciocínios são baseados em quadros de análise que identificam características e efeitos do conteúdo dos textos. Importa considerar que essa interpretação vai ser do pesquisador, por mais que se estabeleçam todas as preocupações, precisa-se ter ciência de que é um dos olhares possíveis.

Revela-se a AC uma arma poderosa para estudar as notícias, reportagens, colunas, artigos, cartas de leitores, postagens em blogs ou em redes sociais, comentários, fotografias, vídeos, podcasts, sons, enfim, todas as modalidades de mensagens e manifestações que apareçam nos meios de massa, na internet, nos dispositivos móveis ou em outros suportes, que sejam fruto da interação humana e possam ser classificadas quanto à ocorrência, frequência, enquadramento, formato, gênero, maneira de apresentação, fontes, linguagem e tantos detalhes que o pesquisador esmiúça e, de início, só ele vê (JORGE, 2015, p. 20-21).

A pesquisa seguiu as etapas indicadas por Bardin (2016) para a organização da análise, primeiro, realizando a pré-análise e a exploração do material e, na sequência, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação dos dados. Inicialmente, realizou-se um movimento de leitura flutuante, tanto nos jornais impressos quanto na escuta dos programas de rádio analisados. Esse primeiro contato com as produções permitiu um passeio exploratório pelo texto, possibilitando uma familiarização com os documentos e o encontro com impressões e orientações iniciais. Na sequência, foram selecionados os materiais que constituiriam o *corpus* (conteúdos que trouxessem informações sobre a fronteira, os fronteiriços, a Argentina e/ou os argentinos, mencionando esses termos e/ou variações de gênero e grau).

Inicialmente, pensou-se em incluir todas as menções à fronteira, assim como as referências a outros países vizinhos, que não a Argentina, e mesmo que o foco não fossem as fronteiras em si. Na continuidade da triagem, delimitou-se o olhar à região de interesse da pesquisa, Brasil-Argentina, no cenário São Borja-Santo Tomé, e foram excluídas notícias que trouxessem a fronteira apenas com um sentido de localização, sem remeter a qualquer de suas características ou peculiaridades.

Foram mapeados 56 programas da emissora *Cultura AM*, 56 da *Fronteira FM* e 15 edições do jornal impresso *Folha de São Borja*. Conforme os objetivos da investigação, para a

análise, somente os conteúdos com cunho predominantemente informativo foram incluídos – mesmo que alguns apresentem a opinião dos profissionais, o foco da pesquisa não era esse, por isso, comentários, colunas, espaços opinativos e produções de leitores e colaboradores foram desconsiderados. Após a leitura flutuante, observação e triagem, foram registradas 65 unidades informativas que conformam o *corpus* de pesquisa, sendo 31 no *Folha*²⁰, 18 no *Gente é Notícia*²¹ e 16 no *Atualidades*²², totalizando 34 nos programas de rádio.

Pensando os procedimentos da AC, busca-se construir um conjunto de categorias que permitam observar e quantificar as apreciações sobre as representações da realidade, no sentido de possibilitar a compreensão e a contextualização das tendências, e das regularidades dessas representações. No desenvolvimento da análise, o pesquisador vai unir e contextualizar as várias categorias utilizadas em um todo integrado, de forma a oferecer uma estrutura geral para assim construir um saber. Em aproximação à proposta de Bardin (2016), foram seguidos critérios temáticos de classificação para a construção de categorias.

Essa elaboração partiu de três movimentos distintos, mas interligados. O primeiro, pelo contato com as matérias disponíveis nos jornais impressos, considerando as temáticas que emergiam desses produtos para a categorização das análises. O segundo relacionado às informações em áudio, extraídas dos programas radiofônicos e convertidas em texto, também submetidas às categorias criadas para os conteúdos da publicação impressa. E o terceiro que se refere à análise das entrevistas, que não foram submetidas à AC, mas utilizadas para refletir sobre as unidades informativas analisadas, em virtude de serem esses sujeitos entrevistados os produtores dessas informações jornalísticas.

Tais dinâmicas permitiram que os relatos e as produções midiáticas fossem trazidos e analisados, conferindo, por exemplo, o que há em comum nas informações dessas diferentes fontes e indicando tendências quanto às representações sobre as fronteiras e as identidades fronteiriças. Ainda, foi possível mapear alguns traços presentes nas relações entre os vizinhos Brasil e Argentina, bem como, registrar elementos característicos das mídias nacional e local, sinalizando aspectos das rotinas de produção jornalística nessa região limítrofe. Na continuidade do texto, apresenta-se a análise dos produtos jornalísticos e das entrevistas com os profissionais, bem como as considerações sobre o desenvolvimento da presente pesquisa.

²⁰ A lista está no “**APÊNDICE E** – Matérias analisadas no jornal *Folha de São Borja*”. E os materiais que apresentam as unidades informativas analisadas estão no **ANEXO C**, disponíveis em arquivos digitais.

²¹ A lista está disponível no “**APÊNDICE F** – Recortes analisados no programa *Gente é Notícia*”. E os materiais que apresentam as unidades informativas analisadas estão no **ANEXO C**, disponíveis em arquivos digitais.

²² A lista está disponível no “**APÊNDICE G** – Recortes analisados no programa *Atualidades*”. E os materiais que apresentam as unidades informativas analisadas estão no **ANEXO C**, disponíveis em arquivos digitais.

5 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A FRONTEIRA SÃO BORJA-SANTO TOMÉ

O capítulo explicita a sistematização conjunta dos movimentos da pesquisa, trazendo a interpretação e Análise de Conteúdo das temáticas fronteiriças encontradas nas matérias do jornal impresso *Folha de São Borja* e nos programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades*, das emissoras Cultura AM e Fronteira FM, respectivamente. A esses dados se somam as informações coletadas em entrevistas com cinco profissionais dos meios de comunicação investigados, estabelecendo aproximações e distanciamentos entre as falas dos participantes e as construções presentes nos produtos informativos que elaboraram. Os diálogos seguiram os eixos do roteiro semiestruturado e trouxeram reflexões sobre assuntos como fronteiras Brasil-Argentina, culturas, identidades e mídia fronteiriças em contextos limítrofes. A partir das categorias elencadas na AC, foi possível construir apontamentos e discussões que remetem à compreensão das representações, acionadas pelas produções jornalísticas, sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé. Ainda, estabelecer relações com os processos midiáticos e as práticas socioculturais dos sujeitos, no intuito de apreender parte das dinâmicas que ocorrem na região de fronteira pesquisada e de contribuir com tais reflexões junto ao Campo das Ciências da Comunicação.

5.1 APROXIMAÇÃO ÀS TEMÁTICAS INVESTIGADAS

Conforme é exposto no próximo subcapítulo analítico, no que diz respeito ao material pesquisado, a separação inicial da Análise de Conteúdo retornou duas **Categorias Primárias**, que são **Abordagem Direta** e **Abordagem Indireta**. A primeira se refere a textos (escritos e falados) que apresentaram as temáticas sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé especificamente, sendo esse o assunto principal. E a segunda, quando o enfoque tangenciava tal questão, trazendo referências a essa fronteira de modo pontual, diluído e/ou genérico.

Em ambas, foram mapeadas representações que resultaram nas **Categorias Secundárias Fronteira de Interação** e **Fronteira de Passagem**, cada uma com **Eixos Temáticos** principais e específicos, como *Relações Culturais*, *Relações Institucionais*, *Relações Comerciais* e *Relações Identitárias*. Conforme os nomes indicam, **Fronteira de Interação** diz respeito às matérias que traziam os encontros, aproximações e intercâmbios estabelecidos, já **Fronteira de Passagem** remete à ideia restrita dos fluxos, de uma circulação independente da ocorrência de contatos. Convém destacar que, dentro de cada unidade

informativa, as duas *Categorias Secundárias* e os quatro *Eixos Temáticos* não são excludentes, mas podem aparecer ao mesmo tempo. No que tange a esses enquadramentos, as explicações completas são colocadas na continuidade do texto.

Com o objetivo de estabelecer aproximações aos temas investigados, antes de adentrar nas análises, propriamente, é importante apresentar certos elementos do contato com os profissionais entrevistados, pontuando características que esclarecem aspectos das abordagens informativas elaboradas, e que são resgatados durante o processo de interpretação das categorias e eixos da pesquisa. Ainda, convém explicitar peculiaridades da mídia local analisada, com ênfase para a descrição dos formatos que constituem o jornal *Folha de São Borja* e os programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades*, e destacar observações sobre o Caderno Especial *Retrospectiva 2016*, que integrou a edição de final de ano da publicação impressa analisada.

5.1.1 A fala dos entrevistados sobre as mídias e as fronteiras internacionais

Em geral, durante as entrevistas, o último questionamento feito para os profissionais era com relação à importância dos meios de comunicação em suas vidas, especificamente, e para a sociedade de modo amplo. Aqui, optou-se pela inversão da ordem, trazendo como um dos primeiros elementos a ser comentado, e relacionando com a percepção dos sujeitos acerca da construção de representações sobre as fronteiras internacionais por parte da mídia.

Os entrevistados foram unânimes em afirmar que os meios de comunicação são importantes para a sociedade. O Sujeito 1 (2017) ressaltou que: “não apenas como veículo de cunho informativo, mas também enquanto espaço para o entretenimento, a mídia participa intensamente na vida das pessoas”. Mesmo que alguém possa querer evitá-la, seria impossível, pois ela estaria atravessando “tudo”, sempre em contato com as pessoas, inclusive, nas ações triviais do cotidiano – “ao acessar um site, escutar rádio, ligar a televisão, receber mensagens pelo celular, tudo é informação” (SUJEITO 1, 2017).

O Sujeito 3 (2017) chamou a atenção para a força da mídia que, segundo ele, poderia direcionar ações de um município, definir tendências culturais, apesar de tal situação passar despercebida para muitas pessoas. E exemplificou dizendo que mesmo as influências musicais de São Borja demonstram isso, pela ênfase na música nativa e em uma herança guarani.

Ainda, comentaram sobre a busca de informações por parte do expectador, indicando possibilidades de participação ativa dos públicos, por meio do contraponto dos conteúdos

veiculados em meios tradicionais, como a televisão, e daqueles disponibilizados na internet: “pega a televisão, por exemplo, o noticiário de TV, eles dão os tópicos e, se tu te interessas, já vai para internet pesquisar aquela matéria” (SUJEITO 2, 2017). Quase de maneira imediata, ele traz o questionamento sobre o quão intensa é essa busca do expectador em geral, a partir da comparação com os seus hábitos de pesquisa, como profissional da mídia, que traz a exigência de ter contato com múltiplas fontes de informação, ler muito, dispor de um esforço para entender, organizar e repassar as informações com responsabilidade.

Na fala do Sujeito 2 (2017), aparece a compreensão de que as pessoas têm objetivos distintos e talvez nem todas façam tais movimentos – por diferentes razões, não querem, não tem condições de acesso, entre outras possibilidades. Uma das falas observa que: “os públicos procuram saber assuntos que lhe interessam, e eles se interessam por aquilo que vivem, estão focados em temáticas relacionadas a suas vivências de maneira mais direta” (SUJEITO 2, 2017). Para ilustrar, afirma que a informação sobre o aumento na venda de carros vai interessar, especialmente, a quem vende carros; matérias sobre educação vão ser as mais buscadas por professores, com ênfase para as disciplinas específicas que ministram.

A importância na vida de cada um é assinalada devido à atuação profissional, por viverem da mídia, dependerem financeiramente dessas atividades, e desempenharem uma função social vinculada à organização e à divulgação das informações: “É super importante para nós! Tanto a mídia escrita, falada, como a da internet. Quem quer ser bem informado, não vive sem” (SUJEITO 5, 2017). Além disso, o Sujeito 1 (2017) faz referência ao papel que eles, sendo profissionais, possuem enquanto mediadores, atuando como “filtros” das informações, reunindo, em um mesmo espaço, as notícias que estão descentralizadas, hierarquizando, fazendo o “meio de campo”. Em virtude de tudo isso, menciona a necessidade de estarem sempre atentos aos acontecimentos do mundo.

Questionados quanto à aproximação com o público argentino, relataram que não há nenhuma programação nas rádios, nem material impresso específico, pensados para os vizinhos. Assim como, não existe uma previsão de alterar os conteúdos jornalísticos nesse sentido. Mesmo com alguns entrevistados reconhecendo que movimentos de parceria e de elaboração de notícias mais significativas sobre Santo Tomé seriam fundamentais, ainda não conseguem desenvolver estímulos que retomem as dinâmicas que já existiram e/ou alcancem um novo ponto de aproximação entre brasileiros e argentinos.

Os profissionais têm plena consciência da participação dos meios de comunicação na sociedade, do papel que ocupam (tanto os meios quanto esses profissionais) e de que poderiam ser atores relevantes no processo de integração. Todavia, admitiram que não há

qualquer contato midiático com os vizinhos santo-tomenhos. Um foi categórico ao dizer que: “a integração com os meios é zero, isso não existe” (SUJEITO 4, 2017). Não raras vezes, a responsabilidade é atribuída aos organismos do setor público e governamental por não promoverem mais ações que incentivem o contato entre os dois países. Ainda, conforme será apresentado mais à frente, a burocracia nos trâmites de ingresso na Argentina é uma reclamação constante e um dos fatores que prejudica relações mais estreitas.

Relativo às coberturas que os meios são-borjenses elaboram sobre Santo Tomé, um dos entrevistados foi direto, comentando as práticas e escolhas jornalísticas antes mesmo de ser questionado sobre a situação. Enquanto a pesquisadora explicava a delimitação da pesquisa nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, por acreditar que, em virtude do fluxo de argentinos, pudesse haver uma abordagem mais direcionada, ele interrompeu, dizendo:

E tem muito pouco, tem muito pouco, você vai ver que tem muito pouca coisa [...]. Às vezes, pode ocorrer, mas é muito fraco, você vai ver que é bem fraco. Nós abordamos aqui, nessa época, passagem de turistas, volume de turistas, quantos estão passando, o que estão fazendo, para onde vão, só coisas assim (SUJEITO 3, 2017).

Explicou que conversam com pessoas de São Borja e, de repente, com alguém da empresa Mercovia, concessionária que administra o Centro Unificado de Fronteira (CUF), na Ponte Internacional da Integração, em busca de informações sobre esse movimento e os assuntos que são pauta. Também comentou que possuem uma boa relação com entidades e órgãos oficiais de Santo Tomé, mas que há muitas dificuldades nas rotinas de produção para dar conta de cobrir tanto a realidade local quanto a do município vizinho, no outro país – como número reduzido de profissionais e restrições de tempo e locomoção.

Entretanto, nem sempre foi assim. É comum que os profissionais mais antigos relatem, com satisfação e nostalgia, o envolvimento que tinham em coberturas no país vizinho. Já os mais jovens fazem referência a narrativas que escutaram de outras pessoas sobre essas experiências. Segundo algumas falas, até a chegada da Ponte Internacional, havia uma integração forte. Justamente, em virtude da luta dos dois povos por esse bem comum. Era realizado, por parte dos veículos das duas comunidades, o acompanhamento de reuniões em São Borja e Santo Tomé com a participação de autoridades dos dois países.

Atualmente, apenas acontecimentos com extremo destaque, que envolvam tragédias, mortes, crimes, situações surpreendentes, raras e/ou extraordinárias, merecem a atenção dos jornalistas e valem o deslocamento ao país vizinho. Importa mencionar que a visão dos profissionais argentinos vai nessa mesma linha. Quando perguntados se há alguma integração

com a mídia são-borjense, os santo-tomenhos também disseram que não há nenhuma, e que não fazem abordagens significativas sobre as fronteiras de Brasil e Argentina. As afirmações são resultado dos diálogos informais estabelecidos no movimento de aproximação com o cenário de Santo Tomé, tendo o objetivo de complementar o entendimento da pesquisa. Nessa direção, apesar de algumas informações terem sido repassadas sobre os meios de comunicação da cidade vizinha (tanto pelos profissionais brasileiros acerca das mídias de Santo Tomé, quanto pelos argentinos em referência às de São Borja), de maneira geral, as conversas mostraram um desconhecimento mútuo sobre os materiais jornalísticos produzidos.

No que tange às abordagens da mídia comercial brasileira sobre as fronteiras internacionais, de imediato, os entrevistados são-borjenses não lembraram exemplos que pudessem relatar, mas disseram que não se fala da fronteira como ela é realmente, que o enfoque costuma ser negativo, falando de contrabando, tráfico, drogas e armas. Durante as entrevistas, após alguns segundos buscando na memória, o Sujeito 2 (2017) disse que se lembrava das fronteiras do povo muçulmano, exibidas nos filmes, com personagens fugindo de um lado para o outro. Ainda, mencionou a questão das divisas entre Estados Unidos e México, mas acerca dos cenários limítrofes do Brasil, não conseguia se lembrar de nada.

O Sujeito 5 (2017) comentou que tinha uma vaga lembrança de uma reportagem do jornalista Giovani Grizotti: “sobre a facilidade do contrabando de armas, drogas e munição”. Disse que não tinha certeza, mas achava que as cidades de Itaqui e Uruguaiiana estavam incluídas como rotas do tráfico. Sabe-se que as elaborações de Grizotti, profissional que atua para o Grupo RBS TV e a Rede Globo, costumam ser voltadas à denúncia e a um jornalismo próximo do investigativo, utilizando artifícios questionáveis, quanto à ética da profissão, para coletar as informações (câmeras escondidas, microfones ocultos, abordagens sem revelar que é um profissional atuando em nome de uma empresa midiática, entre outras práticas). Também é comum que esse jornalista se baseie em estereótipos negativos para construir seus enfoques, como no caso da reportagem mencionada, repetindo as mesmas lógicas da contravenção, utilizadas pela mídia hegemônica para falar das fronteiras.

Com relação à cobertura local, o Sujeito 1 (2017) comentou que a inauguração da Ponte foi bastante marcante, tanto que as memórias daquele dia ficaram registradas de modo muito intenso para a comunidade (“a cidade parou, vieram personalidades importantes”). Por fim, o Sujeito 4 (2017) referenciou coberturas relativas a vivências cotidianas, como a partir de bandas da Argentina que vão tocar em São Borja, de times de futebol e basquete de Santo Tomé que jogam contra times brasileiros na cidade vizinha, etc..

De acordo com os relatos e conforme será apresentado na sequência, ainda parecem insuficientes as tentativas de construir uma abordagem múltipla que apreenda a complexidade das práticas socioculturais estabelecidas nas fronteiras, e que explicita as trocas simbólicas, sociais, afetivas, linguísticas, acionadas nas relações que permeiam o cotidiano dos seus moradores. Esse modo de olhar a realidade e construir as informações, quanto às experiências no contexto limítrofe, acaba, muitas vezes, restrito às variações do câmbio e às questões econômicas, deixando passar inúmeras particularidades desse lugar.

Nesse sentido, durante as entrevistas, um elemento que apareceu com destaque diz respeito à questão da burocracia, tratada de diferentes maneiras como uma fragilidade da região fronteira e fator de restrição das relações. O Sujeito 3 (2017) mencionou a tentativa de tornar o Hospital Ivan Goulart, de São Borja, um hospital-escola para os estudantes de Medicina da Fundación Barceló e que até, aquele momento, ainda não havia sido possível – o projeto ainda não está sendo aplicado. Ele explicou que foi estabelecido um acordo entre as prefeituras, mas não adiantou, pois era necessário que Brasil e Argentina, de modo amplo, também articulassem uma definição entre os governos. Sobre esse acordo entre os dois países, enfatizou que “aliás, até pode existir, mas ele não funciona na prática” (SUJEITO 3, 2017). E encerrou falando sobre a importância que seria uma iniciativa como essa, tanto para São Borja e Santo Tomé, quanto para as cidades da região como um todo.

A realidade da Fronteira da Paz é tomada como referência de trocas positivas e bom funcionamento dos acordos, pois: “Livramento, que é fronteira com Rivera, ali, praticamente, não existe fronteira. E é isso que nós queríamos aqui. Hoje, Santo Tomé e São Borja formam uma cidade só. Para nós, é uma cidade só. Mas, na prática, isso não existe” (SUJEITO 3, 2017). Ainda, afirmou que concorda com a manutenção de um controle e burocracia para o trânsito regional, mas com o trânsito vicinal que, muitas vezes, é diário, acredita que não haveria razão para isso, que as duas cidades são tão próximas, quase a mesma, então a complicação na travessia da Ponte deveria ser extinta.

O entrevistado atribui à burocracia “o clima morno” nas relações entre São Borja e Santo Tomé, e explicou que, algumas vezes, as pessoas desistem de ir à cidade vizinha porque, mesmo um passeio, que poderia ser rápido, muitas vezes, torna-se demorado em virtude de talvez haver filas, ser necessário parar na aduana, mostrar documentos de identidade e do carro, pagar pedágio, cumprir com certos procedimentos de entrada. Para ele, o Mercosul possui muitas falhas, e não é eficiente para solucionar as fragilidades das fronteiras, daria conta apenas de questões macroeconômicas, de negociações entre São Paulo e Buenos Aires. Segundo suas observações, teoricamente, foram criados vários benefícios

para as regiões limítrofes. No entanto, em realidade, esses melhoramentos, não funcionam: “como a carteira vicinal que possibilitaria o ingresso dos moradores sem envolver tantos trâmites aduaneiros, mas não está em atividade” (SUJEITO 3, 2017).

Com posicionamento semelhante, o Sujeito 4 (2017) colocou a burocracia como entrave nas experiências de integração e no sucesso para a implantação de projetos entre os países. Ainda, explicou que faltam ações para facilitar a circulação de um lado a outro, pois, naquele momento, quem não tinha carro, não conseguia passar por não haver transporte entre as cidades, e o custo para ir de táxi ser muito elevado. Ele reconheceu que há muitos brasileiros, são-borjenses, que vão diariamente para Argentina, em virtude do cassino, para se divertirem, e que algumas pessoas participam de viagens e encontros de motociclistas com grupos do país vizinho. De acordo com o entrevistado, essas seriam iniciativas que resultam em exemplos de intercâmbios e confraternização entre argentinos e brasileiros.

A visão do Sujeito 5 (2017) sobre a burocracia, agora por parte de órgãos argentinos, indica um dos fatores que dificultaria o trabalho dos profissionais da mídia na cobertura de acontecimentos no país vizinho. Com relação às raras vezes em que foi a Santo Tomé coletar informações, diz que sempre encontrava alguém atencioso que pudesse ajudar, inclusive, auxiliando com a locomoção para o lugar de ocorrência dos fatos. Mas que precisava de muita paciência para conseguir os materiais, devido ao modo como os assuntos eram encaminhados, diziam que devia procurar determinada pessoa, depois, indicavam outra, na sequência, encaminhavam de novo para a primeira: “Por isso, quando você vai para a Argentina, já se prepara para ficar o dia todo lá. Você acha que vai levar meia hora, uma hora, e fica o dia todo lá. Eles te dão um chá de banco na *Comisaría*” (SUJEITO 5, 2017).

Acredita-se que circunstâncias como essas podem contribuir – sendo utilizadas como justificativas e/ou alegações – para que cada vez sejam menos presentes as abordagens sobre a cidade vizinha, no outro lado da Ponte. Principalmente, devido ao ritmo intenso com que o jornalismo funciona e às cobranças extenuantes impostas aos profissionais, as coberturas acabam restritas aos fatos que ocorrem no lado brasileiro, limitando as representações aos fluxos vivenciados pelo olhar são-borjense e às fontes desse local também.

Conforme as entradas no campo demonstraram, existem inter-relações binacionais importantes na realidade São Borja-Santo Tomé, envolvendo situações individuais e coletivas, por meio de sujeitos autônomos e também de instituições públicas e privadas de ambos os municípios. Alguns desses elementos peculiares do lugar são abordados pela mídia. Todavia, na maioria dos casos, não se consegue cobrir e registrar a complexidade vivenciada pelos

moradores, entre outras razões, devido às próprias características dos três veículos analisados, de acordo com o que é apresentado na sequência.

5.1.2 Características do jornal impresso *Folha de São Borja*

Seguindo a tendência atual da AC e com o objetivo de apreender tanto o significado aparente dos textos, quanto o implícito, o contexto onde ocorrem (HERSCOVITZ, 2008), optou-se por mesclar e integrar as perspectivas quantitativa e qualitativa. Assim, é possível resgatar os conteúdos manifestos, que estão visíveis, e também aqueles latentes, que ficam ocultos e/ou subentendidos nos materiais analisados. Inicialmente, são expostas características do periódico e observações gerais acerca das edições e matérias, a partir de números e dados, justamente, aproveitando essa perspectiva híbrida da AC.

Antes de abordar tais questões, importa trazer características e aspectos gerais sobre o material analisado. No decorrer do ano, o jornal *Folha de São Borja* costuma circular nas quartas-feiras (com o *Caderno In*) e nos sábados (com o caderno *Fim de Semana*). Porém, nos meses analisados, houve alterações devido às festividades de final de ano e ao período de férias de seus profissionais, com a publicação circulando somente nos sábados.

Para informar sobre as mudanças ocorridas nessa época, a capa da edição do dia 17 de dezembro trazia um “Comunicado Importante” explicando que, “como acontece todos os anos”, o *Folha* não iria circular na quarta-feira seguinte, em virtude do Caderno Especial de Natal, que seria acrescentado à edição ampliada do dia 24. De modo similar, no sábado, dia 24 de dezembro, também na capa, havia o “Comunicado” de que, “como de costume, em função do caderno Retrospectiva 2016”, na semana seguinte, o jornal só circularia no dia 31, sábado, com edição ampliada e fechamento no dia anterior. Em ambos os casos, além da inclusão dos cadernos mencionados, eram reunidas as contribuições de todos os colunistas da semana em publicações mais extensas do que as tradicionais.

As editorias são divididas em Opinião, Política, Especial, Economia, Município, Rural, Saúde, Geral, Educação, Classificados, Polícia, Esportes. E sua estrutura, normalmente, apresenta espaços e colunas definidos para Gente e Política, Artigo de Opinião, Antenas Ligadas, Observação, Previsão do Tempo, Indicadores & Cotações, Legislação Tributária, Informativo Agropecuário, Informativo do Sindicato Rural de São Borja, CMVSB (Câmara Municipal de Vereadores de São Borja), Sindilojas (Sindicato do Comércio Varejista de São Borja), Espaço Abelha, Registros, Minuto Final, Plantão de Polícia. Convém mencionar que

pode haver variações de acordo com as edições e a presença de cadernos extras, como os mencionados, *Especial de Natal e Retrospectiva 2016*. Todavia, não são mudanças significativas que exijam um aprofundamento na análise.

O Caderno *Fim de Semana* tem as editorias Opinião, Jovem, Social, Comportamento, Lazer, Contracapa, e as divisões Poesia, Prisma, Clemar Dias, Click Jovem, Coluna Social, Na moda com Renata Andres, Horóscopo, Mundo dos Famosos, Roteiro, Cinema, Crônicas da Cidade. Já o *Caderno IN* tem as editorias Opinião, Jovem, Social, Comportamento, Lazer, e as divisões Rastreando, Click Jovem, Coluna Social, Há 40 anos na FOLHA, Cidade, Horóscopo, Cozinhando com Dé Teló, Vídeos, Oscar Bessi Filho, Acontecendo – nos meses de janeiro e fevereiro, algumas dessas divisões foram para o caderno *Fim de semana*.

Em virtude da circulação específica que ocorre no final de ano, o *corpus* da pesquisa foi extraído de quinze edições do *Folha de São Borja*. Segundo os objetivos da pesquisa, foram desconsiderados conteúdos eminentemente opinativos, como comentários, artigos, cartas e colunas assinadas. Também foram excluídas matérias “prontas”, encaminhadas por entidades parceiras e com essa indicação, como no caso dos espaços destinados ao Sindilojas e ao Sindicato Rural. Convém mencionar que, embora não esteja explicitado, algumas vezes, é possível observar que as informações vêm de fontes e são reproduzidas quase na íntegra pelos profissionais. Em virtude de essa procedência não estar especificada, esses materiais foram utilizados para a pesquisa como texto informativo do jornal, produzido pelo jornal.

No total, foram catalogadas e analisadas trinta e uma matérias, consideradas unidades informativas, que abordavam a fronteira São Borja-Santo Tomé, tendo relação com o espaço local/regional/internacional. De acordo com os meses e as **Categorias Primárias Abordagem Direta e Abordagem Indireta**, o número de matérias está dividido como indica o próximo quadro (Quadro 3).

Quadro 3: Matérias analisadas no *Folha de São Borja* – Divisão por meses e Categorias Primárias.

Período	Abordagem Direta	Abordagem Indireta	Total de matérias analisadas
Dezembro de 2016	5	14	19
Janeiro de 2017	2	3	5
Fevereiro de 2017	1	6	7
Total nos três meses	8	23	31

Fonte: Elaboração de Tabita Strassburger, 2018.

Conforme se observa, na tabela a seguir (Quadro 4), os textos estão divididos em sete editorias, sendo que os assuntos são trazidos principalmente a partir da seção *Município*, tanto na **Categoria Primária Abordagem Direta** quanto na **Categoria Primária Abordagem Indireta**. A situação assinala que as temáticas limítrofes são abordadas pelo viés da comunidade são-borjense, considerando os fatos da fronteira como atravessamentos e/ou questões próprias desse local, enquanto realidade/cidade brasileira. Além da editoria referida, a única que também tem exemplos nas duas categorias é a que se refere ao *Caderno Final de Semana*, as demais são exclusivas. Convém um destaque a respeito da cobertura policial sobre assuntos da fronteira São Borja-Santo Tomé, em virtude de tal enfoque ter aparecido somente quatro vezes, enquanto editoria Polícia, e de maneira discreta durante os três meses analisados. O exemplo é retomado e ampliado na análise da **Categoria Abordagem Indireta**.

Quadro 4: Matérias analisadas no *Folha de São Borja* – Divisão por editorias e Categorias Primárias.

Editorias	Abordagem Direta	Abordagem Indireta	Total de matérias analisadas
Município	5	10	15
Geral	–	5	5
Polícia	–	4	4
Fim de Semana	1	1	2
Educação	2	–	2
Economia	–	2	2
Especial de Natal	–	1	1
Total de matérias	8	23	31

Fonte: Elaboração de Tabita Strassburger, 2018.

Das matérias analisadas, apenas cinco receberam espaço nas capas, duas em dezembro, duas em janeiro e uma em fevereiro, sendo que nenhuma delas apresentava fotografias ou imagens junto às chamadas. As manchetes²³ foram “Regulamentação de funcionamento dos *free shops* fica para o próximo ano” (Folha de São Borja, 03/12/2016), “Movimento de turistas argentinos deve aumentar na próxima semana” (Folha de São Borja, 24/12/2016), “Mais de 10 mil turistas argentinos já passaram pela Ponte da Integração” (Folha de São Borja, 07/01/2017), “Mais de 50 mil turistas já passaram pela fronteira entre São Borja

²³ Refere-se ao título principal que indica a importância de determinada notícia, valorizando-a no espaço do jornal. Geralmente, possuem um destaque na diagramação, como diferenças na grafia, fonte, tamanho ou cor.

e Santo Tomé” (Folha de São Borja, 21/01/2017), e “São Borja e Santo Tomé estudam parceria para divulgar leis de trânsito” (Folha de São Borja, 04/02/2017).

O primeiro exemplo é considerado **Abordagem Indireta** por não trazer características específicas que coloquem em relação as comunidades de São Borja e Santo Tomé, mas apenas explicitar a possibilidade de implementação das lojas francas no município brasileiro e trazer indicativos da organização política do projeto, como o nome do ex-vereador que estava acompanhando os encaminhamentos da questão. Já os outros quatro títulos referidos dizem respeito a matérias compreendidas enquanto **Abordagem Direta**, justamente, por contemplarem temas próprios do cenário em questão, tratando de acontecimentos que envolvem as duas cidades limítrofes e suas populações, conforme será discutido na continuidade do texto.

Outro aspecto relevante se refere ao uso de fotografias e imagens, presentes em todas as matérias da **Categoria Primária Abordagem Direta** e em vinte e uma da **Categoria Primária Abordagem Indireta** (apenas duas não trouxeram qualquer elemento imagético). Em virtude de incluírem diferentes abordagens, são exemplos variados de registros, como do estacionamento do CUF, da Ponte Internacional da Integração, de um *free shop* no Uruguai, de cartaz de divulgação, de encontros entre políticos e grupos de representantes de distintos setores da sociedade, entre outras.

Ainda, foi possível observar uma atuação conjunta, na apresentação de pautas, entre o jornal impresso e os dois programas das emissoras de rádio. Tais situações foram percebidas na realização de entrevistas com os vereadores eleitos em São Borja, no pleito eleitoral de 2016, e na cobertura do *50º Concurso Regional de Músicas para o Carnaval Apparício Silva Rillo* – no período de análise, muitas notícias traziam o assunto, justamente, pelo fato de o evento estar completando cinquenta anos. Para exemplificar com matérias que deram origem ao *corpus*, tem destaque as informações sobre a entrada de turistas argentinos no Brasil e o movimento do comércio em virtude da possibilidade de fazerem compras aqui, ambas foram abordagens constantes nos três veículos.

– Observações sobre o *Caderno Retrospectiva 2016*

A edição 4070, de 31 de dezembro de 2016, última do ano, trouxe o Caderno Especial *Retrospectiva 2016*, com destaques de notícias que haviam circulado no *Folha de São Borja*, durante o ano que encerrava. O objetivo de apresentar determinadas considerações, com o

material isolado das demais abordagens e de maneira independente da análise geral, tem justificativa na compreensão de que esse espaço seria um resumo dos fatos e coberturas mais relevantes que o jornal publicou no decorrer de 2016. Ainda, conforme se observa na imagem a seguir (Figura 5), por se diferenciar dos textos que deram origem ao *corpus*, em virtude de o caderno ser constituído por recortes, notas ou apenas manchetes, que indicavam breves referências aos principais assuntos que mereceram ser resgatados pela publicação.

Figura 5: Dia 31/12/2016 – Edição 4070.

Sábado, 31 de dezembro de 2016

RETROSPECTIVA 2016 FOLHA 5

MARÇO

Operação desarticula quadrilha envolvida com tráfico de drogas e tentativa de homicídio

Uma equipe formada por três delegados, 16 agentes, utilizando 20 motoniveladoras em São Borja na operação-furto, dia 23, a Operação Furto visando a prisão de envolvidos com uma tentativa de homicídio e com o tráfico de drogas. Os policiais compareceram munidos de prisão e de busca e de apreensão em três vias. Tais pessoas foram presas e foram apreendidas armas e outros produtos e equipamentos.

Sindicato Rural de São Borja debate ações para combater o abigato

Encontro aberto para que produtores possam pedir mais segurança, mas também para saber da situação do policiamento rodoviário.

São Borja debate criação do Comitê de Fronteira em Brasília

Autoridades preparam encontro na cidade do Rio de Janeiro visando discutir os assuntos de região internacional.

Suspeitos da morte de Sônia Khaled foram presos novamente

Um dos crimes de maior repercussão em São Borja nos últimos anos teve nova etapa na quinta-feira, dia 10. Os suspeitos de envolvimento no assassinato da empresária foram presos novamente a pedido da Polícia Civil e Ministério Público. Ontem, dia 11, os delegados que coordenam a investigação da morte de Sônia concederam entrevista para informar sobre o inquérito.



Sônia Khaled

São Borja também sediou manifestações contra a corrupção

Centenas de pessoas se concentraram na tarde de domingo, dia 13, junto ao Parque para protestar contra a corrupção e em apoio ao ex-prefeito Eduardo Bonotto e ao juiz Sérgio Moro. O tempo bom e a temperatura amena contribuíram com o marulho que teve o primeiro dia como sendo o primeiro. Uma grande concentração de manifestantes foram reunidos e pediram ainda o impeachment do presidente Dilma Rousseff.



Manifestação realizada neste sábado para protestar junto ao Parque

I Encontro Binacional de Localidades Fronteiriças Vinculadas debate em São Borja novas medidas de integração

Representantes de onze municípios argentinos e brasileiros e autoridades dos países participaram do encontro que levou a Câmara Municipal de São Borja neste sábado, dia 18. As autoridades receberam informações sobre integração nas fronteiras, mas também mais segurança para deslocar pessoas que devem respeito às autoridades. O encontro foi considerado fundamental para integração em prática do comércio bilateral através um plano de desenvolvimento econômico e social.



Foto: Prefeitura de São Borja

Eduardo Bonotto é indicado como pré-candidato a prefeito pelo PP

Pré-candidato indicado na sexta-feira passada a lista única do partido no centro do estado.

Câmara fica lotada para homenagear o ex-prefeito José Pereira Alvarez

Evento especial é previsto em lei municipal por conta do dia de aniversário do político que por mais tempo governou São Borja.

PMDB poderá voltar à base aliada do prefeito Farelto Almeida

Informação do presidente Marcelo César pode também mudar o nome do partido em relação às eleições municipais.

Grupo CEEE entrega melhorias na Subestação São Borja 2

Investimento realizado no mês de dezembro deste ano, dia 8, do município de São Borja, sendo para R\$ 1,5 milhão. O investimento realizado de R\$ 1,5 milhão, sendo R\$ 1,5 milhão, o presidente do CEEE, Paulo de Tarso Pinheiro Machado, disse que o sistema foi mais confiável em toda a região no que diz respeito à entrega de energia. Investimento feito de quase R\$ 1,5 milhão, de acordo com o edital.

São Borja registra o primeiro caso de dengue nos últimos anos

Esta semana o secretário de Saúde confirmou que um homem foi diagnosticado com a dengue, caso que foi tratado e já está melhorando. O primeiro caso da doença em muitos anos na cidade coloca em alerta máximo as autoridades sanitárias que intensificaram ainda mais as atividades de prevenção. Outra preocupação é com a situação de Santa Tereza, na Argentina, vizinha a São Borja, onde foram confirmados 45 casos de dengue até neste ano.



Trabalho de apoio na busca de focos de larvas do mosquito em locais

Fonte: Folha de São Borja, 2016.

A retomada dos acontecimentos foi realizada em um encarte de dezesseis páginas, em geral, disponibilizando uma página para cada mês, com exceção de dezembro, contemplado

em duas (catorze e quinze). Na capa do Caderno, são trazidas oito chamadas, duas podem ser consideradas com relação a assuntos sobre a fronteira: “São Borja sedia Festival Internacional da Cozinha Missioneira” e “Movimento de turistas é 80% maior que no ano passado”. É possível que alguma outra diga respeito a questões fronteiriças, mas isso não fica evidente somente pelos títulos. Os meses, número de chamadas e abordagens sobre a fronteira nas notas estão divididos da seguinte maneira (Quadro 5):

Quadro 5: Caderno *Retrospectiva 2016*, jornal *Folha de São Borja* – Chamadas gerais e menções à fronteira.

Mês	Número de chamadas	Referência à fronteira
Janeiro	5	0
Fevereiro	5	2
Março	11	3
Abril	11	1
Maio	9	1
Junho	8	0
Julho	7	0
Agosto	6	0
Setembro	8	0
Outubro	8	1
Novembro	9	0
Dezembro	12	0
Total	99	8

Fonte: Elaboração de Tabita Strassburger, 2018.

Os destaques trazidos, relativos a matérias anteriores sobre a fronteira, diziam respeito ao movimento de turistas na Ponte Internacional e à criação do Comitê de Fronteira São Borja e Santo Tomé (fevereiro), I Encontro Binacional de Localidades Fronteiriças, casos de dengue nas duas cidades e, novamente, Comitê de Fronteira (março), sobre a localização do corpo de uma menina morta na cidade argentina (abril), o II Encontro Binacional de Cidades Fronteiriças (maio) e o 2º Festival Internacional da Cozinha Missioneira (outubro). Assim, de um total de noventa e nove manchetes e/ou notas gerais da Retrospectiva 2016, apenas oito diziam respeito a notícias ligadas a situações da realidade fronteiriça.

Chama a atenção o fato de, na análise geral das edições do jornal, o mês de dezembro ser o que apresenta mais material sobre a fronteira Brasil-Argentina. Porém, não há qualquer

informação nesse mês da retrospectiva. Ainda, pode-se observar que, durante quatro meses consecutivos (de junho a outubro), informações sobre a fronteira não foram consideradas como as mais importantes, merecendo entrar nas manchetes de retomada dos assuntos do ano anterior. Obviamente, é possível que outros textos, em sua versão completa, façam menção a temáticas relativas ao contexto limítrofe. Todavia, não foi o objetivo da pesquisa resgatar esses materiais, mas sim atentar ao encarte especial trazido na edição que integra a pesquisa.

A cobertura sobre o ingresso de turistas argentinos em direção às praias brasileiras, com certeza, é pauta fixa durante o período de veraneio, trazendo informes da expectativa de entrada e elementos numéricos comparativos com anos anteriores. Os demais temas trazidos parecem ser bastante pontuais e terem relação com os momentos vivenciados naqueles meses de 2016, pois não se repetiram em fevereiro e março de 2017. Contudo, há semelhança entre as abordagens no sentido de que apresentam tratativas entre São Borja e Santo Tomé com vistas a aproximações e tentativas de melhorias em determinados setores das comunidades, a partir dessas relações e parcerias.

Observando o material, fica evidente a pouca cobertura no que tange às relações São Borja-Santo Tomé, pois menos de 10% das notas e manchetes de retomada menciona assuntos limítrofes (aproximadamente 8%). Conforme é apresentado no decorrer desse capítulo, tal constatação vem com a amplitude da pesquisa e indica que há um entendimento de “local” voltado à cidade de São Borja e, quando o regional é apresentado na mídia analisada, diz respeito apenas ao lado brasileiro. Apesar de os sujeitos entrevistados reconhecerem a necessidade de atuação conjunta entre os vizinhos, ainda faltam movimentos que de fato integrem os países, especialmente, no sentido de parcerias e intercâmbios entre os meios de comunicação brasileiros e argentinos.

5.1.3 Características dos programas *Gente é Notícia* e *Atualidades*

Em linhas gerais, os programas *Gente é Notícia*, da Cultura AM, e *Atualidades*, da Fronteira FM, possuem semelhanças. Ambos se caracterizam como os principais informativos das emissoras no turno da manhã, apresentando informes de serviço (hora certa, temperatura, previsão do tempo, nível do rio Uruguai, cotação de moedas e de produtos agrícolas) e notícias, durante aproximadamente uma hora e meia, nas grades de programação. A organização é em blocos, separados por comerciais dos anunciantes, sem participação ou interação de ouvintes. A inserção musical é rara ou inexistente (houve algumas ocasiões em

que o programa *Atualidades* utilizou músicas como parte do quadro “O dia na história”), e o plantão policial de ambos é elaborado pelo mesmo repórter. Como é próprio do rádio, cada um possui trilhas sonoras, características e vinhetas que lhes são peculiares.

Ainda, contam com a participação de comentaristas fixos (quase sempre entrando ao vivo por telefone, inclusive, um deles falava direto de Oslo, na Noruega), quadros de opinião e também espaço para entrevistas com convidados no estúdio ou em externas. O foco das coberturas é o local, mas informações dos âmbitos regional, estadual, nacional e, mesmo, internacional também ganham espaço quando há acontecimentos de relevância e destaque, na agenda midiática e social, que solicitam tais perspectivas. Havia determinadas situações em que os materiais veiculados eram comuns aos dois programas, ocorreu com o “Informações do Agronegócio”, durante o período analisado, e com uma série de entrevistas, no mês de fevereiro de 2017, trazendo os vereadores eleitos e reeleitos no ano anterior.

Os procedimentos de análise dos programas de rádio seguiram a proposta utilizada para os jornais impressos, a partir da AC e das **Categorias Primárias** encontradas e que se mantiveram, **Abordagem Direta** e **Abordagem Indireta**. Após a escuta dos dois programas, veiculados no período dos três meses de seleção da amostra, foram registrados trinta e quatro trechos que correspondem ao *corpus* da pesquisa, dezoito no *Gente é Notícia* e dezesseis no *Atualidades*. A divisão buscou, inicialmente, o enfoque temático de cada informação, considerando as abordagens em um sentido amplo, dentro da nota, notícia ou entrevista como um todo, e não apenas no sentido restrito do trecho recortado (por exemplo, notas que trouxeram a entrada e o movimento de argentinos pela Ponte Internacional da Integração foram consideradas **Abordagem Direta**, já uma entrevista que priorizasse a questão das vendas do comércio em São Borja, mencionando brevemente a presença dos vizinhos na cidade brasileira, foi aceita como **Abordagem Indireta**, apesar de os trechos recortados pontuarem somente o caráter específico das questões fronteiriças).

Quadro 6: Trechos analisados no programa *Gente é Notícia* – Divisão por meses e Categorias Primárias.

Período	Abordagem Direta	Abordagem Indireta	Total de matérias analisadas
Dezembro de 2016	3	5	8
Janeiro de 2017	4	4	8
Fevereiro de 2017	–	2	2
Total nos três meses	7	11	18

Fonte: Elaboração de Tabita Strassburger, 2018.

De acordo com as tabelas (Quadro 6 e Quadro 7), pode-se observar uma similaridade entre os enfoques trazidos pelos dois programas, com pequenas distinções entre as abordagens priorizadas durante os três meses de análise. Assim, optou-se por fazer a sistematização e interpretação dos dados reunindo as informações divulgadas pelas duas emissoras, em virtude de muitas notícias se repetirem em ambos os programas. Nos casos em que as abordagens foram exclusivas de um ou de outro, tal situação aparece assinalada e é discutida a partir das categorias primárias e secundárias e dos *Eixos Temáticos* contemplados.

Quadro 7: Trechos analisados no programa *Atualidades* – Divisão por meses e Categorias Primárias.

Período	Abordagem Direta	Abordagem Indireta	Total de matérias analisadas
Dezembro de 2016	3	5	8
Janeiro de 2017	4	4	8
Fevereiro de 2017	–	–	–
Total nos três meses	7	9	16

Fonte: Elaboração de Tabita Strassburger, 2018.

Seguindo os objetivos da pesquisa, com foco nos conteúdos informativos divulgados pelas emissoras, importa referir que, quando possível, foram eliminados trechos que continham grau elevado de opinião dos locutores, por se entender que deixavam o caráter da informação em planos secundários. Com intenção similar, foram excluídos materiais do gênero utilitário, como trânsito, previsão do tempo e cotação de moedas. Sobre essa questão, convém assinalar que foram constantes menções à operação-padrão da Polícia Rodoviária Federal, com fiscalização de rotina e orientação aos condutores, em virtude da entrada de turistas argentinos passando pela Ponte da Integração e circulando pelas rodovias da região e do estado do Rio Grande do Sul, rumo ao litoral.

O programa *Atualidades*, por exemplo, no mês de fevereiro, não apresentou notícias relativas à fronteira São Borja-Santo Tomé, trouxe apenas informes desse âmbito, em duas ocasiões diferentes, mas pela mesma perspectiva. As notas eram colocadas a partir do plantão policial e diziam respeito a atividades de orientação da PRF aos turistas argentinos, que se deslocavam em direção às praias gaúchas e catarinenses, ou que estavam retornando para o país vizinho, e ao relato de possíveis ocorrências de acidentes e infrações – fatos que, quando abordados, foram analisados pelo caráter noticioso.

Outro aspecto importante de ser comentado, devido à frequência com que apareceu nas abordagens sobre o trânsito, diz respeito à ênfase atribuída a aspectos negativos dos condutores argentinos. Constantemente, o modo como dirigem era relacionado a infrações, imprudência, desconhecimento das rodovias brasileiras e falta de respeito com a legislação. Ao mesmo tempo em que os locutores manifestavam determinadas posturas acusatórias, indicavam características para explicar e justificar as atitudes dos vizinhos. Os argumentos costumavam ser baseados no hábito de correrem muito, na diferença entre as leis dos países, e na precariedade das estradas no lado de cá da fronteira, quando comparadas às *ruedas* por onde os turistas costumam trafegar na Argentina. Os apresentadores chegaram, inclusive, a destacar a necessidade de os motoristas brasileiros terem cuidado e atenção redobrados e utilizarem a direção defensiva para evitar acidentes de trânsito, devido à presença de estrangeiros, especialmente, os argentinos. E, em casos mais extremos, esses pontos de vista estiveram próximos de acusar e atribuir acidentes às práticas dos condutores vizinhos, como a condução em velocidade elevada e as viagens em comboios.

De acordo com o que é explicitado na continuidade do texto, a análise das produções radiofônicas apresentou elementos peculiares, quando comparada à do jornal impresso *Folha de São Borja*, de modo especial, em virtude das características próprias do meio rádio. Devido à dinamicidade, por exemplo, as pautas eram repetidas no decorrer dos programas, mesmo que não trouxessem novos elementos para informar. Ainda, havia mais espaço para que os locutores expusessem relatos e experiências, misturando suas falas pessoais com o conteúdo jornalístico apresentado aos ouvintes.

5.2 A FRONTEIRA SÃO BORJA-SANTO TOMÉ NAS PRODUÇÕES INFORMATIVAS

Fundamentada na AC, a análise explicitada na continuidade do texto é composta por categorias temáticas oriundas dos interesses da pesquisa e da observação dos produtos informativos. As divisões foram formuladas, inicialmente, pela observação dos jornais impressos e dos programas radiofônicos, coletados nos meses de dezembro de 2016, janeiro e fevereiro de 2017, em virtude de ser um período de maior movimento, devido à expectativa com as festividades de final de ano, as férias escolares e laborais, e a volta às aulas.

Conforme referido, com relação às representações sobre a fronteira São Borja-Santo Tomé, foi possível observar duas **Categorias Primárias**, denominadas **Abordagem Direta** e **Abordagem Indireta**. A primeira se refere às matérias que contemplam diretamente aspectos

da realidade fronteiriça investigada e ilustram a ocorrência de interações entre a população dos dois países em um contato mais próximo e com objetivos determinados. A segunda diz respeito a matérias com coberturas focadas em temáticas locais, regionais ou estaduais, que apenas mencionam elementos do contexto fronteiriço, a partir de relações que podem ser consideradas superficiais e efêmeras.

Como *Categorias Secundárias*, foram encontradas representações que remetiam à *Fronteira de Interação* e à *Fronteira de Passagem*. Ambas, muitas vezes, acionando o caráter de oportunidade do local limítrofe, principalmente, em referência à economia e ao turismo. Porém, conforme indicado na sequência, outros enfoques foram observados, como a questão das identidades acionadas nos materiais, e passaram a ser trabalhados a partir dos *Eixos Temáticos* prioritários nessas perspectivas. É evidente que as definições da pesquisa não negam, nem refutam outras possibilidades, presentes nos materiais analisados, de representar a fronteira São Borja-Santo Tomé entende-se que esse é um dos olhares, dentro de múltiplas interpretações que os textos, por sua polissemia, oferecem.

5.2.1 Abordagem Direta: a fronteira em representações de *Interação* e de *Passagem*

A interpretação dos dados foi desenvolvida a partir de observações e da sistematização dos textos, mesclando exemplos de recortes das matérias e dos programas radiofônicos, com determinadas falas dos profissionais entrevistados. Partindo dos critérios metodológicos definidos para a análise das elaborações informativas, no jornal impresso *Folha de São Borja*, oito matérias apresentaram elementos que se enquadram na **Categoria Primária Abordagem Direta**. Os programas *Gente é Notícia* e *Atualidades* indicaram sete trechos selecionados cada um, totalizando, catorze recortes radiofônicos inseridos na categorização.

As elaborações que trouxeram de maneira explícita o contexto São Borja-Santo Tomé colocam em circulação, sobretudo, duas perspectivas de representações dessa fronteira. Uma a partir da *Categoria Secundária Fronteira de Interação*, remetendo aos contatos, entre são-borjenses e santo-tomenhos e/ou brasileiros e argentinos, que acontecem nesses locais e são reproduzidas na mídia analisada, pontuando referências de aproximações dinâmicas, instáveis e efêmeras, por isso, não sendo considerados exemplos consistentes de integração. E outras, pelo viés da *Categoria Secundária Fronteira de Passagem*, colocando essa realidade limítrofe como uma espécie de corredor por onde os turistas apenas se deslocam, em direção ao litoral, sem evidenciar as experiências de inter-relação e os intercâmbios que ocorrem.

Importa mencionar a compreensão de que determinados fluxos transitórios podem resultar em interações, como o atendimento de informações aos turistas na Ponte e/ou o processo de migração que é realizado no CUF, para atravessar a fronteira, que estão presentes e são mencionados nos materiais jornalísticos de forma discreta. Apesar de a pesquisa admitir que esses seriam exemplos fugazes, não correspondendo, necessariamente, a vivências de contato efetivo entre as populações, optou-se por mantê-los nessa divisão. Assim, o próximo quadro (Quadro 8) reúne alguns recortes das unidades informativas para evidenciar as categorias referidas e o modo como apareceram nos meios analisados. Os trechos grifados remetem às referências que indicaram à inclusão nas respectivas categorias.

Quadro 8: Exemplos de abordagens dos meios para Categorias Primária e Secundárias

Categoria Primária	Abordagem Direta	
<i>Categorias Secundárias</i>	<i>Fronteira de Interação</i>	<i>Fronteira de Passagem</i>
<i>Folha de São Borja</i>	O Festival visa disseminar a integração cultural entre os municípios de São Borja e Santo Tomé , valorizando a cultura alimentar das Missões e dando visibilidade aos produtos regionais, o que também contribui para a economia dos dois municípios (Folha de São Borja, 3/12/2016 – Fim de Semana, Capa, grifos da autora).	Após passar o Natal neste domingo, dia 25, a expectativa das autoridades brasileiras é de que aumente muito o fluxo de turistas argentinos entrando no Brasil pela Ponte da Integração São Borja/Santo Tomé . A previsão é de que o movimento neste veraneio seja maior do que no veraneio passado, com os argentinos se deslocando para tirar férias nas praias do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Município, Contracapa, grifos da autora).
<i>Gente é Notícia</i>	Tem uma equipe reforçada na Ponte da Integração para atender os turistas nesse período de maior movimento (Gente é Notícia, 26/12/2016, grifos da autora).	No próximo final de semana, já se espera um movimento bastante grande de turistas argentinos entrando no Brasil, aqui pela Ponte da Integração. O pessoal vai para as praias gaúchas e catarinenses passar o seu veraneio (Gente é Notícia, 11/01/2017, grifos da autora).
<i>Atualidades</i>	No Centro Unificado de Fronteira, da Ponte da Integração, a Mercovia ampliou a equipe de atendentes para receber os turistas . Outro reforço na equipe é garantido através de servidores cedidos pela Secretaria	Segue a expectativa otimista de um movimento de turistas argentinos, através da Ponte da Integração São Borja-Santo Tomé, rumo ao litoral sul do Brasil . Neste início de semana, o fluxo ainda é pequeno,

	Estadual de Turismo e pelo Instituto Federal Farroupilha, campus São Borja (Atualidades, 21/12/2016, grifos da autora).	mas deve se intensificar a partir do Natal (Atualidades, 21/12/2016, grifos da autora).
--	---	---

Fonte: Elaboração de Tabita Strassburger, 2018.

Nesses produtos de cunho informativo, foi possível observar que a realidade limítrofe é representada a partir de elementos físicos desse cenário, por exemplo, “rio Uruguai”, “Ponte da Integração”, “Mercovia”, “Centro Unificado de Fronteira”, “obra binacional”, entre outros. E por experiências típicas da região, em expressões como “entrada de argentinos”, “vizinha cidade”, “fluxo de turistas”, “entre São Borja e Santo Tomé”, “trânsito vicinal”, “outro lado da fronteira”, etc.. Os textos indicam abordagens relativas ao movimento, à circulação de pessoas, bens e produtos entre as cidades-gêmeas, contemplando atividades conjuntas dos dois municípios. Ainda, as categorias estão intimamente ligadas a aspectos econômicos e a interesses comerciais, por parte de órgãos e da população são-borjenses, focando no ingresso de argentinos pelo âmbito do consumo. Em virtude da organização dos lojistas para receber os turistas e da expectativa de vendas para esse público, era comum que o ingresso pela Ponte fosse relacionado à tentativa de permanência dos vizinhos e às possibilidades de aumento nos lucros de restaurantes, hotéis e postos de gasolina.

O primeiro exemplo da **Categoria Abordagem Direta** traz representações de *interação* entre as comunidades são-borjense e santo-tomenha, a partir da matéria “Santo Tomé vai inaugurar ampliação da Faculdade de Direito”. O texto informa sobre uma cerimônia que aconteceria no município argentino, relatando que o secretário de Relações Internacionais, Eduardo Buero, havia estado na Câmara de Vereadores de São Borja entregando o convite para a inauguração da ampliação da Faculdade de Direito e Ciências Sociais e Políticas da Universidade Nacional do Nordeste (UNNE).

Com a ampliação, a Faculdade pretende também aumentar vagas em seus cursos para o próximo ano, **incluindo a clientela brasileira**. **A vizinha cidade** também possui curso de Medicina através da Fundação Barceló, com sede em Buenos Aires (Folha de São Borja, 3/12/2016 – Educação, p. 14, grifos da autora).

A ideia de atrair brasileiros para as turmas de graduação oferecidas na Argentina também traz uma perspectiva de consumo, no caso, voltado à educação, incluindo o termo “clientela”. Compreende-se que o enfoque da matéria remete à **Categoria Fronteira de Interação** devido à expectativa de os estudantes brasileiros ingressarem na instituição argentina, resultando na possibilidade de que vivenciem experiências de troca com os

fronteiriços da cidade vizinha. A situação pode ser relacionada ao grande número de brasileiros que atravessam a Ponte para cursar Medicina na Fundación Barceló. Oriundos não somente de São Borja, mas de diversos lugares do país, são atraídos pela facilidade de ingresso, em comparação com as faculdades públicas do Brasil, e pelo custo financeiro mais acessível, quando o paralelo é feito com as universidades privadas daqui. O período de permanência no local faz com que brasileiros e argentinos estabeleçam intercâmbios e contatos diários em suas práticas cotidianas.

Outra referência interessante e específica do cenário das cidades-gêmeas aparece no trecho a seguir, pontuando a celebração que, oficialmente, une ambos os lados da fronteira. O exemplo também é aceito como ***Frenteira de Interação***, e se observa uma abordagem a partir do *Eixo Temático Relações Institucionais*, por assinalar as dinâmicas de aproximação existentes a partir do contato entre os órgãos das duas localidades.

Na ocasião, a Câmara aproveitou para entregar ao secretário Buero um quadro alusivo ao **dia 30 de novembro, no qual comemora-se o Dia da Amizade entre São Borja e Santo Tomé** (Folha de São Borja, 3/12/2016 – Educação, p. 14, grifos da autora).

Celebrado, anualmente, em 30 de novembro, o *Dia da Amizade Argentino-Brasileira* foi instituído pelos então presidentes Néstor Kirchner e Luiz Inácio Lula da Silva, em 16 de março de 2003, pela Ata de Copacabana²⁴. Em seu 8º parágrafo, o documento define o dia “em comemoração ao encontro que mantiveram nessa data, em 1985, os Presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín, dando origem ao processo de integração regional”. Além disso, no parágrafo único do decreto da Presidência da República brasileira, de 16 de novembro de 2004, fica indicado que “O Ministério da Educação adotará as medidas adequadas para a celebração do Dia da Amizade Argentino-Brasileira em todas as instituições de ensino do território brasileiro, que dedicarão as comemorações a atividades orientadas a difundir a cultura e a história argentinas”. Da mesma forma que, na Argentina, durante tais ocasiões, a proposta é que se fale sobre elementos das realidades do Brasil.

Comentando sobre a data, o Sujeito 4 (2017) contou que, em anos anteriores, foram realizadas ações no sentido de integrar os dois povos, por exemplo, uma rústica (corrida) internacional, cuja largada era na Ponte Internacional da Integração, mas que nem sempre eram organizadas atividades nesse sentido. Pode-se observar que o jornal não faz qualquer menção a outras ocorrências, apenas à entrega do quadro, aproveitando um momento de

²⁴ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Dnn/Dnn10354.htm. Acesso em: 10 mar. 2018.

encontro entre o secretário argentino e a “Câmara de Vereadores” – a situação está colocada de maneira genérica, sem mencionar como aconteceu de fato, quem foram os vereadores que participaram ou outros envolvidos.

As representações sobre essa região fronteiriça também estão perpassadas por questões históricas, como a constituição das duas cidades a partir das Reduções Jesuíticas. Noticiando a realização do *2º Festival Internacional de Cozinha Missioneira*, a matéria apresentada na sequência (Figura 6) elucida “o sucesso da programação que envolveu também a comunidade de Santo Tomé, na Argentina” (Folha de São Borja, 3/12/2016 – Fim de Semana, Capa). Inclusive a prefeitura do município vizinho estava envolvida na organização do evento, reforçando as dinâmicas de interação experienciadas no cenário. Nesse sentido, visualiza-se os movimentos de aproximação entre os municípios pautados e caracterizados por aspectos da trajetória, cultura e identidade missioneiras.

Durante nove dias de evento, foram promovidas muitas atividades dirigidas a diversos públicos, buscando a valorização da cozinha tradicional missioneira e dos produtos e produtores locais. Além disso, os coordenadores do festival destacam que **a programação ainda serviu para ampliar a integração cultural e gastronômica entre as duas cidades da fronteira** (Folha de São Borja, 3/12/2016 – Fim de Semana, Capa, grifos da autora).

O exemplo selecionado explicita que a culinária foi o principal elemento cultural e identitário utilizado para congregar os sujeitos e articular a interação entre as duas cidades, com ênfase no caráter de serem missioneiras – e não, necessariamente, pelo fato de serem fronteiriças. Devido à atuação conjunta de moradores das duas localidades na organização e participação do evento, considera-se que a abordagem se apresenta representada como ***Fronteira de Interação***, trazendo *Eixos Temáticos* ligados a *Relações Culturais*, *Relações Identitárias* e *Relações Comerciais*. O enquadramento se justifica pois, entre os objetivos do evento, a preocupação com a integração e a valorização cultural andam próximas ao interesse em contribuir com a economia das duas cidades, especialmente, pela promoção de produtos regionais. Questões de saúde e educação alimentar também estão pontuadas na matéria como aspectos importantes consideradas pela proposta do Festival.

Figura 6: Dia 03/12/2016 – Edição 4064.

Organizadores avaliam positivamente realização do 2º Festival Internacional de Cozinha Missioneira

Esta semana os organizadores do 2º Festival Internacional da Cozinha Missioneira realizado em São Borja, entre os dias 3 e 11 de novembro, divulgaram nota de avaliação e de agradecimento ao apoio que gerou o sucesso da programação que envolveu também a comunidade de Santo Tomé, na Argentina. Estiveram à frente da programação o Instituto Federal Farroupilha (IFFar), Associação Comercial e Industrial (Acisb) e prefeituras de São Borja e Santo

Tomé. Várias empresas públicas e privadas também apoiaram e patrocinaram as atividades.

Durante nove dias de evento, foram promovidas muitas atividades dirigidas a diversos públicos, buscando a valorização da cozinha tradicional missioneira e dos produtos e produtores locais. Além disso, os coordenadores do Festival destacam que a programação ainda serviu para ampliar a integração cultural e gastronômica entre as duas cidades da fronteira. "Recebemos um número significativo de pesquisadores, professores e chefs de gastronomia de várias instituições do Rio Grande do Sul, além do maior pesquisador em cultura alimentar do país, doutor Carlos Alberto Doria", ressaltam os organizadores.



Jantar do Peixe, no bairro do Passo, abriu programação do Festival

Outro destaque dos coordenadores é de que, através do Circuito de Pratos nos Restaurantes, das visitas técnicas, dos seminários, dos jantares temáticos, das visitas aos museus locais, das aulas de cozinha, de palestras e da apresentação de trabalhos de pesquisa houve a possibilidade dos participantes do Festival de, ao mesmo tempo, visitar a história, a memória e as paisagens desta região, através de um de seus maiores bens culturais, a sua comida.

Ao final a organização do 2º Festival Internacional de Cozinha Missioneira agradece a participação das comunidades de São Borja e de Santo Tomé, das empresas apoiadoras e patrocinadoras e demais envolvidos que ajudaram a fazer o sucesso das atividades que deverão se repetir nos próximos anos.

OBJETIVOS

O Festival visa disseminar a integração cultural entre os municípios de São Borja e Santo Tomé, valorizando a cultura alimentar das Missões e dando visibilidade aos produtos regionais, o que também contribui para a economia dos dois municípios. Outro ponto importante do festival foram as questões relacionadas à saúde e à educação alimentar.

Fonte: Folha de São Borja, 2016.

Em concordância com Castells (2002), Hall (2006; 2008), Silva (2014), Woodward (2014) e Guibernau (2017), referidos no capítulo teórico, importa resgatar, nesse momento, que a identidade pode ser compreendida como uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Seria instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. Estaria ligada a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação e às relações de poder. Dessa maneira, as conformações identitárias vão sendo construídas, atreladas à historicidade, a traços do passado, a mitos e heróis, com características que perpassam os sujeitos e definições que são utilizadas para representá-los. O enfoque que destaca a temática das Missões é retomado na **Categoria Abordagem Indireta** por trazer exemplos ligados a esses arranjos.

Ainda somado à questão missioneira, outro elemento importante que aparece, no caso da matéria “Palestra no IFFar abordou a fundação jesuítica de Santo Tomé” (Figura 7), refere-se à linguagem do país vizinho, trazida para o texto, conforme se observa a seguir.

“**Origen del nombre Santo Tome y sus fundaciones jesuíticas**” foi o tema da palestra abordada na quarta-feira, dia 7, no Curso de Extensão em Educação Patrimonial e Valorização da Cultura Missioneira – Taji Poty do Instituto Federal Farroupilha (Folha de São Borja, 10/12/2016 – Educação, p. 15, grifos da autora).

Apesar de diversos municípios serem contemplados pelas experiências históricas das Reduções, a possibilidade de manejar outro idioma se mostra um elemento da região de fronteira, onde os moradores têm contato com a população do país que está ao lado e por isso possuem um entendimento das expressões do espanhol ou castelhano, mesmo que não o falem de modo fluente. Essa conformação peculiar também traz indicações de uma *Fronteira de Interação* entre são-borjenses e santo-tomenhos. O fato de virem professores do “Instituto Superior de Formación Docente Jorge Luís Borges”, de Santo Tomé, para ministrar a palestra²⁵ também é alusivo a essa compreensão das falas e das tentativas de intercambiar experiências e vivências nessas localidades.

Os profissionais entrevistados foram indagados acerca das conversações no cenário de fronteira e trouxeram características dessa relação em que, na perspectiva geral, há um diálogo em duas línguas distintas, pois, cada um fala seu próprio idioma, sem que isso seja um empecilho nas comunicações interpessoais. Observa-se que, no contexto de São Borja e Santo Tomé, a situação idiomática é vivenciada de maneira distinta das experiências de determinadas cidades fronteiriças em que há, praticamente, um terceiro idioma, misturando e unindo o português e o espanhol.

Até mesmo a questão da língua, com o pessoal da fronteira, aqui, não é tão difícil tu conversar, tu conversa normalmente, mesmo que a pessoa não tenha nenhum domínio de espanhol, por exemplo, ou eles lá não tenham domínio de português. Porque é uma coisa que já vem naturalmente com o tempo, né?! Quem mora aqui já assimila mais fácil, assimila mais fácil a língua, a linguagem, a conversa, enfim, consegue se virar tranquilo para conversar (SUJEITO 1, 2017).

A afirmação indica um processo, muitas vezes, natural e automatizado que faz parte das práticas socioculturais, do dia a dia das pessoas do lugar. Mesmo que sejam dois idiomas distintos, há um linguajar comum, que tem relação com as expressões da vida cotidiana, com a linguagem coloquial, e que pode permitir o entendimento mútuo. São termos e jeitos de falar que, inclusive, em alguns casos, acabam incorporados pelo país vizinho, em virtude de serem acionados com recorrência. Também, demonstra um interesse, uma vontade de compreender o outro e de estar aberto a construir as interações.

Ao mesmo tempo, há pistas de que as vivências não chegam a alcançar um nível de integração a ponto de os idiomas serem intercambiáveis. De certa forma, ao manter as

²⁵ O nome do Projeto de Extensão tem origem, conforme Rodrigues e Pedron (2016, p. 80), no Tupi-Guarani, *Taji Poty* significa *A flor do Ipê*. “O Ipê é a árvore símbolo do município de São Borja e tem a sua floração em setembro, mês que sempre inicia o projeto. A escrita em Guarani se deve ao fato de a povoação inicial da cidade de São Borja ser formada por uma transmigração de índios guaranis da redução vizinha Santo Tomé”.

conversas na língua de cada país, os cidadãos estão acionando suas identidades nacionais, marcando as relações a partir de quem sou “eu” e quem é esse “outro” que está em diálogo comigo. O português atribuindo alguns traços do brasileiro, e o espanhol caracterizando o sujeito argentino.

Figura 7: Dia 03/12/2016 – Edição 4064.

Palestra no IFFar abordou a fundação jesuítica de Santo Tomé

“Origen del nombre Santo Tome y sus fundaciones jesuíticas” foi o tema da palestra abordada na quarta-feira, dia 7, no Curso de Extensão em Educação Patrimonial e Valorização da Cultura Misioneira – Taji Poty do Instituto Federal Farroupilha.

A palestra realizada na sala de aula do Prédio da Gastronomia do IFFar, foi ministrada pelos professores do Instituto Superior de Formación Docente “Jorge Luis Borges”, Santo Tomé/Argentina, Yolanda Aguilera, Francisca Rodrigues, Elba Torres, Natalin Ortega, Luis Gabriel Aguilera e Victor. No Instituto Borges tem o curso de “professorado” em História, o equivalente a formação que habilita professores para ministrar aulas no ensino médio.

Os professores apresentaram um histórico da fundação da redução de Santo Tomé, que remonta ao ano de 1632. De acordo com eles, a primeira fundação da redução jesuítica de Santo Tomé, foi no local em que situa-se hoje, a cidade de São Francisco de Assis. Isso se deve ao fato de que naquele momento histórico, pelo tra-



Foto: IFFar

Palestra abordou aspectos da origem da vizinha cidade argentina

tado de Tordesilhas, todo o atual território do Rio Grande do Sul pertencia a Espanha. Mas em função das incursões dos bandeirantes, a redução acabou migrando para Yapeju e em 1663 para a atual localização de Santo Tomé/Corrientes/Argentina.

Também abordaram o empenho do curso de história do Instituto Borges, em fazer algumas ações que busquem valorizar a história de Santo Tomé e consequentemente a história Misioneira. Reforçaram ainda a importância de ações de parceria para aproximar as duas cidades com uma história comum, especialmente no que diz respeito às questões jesuíticas. A palestra marcou o início das atividades de aproximação entre as duas instituições e consequentemente entre duas cidades que tem um passado em comum.

TAJI POTY

O Projeto de Extensão “Taji Poty: A educação patrimonial e a valorização da cultura misioneira”, está em sua terceira edição. Idealizado pelos professores Fernando Rodrigues (Centro Cultural) e Flávia Pedron (ex-docente do IFFar), tem como objetivos despertar o interesse da comunidade a respeito das questões relacionadas à educação patrimonial, história da cidade de São Borja, patrimônio material e imaterial, noções de elaboração de projetos culturais e de economia criativa entre outros aspectos.

Fonte: Folha de São Borja, 2016.

A notícia (Figura 7) deixa evidente as relações históricas que constituíram a cidade de Santo Tomé, e as movimentações pelo território que pertencia à Espanha e, hoje, é o espaço do Rio Grande do Sul. Conforme explica o texto, fazendo alusão à palestra dos professores, em 1632, aconteceu a primeira fundação jesuítica da cidade argentina, no atual município de São Francisco de Assis. E, no ano de 1663, a redução migrou para a localização em que está contemporaneamente, nas margens do rio Uruguai.

A abordagem informativa trata de modo positivo a realização de projetos que coloquem em contato os povos dos dois países, fazendo com que se aproximem, conheçam-se mutuamente e valorizem o patrimônio que possuem. Por essa razão, também se enquadra na **Categoria Fronteira de Interação**, com a matéria pontuando uma construção a partir de *Eixos Temáticos* de *Relações Identitárias* (Brasil-Argentina), de *Relações Institucionais* (entre as entidades de ensino as cidades vizinhas) e de *Relações Culturais* (entre todos os envolvidos e considerando o assunto discutido na palestra e no projeto *Taji Poty*).

Reforçaram ainda a **importância de ações de parceria para aproximar as duas cidades com uma história comum**, especialmente no que diz respeito às questões jesuíticas. A palestra marcou o início das **atividades de aproximação entre as duas instituições e consequentemente entre as duas cidades** que tem um passado em comum (Folha de São Borja, 10/12/2016 – Educação, p. 15, grifos da autora).

Os aspectos referentes ao passado missioneiro e a uma história comum são enfatizados como oportunidade para as iniciativas de contato e intercâmbio. Contudo, chama a atenção o fato de não haver fontes diretas que complementem e opinem sobre as questões. Um dos entrevistados, o Sujeito 1 (2017), comentou que a cidade é muito presa às questões do passado, por exemplo, ressaltando os mesmos elementos históricos sempre, como o fato de ser Terra dos Presidentes. Para ele, é importante que tais componentes sejam colocados e valorizados, até mesmo, por estarem presentes no dia-a-dia da comunidade local, mas a maneira como isso é trabalhado, sem novidades ou evoluções, em alguns casos, poderia gerar estagnação. Afirma que, de certa maneira, essa realidade se alterou, pois aconteceram muitas mudanças positivas na cidade, principalmente, a partir da instalação da Unipampa e do IFFar, e da chegada de algumas empresas. De fato, pode-se perceber que há projetos e iniciativas das instituições, mesmo no sentido da aproximação São Borja-Santo Tomé, que são abordadas em matérias do *corpus*. Inclusive, nesses dois casos referenciados por último, observa-se um destaque na atuação de entidades locais, tendo papel fundamental como articuladoras e incentivadoras das relações entre as cidades-gêmeas e Brasil-Argentina, na organização de eventos que congreguem os dois povos.

Outra temática que contempla questões bastante peculiares do local de fronteira pesquisado é o resgate do percurso de construção da Ponte Internacional da Integração, em virtude de ter completado dezenove anos no dia 9 de dezembro de 2016 (Figura 8). Em geral, são colocadas informações sobre a importância da obra binacional e a cerimônia de inauguração, com a presença dos presidentes de Brasil e Argentina. O assunto foi pauta do *Folha de São Borja* e do programa *Gente é Notícia*, como **Abordagem Direta e Fronteira de Interação**, por referenciar a Ponte como elemento dinamizador das aproximações entre os países vizinhos e, de maneira específica, entre as localidades de São Borja e Santo Tomé, como se observa nos exemplos a seguir.

Operacionalmente a ponte começou a funcionar nos primeiros meses de 1998 **definindo um marco importante nas relações Brasil/Argentina** e extinguindo o serviço de balsas no rio Uruguai (Folha de São Borja, 10/12/2016 – Município, p. 7, grifos da autora).

Hoje, é uma data importante para São Borja. Quem não lembra, 9 de dezembro de 1997, **inauguração da Ponte da Integração**, aqui em São Borja, com a presença dos presidentes brasileiro, Fernando Henrique Cardoso, e argentino, Carlos Menem. Nós fizemos uma cobertura especial com a Rádio Cultura, com a Folha de São Borja. Uma cobertura muito importante da **inauguração dessa obra binacional tão importante para o Mercosul** (Gente é Notícia, 09/12/2016, grifos da autora).

Os trechos assinalados indicam a relevância da obra que auxiliou na modernização dos processos de circulação regional, reconhecendo-a como partícipe na ampliação das relações, não apenas como um espaço de passagem entre os países, mas como possibilidade de contatos e trocas diversas. No entanto, alguns profissionais entrevistados relataram com nostalgia seus sentimentos acerca do período anterior à construção da obra. O Sujeito 4 (2017) afirmou que, “quando se passava para Santo Tomé, atravessando o Rio Uruguai pelas barcas, eu acho que a integração era muito maior, entre os brasileiros e os argentinos, ou são-borjenses e santotomenhos, do que agora que tem a Ponte Internacional da Integração”. Na entrada no campo, outros diálogos trouxeram essa perspectiva, justificando que a luta por esse bem comum motivou a aproximação entre as cidades e, depois da conquista alcançada, as relações deram uma arrefecida. Ao mesmo tempo, determinados informantes refutaram tais afirmações, explicando que, atualmente a situação está muito melhor, pois a travessia pode ser realizada no momento em que os moradores quiserem, diferente de quando se utilizavam as balsas com horário marcado para sair e chegar entre as margens.

Pensando pelo viés da reestruturação cultural e das mudanças nas práticas sociais, convém assinalar que, tanto a Ponte, quanto as instituições educacionais IFFar e Unipampa, podem ser considerados empreendimentos recentes em São Borja. Apesar de já estarem impactando na comunidade, tem-se a compreensão de que faz pouco tempo que essas obras foram construídas, estando, ainda, em processo de inserção efetiva nas vivências do lugar. Acredita-se que, no decorrer dos anos, haverá uma dinâmica de familiarização com as possibilidades oferecidas e de estímulo aos trânsitos entre as cidades-gêmeas, partindo desses novos elementos do contexto fronteiriço.

Pela imagem a seguir (Figura 8), pode-se observar que são apresentadas características da Ponte, resgatando pormenores de sua constituição, o valor do investimento realizado, a extensão que possui e as distâncias entre São Borja e Santo Tomé. Além disso, enfatiza-se o período de luta das comunidades, durante cerca de trinta anos, para conseguir o apoio dos governos, a burocracia das licitações para definir a empresa que estaria à frente da edificação e, finalmente, o resultado concluído.

Figura 8: Dia 10/12/2016 – Edição 4066.

Ponte da Integração completou 19 anos nesta sexta-feira

Obra binacional foi inaugurada em 1997 com a presença dos presidentes da Argentina, Carlos Menem, e do Brasil, Fernando Henrique Cardoso

Nesta sexta-feira, dia 9 de dezembro, a ponte internacional São Borja/Santo Tomé (Ponte da Integração), sobre o rio Uruguai, ligando Brasil e Argentina completou 19 anos de sua inauguração. Por conta do aniversário, a Mercovia, que é o consórcio que detém os direitos de exploração do Centro Unificado de Fronteira da ponte, promoveu algumas internas e publicou mensagens nas redes sociais, rádios e jornais para comemorar a data.

A Ponte da Integração tem 1.403 metros de extensão, 14 quilômetros de acessos dos dois lados da fronteira e que contou com mais de US\$ 50 milhões de investimentos e privados, representou a obra física mais importante na era do Mercosul. O projeto foi desenvolvido como experiência pioneira tanto quanto aos trâmites da licitação internacional tanto quanto ao modelo de travessia que conta com apenas uma aduana integrada Argentina/Brasil, sendo esta a primeira experiência na América Latina.

Pela Ponte da Integração, a circulação de cargas é principalmente de automóveis e peças automotivas. Apesar do movimento, entre São Borja e Santo Tomé, assim como em outros portos do país, o intercâmbio comercial tem tido anos de crescimento e outros de queda, de acordo com as relações comerciais e as situações econômicas dos países vizinhos. Mesmo assim, a Mercovia tem dito que a ponte vem cumprindo com sua finalidade de promover a economia e a integração dos países do Mercosul

HISTÓRICO

A ponte internacional São Borja/Santo Tomé foi confirmada após luta de cerca de 30 anos das comunidades da fronteira, que conseguiram apoio dos dois governos. No dia 24 de abril de 1995, em cerimônia realizada sobre a balsa que faz a travessia no rio Uruguai, com a presença do ministro de Obras do Brasil, Odacir Klein, do secretário

de Obras da Argentina, Wylían Otrera, dos governadores do Rio Grande do Sul, Antônio Brito, e de Corrientes, Rolando Feris, foi lançado o edital de licitação internacional para construção da ponte.

O processo licitatório foi concorrido, 23 empresas foram pré-qualificadas, e, em 30 de novembro de 1995, dois consórcios, apresentaram proposta final. Naquele mesmo dia, o resultado foi anunciado: venceu o Consórcio Mercovia, formado pelas empresas Impregilo (italiana), Cigla (argentina), Iglys (brasileira), Necon (argentina), Chediack (argentina) e Usifast (brasileira).

Finalmente, em 12 de dezembro de 1995, foi homologado o resultado e assinado o contrato de concessão. Nessa mesma data, a Comissão Mista Brasileiro-Argentina para a ponte internacional São Borja-Santo Tomé, entre o Rio Grande do Sul e a província argentina de Corrientes, sobre o rio Uruguai, entregou oficialmente, a área de construção para a Mercovia S.A.

O tempo máximo para construção da ponte foi estima-



Foto: Sérgio Justen

Aniversário da ponte foi lembrado ontem pelo Mercovia

do em dezoito meses a contar da homologação do contrato de concessão pelos dois países, o que ocorreu em abril de 1996. Em dezembro de 1997, finalizou-se a Construção do empreendimento, sendo inaugurada no dia 9 de dezembro pelos presidentes da Argentina e o Brasil, Carlos Menem e Fernando Henrique Cardoso respectivamente. Operacionalmente a ponte começou a funcionar nos primeiros meses de 1998 definindo um marco importante nas relações Brasil/Argentina e extinguindo o serviço de balsas no rio Uruguai.

Fonte: Folha de São Borja, 2016.

As dinâmicas da balança comercial da região são mencionadas a partir da circulação de cargas e do intercâmbio entre os dois países. A construção textual atribui à Mercovia, consórcio formado por empresas brasileiras, argentinas e italiana, a credibilidade para afirmar que a Ponte vinha cumprindo com a integração dos países do Mercosul. Todavia, não fica claro, para além do âmbito econômico, que integração seria essa e como esses processos estão sendo efetivados. Ainda, contrariando essa elaboração, no entendimento dos profissionais entrevistados, o referido acordo só estaria funcionando entre São Paulo e Buenos Aires, sem resolver questões pontuais do cenário fronteiriço.

Apesar do movimento, **entre São Borja e Santo Tomé**, assim como em outros pontos do país, **o intercâmbio comercial** tem tido anos de crescimento e outros de queda, de acordo com as relações comerciais e as situações econômicas dos países vizinhos. Mesmo assim, **a Mercovia tem dito que a ponte vem cumprindo com sua finalidade de promover a economia e a integração dos países do Mercosul** (Folha de São Borja, 10/12/2016 – Município, p. 7, grifos da autora).

A íntegra do texto também indica que a concessionária que administra o CUF, primeira experiência de aduana integrada da América Latina, realizou algumas ações para comemorar a data, divulgando mensagens em suas redes sociais, emissoras de rádios e jornais. Na mesma página em que a matéria está publicada, há um anúncio da Mercovia fazendo referência ao aniversário da Ponte, trazendo informações, fotografias históricas e o slogan “Unindo fronteiras, aproximando países”.

Já no programa de rádio, além de informações básicas indicadas, o apresentador do *Gente é Notícia* falou sobre a cobertura especial que os meios são-borjenses realizaram na inauguração da Ponte, e mandou uma “saudação especial” para a empresa Mercovia, as instituições localizadas no CUF e os funcionários brasileiros e argentinos. Apesar de extrapolar o elemento informativo, tal mensagem é importante, pois ilustra as relações entre os vizinhos, a partir da realidade vivenciada pelos servidores da aduana, compartilhando experiências entre os dois países. Ainda, pelas características do meio radiofônico, a informação do aniversário da Ponte pôde ser repetida durante o programa, mesmo sem trazer novos elementos, apresentando relatos e experiências do locutor, misturando falas pessoais com o conteúdo jornalístico apresentado ao ouvinte.

Outra abordagem construída a partir de referências à Ponte Internacional da Integração diz respeito ao deslocamento de turistas pela fronteira, principalmente, rumo às praias gaúchas e catarinenses, bem como ao ingresso específico de argentinos vizinhos. Em alguns casos, a cobertura remeteu às representações de *Fronteira de Interação*, por indicar contatos entre as populações vizinhas. Mas, na maioria das vezes, as abordagens indicavam esse espaço fronteiro como *de Passagem*, por enfatizar o fato de os argentinos estarem cruzando a Ponte, deslocando-se rumo às praias gaúchas e catarinenses.

Enquanto **Categoria Primária Abordagem Direta**, no jornal impresso analisado, a entrada de argentinos e o movimento de turistas apareceram como aspecto central em três unidades informativas, fazendo um acompanhamento dos períodos de fluxos mais intensos e apresentando o mote a cada duas semanas (nos dias 24 de dezembro, 7 e 21 de janeiro). Nos programas de rádio, tal perspectiva se repetiu treze vezes, sendo a principal temática abordada durante os três meses de análise. Dos sete recortes do programa *Gente é Notícia*, seis diziam respeito a essas informações (em 22 e 26 de dezembro, 5, 9, 11 e 19 de janeiro). E, no *Atualidades*, os sete trechos exemplares corresponderam a coberturas sobre esse ingresso e circulação pela fronteira São Borja-Santo Tomé (nos dias 21 e 23 de dezembro – com repetição nesse último –, 6, 16, 17 e 27 de janeiro). Em virtude de as construções serem semelhantes nos três meios analisados, inclusive, trazendo repetições de matérias, optou-se por agrupar as unidades informativas, trazendo os exemplos de modo conjunto e articulado.

Figura 9: Dia 21/01/2017 – Edição 4073.

Mais de 50 mil turistas já passaram pela fronteira entre São Borja e Santo Tomé

A tendência é de continuidade do movimento pelos menos até a metade de fevereiro

Mesmo que tenha havido uma queda no movimento de turistas pela fronteira neste veraneio em relação ao movimento do mesmo período do veraneio passado, os números divulgados até agora pela Mercovia, concessionária do Centro Unificado de Fronteira (CUF) da Ponte da Integração São Borja/Santo Tomé são muito positivos até esta semana. Já o último final de semana foi o de maior movimento até agora na aduana da ponte no atual veraneio, formando inclusive grandes filas de veículos e de pessoas.

Até agora, mais de 55 mil turistas já entraram no Brasil e que rumaram em direção às praias gaúchas e catarinenses ou retornaram para a Argentina após alguns dias de descanso. O número é um pouco menor do que os cerca de 63 mil turistas que haviam passado por aqui no mesmo período do verão anterior.

Segundo o gerente comercial da Mercovia, Alcir Jordani, o pico de movimento aconteceu

no sábado, dia 13, inclusive com filas avançando na madrugada do domingo, dia 14. Com isso, os hotéis de São Borja tiveram lotação esgotada e muitos dos turistas precisaram ser encaminhados para São Luiz Gonzaga através do serviço de informações existente no CUF. Muitos turistas dormiram nos próprios carros, no estacionamento da Mercovia, porque houve demora no serviço de migração por conta do próprio movimento extra, de acordo com Jordani.

De acordo com o gerente comercial da Mercovia, Alcir Jordani, a tendência é que o movimento se mantenha nos próximos dias, com expectativa novamente de grande fluxo no final de janeiro, quando se inicia uma nova quinzena de viagens dos argentinos. Para este final de semana, ele prevê movimento maior de turistas, mas não tão grande como os que são registrados nos finais de quinzenas. Já a previsão de que cerca de 100 mil turistas devem passar pela Ponte da Integração



No último final de semana turistas enfrentaram filas

continua mantida pela Mercovia.

Em São Borja, os hotéis estão no topo dos estabelecimentos e mais faturam

com a passagem de turistas neste período de veraneio. Na sequência vem os restaurantes e os postos de combustíveis.

Fonte: Folha de São Borja, 2017.

No que diz respeito à presença dos argentinos, observa-se uma diferenciação entre os argentinos turistas e os argentinos santo-tomenhos. Os primeiros seriam aqueles que estão em trânsito pela fronteira, de férias em direção ao litoral brasileiro, especialmente. Costumam viajar em grupos, família, amigos, podem “chegar” em São Borja para abastecer os carros, utilizar hotéis, restaurantes e, talvez, fazer alguma compra nas lojas da cidade (diz respeito à *Fronteira de Passagem*). Já os segundos, seriam os vizinhos de fato, os moradores de Santo Tomé que atravessam a Ponte para as realizações cotidianas e triviais que correspondem às práticas socioculturais de áreas limítrofes (representando a *Fronteira de Interação* em virtude do caráter habitual dos sujeitos fronteiriços). Mesmo que esse fluxo seja frequente durante todo o ano, não apresentando oscilações tão marcadas, no período de festividades, houve um aumento significativo. A seguir, os trechos selecionados evidenciam esses fatos, abordando, de modo distinto, tais fluxos.

Vem aumentando, aqui na Ponte da Integração, **o movimento de turistas, mas também não só o movimento de turistas, mas também daqueles argentinos no trânsito vicinal. Muitos argentinos que estão saindo de Santo Tomé, que estão saindo de Virasoro, por exemplo, de localidades próximas daqui, para fazer compras aqui em São Borja.** Então, é bom que estejamos atentos a esse movimento e os comerciantes de São Borja possam receber bem os argentinos porque são mais dívidas que vêm para o município (Gente é Notícia, 22/12/2016, grifos da autora).

De acordo com a Mercovia, empresa concessionária do Centro Unificado de Fronteira (CUF) da ponte internacional, **esta semana a entrada de turistas ainda foi fraca, mas a partir da metade da próxima semana deve ser bastante intenso. Nos últimos dias, houve incremento no trânsito vicinal na ponte, especialmente de argentinos que vieram a São Borja fazer compras** (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Município, Contracapa, grifos da autora).

Não há nenhuma estatística, na atual temporada, em torno das vendas para turistas na cidade. Já no trânsito vicinal, segue a presença de argentinos no comércio local, mas com leve redução agora em janeiro (Folha de São Borja, 07/01/2017 – Município, contracapa, grifos da autora).

A partir dos trechos a seguir, convém mencionar que, em uma mesma matéria, podem aparecer tanto representações *de passagem* (“turistas rumo ao litoral brasileiro”, “entrando no Brasil”, “argentinos se deslocando”, “ingressaram”) quanto *de interação* (“ampliou a equipe de apoio”, “atendentes para receber os turistas”, “os turistas argentinos também recebem informações”, “chegaram queixas dos turistas”). Os textos fazem circular representações da fronteira São Borja-Santo Tomé a partir de elementos que indicam um contato superficial entre as populações. Seria esse viés que coloca a região como uma espécie de corredor, por onde os turistas argentinos apenas estariam passando, sem que fossem experienciadas, obrigatoriamente, situações de relação.

Na **Ponte da Integração São Borja-Santo Tomé**, o feriado de Natal vai ser marcado pelo **início da temporada de turistas rumo ao litoral brasileiro**. A Mercovia, que é a concessionária para a Ponte, **ampliou a equipe de apoio** e espera, até março, **pelo menos 150 mil argentinos**. **O serviço de migração, tanto brasileiro como argentino, também foi reforçado**, para maior agilidade, e está funcionando por 24 horas (Atualidades, 23/12/2016, grifos da autora)

Após passar o Natal neste domingo, dia 25, a expectativa das autoridades brasileiras é de que aumente muito **o fluxo de turistas argentinos entrando no Brasil pela Ponte da Integração São Borja/Santo Tomé**. A previsão é de que o movimento neste veraneio seja maior do que no veraneio passado, com **os argentinos se deslocando** para tirar férias nas praias do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Município, Contracapa, grifos da autora).

No Centro Unificado de Fronteira da Ponte da Integração, a Mercovia ampliou a **equipe de atendentes para receber os turistas**. Um dos esforços da equipe é garantido através de servidores cedidos pela secretaria estadual de Turismo que formalizou **parceria com o Instituto Federal Farroupilha de São Borja** (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Município, Contracapa, grifos da autora).

Além dos trâmites legais, os turistas argentinos também recebem informações no CUF sobre acessos à São Borja e às praias, principalmente em torno de condições das estradas. Com relação a este quesito **chegaram queixas dos turistas até a Mercovia sobre a situação das ruas que dão acesso ao centro de São Borja** (Folha de São Borja, 07/01/2017 – Município, contracapa, grifos da autora).

A Ponte Internacional da Integração costuma ser referida nessas construções que, de acordo com o recorte a seguir, também consideravam o deslocamento de brasileiros pela fronteira, entrando na Argentina.

A empresa Mercovia, concessionária do Centro Unificado de Fronteira (CUF), calcula que **mais de 10 mil turistas argentinos já entraram no Brasil pela Ponte da Integração São Borja/Santo Tomé**, este ano, rumo às praias do litoral gaúcho e

catarinense. Desde o dia 1º de janeiro, **2.627 veículos de turistas entraram pela fronteira**, segundo a concessionária. No sentido inverso **quase 1.900 turistas brasileiros ingressaram na Argentina indo para o vizinho país ou o Chile**, desde domingo, e **tripulando 468 veículos** (Folha de São Borja, 07/01/2017 – Município, contracapa, grifos da autora).

Os materiais também enfatizam as oportunidades de incremento financeiro a partir dessas dinâmicas de movimentação e contato. Nesse sentido, as construções são elaboradas em alusão direta ao *Eixo Temático Relações Comerciais*. Ainda, como se pode visualizar nos exemplos, as abordagens foram similares nos programas de rádio e no jornal impresso.

Os setores que mais estão **faturando com a passagem dos argentinos** são os postos de combustíveis, hotéis e restaurantes. Em dois restaurantes pesquisados, funcionários disseram que a **presença dos argentinos variou bastante** ao longo da semana e é mais frequente à noite. Geralmente **toda família viaja junto** e assim também comparece para almoçar ou jantar (Folha de São Borja, 07/01/2017 – Município, contracapa, grifos da autora).

Em São Borja, os setores que mais estão aproveitando **a passagem dos turistas** são os setores de hotéis, de restaurantes e, também, postos de combustíveis. Ainda, o comércio lojista da cidade se resente de um trabalho mais eficaz com relação a **receber a visita dos turistas argentinos**. Poucas lojas, poucos estabelecimentos estão conseguindo vender alguma coisa para **os turistas que passam aqui pela fronteira**. Mas os hotéis, no último final de semana, por exemplo, os hotéis ficaram lotados aqui em São Borja. **Muitos turistas** acabaram indo para outras cidades porque faltou vaga em hotéis aqui do município. Também os postos de gasolina, especialmente, esses que ficam mais próximos das rodovias ou ficam nas rodovias federais, são os que mais **estão conseguindo faturar com a presença de argentinos** (Gente é Notícia, 19/01/2017, grifos da autora).

Segundo o gerente comercial da Mercovia, Alcir Jordani, o pico de movimento aconteceu no sábado, dia 13, inclusive com filas avançando na madrugada do domingo, dia 14. Com isso, **os hotéis de São Borja tiveram lotação esgotada e muitos dos turistas precisaram ser encaminhados para São Luiz Gonzaga através do serviço de informações existente no CUF. Muitos turistas dormiram nos próprios carros**, no estacionamento da Mercovia, porque houve demora no serviço de migração por conta do próprio movimento extra (Folha de São Borja, 21/01/2017 – Município, p. 5, grifos da autora).

A pesquisa reconhece que existe uma breve aproximação entre as populações, mesmo que somente com diálogos automáticos, ao passar pelo CUF e fazer a migração. Entretanto, pelos exemplos, pode-se afirmar que não haveria uma preocupação desses turistas com processos de interação com os brasileiros na fronteira, apenas com o deslocamento de fato. Essas pessoas (ou números) referidas nas coberturas estariam de passagem e com seus interesses voltados ao destino final da viagem. Não parece importar muito onde vão passar a noite, desde que transponham as filas e possam dar continuidade ao percurso na estrada. De modo semelhante, as equipes formadas para auxiliar esses turistas estão cumprindo com um objetivo específico, que se encerra assim que a intensidade no volume de ingressos diminuir,

não havendo muito espaço e/ou disposição para dinâmicas de trocas. Esses contatos são aceitos como interações com finalidades informacionais, naturalmente, tendo caráter ainda mais sucinto e momentâneo do que as práticas socioculturais representadas quanto às experiências dos sujeitos que vivem nas duas cidades.

Conforme mencionado, pela perspectiva do lado brasileiro, as matérias também representam esse trânsito como oportunidade comercial, mobilizando moradores e entidades locais em busca desses possíveis consumidores. O trecho exemplificado a seguir, extraído do intertítulo *São Borja fatura com os turistas*, indica tais aspectos.

Mesmo que ainda seja fraco, **São Borja vem conseguindo faturar alguma coisa com a passagem de turistas argentinos** em direção às praias. **Objetivando aumentar o faturamento extra** em meses de vacas magras como janeiro e fevereiro, a Associação Comercial e Industrial (Acisb) tem **incentivado os turistas a chegarem na cidade através de folhetos e outdoor**. As demais entidades, como Sindilojas e Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) igualmente **promovem ações em torno de clientes extras no veraneio** (Folha de São Borja, 07/01/2017 – Município, contracapa, grifos da autora).

A elaboração de pautas sobre o movimento de turistas argentinos tem sido uma constante no jornalismo brasileiro, ao longo dos anos, com atenção especial das mídias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Obviamente, nos meios de comunicação fronteiriços, a perspectiva não seria diferente, ainda mais com a proximidade geográfica e a presença física fazendo com que aumente a necessidade de tais coberturas. Tanto que a temática apareceu como chamada de capa em três edições do período contemplado na pesquisa.

Observa-se que as representações com relação à passagem remetem aos grandes fluxos de turistas circulando, mencionando números inteiros, sem haver uma especificação dessas pessoas ou mesmo serem ouvidas como fontes desses grupos. Também, são considerados outros pontos de fronteiras, como a Ponte em Uruguaiana-Paso de Los Libres, trazendo estatísticas gerais que incluem essas entradas.

Na temporada de veraneio 2016/2017, **a previsão da Mercovia é de que ingressem pela Ponte da Integração até março, 150 mil veranistas**, o que significa **20% a mais do que na temporada anterior**. Considerando todos os portos de entrada na fronteira dos dois países, entre eles São Borja e Uruguaiana, a projeção das autoridades portuárias é de **ingresso de 1,5 milhão de argentinos ao longo da temporada que está começando** (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Município, Contracapa, grifos da autora).

Segundo dados da Mercovia, entre deslocamentos ao litoral brasileiro e retornos, já **passaram pela fronteira entre São Borja e Santo Tomé, 55.352 pessoas**, do dia 1º ao dia 16 de janeiro. Comparando com 2016, no mesmo período, **já haviam passado aproximadamente 62.092 pessoas pela Ponte da Integração**. Portanto, o

número, nesse ano, ainda é menor se comparado com o do ano passado (Atualidades, 17/01/2017, grifos da autora).

Até agora, **mais de 55 mil turistas já entraram no Brasil** e que **rumaram em direção às praias gaúchas e catarinenses ou retornaram para a Argentina** após alguns dias de descanso. O número é um pouco menor do que os **cerca de 63 mil turistas que haviam passado** por aqui no mesmo período do verão anterior (Folha de São Borja, 21/01/2017 – Município, p. 5, grifos da autora).

Percebe-se que, nos materiais analisados, textos impressos e radiofônicos, foram usuais as equiparações entre o número de estrangeiros que estavam ingressando naquela temporada e os que entraram em momentos anteriores, reportando a quantidade de pessoas que passaram pela Ponte, devido ao período de férias e veraneio. As abordagens contemplam, prioritariamente, a *Fronteira de Passagem*, trazendo indicativos gerais dos fluxos e trânsitos de pessoas. As possibilidades de entrada de argentinos pela Ponte Internacional Getúlio Vargas-Agustín Pedro Justo, em Uruguaiana e Paso de Los Libres, e, inclusive, pela fronteira de Livramento e Rivera, também foram contempladas nas elaborações, fazendo referência a outros pontos de ingresso de turistas, rumo ao litoral brasileiro.

São Borja pode ser considerado um local estratégico para as paradas dos turistas argentinos, necessárias, por exemplo, para descanso, alimentação e idas ao banheiro, pois fica localizada, praticamente, no meio do caminho entre Buenos Aires e Florianópolis. Nesse sentido, as matérias traziam exemplos de hábitos dos argentinos, como a prática de viajarem por quinzenas e em família, devido ao período de férias escolares e laborais, o fato de se hospedarem apenas uma noite nos hotéis, seguindo viagem pela manhã, e o uso do cartão de crédito que, naquele ano, era a principal forma de pagamento utilizada para as compras que efetuavam no município. Também, eram feitas projeções com a previsão de quantos turistas passariam até o final das férias, no mês de fevereiro, geralmente, apresentando dados disponibilizados pela Mercovia ou estimados pela Polícia Rodoviária Federal, a partir do contato com policiais argentinos e o consulado do país vizinho. Os principais trajetos e rodovias utilizados vinham acompanhados de informações sobre as operações especiais dos órgãos de segurança, com o intuito de redobrar a atenção com os condutores, reforçar a fiscalização e combater infrações, como excesso de velocidade e ultrapassagens proibidas.

Pode-se verificar que as abordagens sobre os fluxos priorizaram situações decorrentes desse trânsito, como a expectativa de aumento nas vendas e as campanhas para que os argentinos ficassem e comprassem na cidade. Bem como, informações acerca do comércio local e dos impactos positivos na economia são-borjense, sobretudo, mencionando hotéis, restaurantes e postos de combustíveis, que estavam operando em capacidade máxima, mesmo

com a queda no movimento em comparação com o período do ano anterior. Foi possível observar que as perspectivas contemplavam, especialmente, os *Eixos Temáticos* de *Relações Comerciais* e *Relações Institucionais*, a partir das entidades ligadas à cidade brasileira e às menções à Ponte e ao CUF.

Esse deslocamento que se repete a cada veraneio, com turistas argentinos circulando nas estradas brasileiras, especialmente, entrando a partir das fronteiras terrestres, resulta em articulações dos governantes da região, como mostra a matéria “São Borja e Santo Tomé estudam parceria para divulgar leis de trânsito” (Figura 10), que também recebeu chamada de capa. No decorrer de todo o texto, são apresentadas representações que aproximam as populações das cidades-gêmeas, tanto no sentido dos gestores, quanto dos moradores em geral. Em razão dessa perspectiva, compreende-se que a matéria apresenta aspectos que a classificam como *Frenteira de Interação*, indicando uma ênfase temática nas *Relações Institucionais* e nas *Relações Culturais*.

O encontro de lideranças locais/internacionais aconteceu na cidade de São Borja e buscou soluções para amenizar os problemas e dificuldades encontrados por condutores que dirigem no país vizinho. O texto começa explicando que:

Diante dos constantes problemas enfrentados por brasileiros em solo argentino e de argentinos em solo brasileiro, [...] **as prefeituras de São Borja e Santo Tomé** passaram a estudar **uma parceria para divulgação mais intensiva da legislação dos dois lados da fronteira** (Folha de São Borja, 04/02/2017 – Município, p. 5, grifos da autora).

A maioria dos fronteiriços tem conhecimento acerca da existência de diferenças entre as legislações brasileira e argentina. Esse saber é necessário, por exemplo, para trazer ou não determinados produtos sem correr o risco de serem confiscados ao passar pela aduana. Porém, nem sempre as informações sobre a distinção das leis estão claras para todos, podendo gerar problemas significativos, como as infrações e os acidentes de trânsito, mencionados na matéria. A aproximação entre o prefeito de São Borja, Eduardo Bonotto, e o intendente de Santo Tomé, Victor Giraud, além de outras autoridades brasileiras e argentinas, visa resolver essa situação que, de certo modo, poderia ser entendida como uma fragilidade da fronteira, o desconhecimento das leis estrangeiras.

Figura 10: Dia 04/02/2017 – Edição 4075.

São Borja e Santo Tomé estudam parceria para divulgar leis de trânsito

Diante dos constantes problemas enfrentados por brasileiros em solo argentino e de argentinos em solo brasileiro, principalmente envolvendo-se em acidentes de trânsito as leis dos países vizinhos, as prefeituras de São Borja e Santo Tomé passaram a estudar uma parceria para divulgação mais intensiva da legislação dos dois lados da fronteira. Para iniciar a discussão do assunto o prefeito Eduardo Bonotto recebeu em seu gabinete dia 27 de janeiro, o intendente de Santo Tomé, Víctor Giraud, o diretor de Infração de Trânsito da cidade argentina, Alejandro Ramos, entre outras lideranças do outro lado da fronteira.

*A proposta visa a criação de um convênio de cooperação mútua entre autoridades brasileiras e argentinas, tendo a finalidade de disponibilizar aos condutores informações sobre a legislação de trânsito de cada país. Por exemplo, o motorista argentino que trafega no Brasil deve obedecer as regras do código de Trânsito Brasileiro (CTB), que regulamenta equipamentos obrigatórios de segurança, limite de velocidade, placas e sinalizações, que muitas vezes diferem das leis argentinas”, explica Giraud.

O acordo também prevê organizar campanhas de conscientização a respeito do uso do cinto de segurança, capacete para motociclistas, organizar palestras de trânsito, prevenção e barreiras nas cidades de fronteira em relação ao consumo de álcool. Medidas que visam ampliar a fiscalização no trânsito e diminuir o número de acidentes nas duas cidades.

Bonotto julgou muito importante a reunião, pois o convênio entre os municípios minimizaria os problemas que ocorrem há muitos anos nos dois municípios da fronteira. Destacou que, “apesar das particularidades nas legisla-



Autoridades reuniram-se no gabinete do Prefeito

ções de cada país, as cidades são irmãs e as instituições devem estar unidas para resolver os problemas em comum”. O prefeito explicou que para firmar o convênio é necessária a discussão de uma matéria pelos municípios para depois ser enviada em forma de projeto para que seja pela Câmara Binacional e Câmaras Municipais.

PRESENCAS

Também participaram da reunião o presidente da Câmara de Vereadores Eugênio Dutra; o vereador João Luiz Domelles; o secretário de Segurança e Trânsito, Edson Damião Ribas; o chefe de gabinete, Reinaldo Garcia; a diretora de Desenvolvimento e Relações Internacionais, Kátia Aguilár e representando Santo Tomé, o presidente da Câmara, Miguel Arizmendi; o secretário de Relações Internacionais, Eduardo Buero; e o coordenador regional da agência de Trânsito e Segurança Civil, Carlos Montenegro.

Fonte: Folha de São Borja, 2017.

A abordagem trouxe o tema a partir de um viés que pontuou o movimento necessário e realizado de estabelecer uma articulação, a partir de um acordo que previa ações conjuntas de prevenção e conscientização dos condutores, propondo soluções para as demandas dos dois municípios. Chama a atenção o fato de a matéria contemplar como fonte tanto o prefeito de São Borja quanto o intendente de Santo Tomé, trazendo falas que confluem e tem sentido de irmandade, união, cooperação e trabalho integrado.

“A proposta visa a **criação de um convênio de cooperação mútua entre autoridades brasileiras e argentinas** tendo a finalidade de disponibilizar aos condutores **informações sobre a legislação de trânsito de cada país**. Por exemplo, o motorista argentino que trafega no Brasil deve obedecer às regras do Código de Trânsito Brasileiro (CTB), que regulamenta equipamentos obrigatórios de segurança, limite de velocidade, placas e sinalizações, que muitas vezes diferem das leis argentinas”, explica Giraud (Folha de São Borja, 04/02/2017 – Município, p. 5, grifos da autora).

Bonotto julgou muito importante a reunião, pois **o convênio entre os municípios minimizaria os problemas que ocorrem há muitos anos nos dois municípios da fronteira**. Destacou que, “apesar das particularidades nas legislações de cada país, **as cidades são irmãs e as instituições devem estar unidas para resolver os problemas em comum**” (Folha de São Borja, 04/02/2017 – Município, p. 5, grifos da autora).

A matéria ainda explica os trâmites que deveriam ocorrer para que o acordo fosse, de fato, estabelecido. Entre eles, discussão do projeto por cada um dos municípios e envio para aprovação da Câmara Binacional e das Câmaras Municipais. A aproximação entre os dois países com finalidades de pensar articulações conjuntas, além dos exemplos trazidos (acerca do *2º Festival Internacional da Cozinha Missioneira*, da palestra sobre a fundação jesuítica de Santo Tomé e da parceria para divulgar as leis de trânsito), é retomada na **Categoria Primária Abordagem Indireta**, com matérias que mencionam tratativas nesse sentido.

Entretanto, importa destacar que a perspectiva de dialogar por um bem comum se apresentou como um aspecto pouco frequente nas abordagens sobre a realidade das cidades-gêmeas, durante o período analisado. Por exemplo, apesar de a parceria sobre as leis de trânsito ter merecido destaque na capa, o assunto foi abordado somente no final do período de veraneio daquele ano e não voltou a ser pauta durante o mês de fevereiro. De acordo com as informações da pesquisa, as propostas definidas não chegaram a ser concretizadas com todos os elementos e campanhas que eram previstos. Assim também, há outras iniciativas que são mencionadas apenas uma vez durante o período analisado.

Nesse sentido, em algumas situações, podem ser observados contatos mais próximos entre São Borja e Santo Tomé, com exemplos de uma interação significativa e mesmo da realização de projetos unindo as populações vizinhas. Todavia, pode-se afirmar que uma integração efetiva e duradoura ainda parece estar em processo de concretização, essa dificuldade se deve, em parte, aos entraves burocráticos impostos a essa realidade limítrofe. Conforme é discutido na próxima categoria, apesar dos trâmites que se colocam no cotidiano dos moradores, as localidades conseguem encontrar maneiras para realizar determinadas parcerias, mesmo que nas brechas do sistema, e vivenciar processos de inter-relação.

5.2.2 Abordagem Indireta: a fronteira em representações *de Interação e de Passagem*

Em algumas matérias, percebe-se que há uma menção à realidade São Borja-Santo Tomé, pelo viés da fronteira, mas o foco da pauta não está em tais questões, que são trazidas a partir de **Abordagem Indireta**. Além de não se trabalhar para uma integração efetiva, nos textos a seguir, as temáticas abordadas apenas tangenciam, os exemplos “tocam”, em algumas linhas, a situação limítrofe. Conforme a denominação da categoria indica, observa-se que são trazidos aspectos da fronteira, mas eles estão colocados de modo oblíquo e/ou diluído nas

elaborações. De certa forma, a relação aparece naturalizada e acaba não sendo representada explicitamente, como prioridade, nesses materiais.

A interpretação dos materiais, para a presente categoria, permanece de maneira similar à apresentação da **Categoria Abordagem Direta**, trazendo para a discussão alguns exemplos de relevância em cada *Categoria Secundária* e unindo os textos impressos e radiofônicos, quando houvesse repetição das produções. Novamente, importa ressaltar que as divisões categoriais foram realizadas considerando o conteúdo geral em que o recorte exemplar estava inserido (notas, notícias ou entrevistas). Assim, para ilustrar com o quadro a seguir, o recorte do programa *Atualidades*, para a **Fronteira de Interação**, foi retirado de uma entrevista sobre a realização de um leilão beneficente em prol do Centro Cultural de São Borja (CCSB). Na ocasião, com o objetivo de arrecadar fundos, seriam comercializadas telas doadas por artistas da região, incluindo profissionais de Santo Tomé. O foco da entrevista era específico da realidade são-borjense, mas, em virtude de parcerias com a cidade vizinha, são pontuados elementos de inter-relação entre os povos dos dois lados da Ponte. Assim também aconteceu em outras situações que são abordadas na continuidade do texto.

Quadro 9: Exemplos de abordagens dos meios para Categorias Primária e Secundárias

Categoria Primária	Abordagem Indireta	
<i>Categorias Secundárias</i>	<i>Fronteira de Interação</i>	<i>Fronteira de Passagem</i>
<i>Folha de São Borja</i>	A intenção das entidades do comércio e dos parceiros do projeto, a Pousada Sítio Preserva e a Prefeitura, é de atrair turistas, especialmente os argentinos, para conhecer a história da cidade e adquirir produtos as empresas locais (Folha de São Borja, 31/12/2016 – Fim de Semana, Contracapa, grifos da autora).	No mesmo dia, durante fiscalização de rotina na BR 285, outro veículo argentino foi flagrado tentando entrar no país sem suas placas de identificação. Como havia acabado de cruzar a ponte internacional entre o Brasil e a Argentina , os agentes orientaram o condutor retornar ao seu país e providenciar o emplacamento do veículo (Folha de São Borja, 21/01/2017 – Polícia, p. 18, grifos da autora).
<i>Gente é Notícia</i>	A gente foi ampliando esse material para uma edição bilíngue, por isso que justifica a nossa estada aqui, por ser uma região de fronteira . Então, a nossa ideia é expandir esse público das crianças... Ele é uma edição bilíngue português e espanhol [...] Uma das propostas que	Somente no último dia 15, período de maior entrada de estrangeiros argentinos , durante quatro horas de operação com radar, foram flagrados 325 veículos trafegando em excesso de velocidade. Já no dia 26 de janeiro, foram flagrados, em um intervalo de 30 segundos, quatro

	a gente colocou foi, por ser uma edição bilíngue, fazer uma região de fronteira . Então, nosso objetivo a gente está conseguindo realizar vindo aqui nessa cidade (Gente é Notícia, 26/12/2016, grifos da autora).	veículos argentinos trafegando nas velocidades de 165, 161, 169 e 153 km/h. É lógico que todos foram autuados e vão ter pagar multas pesadas para deixarem o nosso país (Gente é Notícia, 27/01/2017, grifos da autora).
<i>Atualidades</i>	Para que o Centro Cultural possa também virar, realmente, uma associação de fato, para poder se inscrever em projetos em nível local, estadual, nacional, poder fomentar a cultura aqui de São Borja e da região, poder fazer parcerias com as cidades vizinhas aqui, como Santo Tomé , para que a gente consiga movimentar e valorizar a nossa cultura que é tão rica (Atualidades, 21/12/2016, grifos da autora).	Com a fiscalização mais atuante, nesses 26 primeiros dias do ano, os agentes autuaram 908 veículos em excesso de velocidade, sendo a grande maioria de automóveis argentinos que tem uma maior incidência de entrada no Brasil para aproveitar as férias de verão e viajar ao litoral gaúcho e às praias catarinenses (Atualidades, 27/01/2017, grifos da autora).

Fonte: Elaboração de Tabita Strassburger, 2018.

Continuando, o próximo exemplo de **Abordagem Indireta** vem da notícia “Presidente da Câmara tem mantido agenda cheia” e apresenta pautas importantes para as cidades-gêmeas, partindo dos compromissos do vereador são-borjense. Entende-se que essa unidade informativa traz a perspectiva da **Fronteira de Interação**, fazendo referência ao *Eixo Temático Relações Institucionais*, justamente, por apresentar as discussões entre as prefeituras das duas cidades.

[...] Eugênio Dutra participou de **reunião na Prefeitura para discutir parcerias com a prefeitura de Santo Tomé**. Também foi colocada a **possibilidade de criação do Comitê de Fronteira entre as duas cidades**, que estiveram representadas por várias autoridades (Folha de São Borja, 04/02/2017 – Município, p. 12, grifos da autora).

O trecho faz referência a dinâmicas de aproximações entre os dois países com finalidades de pensar articulações, elaborar propostas conjuntas e desenvolver medidas que resultem em benefícios mútuos. Em determinados casos, essas discussões entre representantes dos dois municípios refletem apenas a intenção de construir parcerias, ficando a situação restrita a encontros e reuniões. Nesse sentido, um aspecto importante de ser mencionado se refere a uma supervalorização das soluções que atenderiam às demandas da fronteira. Coloca-se uma expectativa de mudança em certas ações a partir de um imaginário construído pela população do lugar, uma esperança, por exemplo, de impacto no crescimento econômico.

Importa considerar que o cenário fronteiro aciona elementos múltiplos e complexos, existem iniciativas que não dependem apenas do interesse local, mas de negociações mais amplas, entre os governos dos países diretamente. Essa realidade pode ser elucidada com o Comitê de Fronteira, que atua solucionando questões pontuais e que estão dentro de suas possibilidades de resolução. Muitas vezes, demora algum tempo para se alcançar a efetivação das propostas, como a reativação da linha de ônibus entre São Borja e Santo Tomé que aconteceu somente em março de 2018, após quatro anos sem funcionar.

A instalação de *free shops* nas cidades-gêmeas do Brasil também remete a tais afirmações, a implantação ainda não ocorreu, mesmo com o projeto sendo discutido desde 2012. Esse é outro fato que está relacionado a elementos multifacetários e de difícil resolução, envolvendo diferentes espaços e interesses, acionando debates locais, regionais, nacionais e internacionais. O assunto foi pauta do *Folha* duas vezes, durante o período de análise, uma em dezembro, conforme a imagem exemplifica na sequência (Figura 11), recebendo chamada de capa, e outra em fevereiro, de acordo com os trechos selecionados como ilustração. Observa-se que as abordagens partiam de informações burocráticas, de reuniões dos grupos envolvidos e atividades em Brasília, as notícias relatavam aspectos sobre o andamento do projeto, a agenda de atividades desenvolvidas e o novo cronograma que teria continuidade em 2017. Também, mencionavam as onze cidades-gêmeas contempladas no RS, entre elas São Borja, e que, no Brasil, são trinta e um municípios que receberão as lojas.

Espera-se para até o final deste que finalmente sejam resolvidos todos os entraves burocráticos e **11 cidades de fronteira no Rio Grande do Sul, entre elas São Borja**, possam implementar lojas de free shops para **venda de produtos aos turistas** (Folha de São Borja, 04/02/2017 – Município, p. 10, grifos da autora).

Durante encontro da coordenação do **Grupo de Trabalho Para Implantação dos Free Shops nas Cidade Gêmeas na Fronteira Brasileira** foi lançada também a campanha “Free Shops, no Brasil é Legal”, que tem o objetivo de tornar conhecida e sensibilizar as autoridades e comunidades para a necessidade de imediata instalação das **lojas francas nas cidades gêmeas de faixa de fronteira** (Folha de São Borja, 04/02/2017 – Município, p. 10).

Compreende-se que os textos discorrem sobre uma conjuntura contextual mais ampla, sem abordagens específicas de São Borja-Santo Tomé, e que perpassam as representações de *Fronteira de Interação* e *Fronteira de Passagem* a partir das possibilidades de contato com as populações de países vizinhos pela oportunidade de negociações nas lojas francas. Ainda, as elaborações são construídas enfatizando a ampliação do comércio e do incremento nas vendas, em cidades fronteiriças brasileiras contempladas pela instalação dos *free shops*,

devido ao contato com os turistas. Abordagem semelhante se encontra na imagem a seguir (Figura 11).

Figura 11: Dia 03/12/2016 – Edição 4064.

Regulamentação de funcionamento dos free shops fica para o próximo ano

Muito embora de forma lenta, a regulamentação para funcionamento das lojas de free shops nos municípios de fronteira incluindo São Borja, está avançando por conta de atividades da Receita e de autoridades responsáveis pela legislação. Mesmo assim, a previsão é de que apenas no primeiro trimestre de 2017 toda a burocracia e a sistematização para implantação de lojas francas estejam concluídas e os empresários comecem a investir.

Esta semana, segunda e terça-feira, dias 28 e 19 de novembro, ocorreram várias reuniões em Brasília com a participação de representantes das cidades fronteiriças e políticos em torno da legislação que criou as lojas francas. Os encontros foram liderados pelo Grupo de Coordenação das Ações Pro Implantação dos Free Shops nas Cidades Gêmeas na Fronteira Brasileira e tiveram a participação do deputado federal Marco Maia, autor da legislação, e da senadora Ana Amélia Lemos.

Foram vários encontros entre segunda e terça-feira. Em um deles o Grupo de Coordenação das Ações Pro Implantação dos Free Shops nas Cidades Gêmeas na Fronteira Brasileira conversou com a presidente do Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), Maria da Glória Guimarães dos Santos e com o diretor de Relacionamento com Clientes do órgão, André de Cesero. Entre os assuntos do encontro esteve o custo operacional para implantação do sistema de contabilização dos free shops, possibilidade de convênios diretos e prazo para esta implementação. O custo operacional seria de R\$ 87 mil para produção de software, mas ainda faltam cerca de R\$ 50 mil deste valor. Aliás está é a última providência que falta para



Grupo dos free shops esteve em vários órgãos federais

que o comércio possa ser instalado na fronteira. Na oportunidade a presidente Serpro prometeu agilizar ações junto com a Receita Federal para que o sistema seja criado brevemente.

Quanto ao prazo para implementação do sistema de contabilização dos free shops, o Serpro destacou que esta é uma decisão da Receita, mas que pode, dentro de 60 dias estar operando-o nos municípios, inicialmente com projetos pilotos em Jaguarão, Santana do Livramento e Porto Mauá.

O Grupo também esteve na Casa Civil do governo federal onde conversou com o substituto do ministro, secretário executivo Daniel Sigelmann e o assessor Especial, Fernando Kraus. Houve pedido de ajuda da Casa Civil para agilizar o processo de implantação das lojas francas. O órgão prometeu buscar informações junto à Receita Federal e o Serpro em torno do processo e assim auxiliar no que for possível. Uma outra reunião foi com o assessor Especial da presidência da

República, Rodrigo Rocha Loures, que prometeu levar o assunto até o presidente Michel Temer.

Também houve debate com o relator do orçamento geral da União 2017, senador Eduardo Braga, e a quem o grupo pediu a destinação de recursos para Serpro e Receita Federal com o objetivo de custear a implantação de todo o sistema de controle financeiro das lojas de free shops em todo o país. Ficou acertado que o gabinete do deputado Marco Maia fará o texto de uma emenda ao orçamento para que o relator faça a inclusão no texto original.

Nos encontros de Brasília também ficou definida uma audiência pública para o dia 9 de dezembro, em Santana do

Livramento, outra audiência sobre o tema na Assembleia Legislativa gaúcha no dia 15 de dezembro e reunião do Grupo de Coordenação das Ações Pro Implantação dos Free Shops nas Cidades Gêmeas na Fronteira Brasileira na segunda quinzena de janeiro de 2017, em Uruguaiana.

SÃO BORJA

São Borja está entre as 11 cidades gaúchas e as 31 cidades brasileiras que podem ser beneficiadas pelo projeto de free shops. Aqui o vereador Jovane Contreira (PMDB) vem acompanhando de perto assunto desde 2009 e só não esteve em Brasília por causa da reunião ordinária da Câmara na última segunda-feira. Contreira, que repassou informações sobre o assunto, considera o projeto de extrema importância para o município e que por esta razão, estará sempre acompanhando seu andamento muito de perto. Em nível de Estado, o deputado Frederico Antunes é quem mais acompanha o processo, mas também não esteve esta semana em Brasília por causa de votações na Assembleia Legislativa.

Fonte: Folha de São Borja, 2016.

O assunto também foi pauta de uma entrevista com o ex-vereador Giovani Contreira, durante o programa *Gente é Notícia*, no dia 3 de fevereiro de 2017. As informações davam conta da última reunião do grupo que trata da coordenação dos trabalhos para implantação dos *free shops*, realizada no dia 25 de janeiro daquele ano, em Chuí, com o objetivo de ajustar as atividades e encaminhar a efetivação das lojas francas nas cidades-gêmeas. O entrevistado comentou sobre a participação de representantes dos municípios contemplados no projeto e as atividades agendadas para os meses seguintes, considerados de finalização da proposta de implementação. Também enfatizou a mobilização em torno da campanha “*Free shops no Brasil é legal*”, que previa a veiculação de propaganda nos meios de comunicação e divulgação do assunto por meio de *outdoors*, placas e adesivos. Ainda, foram definidas possibilidades de articulação com governantes locais e estaduais, buscando sensibilizar os políticos para a importância da proposta. Na ocasião, a expectativa era de que as lojas entrariam em operação a partir de julho de 2017, após a finalização do software para transações de compra e venda. Todavia, a previsão não se confirmou e, agora, o objetivo é que comecem a funcionar no primeiro semestre de 2018.

De autoria do deputado Marco Maia (PT/RS), a Lei 12.723, de 2012, autoriza a abertura de *free shops* em cidades brasileiras fronteiriças consideradas gêmeas. Atualmente, a Receita Federal e o Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro) estão elaborando um programa para o controle das compras nesses estabelecimentos – o software mencionado no parágrafo anterior. A implantação das lojas, de maneira geral, é vista como promessa de melhora na economia dos municípios que as receberão. Novamente, são expressivas as previsões referentes à geração de renda e de empregos, e essas também são as representações acionadas pelas duas matérias referidas.

Durante as entradas no campo, ficou evidente a esperança que determinados projetos gerem nas comunidades onde ocorrem, especialmente, devido ao fato de as fronteiras, por estarem distantes dos centros de poder, não receberem a atenção que necessitariam. Há um sentimento e uma compreensão de abandono e desvalorização por parte da comunidade com relação aos governantes. Os diálogos com moradores de São Borja, geralmente, pontuavam essa situação a partir da construção da Ponte Internacional da Integração. Sua “chegada” era vista como possibilidade de geração de empregos e crescimento econômico, de colocar São Borja na rota dos grandes negócios. A previsão acabou não se confirmando plenamente, e o desenvolvimento não veio como se esperava. Para o povo são-borjense, ficou uma certa frustração, apesar de reconhecerem a importância da obra binacional e o avanço que tem significado essa conquista.

A próxima abordagem diz respeito ao principal enfoque que a mídia nacional, como um todo, atribui às fronteiras internacionais: suas fragilidades. É interessante observar que essas pautas têm pouco espaço nas matérias do *Folha*, aparecendo somente seis vezes e de maneira tangenciada (na editoria Polícia, foram apenas quatro vezes, mas a pesquisa entendeu que outras duas também têm esse enfoque). No que diz respeito aos programas de rádio, a situação foi semelhante, pois houve apenas nove recortes que indicavam tais temáticas (quatro no *Gente é Notícia* e cinco no *Atualidades*), sendo que, praticamente, todas as informações se repetiram em ambos os programas, há apenas um exemplo exclusivo do *Atualidades*.

As pesquisas de Müller (2003) e Raddatz (2009) refletem sobre essa característica que os meios de comunicação fronteiriços apresentam, de relativizar temáticas com caráter negativo e amenizar as abordagens e comentários, quando os fatos ocorrem na região. As autoras trouxeram análises que indicam a existência do conflito entre as populações vizinhas, e a tentativa constante das mídias locais de evitá-lo ou, ainda, minimizar suas dimensões com o objetivo de manter uma unidade entre os povos. Comparando o jornal impresso e os programas radiofônicos, devido às diferenças nas rotinas de produção, observa-se uma

necessidade de cuidados mais expressiva no rádio, em virtude da oralidade e da programação ao vivo. Embora as notícias se proponham informativas, o teor opinativo costuma aparecer entre uma manifestação e outra dos locutores que, geralmente, negociam suas falas, para não ofender e/ou irritar os vizinhos. Nesse sentido, Raddatz (2009, p. 34) fala em um “estado de vigília”, no qual os profissionais demonstram uma atenção diferenciada ao abordar assuntos que envolvem o país que está ao lado e seus moradores.

Nos três meios analisados, as pautas consideradas policiais diziam respeito, de modo prioritário, às infrações de condutores argentinos, nas estradas da região, e às operações e estratégias com finalidade de coibir atos ilícitos no espaço fronteiriço. Durante os três meses selecionados para a investigação, não há materiais que contemplem a **Categoria Primária Abordagem Direta** quanto a essa questão. Observa-se que as representações aparecem apenas pela perspectiva da **Abordagem Indireta**, sem adentrar com profundidade no cenário São Borja-Santo Tomé. Ainda, de modo especial, trazem referências à **Fronteira de Passagem**, considerando o fluxo de pessoas e mercadorias, com ênfase no *Eixo Temático Relações Institucionais*, em alusão, por exemplo, ao trabalho da Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e Brigada Militar.

Nas matérias analisadas, aspectos sensíveis da realidade fronteiriça estão vinculados, por exemplo, a transtornos ocasionados devido às diferenças na legislação dos países e do desconhecimento das mesmas por parte da população em geral, como em casos de infrações de trânsito. Ainda, situações envolvendo práticas ilegais ocorridas na região limítrofe, como contrabando e tráfico, e os movimentos e estratégias de órgãos do estado do Rio Grande do Sul para evitar e solucionar tais ações.

A matéria a seguir (Figura 12) ilustra esses elementos, apresentando informações sobre o trânsito nas rodovias em regiões fronteiriças e abordando a situação com olhar crítico às atitudes dos condutores do país vizinho, que não são, necessariamente, os fronteiriços. Importa referir que o texto fala sobre o movimento do argentino turista que, nesse caso, mobiliza um fluxo diferente do vicinal, praticado pelo santo-tomenho.

Figura 12: Dia 21/01/2017 – Edição 4073.

Turistas argentinos são flagrados cometendo infrações de trânsito



Velocidade de 170 quilômetros por hora surpreendeu policiais



Motorista argentino tentou circular duas vezes com o carro sem placas

Pelo menos dois motoristas argentinos foram flagrados cometendo infrações graves nas rodovias federais em São Borja, desde o último final de semana. No sábado, dia 15, a Polícia Rodoviária Federal (PRF) autuou um condutor argentino por rodar com o veículo a 170 quilômetros por hora e um outro condutor, da mesma nacionalidade, foi autuado por insistir em entrar no Brasil sem as placas de identificação do automóvel. Durante comando de radar, realizado na BR 285, entre São Borja e Santo Antônio das Missões, os agentes flagram um veículo rodando a 170 quilômetros por hora, uma velocidade incomum de ser registrada pelo equipamento da PRF. O condutor do veículo foi abordado e multado em R\$ 880,41.

No mesmo dia, durante fiscalização de rotina na BR 285, outro veículo argentino foi flagrado tentando entrar no país sem suas placas de identificação. Como havia acabado de cruzar a ponte internacional entre o Brasil e a Argentina, os agentes orientaram o condutor a retornar ao seu país e providenciar o emplacamento do veículo.

O motorista retornou, mas algum tempo depois ele foi flagrado cruzando em frente à unidade operacional da Polícia Rodoviária Federal e ainda sem as placas de identificação. Diante da tomosia do condutor e por conta do desrespeito às leis brasileiras, o condutor argentino foi multado em R\$ 234,78, sendo a multa foi paga no ato. Logo após, ele foi orientado novamente a deixar o Brasil.

Fonte: Folha de São Borja, 2017.

Percebe-se que o texto contempla traços da estereotipia dos argentinos, frequentes nas representações que os meios de comunicação regionais e nacionais colocam em circulação quanto aos vizinhos. Entre os atributos referidos, no trânsito, a imprudência de correr demais e o desrespeito às leis brasileiras. Logo no início do primeiro parágrafo, há uma ênfase ao pontuar que:

Pelo menos dois **motoristas argentinos foram flagrados cometendo infrações graves nas rodovias federais de São Borja**, desde o último final de semana (Folha de São Borja, 21/01/2017 – Polícia, p. 18, grifos da autora).

A estatística indica dados registrados desde o último final de semana, mas as duas autuações ocorreram no mesmo dia. Um dos motoristas estava dirigindo a 170 km/h, “uma velocidade incomum de ser registrada pelo equipamento da PFR”, de acordo com o texto. O outro, que “havia acabado de **cruzar a ponte internacional entre o Brasil e a Argentina**” (idem), sem as placas de identificação do veículo, foi orientado a retornar para o país vizinho

e providenciar o emplacamento. Não obstante, um tempo depois, “o condutor argentino” tentou, novamente, passar sem as placas.

Diante da teimosia do condutor e por conta do desrespeito às leis brasileiras, o condutor argentino foi multado em R\$ 234,78, sendo que a multa foi paga no ato. Logo após, ele foi **orientado novamente a deixar o Brasil** (Folha de São Borja, 21/01/2017 – Polícia, p. 18, grifos da autora).

Observa-se que o jornal pontua que “a multa foi paga no ato”, a menção esclarece um incômodo frequente entre os brasileiros, a saída dos argentinos autuados sem pagar por suas infrações. Há uma representação social de que “eles” entram e saem do “nosso” país sem responder pelas irregularidades que cometem. A questão das multas também é mencionada em “PRF estima entrada de 2,5 milhões de argentinos durante o verão no RS”, evidenciando que, se antes era possível voltar ao país de origem e deixar as pendências no Brasil, agora, o controle está mais intenso e os estrangeiros vão responder por suas atitudes.

Os motoristas de outros países com multas antigas não pagas ou que recebem uma multa no Brasil, se flagrados, recebem um boleto para pagar no banco ou em qualquer caixa eletrônico. **Eles só deixam o país** se pagarem as autuações (Folha de São Borja, 17/12/2016 – Polícia, p. 22, grifos da autora).

A partir dessa perspectiva, no tocante ao tratamento recebido, quando se está no país vizinho, existem reclamações tanto por parte dos brasileiros quanto dos argentinos. Ambos alegam que são tratados com rigor excessivo pelos órgãos de fiscalização e segurança do outro lado da fronteira. Um dos profissionais entrevistados afirmou que os argentinos agem de uma maneira diferente:

Principalmente, quando se trata do brasileiro. Eles não gostam muito dos brasileiros. Até hoje, eu não entendi o porquê, né?! Se é brasileiro, eles multam o carro, fazem horrores lá (SUJEITO 5, 2017).

Para ele, a situação é o contrário do que ocorre quando os argentinos vão para São Borja, pois eles teriam um bom atendimento por parte da segurança do Brasil. Obviamente, a percepção de muitos argentinos é distinta desse relato. Pode-se dizer que retrata a mesma situação, mas invertendo os personagens. Sobre essa perspectiva, um sem fim de narrativas, algumas muito semelhantes, perpassam as representações e o imaginário de ambos os lados da fronteira Brasil-Argentina, em relações de extrema complexidade, perpetuadas ao longo dos anos. Apesar de estarem muito próximos, o desconhecimento de um povo para com o outro é

bastante expressivo. Além disso, o movimento de integração se mostra pouco efetivo e, inclusive, distante de ser um ideal ou interesse das duas populações de maneira ampla.

Convém mencionar a utilização de duas fotografias para dar suporte ao texto da publicação impressa. As imagens são de autoria da Polícia Rodoviária Federal e auxiliam para reforçar a ideia de atuação dos órgãos de fiscalização, especialmente, no período de férias, quando se ampliam os fluxos de turistas e se prevê um aumento nas infrações e multas, em parte, pelo desconhecimento dos estrangeiros no que se refere à legislação brasileira e às condições de trafegabilidade das estradas. Ainda, as imagens contribuem para dar credibilidade ao veículo de comunicação, pois, além do texto, são incluídos registros que comprovam as informações do jornal, estão ali, na matéria, como documentos que certificam a velocidade de um dos automóveis e a ausência de placas do outro.

As ocorrências de trânsito apresentadas pelo *Folha* também foram assunto dos programas radiofônicos analisados, sendo que as mesmas notícias se repetiram no *Gente é Notícia* e no *Atualidades*, nos dias 16 e 17 (mesmo caso), 20 e 27 de janeiro de 2017. As informações traziam dados quanto ao número de argentinos multados, em operações de fiscalização e orientação da PRF, nas rodovias da região de São Borja, destacando as infrações por excesso de velocidade. Pode-se assinalar, como principal diferença entre as abordagens, justamente, um elemento possível pelas características de dinamicidade e de produção ao vivo, oferecidas pelo rádio, a postura de os locutores tecerem comentários acerca dos acontecimentos narrados, inclusive, rindo e ironizando determinadas situações, como a teimosia atribuída a um dos condutores argentinos e o “pé pesado” conferido a outro. Apesar da compreensão de que tais exemplos se aproximam do teor opinativo, optou-se por trazer essa menção em virtude da relevância para a temática.

Com relação às estratégias políticas e governamentais para coibir práticas ilícitas nas fronteiras, em 3 de dezembro (Figura 13), o *Folha* trouxe informações referentes ao início das atividades do Gabinete de Gestão Integrada de Fronteira (GGI-F), ligado à Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul (SSP-RS). O primeiro encontro havia ocorrido no dia 30 de novembro, com representantes da Brigada Militar, Polícia Civil, Polícia Rodoviária Federal, Receita Estadual, Receita Federal, Promotoria de Justiça, entre outros, para debater ações que seriam implementadas. Apesar de trazer elementos *de Passagem*, compreende-se a referida matéria, prioritariamente, enquanto *Fronteira de Interação*, por estar aproximando órgãos dos países vizinhos. Por essa razão, visualiza-se que os *Eixos Temáticos* acionados dizem respeito às *Relações Institucionais*, com finalidades de controle das regiões limítrofes.

Figura 13: Dia 03/12/2016 – Edição 4064.

Segurança abre atividades do Gabinete de Gestão Integrada de Fronteira

A secretaria estadual de Segurança Pública (SSP) teve, na quarta-feira, dia 30 de novembro, a primeira reunião do Gabinete de Gestão Integrada de Fronteira (GGI-F). O secretário Cezar Schirmer recebeu os integrantes do colegiado para debater as ações em conjunto entre os órgãos para questões de segurança nas fronteiras do estado. O primeiro encontro contou com a participação do chefe de Polícia de Cerro Largo e coordenador de fronteira Uruguai e Brasil, José Adan Oliveira Morales.

A instauração do GGI-F atende ao Decreto Federal nº 48.197, de julho de 2011, e visa facilitar a coordenação do Sistema Único de Segurança Pública no Rio Grande do Sul, na área de influência fronteiriça do estado, seguindo as orientações do Plano Estratégico de Fronteiras. Além de estreitar relações entre os órgãos e receber de maneira direta as demandas relacionadas às especificidades das fronteiras.

Para o secretário, a aproximação na área da segurança pública é necessária para lidar com as características particulares dos crimes de fronteiras. "Compreendemos que são, também, questões federais, mas o Gabinete de Gestão Integrada de Fronteiras consegue, nesses encontros, recolher questões que orientam as ações dos órgãos e encaminhar para o governo federal as necessidades específicas das fronteiras internacionais", destacou.

O coordenador de fronteira, José Oliveira, apresentou o modo de atuação da polícia do Uruguai, discutiu a possibilidade de serem desenvolvidas estratégias em comum entre as polícias dos dois países e o compartilhamento de informações para ações nos 1.064 km de fronteiras entre o Uruguai e o Brasil. "A fragilidade do ingresso nos países facilita a atuação de quadrilhas que cometem crimes transnacionais, como o tráfico de drogas, armas, furtos e clonagens de veículos, abigeato e entrada de agrotóxicos e propulsores químicos. É muito importante ter um diálogo próximo e compreender como funcionam as leis de cada país, para poder agir em conjunto", salientou.



Meta é melhorar situação da segurança nas fronteiras

A Polícia Civil e a Brigada Militar apresentaram suas ações estratégicas para as fronteiras do estado, destacando os resultados, o investimento e as ações da Força-Tarefa do Abigeato. O chefe de Polícia, Emerson Wendt, destacou a ação das 18 delegacias regionais envolvidas com os crimes de fronteiras e a apreensão de mais de mil armas nas 163 operações deste ano.

Participaram da reunião representantes da Brigada Militar, Polícia Civil, Instituto Geral de Perícias, Susepe, Polícia Rodoviária Federal, Receita Federal, 7ª Vara Federal, Promotoria de Justiça, Comando Militar do Sul, Aeronáutica, 5º Distrito Naval e Receita Estadual.

OGGI-F

O Gabinete de Gestão Integrada de Fronteira é um órgão deliberativo, consultivo e executivo que opera por con-

senso, respeitando a autonomia dos órgãos e instituições que o compõem. Compete ao GGI-F-RS implementar o Plano Estratégico de Fronteiras no âmbito do Rio Grande do Sul; identificar os principais focos de criminalidade e violência nas áreas de fronteira do estado; propor ações públicas destinadas a reduzir a criminalidade e a insegurança pública; coordenar as ações dos órgãos e entidades que o compõem, respeitando suas competências; contribuir para uma atuação integrada e harmônica com os órgãos do Judiciário, na execução do diagnóstico, planejamento e monitoramento de políticas de segurança pública; incentivar programas de prevenção e repressão qualificada da criminalidade e promover a integração com os estados da faixa de fronteira brasileira com os países fronteiriços, Uruguai e Argentina.

Fonte: Folha de São Borja, 2016.

Um aspecto importante de ser comentado é que a matéria foi publicada na página do Governo do Estado do RS, assim, possivelmente, seja um release enviado pela Secretaria de Comunicação ou tenha resultado de mapeamento dos jornalistas em busca de assuntos de interesse da publicação. O texto se enquadra na **Categoria Primária Abordagem Indireta**, pois a realidade São Borja-Santo Tomé não chega a ser abordada e mesmo as divisas entre o Brasil e a Argentina aparecem discretamente, sendo que o foco recai nas fronteiras Brasil-Uruguai.

Ainda com relação às representações que indicam o posicionamento de órgãos de segurança quanto às fronteiras, outra matéria – que também havia sido publicada, mas pelo Departamento de Comunicação da Prefeitura de São Borja – faz uma breve referência ao contexto limítrofe, colocando essa característica como peculiar da cidade.

Bonotto explicou ainda que **São Borja tem suas particularidades, por estar localizada em faixa de fronteira** e ser um município de grande extensão territorial (Folha de São Borja, 11/02/2017 – Município, p. 9, grifos da autora).

A configuração é utilizada como argumento pelo prefeito, Eduardo Bonotto, em conversa com o secretário de Segurança Pública, César Schirmer, nas negociações para aumentar o efetivo policial na cidade. No encontro, o prefeito relatou as principais

dificuldades na área da segurança, principalmente, devido à defasagem de pessoal, pela redução do quadro de profissionais, e ao contexto são-borjense.

Observa-se uma diferença significativa entre as abordagens das duas matérias, sendo que a do Governo do Estado, em comparação com a do município, apresenta informações que podem ser consideradas representações negativas das fronteiras, trazendo expressões como “crimes de fronteiras”. As fragilidades das regiões limítrofes são enfocadas a partir de detalhes esmiuçados de práticas ilegais e contravenções vinculadas diretamente a essas áreas, especialmente, entre Brasil e Uruguai e entre Brasil e Argentina, pelo Rio Grande do Sul.

No âmbito das produções radiofônicas, a temática da segurança pública apareceu, de maneira específica e como foco principal, na seguinte nota:

Segundo informações que tivemos ontem também, a questão da segurança pública aqui, **no que diz respeito às fronteiras**, terá agora um incremento positivo. A Brigada Militar de Uruguaiana estaria recebendo um helicóptero, para fazer essa fiscalização. Claro que é longe, distante quase 200 km, aqui de São Borja, mas, **no que diz respeito à segurança de fronteiras**, sem dúvida alguma, se confirmada essa atuação ou entrega à PM de Uruguaiana, vai auxiliar e muito, **no que diz respeito ao controle das fronteiras** (Atualidades, 31/01/2017, grifos da autora).

Apesar de apresentar poucas informações, há uma ênfase na questão fronteiriça, sendo repetida três vezes pelo locutor, e na importância do controle desses espaços por parte da polícia brasileira. A chegada de um helicóptero é vista como “um incremento positivo” para a atuação da Brigada Militar de Uruguaiana, e como possibilidade de expandir as atenções operacionais para a cidade São Borja.

Relativo a esse tipo de situação a que são relacionados os contextos de divisas entre países, nas entrevistas, o Sujeito 5 (2017) justificou que, especialmente, em lugares com pontes internacionais, como em São Borja, e devido a um controle que não é tão rígido, os fronteiriços conseguem ultrapassar os limites. Por meio desses trânsitos, fica evidente que essas “linhas” não têm a rigidez que indicam os acordos entre as nações.

Ainda, sobre o fluxo de mercadorias ilegais, afirmou que a segurança na aduana deixa muito a desejar, tanto no lado brasileiro quanto no argentino, e disse que já houve situações em que passou sem que qualquer revista fosse feita em seu carro. Na sequência, justificou pensando que:

Talvez, provavelmente, pelas características da pessoa, que não é suspeita, não é nada, eles deixam passar, daí não tem relação ao que eles acham, de abordar algum carro suspeito (SUJEITO 5, 2017).

E lembrou episódios envolvendo contrabando de gado, armamento e munição, transportados em barcos, tráfico de drogas e apreensão de maconha nas margens do rio Uruguai. E, do mesmo modo, articulações policiais para coibir essas práticas, como a “Operação Senhor das Armas”, realizada em 2011, nas cidades de São Borja, Porto Alegre e Cachoeirinha.

Nessa perspectiva, a matéria “Polícia Federal desencadeia operação para combater tráfico de armas e munições” (Figura 14) explica que:

Na manhã desta quinta-feira, dia 15, a Polícia Federal deflagrou **em São Borja** a operação Para Bellum – que significa ‘preparar para a guerra’ – **para combater o tráfico de armas e munições na fronteira** (Folha de São Borja, 17/12/2016 – Polícia, p. 23, grifos da autora).

Na sequência, o relato descreve os produtos encontrados e apreendidos (pistolas, revólveres, munição, dinheiro, etc.) e afirma que foi executada a prisão em flagrante de três homens, mencionando os nomes, por posse ilegal de arma de fogo.

Figura 14: Dia 17/12/2016 – Edição 4068.

OPERAÇÃO PARA BELLUM

Polícia Federal desencadeia operação para combater tráfico de armas e munições

Na manhã desta quinta-feira, dia 15, a Polícia Federal deflagrou em São Borja a operação Para Bellum - que significa 'preparar para a guerra' - para combater o tráfico de armas e munições na fronteira.

Foram cumpridos oito mandados de busca e apreensão e apreendidas duas pistola 9mm com dois carregadores, uma pistola Glock 380 com registro de furto, um revólver calibre 38 com numeração raspada, um revólver calibre 32 e uma espingarda de pressão. Também foram apreendidas 45 munições calibre 9mm, 35 munições 380, duas munições 45, oito munições calibre 32 e 20 munições calibre 38, além de uma capa de colete balístico e US\$ 1,9 mil dólares.

Foram presos em flagrante durante a operação Anderson Barbosa Gauna, Renato Martins Pereira e Magnus Goulart da Rosa. O trio foi autuado por posse ilegal de arma de fogo e após foi recolhido



Armas, munições e dinheiro foram apreendidos durante a operação

do ao Presídio Estadual de São Borja. Renato é irmão de Pedro Martins Pereira, o “Doia”, morto no mês passado.

Fonte: Folha de São Borja, 2016.

Na mesma página, também como atividade da operação *Para Bellum*, “Apreendidas 150 quilos de carne bovina e capincho” informava sobre o cumprimento de mandado de busca

e apreensão que resultou na recolha dos produtos mencionados no título. O texto indica o nome da rua, em São Borja, onde ocorreu a ação da PF e foram localizadas as carnes que, segundo disse o dono da casa, “era procedente da Argentina” (Folha de São Borja, 17/12/2016 – Polícia, p. 23). Percebe-se que há apenas uma aproximação com o contexto fronteiriço, sem estabelecer relações diretas.

A operação *Para Bellum* também foi noticiada no Plantão Policial dos dois programas de rádio analisados, em 16 de dezembro de 2016, dia posterior às atividades realizadas pela PF na cidade de São Borja. Durante o *Gente é Notícia*, o repórter explicitou os fatos em três minutos. No *Atualidades*, foram destinados mais de sete minutos de programação para trazer as informações, destacando os locais são-borjenses em que ocorreram. As pautas abordaram, ainda, uma ação paralela da Polícia, empreendida a partir de denúncia anônima e que resultou em apreensão de cocaína e dinheiro, na região das Missões, próximo a São Luiz Gonzaga.

Pode-se afirmar que houve uma repetição das informações, tanto nos programas de rádio quanto na edição do jornal impresso. As características dos elementos apresentadas (por exemplo, a descrição minuciosa de armas e munições recolhidas) indicam que os três meios utilizaram informes da Polícia, como o boletim de ocorrência, para construir as matérias, sem acrescentar fontes e/ou quaisquer relatos independentes dessa perceptiva de relatório. No *Atualidades*, o repórter, inclusive, menciona a “lista” de produtos apreendidos que havia sido enviada à imprensa.

Outro aspecto que importa mencionar, acerca desse programa, diz respeito aos comentários dos apresentadores, após a divulgação das informações. Apesar de extrapolar o caráter específico do conteúdo informativo, é pertinente elucidar alguns elementos, em virtude de terem feito referências à situação limítrofe. Conversando entre eles, lembraram uma ocasião anterior em que falaram sobre as possibilidades de transporte utilizadas na região, para que a droga seja levada até outras partes do estado e mesmo do país. Segundo suas falas, há um padrão que prioriza veículos automotivos para essa circulação, o que dificultaria ainda mais a fiscalização e o controle dessas ações. Surgem, então, as explicações a partir da “extensão grande”, da “fronteira aberta entre Brasil e Argentina”, a falta de acompanhamento contínuo da polícia, especialmente, no lado brasileiro, sugerindo a atuação de criminosos e o estabelecimento de rotas de tráfico de armas.

Conforme sugerido anteriormente, apesar de esses assuntos e abordagens aparecerem, as matérias tratam a situação de modo genérico, sem causar alarde quanto às ocorrências. Mesmo no último caso mencionado, as falas são genéricas e não trazem argumentos e dados sólidos que justifiquem tais situações apenas pelo caráter limítrofe. A importância de trazer

tais exemplos se justifica, principalmente, quando se comparam essas coberturas do jornal local com as abordagens da mídia da capital do Rio Grande do Sul e de regiões da grande São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse sentido, observa-se uma suavização das pautas sobre crimes e ilegalidades por parte dos meios de comunicação fronteiriços. Isso se deve ao fato de os sujeitos que elaboram essas notícias, além do contato com as informações sobre os acontecimentos, vivenciarem cotidianamente essa realidade limítrofe, estando em contato com os demais moradores e o contexto direto do lugar e de suas dinâmicas.

Os entrevistados foram questionados acerca do espaço em que vivem, de como ele se configura, no tocante às representações das fronteiras internacionais, costumeiramente relacionadas a crimes e contravenções. O Sujeito 5 (2017) – que lembrou a reportagem de Giovani Grizotti – disse que não vê o lugar onde vive representado nessas abordagens, porque os acontecimentos envolvendo tráfico são fatos isolados: “Se virasse rotina, todos os dias, em São Borja, está passando o tráfico, e a polícia não faz nada... Não é. São fatos, coincidências, lá uma vez, duas vezes, três vezes por ano, ocorrer esse tipo de crime” (SUJEITO 5, 2017). E comenta sobre episódios em que a polícia teve êxito na apreensão de drogas nos municípios de Osório e Garruchos, a partir de investigações realizadas em São Borja.

Outro profissional observa que a fronteira costuma ser pauta, na mídia nacional e, inclusive, na estadual, quando algo de errado acontece. Diz que a região é muito citada com relação à criminalidade, tráfico, contrabando, descaso, falta de segurança. “Ah, porque as armas entram pela fronteira” (SUJEITO 1, 2017), comenta que atribuem essa responsabilidade e, em sua percepção, de fato, a área limítrofe é desprotegida e não recebe a atenção que deveria. No entanto, isso não justificaria o modo de abordagem, relacionando-a tantas vezes a elementos negativos e, dificilmente, pontuando aspectos favorecidos pela configuração desse espaço, como a possibilidade de integração entre os países.

Sobre quem seria o fronteiriço nessas situações, o Sujeito 1 (2017) compreende que, na verdade, não haveria uma identidade vinculada às pessoas do local, porque os casos são apresentados a partir dessas regiões, mas o foco se coloca na fronteira como uma porta de entrada. Nesse sentido, ele acredita que não exista um estigma para a pessoa do lugar, mas sim para as fronteiras em geral, um estigma nacional de que as fronteiras estão abertas. Não haveria uma responsabilização, por exemplo, para cidades como São Borja, ou uma atribuição de característica, como “cidade do tráfico”, seriam coberturas mais generalizantes das divisas e limites da nação. A responsabilidade é colocada sobre quem deveria guarnecer a fronteira e não no morador do lugar.

No que se refere à compreensão das identidades desses sujeitos que vivem no contexto limítrofe, conforme indicado na sequência, parece não haver características que as constituam e representem enquanto fronteiriças, de maneira clara, no jornal e nos programas de rádio analisados. E as percepções dos profissionais seguem a mesma linha, pois também não sugerem uma identificação expressiva com os traços que são atribuídos aos fronteiriços. Fica evidente, nessa perceptiva, que as falas dos profissionais, e o modo como se percebem, refletem nas produções que elaboram. Os próximos exemplos explicam essa questão, trazendo singularidades que aproximam os moradores de São Borja mais a elementos das Missões do que propriamente a aqueles da fronteira – que também os configuram.

Cinco²⁶ textos do *corpus* trazem aspectos implícitos da fronteira São Borja-Santo Tomé a partir de cobertura focada no mote das Missões Jesuíticas e da união dos países fronteiriços em torno dessa historicidade compartilhada e dos territórios interligados por ela (o tema não apareceu nos programas radiofônicos investigados). Todos trouxeram fotografias para dar suporte à escrita, em geral, imagens de pessoas envolvidas em atividades e eventos que tinham sido realizados.

Nessas matérias, incluídas na **Categoria Primária Abordagem Indireta**, pode-se observar um expressivo atravessamento de aspectos econômicos, devido a investimentos no setor turístico regional, de acordo com o exposto na continuidade. Devido ao fluxo de turistas estrangeiros e às possibilidades de contato entre as populações vizinhas, em torno de atrativos históricos, considera-se que as elaborações apresentam tanto elementos da *Fronteira de Passagem* quanto de *Fronteira de Interação*, mesmo que em breves e fluídas inter-relações. No que diz respeito aos *Eixos Temáticos* acionados, pode-se perceber elementos das *Relações Identitárias* e das *Relações Culturais* como prioritários, trazendo a união dos países por um passado comum que congrega os povos de características similares. Também estão presentes *Relações Institucionais*, com vistas a organizar as entidades participantes, construir os circuitos missionários e estimular a mobilização das comunidades em prol do projeto. Tais dinâmicas trazem resultados de *Relações Comerciais*, pois a iniciativa de fomentar a economia das cidades envolvidas, gerando lucros e benefícios, é a preocupação essencial dos representantes do setor turístico.

²⁶ As matérias foram “Região das Missões vive momento de expansão do turismo” (Folha de São Borja, 03/12/2016 – Economia, p. 8), “AMM busca apoio para participar de Feira Internacional de Turismo” (Folha de São Borja, 14/12/2016 – Geral, p. 6), “Região das Missões participa de Feira Mundial de Turismo em Madrid” (Folha de São Borja, 28/01/2017 – Município, p. 11), “Valdir Andres entrega presidência da AMM na próxima segunda-feira” (Folha de São Borja, 04/02/2017 – Geral, p. 11), e “São Borja busca reforçar sua identidade missionária visando fomentar o turismo” (Folha de São Borja, 18/02/2017 – Geral, p. 16).

Cabe mencionar a vinculação das publicações com entidades da região, no sentido da divulgação de releases e reprodução de conteúdo disponível em outros espaços, por parte do *Folha*. Nessa dinâmica, tem destaque as páginas da Associação dos Municípios das Missões (AMM) e da Prefeitura Municipal de São Borja. Obviamente, a postura não inviabiliza as análises, mesmo porque tal prática é usual nas rotinas jornalísticas, ocorrendo com ainda mais intensidade quando há escassez de profissionais. Além disso, a seleção que é realizada pelos profissionais – das pautas que vão ser utilizadas, em detrimento das que não serão, tendo em vista os portais que o jornalista acessa e/ou as produções recebidas de diferentes assessorias – indica muito sobre os interesses editoriais do veículo e de seu público, e as representações construídas a partir daí.

As elaborações encontradas remetem a representações sobre a importância de resgatar um percurso histórico comum aos povos da região, focando na realização dos padres jesuítas espanhóis – de certa forma, apresentados como os heróis das reduções, enquanto a figura indígena é silenciada. As matérias estão relacionadas ao turismo das Missões, enfatizando a criação de uma rota missioneira, denominada Circuito Internacional das Missões Jesuíticas da América do Sul. A proposta inclui Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia, que tiveram experiências com a implantação das reduções, e tem o intuito de criar uma “imagem turística sul-americana mundial”, reunindo os países em “uma única Nação Missioneira” (Folha de São Borja, 03/12/2016 – Economia, p. 8). Os textos indicam outras ações previstas, como ratificação dos acordos históricos, promoção dos atrativos de todos os territórios missioneiros dos cinco países, e adoção de uma marca turística da região missioneira internacional.

Nos três meses de análise, percebe-se como uma cronologia dos acontecimentos envolvendo os esforços para a criação do Circuito Internacional, em alusão constante à AMM, seus responsáveis e os vinte e seis municípios missioneiros que a integram. Os textos começam abordando o princípio das negociações, trazendo as primeiras conquistas para a assinatura do acordo e enfatizando o momento de expansão do turismo vivido pela região das Missões (Folha de São Borja, 03/12/2016 – Economia, p. 8). Também é apresentada a busca por recursos que garantam a participação de representantes na Feira Internacional de Turismo, em Madri, ocasião em que rota turística seria lançada (Folha de São Borja, 14/12/2016 – Geral, p. 6). Ainda, conforme mostra a próxima imagem (Figura 15), foram divulgados detalhes da efetivação da referida viagem, das tratativas do acordo firmado, dos resultados previstos e de outras demandas importantes para a região e o turismo internacional.

Figura 15: Dia 28/01/2017 – Edição 4074.

Região das Missões participa de Feira Mundial de Turismo em Madrid

Lançado para o mercado mundial, o Circuito Turístico Ruta Jesuítica da Sudamérica é integrado pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai

Representantes a região das Missões, por meio da Associação dos Municípios das Missões (AMM) e Fundação dos Municípios das Missões (Funmissões), estiveram presentes na Feira Internacional de Turismo (Fitur/2017), que ocorreu entre os dias 18 a 22 deste mês, em Madrid na Espanha. No evento foi lançado para o mercado mundial o Circuito Turístico Ruta Jesuítica da Sudamérica, que envolve Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai; o Caminho da Missões (percurso de 28 dias) unindo Brasil, Argentina e Paraguai; além da distribuição de materiais de divulgação da região das Missões, no estande do governo brasileiro.

EXPERIÊNCIA ESPANHOLA

Conforme explicou a diretora do Detur/Funmissões, Rosane Grabia, que liderou a comitiva missioneira também formada por Junaro Figueiredo e José Roberto de Oliveira, a participação da região foi de grande importância. "Recebemos inúmeros profissionais, autoridades e visitantes querendo saber mais sobre este roteiro integrado, que foi a única experiência espanhola em terras brasileiras, fato que chamou bastante atenção da imprensa internacional", avaliou Grabia.



Foto: Darse Júnior/Ascom MTur

Comitiva da Funmissões e AMM com autoridades na Espanha

TRATATIVAS

Entre as principais ações estabelecidas no encontro destacam-se: acordo firmado entre os governos dos quatro países de que irão ao Vaticano, com data ainda a ser definida, pedir a bênção do papa Francisco ao Circuito Internacional Ruta Jesuítica da Sudamérica, cujo roteiro é baseado no

percurso feito pelos padres jesuítas na América do Sul, e todo o trajeto poderá ser percorrido em aproximadamente um mês; o anúncio oficial do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) de que vai disponibilizar 100 milhões de dólares para ações e investimentos nas Missões Internacionais; o plano de promoção conjunta (Brasil e Argentina) para viabilizar o livre trânsito de turistas de outras nacionalidades.

TURISMO UNIFICADO

A comitiva da região das Missões que esteve na Fitur/2017, em Madrid/Espanha, vem acompanhando e atuando em todas as etapas para a concretização do projeto de integração do turismo missioneiro, inclusive participando de reuniões internacionais realizadas ao longo de 2016 no Brasil, Argentina e Paraguai. De igual forma, também o presidente da AMM/Funmissões, Valdir Andres, conjuntamente com outros prefeitos, vices, vereadores, representantes do setor privado e demais lideranças missionárias, têm trabalhado em iniciativas indutoras do fortalecimento do turismo dos 26 municípios que congregam a AMM. O ministro do Turismo do Brasil, Marx Beltrão, o presidente da Embratur, Vinicius Lummertz, o diretor estadual Turismo do RS, Abdon Barreto Filho, entre outras autoridades nacionais e internacionais participaram da Fitur/2017.

Fonte: Folha de São Borja, 2017.

Assim como o exemplo que vem a seguir (Figura 16), o texto anterior (Figura 15) indica a intenção de representantes dos países que integram o acordo irem ao Vaticano pedir a bênção do Papa Francisco ao Circuito Internacional. E menciona a união e o diálogo que vêm sendo estabelecidos entre Brasil e Argentina, por exemplo, com a finalidade viabilizar o livre trânsito de turistas de outras nacionalidades. Chama a atenção o olhar preocupado com esse fluxo de estrangeiros em um cenário que mesmo a circulação vicinal, São Borja-Santo Tomé, apresenta limitações. A implantação da carteira que garante a facilidade para os moradores das duas cidades cruzarem a fronteira, por exemplo, ainda não obteve sucesso.

A última matéria que o jornal traz (Figura 16) também ressalta as dinâmicas e estratégias da administração municipal são-borjense para “resgatar a identidade missioneira, valorizar e fomentar o potencial turístico e histórico do município” (Folha de São Borja, 18/0/2017 – Geral, p. 16). Dentre as medidas, a prefeitura cogita uma aproximação com a AMM e a inserção da cidade nos projetos, como a Rota Jesuítica. O fato de ser o Primeiro dos Sete Povos e de possuir o maior acervo missioneiro da região é pontuado como argumento relevante para essa participação.

Figura 16: Dia 18/02/2017 – Edição 4077.

São Borja busca reforçar sua identidade missioneira visando fomentar o turismo

Resgatar a identidade missioneira, valorizar e fomentar o potencial turístico e histórico do município são algumas propostas da Administração Municipal. Neste sentido, o prefeito Eduardo Bonotto recebeu em seu gabinete nesta segunda-feira, dia 13, alguns representantes do Caminho das Missões. O grupo pediu o apoio do município para que melhore a sinalização onde é realizada a caminhada, implante mais placas informativas na cidade e no interior, revitalize pontos turísticos e reorganize a programação dos museus.

O grupo esclareceu que o roteiro Caminho das Missões é realizado seis vezes ao ano, começando em fevereiro, depois abril, junho, setembro, novembro e encerrando em dezembro. Os peregrinos saem de São Borja e caminham pelos sete municípios missioneiros da região. Na ocasião, discutiu-se também a possibilidade de incluir o município em um novo roteiro, o chamado Circuito Turístico Ruta Jesuítica da Sudamérica. O percurso é uma peregrinação que visita os 30 povos missioneiros espalhados por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, em um roteiro de 30 dias.

O prefeito Bonotto avaliou como positiva a reunião, tendo em vista, o potencial histórico e cultural da cidade. O prefeito ainda explicou que pretende se aproximar da Associação dos Municípios das Missões (AMM), pois, há muito tempo o município ficou de fora das principais pautas envolvendo as missões e o turismo regional, tendo em vista, que São Borja é a primeira dos Sete Povos e também possui o maior acervo missioneiro da região.



Prefeito Bonotto prometeu apoio ao setor turístico regional

O novo roteiro tem objetivo de refazer a trajetória realizada pelos padres Jesuítas espanhóis na América do Sul nos séculos XVII e XVIII. O Circuito Turístico Ruta Jesuítica da Sudamérica visa promover a integração entre os países e também fomentar o turismo no Mercosul. O novo caminho foi lançado no ano passado em Madri na Espanha, na Feira Internacional do Turismo (Fitur).

Representantes dos quatro países, cogitam a possibilidade de ir ao Vaticano, pedir a bênção do também jesuíta, Papa Francisco, para depois lançar o projeto. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) também anunciou 100 milhões de dólares para realizar investimentos nas Missões Internacionais, visando despertar o interesse de turistas de outras nacionalidades.

Fonte: Folha de São Borja, 2017.

As abordagens apresentadas evidenciam um interesse pela perspectiva econômica perpassando a exploração da identidade missioneira, de maneira especial, com foco em elementos do turismo da região. Acredita-se, a partir da ênfase nessas coberturas, que essa representação é mais rentável que aquelas vinculadas, unicamente, ao caráter de fronteira internacional. Mesmo que os profissionais não vislumbrem um estigma relacionado ao ser fronteiriço, há como um silenciamento, uma negação, desse sujeito nas matérias.

Ainda, observa-se que, apesar de, até aquele momento, São Borja não fazer parte das combinações relativas ao Circuito, as edições do *Folha* vinham acompanhando as informações, desde os primeiros movimentos para a constituição do trajeto das “Missões Internacionais”. Pode-se ponderar, então, que o jornal, de fato, aceita as representações referentes à identidade missioneira, vinculadas a São Borja e estimuladas por outras instituições e entidades, bem como, de certo modo, contribui com o compartilhamento e a manutenção dessas elaborações.

No que se refere ao mote das identidades, com as entradas no campo e a observação das elaborações jornalísticas desenvolvidas, verificou-se que São Borja possui uma identificação mais relevante com os elementos missioneiros do que com a configuração de

fronteira. Mesmo assim, julgou-se fundamental indagar os participantes quanto a esse sentimento de pertença ao cenário limítrofe e analisar as identidades que circulam no contexto midiático entre os profissionais são-borjenses. Nesse sentido, um dos entrevistados pontuou que, de fato, o assunto era pertinente, mas nunca havia pensado sobre a questão. A resposta resultou em reflexões essenciais para a pesquisadora, colocando-a como forasteira naquela realidade e acionando outros posicionamentos frente à investigação.

A gente já está acostumado, aqui na cidade. Para nós, é normal, né?! Talvez, para vocês que vêm de outros lugares, acham que pode ser diferente, mas a gente não é diferente de outras regiões (SUJEITO 5, 2017).

O mesmo profissional, antes de ponderar sobre o teor da indagação, respondeu que “o povo da fronteira é um povo rústico, tanto para o nosso lado aqui, como para o lado deles”, relacionando o sujeito fronteiro ao campo, ambiente rural, espaço do gaúcho, do peão campeiro – mencionou também a mistura, o “cruzamento” étnico presente no sujeito da região. Ao ser questionado quanto a sua identificação como fronteiro, imediatamente, afirmou que “Não, eu não”. Sobre sua identificação diz que é “uma pessoa normal, na cidade, uma pessoa são-borjense” (SUJEITO 5, 2017) e explicou que acredita que a maioria dos moradores do município não se identificam com o povo fronteiro, porque teriam hábitos diferentes dos deles, outra maneira de ser.

Observa-se uma negação da semelhança com o outro e uma tentativa de se distanciar de traços que, muitas vezes, continuam atrelados à ideia redutora e maniqueísta de civilização e barbárie (a primeira atribuída à vida na cidade e a segunda, ao espaço do campo). De certo modo, no que se refere à comparação com os vizinhos, algumas relações são perpassadas por um sentimento de querer se ver melhor, mais desenvolvidos, superiores, por isso, há uma resistência a se perceber da mesma forma, às possibilidades que colocam são-borjenses e santo-tomenhos como iguais ou mesmo próximos. Situação similar foi encontrada na fala do Sujeito 2, que disse ser mais comum para ele ir até Porto Alegre do que ir para Santo Tomé, indicando o desejo de evitar a identificação com o Outro, que consideram atrasado, e se projetando em direção a elementos reconhecidos como civilizados.

O Sujeito 1 (2017), indagado sobre o que é ser fronteiro, disse que acredita que o diferencial de ser da fronteira é uma maior aceitação do que vem de fora e, pelo contato com outros lugares, tratar com normalidade os múltiplos contextos. Ainda, afirmou que uma das vantagens é não ter nenhum tipo de barreira com outros países, como a Argentina, os vizinhos

da América do Sul, ou qualquer outro país. Para ele, não haveria qualquer delimitação pessoal para esses contatos.

Ao mesmo tempo em que afirmou se reconhecer como fronteiriço, por ter nascido e crescido na cidade, disse que talvez não se considere “por não conhecer tanto a cultura, os modos, os costumes, e não ter vivido tanto essa troca desde criança” (SUJEITO 1, 2017), em relação a ir para Argentina e retornar ao Brasil. Conforme explicou, percebe que há uma “quebra geracional”, em virtude do antes e depois da Ponte, que já era grande quando foi pela primeira vez para Santo Tomé, diferente das crianças que, agora, já nascem com a possibilidade facilitada de cruzar a fronteira. A migração se torna algo natural desde pequeno, distinto do que ocorreu com ele que teve esse contato tardio.

Já o Sujeito 3 (2017) afirmou se identificar, enquanto fronteiriço, apenas quando sai da fronteira, quando vai para Porto Alegre ou outros centros. Contou que, nas duas vezes em que esteve em Brasília, outros repórteres o relacionaram com o contexto fronteiriço pelo modo de falar, em virtude do sotaque ser diferente de outras regiões. Ele explicou que esse reconhecimento dos outros para com ele se deve muito mais por entender um pouco do espanhol, porque compreende alguns termos utilizados no idioma, mas que não se considera natural da fronteira, que só se caracteriza por essa questão da linguagem e do sotaque.

A pesquisa entende que as semelhanças ultrapassam a questão da linguagem, pois remetem à compreensão da cultura do Outro, mesmo que, muitas vezes, os próprios fronteiriços não percebam, em meio às dinâmicas naturalizadas do dia a dia, ou tentem refutar essa perspectiva. Existem certas aproximações entre os dois povos que resultam em lógicas de familiaridade, devido, por exemplo, à constituição histórica e à configuração geográfica que são parecidas, ou às dificuldades encontradas por estarem distantes dos centros de decisão dos seus países e precisarem articular práticas que deem conta de transitar entre os dois lados da Ponte. Esse entendimento da contiguidade, obviamente, não nega, nem busca desconsiderar as particularidades de cada população, apenas sinaliza para os elementos de simetria.

Observa-se que o fato de haver múltiplas ideias, algumas bastante distintas de outras, quanto ao sujeito fronteiriço acaba fazendo com que não haja uma unidade que configure essa identidade e seu reconhecimento, entre os entrevistados. A situação se reflete nas abordagens que enfocam as representações de uma identidade missioneira, em detrimento das fronteiriças, rurais ou ligadas ao campo, e mesmo gaúchas, no que tange ao cenário analisado.

Um dos assuntos trazidos, com **Abordagem Indireta** e, exclusivamente, no programa *Gente é Notícia*, diz respeito a uma entrevista com a professora e escritora, Luciane Abreu, que estaria lançando seu livro, “Cabruxa, a Bruxa Inventada”, e realizando oficinas e palestra

no Centro Cultural de São Borja, no dia 17 de dezembro de 2016. Quem traz a questão da fronteira é a própria entrevistada, ao explicar as razões de estar na cidade, propondo as atividades culturais.

A gente foi ampliando esse material para uma **edição bilíngue, por isso que justifica a nossa estada aqui, por ser uma região de fronteira**. Então, a nossa ideia é expandir esse público das crianças... Ele é uma edição bilíngue português e espanhol [...] Uma das propostas que a gente colocou foi, **por ser uma edição bilíngue, fazer uma região de fronteira**. Então, nosso objetivo a gente está conseguindo realizar vindo aqui nessa cidade (Gente é Notícia, 26/12/2016, grifos da autora).

A escritora contou que recebeu auxílio do Governo Federal, através do Ministério da Cultura, pela Lei Rouanet, para desenvolver o projeto que apresenta uma obra bilíngue e acessível a pessoas com deficiência, o livro também acompanha DVD com versão em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e audiodescrição. Chama a atenção o fato de o jornal impresso também ter noticiado as atividades, na edição do dia 14 de dezembro de 2016. Porém, apesar de apresentar informações sobre a obra ser bilíngue, em português e espanhol, não fez qualquer referência ao objetivo do projeto de contemplar uma cidade fronteiriça, ou ao fato de a cidade ser vizinha de Santo Tomé, e de que seus moradores, talvez, pudessem valorizar a iniciativa e participar, em virtude do idioma argentino ser o espanhol.

Observa-se um indício do movimento de resistência, por parte da comunidade brasileira, no sentido de se integrar e se constituir em semelhança com os vizinhos argentinos. No momento em que se reforça a existência do Outro, a partir da ênfase no idioma espanhol, acionado pela obra bilíngue, é estabelecida uma aproximação, inclusive, pela possibilidade de interesses comuns. Em determinadas situações, mesmo que pelos silêncios informativos, o texto sinaliza para a negação das similitudes, colocando a ênfase em elementos de diferenciação e afastamento.

Outras elaborações que acionam a proximidade local/internacional de modo implícito também apareceram na divulgação de eventos que iriam acontecer em Santo Tomé. Como em uma agenda, foram compartilhadas informações sobre o “1º Encuentro Internacional de Audio y Tuning” e a segunda noite de Carnaval na cidade argentina, realizados em 21 de janeiro e 11 de fevereiro de 2017, respectivamente. As matérias se enquadram na **Categoria Primária Abordagem Indireta** em virtude de se observar que a construção das abordagens não traz elementos explícitos que ampliem o entendimento sobre as relações e peculiaridades entre São Borja e Santo Tomé. Não são colocadas, por exemplo, relatos de fontes brasileiras ou argentinas que participariam dessas atividades, nem são trazidas coberturas jornalísticas

posteriores à ocorrência das mesmas. Todavia, são visualizadas representações de contato, a partir da possibilidade de interação pela presença de são-borjenses nas festividades, conforme indica o exemplo.

De acordo com os organizadores, dezenas de carros já confirmaram participação no primeiro Grande Encontro deste tipo, no âmbito do Mercosul, **contando com a presença de participantes de muitas cidades da Argentina e do Brasil, incluindo vários de São Borja** (Folha de São Borja, 21 de janeiro de 2017 – Geral, p. 9, grifos da autora).

O próprio fato de ser um evento internacional remete, de maneira subentendida, à característica de reunir a população dos dois lados da fronteira (ou, pelo menos, indica essa ideia como objetivo e/ou tentativa). Inclusive, trazendo a possibilidade de participação de paraguaios e uruguaios, devido à proximidade territorial desses países. Ainda, no texto completo, está inserida a informação de que o Encontro inclui atrações como “bailarinas brasileiras”, e o cartaz divulgado chama a atenção para a presença de “DJ do Brasil”, fazendo referências a uma aproximação entre os países no âmbito artístico.

Com relação ao Carnaval, o *Folha* trouxe uma matéria depois que os festejos já tinham começado, divulgando a programação e convidando para a segunda noite de folia. Importa destacar que a pauta também esteve no programa *Gente é Notícia*, no dia 9 de fevereiro de 2017, trazendo as mesmas informações que estão no jornal impresso, porém, com redação adaptada para a data e o espaço radiofônico. Pode-se observar que a temática fronteiriça não é apresentada diretamente, nem a configuração de cidade vizinha é atribuída a Santo Tomé. No trecho “sambódromo daquela cidade”, percebe-se uma posição dúbia pois, ao mesmo tempo em que tal postura indica certo distanciamento, como se o município não estivesse ao lado, a construção textual sugere familiaridade, pois não há qualquer referência precisa quanto ao endereço onde seria realizado o evento, dando pistas de que a comunidade são-borjense já conhece o cenário em questão.

Figura 17: Dia 11/02/2017 – Edição 4076.



Fonte: Folha de São Borja, 2017.

Essa foi a única referência encontrada nas elaborações jornalísticas analisadas, ainda que o período de seleção do *corpus* contemple toda a época em que o Carnaval de Santo Tomé aconteceu, e apesar de, durante a entrada no campo, alguns entrevistados terem comentado sobre a participação de público são-borjense e, inclusive, sobre o envolvimento de trabalhadores brasileiros nas escolas de samba santo-tomenhas.

Uma das grandes formas de integração, já estava esquecendo, essa sim é uma forma de integração entre Brasil e Argentina: Carnaval. Muito forte, muito bem organizado o Carnaval argentino em Santo Tomé. Então, o Carnaval argentino ele se profissionalizou e leva, no período de Carnaval, muitos brasileiros para a Argentina. Não só para apreciarem o evento, mas como participantes diretos. Ou são músicos, ou integrantes de escolas, muitos brasileiros, nesse quesito, estão integrados com Santo Tomé (SUJEITO 4, 2017).

A festividade ocorre há mais de sessenta anos e mobiliza músicos, empresas de fantasias, de confecção de roupas e carros alegóricos, entre outros profissionais do Brasil. De maneira semelhante, em algumas ocasiões, as escolas de samba de Santo Tomé participam de desfiles em São Borja. Nesse sentido, chama a atenção a pouca ênfase do jornal analisado para cobrir uma atividade que congrega os dois povos, colocando-os em contato, não apenas nos dias de festividade, mas em mais períodos do ano, durante a organização que antecede a programação em si.

Acho que alguns eventos, querendo ou não, se tornam meio que, assim, fronteiriços. Mesmo que não tenham, às vezes, esse objetivo. Por exemplo, um evento como tem aqui na cidade, o Carnaval. Os argentinos vêm para cá para o Carnaval, para ver como é, para curtir. Eles também têm o Carnaval deles, e a gente vai lá também. Então, muitas vezes, mesmo que o objetivo não seja esse, que não esteja explícito que vai ser feito um evento fronteiriço, ele acaba se tornando por causa dessa geolocalização, e pela curiosidade de se querer conhecer a cultura do outro, ou porque disseram que é legal. Sei lá, alguma coisa faz aguçar a tua curiosidade (SUJEITO 1, 2017).

O entrevistado acredita que há situações em que, naturalmente, uma atividade se torna fronteira, recebendo a adesão das comunidades, mesmo sem haver um agendamento, uma pressão para isso, ou sem que o objetivo principal se volte a essa integração. Contando que já participou de feiras agropecuárias na cidade vizinha, explica que, em determinadas situações, os organizadores intitulam uma atividade como internacional, mas isso nem sempre significa que a população das duas cidades vá se interessar, participar e, de fato, garantir o caráter fronteiriço sugerido. A entrada no campo trouxe indicativos de que existiam e existem diferentes atividades acontecendo e reunindo são-borjenses e santo-tomenhos. Todavia, muitas delas escapam a cobertura midiática, circulando nas comunicações interpessoais dos sujeitos dessas cidades-gêmeas.

A movimentação do comércio são-borjense, no período de comemoração do Natal e do Ano Novo, apareceu como elemento central em seis matérias²⁷ do *corpus* do jornal impresso *Folha de São Borja*, e em seis recortes exemplares dos programas radiofônicos, três vezes em cada um (no caso do *Gente é Notícia*, a temática foi colocada a partir de entrevistas, conforme é apresentado na sequência). Em virtude de fazerem breve alusão à presença de argentinos na cidade, não sendo esse fluxo a abordagem primordial, entende-se que esses materiais se enquadram na **Categoria Primária Abordagem Indireta**. Observa-se que as representações construídas, a partir da *Fronteira de Interação* e *Fronteira de Passagem*, dizem respeito às oportunidades e aos interesses econômicos resultantes desse contato com a população da nação vizinha e do trânsito de turistas pela Ponte e a cidade brasileira.

Em geral, as informações traziam comparativos com as vendas de anos anteriores, estabeleciam paralelos com a tendência no movimento nacional e estadual (citando pesquisas realizadas por entidades como Sindilojas, Fecomércio-RS e Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas), apontavam o gasto médio de cada pessoa com as compras e estimativa do número de presentes que iriam adquirir. Ainda, explicavam a retomada do estacionamento rotativo no centro da cidade, e a alteração no horário de funcionamento das lojas durante as semanas que antecediam as festas, e, é claro, faziam referência à expectativa de vendas pela entrada de compradores do país vizinho, tanto turistas quanto moradores da divisa dos países.

²⁷ Os exemplos são: “Proximidade do Natal aumenta movimento no comércio da cidade” (Folha de São Borja, 07/12/2016 – Município, contracapa), “Vendas do Natal devem ter aumento em relação ao ano passado” (Folha de São Borja, 17/12/2016 – Município, p. 11), “Lojistas apostam no aumento das vendas no comércio de São Borja” (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Especial de Natal, p. 10), “Sindilojas considera positiva a retomada do estacionamento rotativo” (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Município, contracapa), “Comércio registrou queda nas vendas de Natal” (Folha de São Borja, 31/12/2016 – Economia, p. 6), e “Campanha da Acisb de incentivo às vendas teve novas ações na cidade” (Folha de São Borja, 31/12/2016 – Município, contracapa).

Outra previsão positiva dos dirigentes lojistas é quanto à **presença dos compradores argentinos** até o final do ano. **Mesmo com o câmbio um pouco desfavorável, segue aumentando a presença deles no comércio da cidade** para compra de muitos gêneros, incluindo itens da ceia de Natal e de presentes (Folha de São Borja, 07/12/2016 – Município, contracapa, grifos da autora).

Na cidade, **outra aposta é pela vida de muitos consumidores argentinos**, inclusive neste sábado, **mesmo que o câmbio não esteja tão favorável aos consumidores do outro lado do rio Uruguai**. Esta semana já se notou uma **presença maior de argentinos** que aqui encontram preços mais baratos e com mais opções de compras de presentes. **Os argentinos se deslocam, principalmente de Santo Tomé e Virasoro** para compra de muitos produtos, incluindo alimentos (Folha de São Borja, 24/12/2016 – Especial de Natal, p. 10, grifos da autora).

Com relação aos trechos em destaque, pode-se visualizar elementos específicos da realidade limítrofe, como a oscilação cambial que movimentava fronteiriços de um lado ao outro, conforme convém economicamente, para realização de compras de produtos de uso cotidiano. Na abordagem do primeiro exemplo, não é feita referência direta ao argentino morador de Santo Tomé, mas sim “à presença de compradores argentinos” de maneira geral, podendo contemplar tanto o trânsito vicinal quanto o movimento turístico. Diferente do que ocorre no segundo recorte com menção específica ao deslocamento de compradores das localidades próximas. Cabe explicitar que Gobernador Virasoro é uma cidade que faz parte do departamento de Santo Tomé e fica a 79 km da região central de São Borja.

Os exemplos trazem, ainda, aspectos relativos à questão identitária, estabelecendo marcações entre “nós” e “eles”, entre as identidades brasileiras e as identidades argentinas. Em ambos os casos, o “outro”, os cidadãos do país vizinho são abordados enquanto consumidores, aludindo às representações de contato e interação pelo viés da oportunidade de incremento nos lucros e de rentabilidade para a cidade brasileira. Conforme referido, essa característica também faz parte das práticas socioculturais dos contextos limítrofes e apresenta variação, ora beneficiando o comércio de um lado, ora o do outro.

Ainda nessa perspectiva, tendo como proposta inicial abordar a decoração de Natal da Praça XV, que havia sido feita com material reciclável, a entrevista realizada no *Gente é Notícia*, em 5 de dezembro de 2016, é outro exemplo de **Abordagem Indireta** que menciona a participação dos vizinhos nas vendas do comércio são-borjense. Todavia, nesse material, o que chama a atenção é a expressão pejorativa, “invasão”, utilizada pelo participante do programa, ao falar sobre o ingresso de argentinos.

E essa semana, nós deveremos ter aí, eu acredito que quinta e sexta-feira, **uma grande invasão de argentinos**, porque na Argentina é feriado quinta-feira, Imaculada Conceição, e eles fazem lá um feriado turístico. Eu estive olhando no

calendário argentino, ontem, então é um feriadão lá. Então, **vai ter uma invasão de argentinos, com certeza, quinta e sexta-feira no comércio São Borja** (Gente é Notícia, 05/12/2016, grifos da autora).

Na sequência, o locutor complementou dizendo: “tem que aproveitar então”. O fato remete, justamente, à importância atribuída à participação dos argentinos nos movimentos da economia da cidade, de modo especial, nas últimas temporadas, devido à variação cambial estar favorável às compras no Brasil. A observância do calendário argentino também evidencia essa questão, pois, na entrada no campo, houve relatos de articulações das entidades lojistas com o objetivo de atentar às datas comemorativas no país vizinho e aos hábitos culturais que possuem, para atrair cada vez mais consumidores.

Outras duas entrevistas que o programa apresentou foram realizadas com o empresário e presidente do Sindilojas, Ibrahim Mahmud, nos dias 13 e 20 de dezembro de 2016, com enfoque voltado para o movimento do comércio em geral. Nas falas, foram mencionados os benefícios trazidos com a vinda dos compradores vizinhos e a necessidade de pensar iniciativas que estimulasse os argentinos a ficar e comprar em São Borja. Além de elementos específicos das negociações, como a oscilação do peso e a preferência desses compradores por utilizar cartão de crédito nos pagamentos, também foram pontuados aspectos do contexto são-borjense, como a experiência do estacionamento rotativo, que estava em fase de implementação na cidade. A preocupação principal remete ao objetivo de ampliar a lucratividade, com esse fluxo sazonal, aproveitando a movimentação temporária própria do veraneio.

No *Atualidades*, a temática foi abordada de modo similar aos exemplos anteriores, enfatizando a expectativa de ampliação dos lucros do comércio, em virtude do Natal, com notícias nos dias 9, 19 e 20 de dezembro de 2016. O principal diferencial desse programa radiofônico esteve nos comentários trazidos pelos locutores, a partir da referência à alteração do horário de funcionamento do comércio local, fazendo apostas no crescimento das vendas pela entrada de argentinos. As notícias também traziam projeções de comercialização pela presença e passagem dos vizinhos no período de férias, fazendo comparações com anos anteriores e com o mercado nacional, de modo amplo.

A previsão de aumento nas vendas em São Borja, naquele final de ano, não se concretizou, pelo contrário, o desempenho no faturamento de dezembro acabou sendo negativo. Entre outras razões, a matéria “Comércio registrou queda nas vendas de Natal”, veiculada no jornal do dia 31 de dezembro de 2016, mencionava que o número de argentinos comprando na cidade, havia sido menor do que o esperado. Ainda, atribuiu a situação ao

parcelamento de salários e o não pagamento do décimo terceiro de servidores estaduais, e à queda no poder aquisitivo dos assalariados. Observa-se que o jornal considera os elementos da realidade local/regional/internacional, mas sem descuidar do cenário mais amplo que está relacionado a essas lógicas, a partir das interferências estaduais e nacionais. Afinal, a fronteira é essa multiplicidade de relações e influências, constituindo-se tanto a partir de elementos próximos quanto daqueles que estão distantes, nos centros de poder e decisão.

Mais um texto que ilustra essas representações vinculadas à economia se refere à matéria “Campanha da Acisb de incentivo às vendas teve novas ações na cidade”, na última edição de 2016. O texto explicita medidas tomadas pela Associação Comercial e Industrial (Acisb) e Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), ambas são-borjenses, para atrair turistas, especialmente, os argentinos, para que conheçam o município e adquiram produtos nas empresas locais. Dentre as ações, são mencionadas parceiras a partir da campanha “Comprar em São Borja é bom demais”, envolvendo mais de cem empresas na época, com distribuição de prêmios e instalação de *outdoor* na entrada do município, aludindo à importância de valorizar e comprar nos estabelecimentos da cidade.

A expectativa dos organizadores da campanha é de que, **em se tratando dos turistas**, ocorra um aumento no volume de compras na cidade por parte deste tipo de consumidor, tendo em vista ainda **a valorização do real frente ao peso** e também à **rotina de compras no Brasil, já estabelecidas por algumas famílias da cidade vizinha de Santo Tomé** (Folha de São Borja, 31/12/2016 – Município, contracapa, grifos da autora).

Novamente, aspectos típicos e naturais da vivência fronteiriça, como a valorização de uma moeda em detrimento da outra e o hábito de comprar no país vizinho, são utilizados para construir as representações, a partir do olhar dos sujeitos são-borjenses e colocando os argentinos como consumidores em potencial. Também destacando a realização de campanha voltada à recepção de visitantes estrangeiros, a notícia “Secretaria capacita equipes dos Centros de Atenção ao Turista” (Folha de São Borja, 31/12/2016 – Município, p. 13) elucida que determinadas ações estavam sendo implementadas para receber os turistas nos postos integrados de fronteira, nas estradas dessas regiões e em diversos pontos turísticos do Rio Grande do Sul.

Devido à abordagem geral, considerando o turismo do estado de modo amplo, observa-se que a matéria poderia ter circulado sem problemas em meios de comunicação de quaisquer cidades, mesmo que não as fronteiriças. Ainda, não há ênfase nas relações entre são-borjenses e santo-tomenhos, por isso o entendimento enquanto **Abordagem Indireta**.

Segundo o texto, dentre as instituições envolvidas estavam a Secretaria Estadual do Turismo, Esporte e Lazer (Setel), que investiu em capacitação de equipes para atuar nos Centros de Atenção ao Turista (CAT's), e o Centro Unificado de Fronteira (CUF), articulado com o auxílio de funcionários da Mercovia e de apoiadores ligados ao Instituto Federal Farroupilha. Esses projetos também foram mencionados pelos programas de rádio, em notas e notícias que abordavam o ingresso de estrangeiros pela Ponte da Integração.

Um dos entrevistados reconheceu a importância dessas ações, mas enfatizou que muito mais poderia ser desenvolvido, e que os projetos voltados ao turismo deviam ter continuidade no decorrer do ano, em vez de serem realizados apenas no período de veraneio (SUJEITO 4, 2017). Para ele, as atividades ocorrem quando os estrangeiros já estão passando rumo às praias, então, a maioria acaba não sendo alcançada, e diz que divulgações continuadas serviriam de estímulo para que se ampliasse o número de pessoas interessadas em vir para São Borja e conhecer a fronteira.

Durante uma das entradas no campo, o Sujeito 1 (2017) comentou que uma rede de supermercados estava buscando um profissional, em São Borja, para divulgar suas ofertas, ao vivo, por telefone, nas rádios santo-tomenhas. A ideia era atrair os consumidores argentinos para as compras na cidade brasileira, aproveitando que a ligação telefônica é considerada chamada local. Já com relação à venda de espaço publicitário para anunciantes argentinos, nos meios de comunicação analisados, o Sujeito 2 (2017) explicou que não há essa previsão, que houve um tempo em que o cassino anunciava, mas que, atualmente, não vendiam mais e nem parecia haver interesse do comércio argentino. Ainda assim, se houvesse procura, a indicação seria de não disponibilizar para empresas argentinas, por um acordo com a Acisb. A “regra” se estabeleceu pelo entendimento de que o comércio vizinho prejudicava a economia local.

De certo modo, tais medidas podem ser consideradas como posturas restritivas e de incompreensão diante das lógicas de apoio mútuo que poderiam se estabelecer nas duas cidades da fronteira. Ainda, indicam decisões baseadas na preocupação com o capital e o faturamento imediato, e não com o contexto mais amplo da região, que incluiria, por exemplo, empreendimentos de pequeno porte, como mercados de bairro. Possivelmente, sejam tomadas por determinadas forças de poder atuantes dentro da localidade sem, necessariamente, representar a maioria, mas buscando privilegiar alguns grupos em detrimento da comunidade como um todo.

Essas medidas protecionistas costumam ter mais destaque quando se tratam de políticas adotadas pelas lideranças nacionais em contextos mais abrangentes, nas negociações e exportações entre os países. Porém, houve relatos acerca de estratégias localizadas nas

regiões de fronteira, por parte do governo argentino, com a criação de um programa que subsidiava determinados produtos, buscando incentivar as vendas no próprio país e evitar a saída dos moradores das cidades limítrofes para adquirir os produtos no Brasil.

Questionado sobre a participação da questão comercial nas práticas socioculturais do contexto fronteiriço, o Sujeito 1 (2017) enfatizou que “o principal é o eixo comercial, tudo parte do eixo comercial”. De acordo com sua visão, depois, outros elementos, como a cultura, são acionados, mas o mais importante vem pela cotação, para quem está melhor e como os dois povos se articulam. A partir disso, todo o restante aconteceria, com os fronteiriços indo e/ou vindo de um lado a outro. Observa-se que, de fato, a afirmação está refletida nas representações que são construídas nas edições do *Folha de São Borja* e nos programas de rádio *Gente é Notícia* e *Atualidades*, especialmente, focados nos aspectos econômicos das temáticas abordadas, em detrimento de outras vivências peculiares da região fronteiriça. Na sequência, para finalizar esse momento de reflexões, tais aspectos são evidenciados em relação com outros elementos relevantes encontrados no percurso investigativo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar aspectos da elaboração jornalística e dos meios de comunicação local, a partir da realidade São Borja e Santo Tomé, divisa entre Brasil e Argentina, a pesquisa representa um avanço investigativo sobre mídias e fronteiras internacionais, no Campo das Ciências da Comunicação. Nessa perspectiva, por contemplar um cenário pouco abordado, as problematizações evidenciadas se somam a debates acadêmicos anteriores, contribuindo com o percurso e desenvolvimento das reflexões concernentes a essas temáticas, bem como, trazendo indícios das particularidades desse espaço que, apesar de certas similaridades, possui determinadas distinções, quando comparado às demais regiões limítrofes. Conforme se elucida na sequência, entre os elementos peculiares, têm destaque a ênfase na constituição histórica das Missões Jesuítico-Guarani, e a construção informativa que prioriza movimentos efêmeros, nas relações entre os vizinhos, fugindo tanto de elaborações que estimulem a integração, quanto daquelas que ressaltem o conflito.

As considerações apresentadas não se referem a conclusões rígidas, fechadas e/ou estanques, acerca dos fenômenos comunicacionais e midiáticos investigados. Compreende-se que o conhecimento está em constante processo de elaboração e reconfiguração, solicitando dinâmicas formais de encerramento, ao mesmo tempo em que oferece inúmeras possibilidades de abertura e continuidade para futuras investigações. Assim, é fundamental ter clareza de que a pesquisa possui um marco espaço-temporal e um contexto sócio-político definidos, que contemplam o percurso de doutoramento, entre 2014 e 2018, com ênfase analítica nos meses de dezembro de 2016, janeiro e fevereiro de 2017, período de final de ano, férias escolares e laborais, e volta às aulas, e nas produções e profissionais do lado brasileiro, de acordo com critérios de seleção e de decisões alicerçadas em obras e autores de referência. Tendo em vista que a abordagem tratou de uma região limítrofe específica, os apontamentos não remetem a um sentido de totalidade ou generalização das fronteiras internacionais, mas enfatizam um conjunto de constatações, a partir de um somatório de olhares e delineamentos teórico-metodológicos estabelecidos pela pesquisadora, a fim de alcançar os objetivos propostos.

Os questionamentos iniciais, que deram origem aos interesses da presente pesquisa, dizem respeito às abordagens midiáticas e à participação dos profissionais de comunicação na elaboração de representações sobre as fronteiras internacionais e as identidades acionadas nesse espaço de constante aproximação com o Outro. Entende-se que as fronteiras culturais estão presentes também em realidades que não as limítrofes, mas são nessas regiões que as articulações aparecem de modo mais visível, integrando-se às práticas cotidianas dos sujeitos

do lugar, em atravessamentos e negociações permanentes entre os elementos locais, regionais, nacionais e internacionais. Para ilustrar essas dinâmicas, pode-se referir o contato frequente entre dois idiomas distintos e as normativas e legislações diferentes a que são submetidas as populações em cada estado-nação.

Durante a entrada no campo, bastava um rápido passeio pelas ruas do centro de São Borja para ouvir conversas tanto em português quanto em espanhol. As placas dos carros indicavam a grande presença de argentinos no espaço brasileiro, e as lojas começavam a sinalizar os preços de alguns produtos em peso. A situação remete ao câmbio que indicava vantagem para que os vizinhos fizessem suas compras no Brasil. Nesse sentido, a dinâmica empírica de aproximação com o objeto concreto colocou em evidência discursos variados que se atravessam conformando representações da região fronteira. A mídia está presente nessas realidades de diferentes maneiras, inserida nas comunidades, influenciando os contextos e sendo também afetada pelas lógicas próprias do lugar.

Embora a pesquisa tenha se proposto a analisar os formatos convencionais dos meios de comunicação, ou seja, a edição em papel do jornal impresso e os programas radiofônicos nas transmissões do sinal do rádio, devido às lógicas da convergência midiática, os três veículos também estão presentes na internet. Em ambos os casos, o ambiente digital costuma ser utilizado como espaço de reprodução de conteúdos, sem haver iniciativas expressivas de elaborações utilizando as características e ferramentas específicas da plataforma. Ainda assim, as informações que produzem e difundem, inicialmente, para os espaços tradicionais, estão disponíveis para toda a rede mundial, e podem ser acessadas por diferentes pessoas nos pontos mais extremos dos continentes.

Nessa perspectiva, entende-se que as representações, que circulam no jornal *Folha de São Borja* e nas emissoras de rádio *Cultura AM* e *Fronteira FM*, podem ter participação nas concepções construídas, por diferentes pessoas, sobre a fronteira e os fronteiriços, mesmo que em contextos distantes da realidade em questão. Pois, mesmo sem ter ido à região limítrofe e/ou sem conhecer os sujeitos do lugar, é possível conformar ideias a partir das referências a que se tem acesso. Assim, os meios locais se expandem para outros horizontes, fazendo com que as abordagens sobre as fronteiras internacionais possam se disseminar para além das próprias linhas divisórias, mas a partir da produção dos habitantes do lugar.

As histórias de Brasil e Argentina se mesclam em inúmeras relações, configurando um contexto diferenciado, no caso de São Borja e Santo Tomé. Os intercâmbios entre os povos são anteriores ao período das Reduções Jesuíticas e à presença dos portugueses e espanhóis, sendo estabelecidos, antes da chegada dos europeus, pelos indígenas que cruzavam de uma

margem à outra do rio Uruguai. As comunidades surgem próximas e, anos depois, há uma cisão histórica. Apesar da construção dos países ter origem conjunta e semelhante, mantendo-se permeada de similaridades, no decorrer da constituição de ambos e mesmo nos dias de hoje, percebe-se um desconhecimento mútuo entre as populações. Além de aproximações políticas e econômicas, admite-se a ocorrência de trocas sociais e culturais entre os vizinhos. Todavia, segue discreto o compartilhamento de informações sobre esse passado comum dos países e a condição parecida que vivenciam na atualidade. Em contrapartida, ainda que apareçam de forma atenuada, permanecem frequentes certos discursos estereotipados de um para com o outro, inclusive, nos meios de comunicação locais dessa região de fronteira, conforme situações evidenciadas nas análises. Parte-se da compreensão de que pesquisar esse cenário permite valorizar os povos originários, que foram os primeiros habitantes da região, e os movimentos de integração estabelecidos por eles, antes da demarcação dos territórios. Possibilita, ainda, refletir acerca das aproximações que eram experimentadas naquele período e dos espaços, local, geográfico, climático, dos povos originários, em busca de proposições para iniciativas que resgatem aspectos dessas vivências na contemporaneidade.

Em concordância com estudos anteriores sobre mídia e fronteiras, a investigação reconhece o potencial que os meios de comunicação e suas tecnologias possuem e entende que o cenário limítrofe apresenta atributos favoráveis para a construção de abordagens distintas das que são difundidas pelos veículos nacionais e regionais, em virtude de as trocas entre as populações serem facilitadas pela proximidade geográfica com o país vizinho. Nessa direção, acredita-se que o jornalismo fronteiro poderia trabalhar a partir de uma proposta singular, que avançasse nas contribuições de uma agenda voltada aos processos de integração entre os países. Ainda, partindo da realidade vivenciada pelos próprios moradores, nesse espaço que se constitui local e internacional, poderia estimular e impulsionar a articulação e o diálogo das populações das cidades-gêmeas, para além de uma preocupação comercial, voltada ao câmbio das moedas e aos benefícios e beneficiados nessa oscilação.

Nesses contextos limítrofes, também as identidades estão envoltas em processos ininterruptos de negociação e reposicionamento, demarcando seu caráter dinâmico, instável e relacional, construídas no contato com o Outro e na tolerância às diferenças vivenciadas. De acordo com determinados períodos e situações, diante de experiências conflituosas e/ou de aproximação, as ênfases e os sentimentos de pertença vão sendo acionados pelos sujeitos e as instituições, silenciando ou reforçando determinadas configurações identitárias. A afirmação remete tanto à realidade São Borja-Santo Tomé quanto às experiências de outras fronteiras, contempladas em distintos percursos investigativos já desenvolvidos.

A análise do jornal impresso e dos programas radiofônicos indicou que as elaborações sobre o lado brasileiro ressaltam uma identidade missioneira, considerada a partir do resgate de elementos históricos das Reduções e da ligação entre países da região, como Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Já no que diz respeito ao território vizinho, as representações trazem a referência direta a uma identidade argentina, geralmente, correspondendo ao turista sem, necessariamente, incluir o morador da cidade de Santo Tomé. Em virtude de serem construídas essas ênfases, a perspectiva de uma identidade fronteiriça, que congregue efetivamente os dois povos e os coloque como iguais (ou, pelo menos, como próximos), acaba enfraquecida nas abordagens. Essas descobertas, relacionadas à especificidade do contexto, são percebidas como um elemento singular que a investigação apresenta, frente às reflexões precedentes, no âmbito das pesquisas em Ciências da Comunicação.

É importante destacar que, entre as circunstâncias que resultam em tal direcionamento, está a constatação de que os próprios profissionais de comunicação, que transitam entre as mídias analisadas, atuando em mais de um desses veículos, não se reconhecem enquanto fronteiriços. Somada a outras características das abordagens, é possível vislumbrar que a forma como pensam a fronteira e vivem essa realidade está refletida nas elaborações jornalísticas que produzem e nas representações que esses meios de comunicação fazem circular. Embora sejam veículos diferentes, os três pertencem ao mesmo grupo empresarial e, sendo assim, os trabalhos são orientados por propostas semelhantes e que seguem uma política editorial idêntica.

A atuação conjunta de veículos e grupos midiáticos tem sido cada vez mais frequente na contemporaneidade, bem como a reprodução de informações a partir de outros meios e das agências de notícias. O modo como as informações divulgadas se repetiam nos três veículos, com os locutores chamando para as matérias do jornal impresso, faz parte dessa realidade em que os processos estão imbricados, direcionados à autorreferencialidade. Outra característica das abordagens dos programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades*, na apresentação das informações, é a alusão a publicações nacionais e regionais, sendo mencionados, por exemplo, o portal de notícias da Rede Globo, *GI*, e os jornais do Rio Grande do Sul, *Zero Hora* e *Correio do Povo*.

A confluência de diferentes estratégias e dinâmicas metodológicas permitiu apreender o cenário investigado em sua multiplicidade e construir aportes que considerassem tanto a perspectiva dos meios de comunicação quanto dos sujeitos que elaboram os produtos jornalísticos. As análises do jornal impresso *Folha de São Borja* e dos programas radiofônicos *Gente é Notícia* e *Atualidades* indicam representações da realidade São Borja-Santo Tomé por

meio de dois enfoques essenciais: como *Fronteira de Interação* (referenciando a ocorrência de contatos e intercâmbios entre os fronteiriços) e como *Fronteira de Passagem* (no sentido da circulação de pessoas pela Ponte Internacional da Integração e pela localidade limítrofe). Ambas estão inseridas nas **Categorias Primárias Abordagem Direta e Abordagem Indireta**. A primeira diz respeito a matérias em que a temática fronteiriça vinha como foco principal e direto do texto. Já a segunda, refere-se à apresentação dos assuntos limítrofes de maneira superficial, diluídos junto a outras questões que estavam colocadas como prioridade.

Nos veículos investigados, observa-se que as pautas informativas, atinentes à fronteira São Borja-Santo Tomé, costumam aparecer, principalmente, de maneira discreta nos produtos jornalísticos, como menções dentro de outros temas. Entretanto, essas matérias contemplam elaborações que perpassam diferentes atores e campos sociais, como cultural, histórico, político, religioso, da segurança pública, da educação, indicando que a experiência de “ser fronteira” está imbricada na realidade local, nos mecanismos e nos modos de operação das instituições do lugar. As elaborações destacam, basicamente, quatro *Eixos Temáticos*, de modo exclusivo ou concomitante, nas informações sobre aquela região limítrofe, que são *Relações Comerciais, Relações Institucionais, Relações Identitárias e Relações Culturais*.

As processualidades de entrada no campo e realização de entrevistas com os profissionais brasileiros, bem como os diálogos informais com moradores das cidades-gêmeas, permitiram vislumbrar uma série de atividades envolvendo os povos vizinhos. Muitas dessas dinâmicas não são incluídas nas abordagens jornalísticas analisadas, em parte, por serem práticas naturalizadas pelos sujeitos do lugar, como o fato de compreenderem o idioma espanhol, falado na Argentina. Outra razão se refere à negação da fronteira, por não terem interesse ou persistência em vivenciar a realidade vizinha.

Com relação a esse direcionamento, convém ressaltar que os sujeitos são atravessados por múltiplos fatores, para além das questões midiáticas e da prática jornalística. Os profissionais que produzem as informações são influenciados pela própria conformação da identidade brasileira e suas concepções a respeito das fronteiras e dos fronteiriços, e, inclusive, da Argentina e dos argentinos. Os elementos pessoais, familiares, históricos, afetivos, cotidianos, etc. de suas vidas também interferem na relação com esse Outro, bloqueando, limitando e/ou ampliando, aproximando, a frequência dos trânsitos com o espaço de fronteira e das interações com a população na margem oposta do rio Uruguai.

A investigação trouxe elementos que, de certa forma, contrariaram os pressupostos iniciais da pesquisadora, por exemplo, atribuía-se à mídia local um papel mais expressivo do que o constatado nas análises, no sentido da atuação enquanto protagonista nos processos de

integração de Brasil e Argentina e de São Borja e Santo Tomé. Os resultados indicam que as representações construídas, quanto às relações entre os dois países e seus povos na região fronteiriça, dizem respeito a situações pontuais e fugazes, estabelecidas em dinâmicas instáveis e efêmeras, sem que se manifestem expressões contínuas de trocas e intercâmbios.

A análise das representações no jornal impresso *Folha de São Borja* e nos programas *Gente é Notícia* e *Atualidades*, somada às entrevistas com profissionais que atuam nos meios, demonstrou que não há uma integração efetiva nessas cidades-gêmeas. Há sim um contato, uma aproximação que, na maioria das vezes, tem motivações econômicas, ocorre com a finalidade de obter vantagens comerciais. A pesquisa evidenciou, nas **Categorias Primárias Abordagem Direta** e **Abordagem Indireta**, que os enfoques priorizaram o *Eixo Temático Relações Comerciais*, em detrimento dos outros aspectos verificados. As interações ocorrem, especialmente, a partir dessas lógicas e, em virtude de relatos dos entrevistados, foi sinalizado um movimento interpessoal com sentido de obrigatoriedade de convivência, como se os fronteiriços são-borjenses tolerassem a presença de argentinos, não por uma vontade efetiva de se integrarem, mas pela necessidade de obterem benefícios (prioritariamente, financeiros) a partir do contato com esse Outro.

Os profissionais entrevistados reconhecem que são escassas as abordagens sobre o próprio contexto e as relações com a cidade vizinha na mídia local. Observa-se que não basta a proximidade para que a fronteira e/ou os fronteiriços sejam notícia nos veículos analisados, pois os acontecimentos costumam ser apresentados somente quando há situações que rompem com a calma do cotidiano são-borjense, a ocasião de um evento ou celebração que implique os dois povos, o fluxo de turistas, as infrações de trânsito, a ampliação das vendas, etc.. Entre outros fatores, os sujeitos entendem as tecnologias digitais como limitadoras das interações envolvendo são-borjenses e santo-tomenhos. Apesar de reconhecerem a importância dessas ferramentas contemporâneas, justificam que as possibilidades oferecidas acabam fazendo com que se ampliem experiências de individualidade e cada população se volte para si mesma.

A falta de contatos entre as populações vizinhas ainda é atribuída à burocracia dos trânsitos, em uma fronteira que vivencia a imposição de barreiras, devido a custos de pedágio, rigidez nos trâmites migratórios e transtornos aduaneiros, justamente, onde está erguida a Ponte Internacional da Integração. O pouco interesse em compartilhar e se integrar com o Outro também permeia esse cenário em virtude de as questões identitárias reiterarem a estereotipia entre brasileiros e argentinos. Para ilustrar, mesmo que os conteúdos analisados fossem informativos, nas produções radiofônicas, o cunho opinativo podia ser evidenciado, pois, com frequência, os locutores traziam comentários e apreciações, a partir das informações

divulgadas. Em certos casos, os posicionamentos reforçavam atributos pejorativos ligados ao povo argentino, mesmo que o intuito não fosse fazer referência direta ao santo-tomenho, sua inclusão acabava ocorrendo pela ausência de falas específicas e direcionadas a um tipo de morador determinado, por exemplo, o turista de Buenos Aires.

A pesquisa não nega a existência de propostas e tentativas que integrem as populações, para além da busca por incrementos na economia. De maneira especial, teve-se contato com articulações e iniciativas de instituições e entidades, presentes nos dois municípios, e ligadas aos âmbitos culturais e educativos. Nos materiais analisados, as abordagens mencionam medidas para a integração e conquista de direitos fronteiriços, colocando as duas comunidades como aliadas na busca por benefícios. Também as falas dos profissionais remeterem a tais questões, por exemplo, na luta pela implantação da carteira vicinal para livre circulação na Ponte e por projetos conjuntos em áreas como saúde e educação. Contudo, a perspectiva principal, vislumbrada nas informações, indica a existência de planejamentos e discussões entre representantes dos dois países, refletindo na ocorrência de encontros e na intenção de construir parcerias. A efetivação desses movimentos, raramente, aparece noticiada. Entre as razões para essa situação é possível que esteja o fato de muitos planos demorarem a acontecer devido a entraves burocráticos e negociações que extrapolam a vontade das cidades-gêmeas.

Diferente do que ocorre em alguns espaços limítrofes, em que as trocas culturais são intensas por meio da mídia local, inclusive, com materiais no idioma do vizinho, na região de São Borja e Santo Tomé, os meios de comunicação costumam trazer as questões de fronteira apenas se forem assuntos extremamente impactantes ou relevantes, situações que não há como evitar que se noticie. Naquele contexto, os limites parecem se estabelecer também no âmbito midiático com cada lado da Ponte produzindo seus conteúdos de modo independente e, em muitos casos, desconsiderando a existência do Outro. Com relação a esse ponto, vale retomar que a população vizinha argentina não costumava aparecer como fonte ou referência das matérias, sendo que apenas vozes oficiais foram encontradas nos veículos analisados. Essa não é uma particularidade das mídias analisadas, mas tem se constituído em prática cada vez mais comum no jornalismo atual, tanto no Brasil quanto no exterior. Nesse sentido, inclusive, o contato com fontes não-oficiais brasileiras se mostrou eventual e, entre outros fatores, a circunstância está ligada a dificuldades estruturais, como a limitação de profissionais e os escassos investimentos em expansão – realidade comum nos jornais do interior.

A diferença no tratamento de informações com enfoque policial ou da área de segurança pública, quando se comparam os meios locais e os de outros espaços do país, também é um aspecto interessante de ser resgatado. As experiências veiculadas pela mídia

comercial brasileira, nos grandes centros, geralmente, enfatizam assuntos que poderiam ser considerados fragilidades da fronteira, como crimes, contravenções, contrabando, tráfico de drogas e armas, dando destaque ao fato de ocorrerem nessas regiões. Entretanto, a mídia são-borjense, ao trazer notícias com esses direcionamentos, abordava os fatos sem mencionar diretamente a situação fronteiriça do local em que aconteciam ou, quando sinalizava o espaço de divisa entre países, priorizava a **Abordagem Indireta**, tangenciando os assuntos.

Ainda, pôde-se observar, tanto nas matérias do jornal impresso quanto nas notícias divulgadas nos programas radiofônicos, que acontecimentos envolvendo contrabando de agrotóxicos e apreensão de drogas eram relacionados às fronteiras do Brasil com outros países que não a Argentina, como Uruguai e Paraguai. Em outros casos, não se mencionava o lugar de onde provinham os produtos, apenas se indicava que eram de origem estrangeira. Dessa maneira, percebeu-se que características de impacto negativo, envolvendo ilegalidades, são negociadas pelos profissionais dos meios analisados e colocadas externas ao local São Borja-Santo Tomé, como se fossem experiências de outras regiões fronteiriças.

Um último componente acerca dessa problemática tange às representações sobre as fronteiras internacionais que os profissionais trouxeram em seus relatos, considerando os atravessamentos de suas experiências no local e das produções midiáticas a que têm acesso nas práticas pessoais e da profissão. As entrevistas sinalizaram que outras realidades de fronteira (por exemplo, Estados Unidos e México) estavam mais presentes na memória dos sujeitos do que as do Brasil com seus vizinhos. Também, que notícias com temas negativos tiveram, em geral, um impacto mais significativo no imaginário desses sujeitos, pois foram as primeiras a serem lembradas quando questionados. Porém, os entrevistados não vincularam essas abordagens ao contexto em que vivem e fizeram críticas a tais enfoques, por considerar que são generalistas e reduzem a fronteira de modo simplista (mesmo que o reproduzam eventualmente).

As falas dos entrevistados demonstram as ambiguidades e a complexidade dessa fronteira, pois também são colocações que se dividem entre a irmandade e o tensionamento, entre o desejo de integrar e resistência em estabelecer as aproximações. Foram observadas situações em que os sujeitos se colocavam como demarcação de fronteira, sugerindo o que deveria ou não passar de um lado a outro. Apesar de criticarem medidas que propõem erguer muros entre países, enfatizando a importância de se construir pontes e encontros, muitas vezes, os próprios moradores das cidades-gêmeas não usufruem dos benefícios que são oferecidos por essa realidade limítrofe, mantendo-se apenas no seu país.

Além dessa perspectiva, as entrevistas evidenciaram um sentimento de nostalgia referente ao período em que havia uma integração entre os meios de comunicação são-borjenses e santo-tomenhos, ressaltando a importância de movimentos de articulação entre os profissionais das duas margens do rio Uruguai. A situação se aproxima dos resultados de pesquisas realizadas com foco em Uruguaiana e Paso de Los Libres, ao mesmo tempo em que se difere de reflexões que abordaram aspectos do cenário Livramento e Rivera.

As reflexões, empreendidas a partir dos relatos dos sujeitos, colocam elementos que, ora parecem direcionar a um passado real, em que a integração existia de fato, ora parecem sinalizar a conformação de um imaginário, que remete ao que poderia ser um contexto ideal de integração. Concretamente, a pesquisa evidenciou que, tanto por parte dos brasileiros quanto dos argentinos, parece não haver iniciativas de aproximação que resultem em novos contatos e na retomada dessas trocas e produções conjuntas. Um dos indicativos para tal situação está nas rotinas produtivas do jornalismo, exigindo resultados práticos e imediatistas, ao mesmo tempo em que não disponibiliza “ferramentas” adequadas para essas demandas, por exemplo, equipes de trabalho que deem conta de cobrir as realidades nos dois lados da Ponte. Outra razão aparece vinculada à questão econômica, especialmente, em virtude de os anunciantes e expectadores dos meios analisados serem brasileiros.

A fronteira é aceita como um lugar de convivência com o Outro e com uma cultura diversa, e a mídia desse espaço se coloca como instância social com papel importante para estimular, por intermédio das informações que coloca em circulação, ambiências propícias a intercâmbios entre vizinhos. Entretanto, segundo os relatos dos entrevistados e a análise das produções jornalísticas, ainda parecem insuficientes as tentativas de construir uma abordagem múltipla que apreenda a complexidade das práticas socioculturais experienciadas nas fronteiras, e que explicita as trocas simbólicas, sociais, afetivas, linguísticas, acionadas nas relações que permeiam o cotidiano dos seus moradores. A maneira de olhar a realidade e construir as informações midiáticas, quanto às experiências no contexto limítrofe, permanece, muitas vezes, restrita a acontecimentos pontuais, como as variações do câmbio, as expectativas econômicas e a circulação de turistas, rumo às praias gaúchas e catarinenses, deixando de abordar inúmeras peculiaridades desse lugar.

A pesquisa surgiu de inquietações referentes às divisas entre Brasil e Argentina, com destaque para o contexto São Borja e Santo Tomé, justamente, em virtude da escassez de teses e dissertações que considerem essas cidades-gêmeas, nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação brasileiros. A investigação deixa suas contribuições para o Campo respondendo aos questionamentos a que se propôs, discutindo as representações e identidades

que circulam no cenário analisado, a partir dos meios e dos profissionais que neles atuam, e indicando novos caminhos importantes de serem percorridos.

As constatações obtidas, pela confluência dos procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa, acentuam a relevância de estudar os meios de comunicação de fronteira, de refletir sobre esses espaços em que as práticas socioculturais acontecem em relação com um contexto binacional e de entender quem são os sujeitos do lugar e como se estabelecem as relações com o Outro. Percebe-se que o número de trabalhos que abordam temáticas relativas a mídias e fronteiras internacionais está aumentando no país. Todavia, existem outras regiões limítrofes a serem contempladas, além de inúmeros aspectos suscitando indagações e motivando a produção de conhecimento.

Considerando esse panorama, as considerações que estão sendo elucidadas, também, buscam ponderar sobre desdobramentos possíveis, a partir do percurso investigativo que foi trilhado na presente pesquisa. Ainda, são colocadas sugestões de próximas dinâmicas por aceitar que é imprescindível a pesquisadora se manter em movimento e dar continuidade às discussões concernentes às problemáticas fronteiriças.

Acredita-se que, em futuras propostas de investigação, possam ser acrescentados outros meses e períodos, além da época de final de ano, férias escolares e volta às aulas, com o intuito de verificar distinções e similaridades no decorrer do ano. Considerando a relevância das entidades locais para os processos de interação entre os fronteiriços, verificada pelas abordagens metodológicas empreendidas, julga-se pertinente estabelecer novos enfoques que contemplem a comunicação elaborada por essas organizações. Também, a perspectiva dos sujeitos, a partir de pesquisa de recepção, mostra-se relevante. Uma possibilidade seria investigar as estratégias midiáticas elaboradas pela equipe de comunicação da Mercovia, por estar em relação direta com brasileiros e argentinos, produzindo conteúdos que perpassam e levam em conta os dois povos. Ainda, tendo conhecimento acerca do cenário de São Borja, a próxima abordagem analítica pretende incluir o território vizinho, com o objetivo de adentrar e compreender os contextos midiáticos de Santo Tomé e as produções jornalísticas elaboradas pelos sujeitos do lugar, permitindo estabelecer contrapontos e comparativos entre as realidades desses municípios limítrofes.

No que tange ao embasamento teórico, o acréscimo de conceitos e discussões relativas à cidadania dos povos fronteiriços indica uma vertente frutífera de reflexões, por exemplo, pelo tensionamento de possibilidades e limitações dos direitos, no trânsito entre os países e nos movimentos que acionam as nacionalidades. O debate sobre a inserção de minorias, nesses espaços com tradições e conservadorismos arraigados, é outro mote que interessa,

sobretudo, a partir de enfoques comunicacionais e midiáticos acerca da violência contra as mulheres e do silenciamento/apagamento da diversidade dos povos originários.

Por fim, importa destacar a compreensão da necessidade de retornar os resultados da pesquisa para as comunidades são-borjense e santo-tomenha, por meio da apresentação das reflexões desenvolvidas, buscando dialogar sobre as problematizações acionadas e contribuir tanto nos processos comunicacionais e midiáticos, quanto nas dinâmicas de aproximação entre os povos vizinhos. Nesse sentido, pretende-se estabelecer novos contatos com os profissionais entrevistados e os meios de comunicação contemplados nas análises, bem como construir ambientes de interlocução com os cursos da Unipampa, especialmente, a partir das graduações em Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas –, com vistas a sugerir possibilidades de produzir informações que deem conta da realidade fronteiriça vivenciadas por esses sujeitos em seus cotidianos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar. As fronteiras nacionais no telejornalismo brasileiro: as séries de reportagens sobre as fronteiras do Brasil no Jornal Nacional. In: VILLELA, Gustavo; BIVAR, Vanessa (Orgs). **Fronteira em questão: múltiplos olhares**. 1ed.Campo Grande: UFMS, 2013, v. 5, p. 15-34.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2016**. Porto Alegre: Editora Letra1; Instituto de Geociências/UFRGS, 2017. v. 3.
- Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2015**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Letra1; Instituto de Geociências/UFRGS, 2016. v. 2.
- BACHELARD, Gaston. O racionalismo aplicado. In: BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 113-141.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Neto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, A. T.; JUNQUEIRA, R. D. . A elaboração do projeto de pesquisa em comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 32-50.
- BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 189-217.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BENEDETTI, Alejandro. Espacios fronterizos del sur sudamericano. Propuesta de un modelo conceptual para su estudio, Estudios Fronterizos, **Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, Nueva Época, v. 15, n. 29, enero-junio, 2014, Universidad Autónoma de Baja California, Mexicali.
- BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al (Orgs). **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-42.
- BRANDALISE, Roberta. **A televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai: Um estudo sobre como as representações televisivas participam da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- BRASIL. **Bases para uma Proposta de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira**. Grupo de Trabalho Interfederativo de Integração Fronteiriça. Brasília: Ministério da Integração

Nacional, 2010. Disponível em: http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=ab3fdf20-dcf6-43e1-9e64-d6248ebd1353&groupId=10157. Acesso em: 19 dez. 2017.

BRASIL. Portaria nº 125, de 21 de março de 2014. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 mar. 2014. Seção 1, p. 45. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=45&data=24/03/2014>. Acesso em: agosto de 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CELPCYRO: Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br/>. Acesso em: 19 dez. 2017.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D'aquém e D'além mar**: percursos e géneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém, Portugal: Jortejo, 1998.

CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs). **Pampa e Cultura**: de Fierro a Netto. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004.

COMPÓS: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <http://compos.org.br/programas.php>. Acesso em: 05 fev. 2018.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. A arte de fazer. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chud da. **Pesquisa empírica em ciências humanas** (Com ênfase em comunicação). São Paulo: Futura, 2002.

DORFMAN, A.. **Anuário Unbral das fronteiras brasileiras 2014**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Letra1; Instituto de Geociências/UFRGS, 2015. v. 1. 132p.

_____. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: Nascimento, Durbens Martins; Porto, Jadson Luis Rebelo. **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: EDUFPA. 2013.

DORFMAN, A.; FRANÇA, A. B. C.; ROCHA, R. P.. Dinâmicas temáticas, disciplinares, espaciais e temporais dos Estudos Fronteiriços no Brasil: teses e dissertações (2000-2014). **Anuário UNBRAL das Fronteiras Brasileiras 2016**, v. 3, p. 11-50, 2017.

DORFMAN, A.; FRANÇA, A. B. C. ; ASSUMPCAO, M. B. . Fronteiras Sul-americanas: História, formas e processos contemporâneos. **Anuário UNBRAL das Fronteiras Brasileiras 2015**, v. 2, p. 97-123, 2016.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

EMERIM, Cárilda; PIPPI, Joseline. (Orgs). **Memórias sobre a Imprensa em São Borja**. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Graduação, 2007.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em Geografia. In: **Perspectiva Geográfica**. v. 09, n. 10, p. 45-64, Marechal Cândido Rondon, 2014.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **A Vila de “São Francisco de Borja das Missões” (1834-1887):** elementos da história e da geopolítica na formação dos limites meridionais do Brasil. Santa Maria: UFSM, 2012.

FOLHA DE SÃO BORJA. São Borja: Andres Editora Jornalística Ltda. Edições de 3, 7, 10, 14, 17, 24 e 31 de dezembro de 2016, 7, 14, 21 e 28 de janeiro de 2017, 4, 11, 18 e 25 de fevereiro de 2017.

FONSECA JÚNIOR, W. C.. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2011. p. 280-304.

FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Argentinos e Brasileiros.** Encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GALLINATI, Carla. et al. **Fronteras da Integração:** dimensões culturais do Mercosul = Fronteras de la Integración: las dimensiones culturales del Mercosur. Porto Alegre: Território das Artes, 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores y ciudadanos.** Conflictos multiculturales de la globalización. México: Grijalbo, 1995.

_____. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2002.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 64-89.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRIMBERG, Daniela de Seixas. **Territorialidades da imprensa:** estudo da noticiabilidade sobre as fronteiras sul-rio-grandenses em veículos de diferentes escalas de circulação. 2014. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

GRIMSON, Alejandro. **El otro lado del río:** Periodistas, Nación y Mercosur en la frontera. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2002.

_____. La nación en sus límites: contrabandistas y exilados en la frontera Argentina-Brasil. Buenos Aires: Gedisa, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais.** 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 153-181.

GUARESCHI, Pedrinho A.; ROSO, A.. Teoria das Representações Sociais - Sua história e seu potencial crítico e transformador. In: GUARESCHI, Pedrinho A. (Org). **Textos e Debates em Representação Social.** 1.ed. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2014, p. 17-40.

GUERRA, François-Xavier. A nação na América espanhola: a questão das origens. **Revista Maracanã,** Ano I, nº 1, 1999/2000.

GUIBERNAU, Monteserrat. **Identidad.** Pertenencia, solidaridad y libertad en las sociedades modernas. Madrid: Trotta, 2017.

GUINDANI, J. F.; MARTINS, T. . Implicações (i)legais da radiodifusão na fronteira São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG): o caso da Rádio Aurora FM. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MÜLLER, Karla Maria (Orgs). **Comunicação, cultura e fronteiras**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 123-142.

HOBBSAWM, Erick. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOHLFELDT, A. C.. O gaúcho: Tipo social de tríplice representação. In: Ligia Chiappini Leite; Maria Helena Martins. (Orgs). **Cone Sul - Fluxos, representações e percepções**. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 2006, v. 1, p. 19-71.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=4318002>. Acesso em: 19 dez. 2017.

INDEC: Instituto Nacional de Estadística y Censos. Disponível em:
http://www.indec.gov.ar/ftp/censos/2010/CuadrosDefinitivos/P1-P_Corrientes.pdf. Acesso em: 19 dez. 2017.

JACKS, Nilda (Coord.); BENETTI, Marcia; MÜLLER, Karla. **Hermanos, pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

JAPIASSU, Hilton. A epistemologia crítica. In: _____. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 137-158.

JORGE, Thais de Mendonça (Org.). **Notícia em fragmentos**. Análise de Conteúdo no Jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodología de análisis de contenido: teoría y práctica**. Barcelona: Paidós, 1997.

LACERDA, Juciano de S.. Mediatización: la tecnicidad como mediación. **Revista Latinoamericana Comunicación Chasqui**, v. 123, p. 76-81, Quito, 2013.

LAMBERTI, E.; OLIVEIRA, T. C. M. . As trocas, a territorialidade e o ambiente na fronteira Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). In: Osório, A.N. e OLIVEIRA, T.C.M. (Orgs). **América Platina: textos escolhidos**. Campo Grande: UFMS, 2008, v. 1, p. 75-97.

LORITE, Nicolás. Informar y formar: hacia una pedagogía de los medios como dinamizadores de la interculturalidad. In: **Los trabajos del Naos: Las culturas pedagógicas de la comunicación**. Barcelona: Observatorio Europeo de la Televisión Infantil, 2009. p. 158-184

LORITE, Nicolás; BADET, Maria. Tratamiento mediático de la inmigración brasileña em España. In: SOLÉ, Carlota; CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sònia. **La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica en España**, Madrid: MTIN, 2011. p. 189-210. Disponível em: <<http://extranjeros.empleo.gob.es/es/ObservatorioPermanenteInmigracion/Publicaciones/fichas/archivos/La-inmigracion-brasilena-en-la-estructura-socioeconomica-de-Espana.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

LORITE, Nicolás; GRAU, Jordi. Investigación audiovisual de las migraciones y el tratamiento de la diversidad en los medios de comunicación: un estudio de caso. In: Granados, A. (Ed.). **Las representaciones de las migraciones en los medios de comunicación**. Madrid: Trotta. 2013, p. 139-155.

LUCHT, J. M. P.. Gêneros no Radiojornalismo. In: José Marques de Melo; Francisco de Assis. (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. 1ed.São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, v. 1, p. 269-290.

MACHADO, Lia Osorio. Cidades na fronteira internacional: conceitos e tipologia. In: NÚÑES, Ángel; PADOIN, Maria; OLIVEIRA, Tito Machado (Orgs.). **Dilemas e diálogos platinos – fronteiras**. Dourados: Editora UFGD, 2010, p. 59-72.

MALDONADO, Alberto Efendy. Práxis teórico-metodológica na pesquisa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al (Orgs). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 277-303.

_____. A transmetodologia no contexto latino-americano. In: MALDONADO, Alberto Efendy; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano; BIANCHI, Graziela. (Orgs). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul/ Natal: UNIDAVI/ UFRN, 2012. p. 21-41.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSARIO, Nísia (Orgs). **Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Novos desafios na prática investigativa**. Salamanca: Comunicación Social, 2013. P. 31-57.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-79.

MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais: Brasil - Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. Pagos, passagens, incertezas... O drama da fronteira. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 233-251.

_____. Fronteiras culturais (Brasil – Uruguai – Argentina) em Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY). In: CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs). **Pampa e Cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004. p. 225-249.

_____. Um romance fronteiriço. GALLINATI, Carla. et al. **Fronteiras da Integração: dimensões culturais do Mercosul = Fronteras de la Integración: las dimensiones culturales del Mercosur**. Porto Alegre: Território das Artes, 2011. p. 186-197.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: _____. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 211-243.

MOREIRA, S. V.. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-279.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MÜLLER, K. M. **Mídia e fronteira: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2003.

_____. A presença árabe-palestina na mídia impressa fronteiriça. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (Org.). **Guerras e Migrações**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, p. 123-150.

_____. Fronteiras na mídia: diversidade de olhares e relatos. In: Guilermo Alfredo Jhonson et al (Orgs). **América Platina: fronteiras de diversidades e resistência**. Curitiba: Appris, 2016. p. 103-116.

MÜLLER, K. M. et al. Comunicação e Integração Latino-Americana: a participação da mídia local na construção da cultura e da identidade fronteiriça. In: **Revista Fronteiras**, v. 12, n. 2, maio-agosto, 2010.

_____. Mídia e fronteiras – cartografia dos estudos fronteiriços: pesquisas do Campo da Comunicação – primeiras análises. **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras 2016**, v. 3, Porto Alegre: Editora Letra1; Instituto de Geociências/UFRGS, 2017a. p. 51-70.

_____. Mídia e Fronteiras: principais autores e conceitos nas pesquisas brasileiras em Ciências da Comunicação, 2017b. [no prelo].

MÜLLER, K. M.. STRASSBURGER, T.. Reflexões sobre as processualidades da pesquisa: com a palavra, radialistas de contextos fronteiriços Brasil-Argentina. In: **Anais VI Seminário Internacional América Platina (VI SIAP)**. Campo Grande: UEMS, 2016. p. 1-9.

NAZÁRIO, Heleno Rocha. **Notícias da travessia: o status fronteiriço nos jornais Folha de São Borja (BR) e Unión (AR)**. 2017. 275 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

OLIVEIRA, Monica Resende de. **Mídia impressa na Tríplice Fronteira: estudo do jornal local A Gazeta do Iguacu**. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2005.

OLIVEN, Ruben George. Fronteiras culturais. In: Ligia Chiappini Leite; Maria Helena Martins. (Org.). **Cone Sul - Fluxos, representações e percepções**. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2006a, v. 1, p. 207-217.

_____. **A parte e o todo: a diversidade cultura no Brasil-Nação**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006b.

PADRÓS, Enrique Serra. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. In: **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais**. V. 17, n.º 1/ 2, jan/fev, Porto Alegre, 1994.

PESAVENTO, S. J.. Fronteiras e intertextualidade em O Continente de Érico Veríssimo. In: CHIAPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). **Pampa e Cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004. p. 109-128.

PINTO, Muriel. **A identidade socioterritorial missioneira da cidade histórica de São Borja-RS**: as hegemonias de poder sobre uma identidade tradicional enraizada entre antigas reduções Jesuítico-Guarani. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2015.

PRIEST, Susanna Hornig. **Pesquisa de mídia**: introdução. 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2011.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **O rádio de fronteira e o Mercosul**. 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo: 2000.

_____. **Rádio de fronteira**: da cultura local ao espaço global. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil; MÜLLER, Karla Maria (Orgs.). **Comunicação, cultura e fronteiras**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

REIS, C.. Identificação e classificação dos gêneros jornalísticos no rádio a partir das características da linguagem radiofônica. In: José Marques de Melo; Roseméri Laurindo; Francisco de Assis. (Org.). **Gêneros jornalísticos**: teoria e práxis. 1.ed. Blumenau: Edifurb, 2012, v. 1, p. 57-64.

RENAN, Ernest. ¿Qué es una nación? In: FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro (comp.). **La invención de la Nación**. Buenos Aires: Manantial, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RILLO, Aparicio S. **São Borja em perguntas e respostas**: monografia histórica e de costumes. 3.ed. Coleção tricentenário, n. 2. São Borja: Noschang, 2012.

RODRIGUES, Cláudio Oraindi. **São Borja e sua História**. Coleção Tricentenário, nº 01. 1982.

RODRIGUES, J. F. C.; PEDRON, F. A.. TAJI POTY: A educação patrimonial e a valorização da cultura missioneira. In: **Boletim Técnico-Científico** / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, v. 2, p. 79-99, 2016.

SAHLINS, Peter. Repensando Boundaries. In: Grimson, Alejandro (comp.) **Fronteras, naciones e identidades**. La periferia como centro. Buenos Aires: Ediciones Ciccus/La Crujía. 2000. p.41-49.

SCHMEIL, Lilian R. “Alquila-se” una isla. Turistas argentinos X população brasileira em Florianópolis. In:

SEGURA, María Soledad (Org.). **Agitar la palabra**: participación social y democratización de las comunicaciones. 1.ed.San Luis: Ciudadanía y medios, articulaciones y contextos, 2014.

SEMPÉ, Moarcí M. **São Francisco de Borja, o primeiro dos Sete Povos**. 2.ed. Coleção tricentenário, n. 3. Santa Maria: Pallotti, 1982.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, A. C. M.; GUIMARAES, I. P. (Org.); SCHWARTZ, Clarissa (Org.). **Jornalismo na linha de fogo**. Coberturas em segurança pública. 1. ed. Porto Alegre: Homo Plasticus, 2017. v. 1. 240p.

SMITH, Anthony. **Identidade Nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

STRASSBURGER, T.. As fronteiras internacionais nas representações e vivências de estudantes universitários: aproximações iniciais da pesquisa exploratória. In: Adrián Padilla Fernández; Alberto Efendy Maldonado; Norah S. Gamboa Vela. (Org.). **Procesos comunicacionales, educación y ciudadanía en las luchas de los pueblos**. 1.ed.Caracas: Fondo Editorial CEPAP-UNESR, 2015, p. 301-315.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.

SUJEITO 1. Entrevista concedida a Tabita Strassburger. São Borja, 2017.

SUJEITO 2. Entrevista concedida a Tabita Strassburger. São Borja, 2017.

SUJEITO 3. Entrevista concedida a Tabita Strassburger. São Borja, 2017.

SUJEITO 4. Entrevista concedida a Tabita Strassburger. São Borja, 2017.

SUJEITO 5. Entrevista concedida a Tabita Strassburger. São Borja, 2017.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 15, 2000/2001.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

UNBRAL FRONTEIRAS: Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Fronteiras e Limites. Disponível em: <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/site/>. Acesso em: 18 ago. 2016.

WAGNER, Carlos. **País-bandido**: crime tipo exportação. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZAMIN, Ângela Maria. **A discursivização do local-fronteira no jornalismo**: estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2008.

ANEXO A – Grade de programação da Cultura AM

Programação de segunda a sexta	
Horário	Programa
05:00 às 06:55	Amanhecer dos Pampas
06:55 às 7:00	Cinco Minutos com Jesus
7:00 às 7:15	O Sol Nasce para Todos
07:15 às 08:45	Gente é Notícia
08:45 às 09:00	Momento do Executivo
09:00 às 11:45	Linha Aberta
11:45 às 12:10	Panorama Esportivo
12:10 às 12:15	Utilidade Pública
12:15 às 12:25	Momento do Legislativo
12:25 às 13:00	Jornal da Cultura
13:00 às 13:15	Programa da Cotrisal
13:15 às 14:15	Cultura Rural
14:15 às 17:45	A Tarde é Sua
17:45 às 17:55	Escola de Jesus
17:55 às 18:00	Ave Maria
18:00 às 19:00	Entardecer na Querência
19:00 às 20:00	A Voz do Brasil
20:00 às 24:00	Show da Noite

ANEXO B – Grade de programação da Fronteira FM

Programação de segunda a sexta	
Horário	Programa
06:00 às 07:30	Manhãs do Sul
07:30 às 09:00	Atualidades
09:00 às 12:00	Revista 97
12:00 às 14:00	Intervalo 97
14:00 às 17:00	Conexão 97
17:00 às 18:00	Programa das Cinco
17:45 às 19:00	Um e Noventa e Sete
20:00 às 21:00	Discografia
21:00 às 24:00	Programa Tudo ou Nada
24:00 às 02:00	Discografia

ANEXO C – Materiais que apresentam as unidades informativas analisadas

Disponíveis em arquivos digitais

APÊNDICE A – Edições do jornal *Folha de São Borja*

Nº	Data	Edição	Dia da semana e número de páginas
1	03/12/2016	Edição 4064	Sábado (24 p.) – Caderno Fim de Semana (8 p.)
2	07/12/2016	Edição 4065	Quarta-feira (16 p.) – Caderno IN (8 p.)
3	10/12/2016	Edição 4066	Sábado (24 p.) – Caderno Fim de Semana (8 p.)
4	14/12/2016	Edição 4067	Quarta-feira (16 p.) – Caderno IN (8 p.)
5	17/12/2016	Edição 4068	Sábado (24 p.) – Caderno Fim de Semana (8 p.)
6	24/12/2016	Edição 4069	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.) Caderno Especial de Natal (16 p.)
7	31/12/2016	Edição 4070	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.) Caderno Especial Retrospectiva 2016 (16 p.)
8	07/01/2017	Edição 4071	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)
9	14/01/2017	Edição 4072	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)
10	21/01/2017	Edição 4073	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)
11	28/01/2017	Edição 4074	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)
12	04/02/2017	Edição 4075	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)
13	11/02/2017	Edição 4076	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)
14	18/02/2017	Edição 4077	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)
15	25/02/2017	Edição 4078	Sábado (20 p.) – Caderno Fim de Semana (12 p.)

APÊNDICE B – Programas selecionados – *Gente é Notícia*

Dias da Semana Meses	Gente é Notícia – Rádio Cultura AM		
	Dezembro de 2016	Janeiro de 2017	Fevereiro de 2017
Segunda-feira	5, 12, 26	2, 9, 16, 23, 30	13, 20
Terça-feira	6, 13, 20, 27	3, 10, 17, 24, 31	7, 14, 21
Quarta-feira	7, 14, 21, 28	11, 18, 25	1, 8, 15
Quinta-feira	8, 15, 22, 29	5, 12, 19, 26	2, 9, 16, 23
Sexta-feira	2, 9, 16, 23, 30	6, 13, 20, 27	3, 10, 24
Total	20 programas	21 programas	15 programas

APÊNDICE C – Programas selecionados – *Atualidades*

Dias da Semana Meses	Atualidades – Rádio Fronteira FM		
	Dezembro de 2016	Janeiro de 2017	Fevereiro de 2017
Segunda-feira	5, 12, 19, 26	2, 9, 16, 23, 30	13, 20
Terça-feira	6, 13, 20, 27	3, 17, 24, 31	7, 14, 21
Quarta-feira	7, 14, 21, 28	4, 11, 18, 25	1, 8, 15
Quinta-feira	8, 15, 22, 29	5, 19, 26	2, 9, 16, 23
Sexta-feira	2, 9, 16, 23, 30	6, 13, 20, 27	3, 10, 24
Total	21 programas	20 programas	15 programas

APÊNDICE D – Roteiro de entrevistas com os profissionais

Eixo Temático 1: Lembranças de experiências e histórias de vida

Aproximação inicial que busca estabelecer vínculos com os sujeitos, compreender quem são e suas relações com o contexto fronteiriço.

Contextualização: 1. Desde quando mora na cidade? 2. Como é viver aqui?

Fronteira: 3. Para você, o que é a fronteira? 4. Onde começa e onde termina a fronteira?

Fronteiriço: 5. O que é ser fronteiriço? 6. Quais as características deste sujeito? 7. Na sua opinião, o que define ou indica que alguém é da fronteira? Como podemos reconhecê-lo? 8. Você se reconhece enquanto fronteiriço? Por quê?

Eixo Temático 2: Trajetória com a mídia

Foca nas perspectivas midiáticas, quais informações acessam e em que meios, como percebem a mídia em suas vidas e na sociedade.

1 – De que maneira você busca se informar?

2 – Qual meio de comunicação mais utiliza?

3 – Que tipo de informações e/ou serviços você busca?

4 – Tem mais contato com que produtos midiáticos (revistas, programas, jornais, páginas na internet, filmes, músicas)?

5 – Qual é a importância da mídia na sua vida?

6 – E para a sociedade?

Eixo Temático 3: Representações sobre as fronteiras internacionais e as identidades fronteiriças

Questiona, especificamente, o contato com produções voltadas à temática fronteiriça, se lembram algum produto com enfoque no assunto, como era a cobertura, a forma como as regiões e os sujeitos fronteiriços eram apresentados.

1 – Lembra de alguma produção/produto midiática que falasse sobre as fronteiras (filmes, músicas, TV, rádio, internet, revistas, jornal impresso)?

2 – Como percebeu as abordagens?

4 – E como aparece a fronteira?

3 – Quem é o fronteiriço nesses materiais?

5 – Você se reconheceu nessas produções sobre as fronteiras?

6 – Essa cobertura da mídia tem relação com o lugar onde vive?

APÊNDICE E – Matérias analisadas no jornal *Folha de São Borja*

Dezembro de 2016: dezenove matérias em sete edições diferentes

Nº	Data	Edição	Título	Editoria	Categoria
1	03/12/2016	4064	Regulamentação de funcionamento dos free shops fica para o próximo ano	Município (capa)	Diluída
2	03/12/2016	4064	Região das Missões vive momento de expansão do turismo	Economia	Diluída
3	03/12/2016	4064	Organizadores avaliam positivamente realização do 2º Festival Internacional de Cozinha Missioneira	Fim de Semana	Ativa
4	03/12/2016	4064	Santo Tomé vai inaugurar ampliação da Faculdade de Direito	Educação	Ativa
5	03/12/2016	4064	Segurança abre atividades do Gabinete de Gestão Integrada de Fronteira	Geral	Diluída
6	07/12/2016	4065	Proximidade do Natal aumenta movimento no comércio da cidade	Município	Diluída
7	10/12/2016	4066	Ponte da Integração completou 19 anos nesta sexta-feira	Município	Ativa
8	10/12/2016	4066	Palestra no IFFar abordou a fundação jesuítica de Santo Tomé	Educação	Ativa
9	14/12/2016	4067	AMM busca apoio para participar de Feira Internacional de Turismo	Geral	Diluída
10	17/12/2016	4068	Vendas do Natal devem ter aumento em relação ao ano passado	Município	Diluída
11	17/12/2016	4068	PRF estima entrada de 2,5 milhões de argentinos durante o verão no RS	Polícia	Diluída
12	17/12/2016	4068	Apreendidas 150 quilos de carne bovina e capincho	Polícia	Diluída
13	17/12/2016	4068	Polícia Federal desencadeia operação para combater tráfico de armas e munições	Polícia	Diluída
14	24/12/2016	4069	Movimento de turistas argentinos deve aumentar na próxima semana	Município (capa)	Ativa
15	24/12/2016	4069	Lojistas apostam no aumento das vendas	Especial de Natal	Diluída
16	24/12/2016	4069	Sindilojas considera positiva a retomada do estacionamento rotativo	Município	Diluída

17	31/12/2016	4070	Comércio registrou queda nas vendas de Natal	Economia	Diluída
18	31/12/2016	4070	Secretaria capacita equipes dos Centros de Atenção ao Turista	Município	Diluída
19	31/12/2016	4070	Campanha da Acisb de incentivo às vendas teve novas ações na cidade	Município	Diluída

Janeiro de 2017: cinco matérias em três edições diferentes

Nº	Data	Edição	Título	Editoria	Categoria
20	07/01/2017	4071	Mais de 10 mil turistas argentinos já passaram pela Ponte da Integração	Município (capa)	Ativa
21	21/01/2017	4073	Mais de 50 mil turistas já passaram pela fronteira entre São Borja e Santo Tomé	Município (capa)	Ativa
22	21/01/2017	4073	Santo Tomé promove encontro internacional de som e carros tunados	Geral	Diluída
23	21/01/2017	4073	Turistas argentinos são flagrados cometendo infrações de trânsito	Polícia	Diluída
24	28/01/2017	4074	Região das Missões participa de Feira Mundial de Turismo em Madrid	Município	Diluída

Fevereiro de 2017: sete matérias em três edições diferentes

Nº	Data	Edição	Título	Editoria	Categoria
25	04/02/2017	4075	São Borja e Santo Tomé estudam parceria para divulgar leis de trânsito	Município (capa)	Ativa
26	04/02/2017	4075	Instalação de free shops terá cronograma de atividades	Município	Diluída
27	04/02/2017	4075	Valdir Andres entrega presidência da AMM na próxima segunda-feira	Geral	Diluída
28	04/02/2017	4075	Presidente da Câmara tem mantido agenda cheia	Município	Diluída
29	11/02/2017	4076	São Borja busca reforço policial para a Brigada Militar e Polícia Civil	Município	Diluída
30	11/02/2017	4076	Hoje acontece a segunda noite do carnaval de Santo Tomé	Fim de Semana	Diluída
31	18/02/2017	4077	São Borja busca reforçar sua identidade missioneira visando fomentar o turismo	Geral	Diluída

APÊNDICE F – Recortes analisados no programa *Gente é Notícia*

Meses / Categorias	Abordagem Direta	Abordagem Indireta
Dezembro de 2016	<ul style="list-style-type: none"> – 09-12-2016: Aniversário da Ponte Internacional da Integração; – 22-12-2016: Movimento de turistas e entrada de argentinos no trânsito vicinal; – 26-12-2016: Entrada e movimento de turistas argentinos. 	<ul style="list-style-type: none"> – 05-12-2016: Invasão de argentinos; – 13-12-2016: Entrevista sobre a presença de argentinos em São Borja; – 16-12-2016: 1 Entrevista sobre lançamento de livro bilíngue; – 16-12-2016: 2 Operação <i>Para Bellum</i>; – 20-12-2016: Entrevista sobre a presença de argentinos em São Borja.
Janeiro de 2017	<ul style="list-style-type: none"> – 05-01-2017: Movimento de turistas argentinos; – 09-01-2017: Entrada e movimento de turistas argentinos; – 11-01-2017: Movimento de turistas argentinos; – 19-01-2017: Movimento de turistas argentinos. 	<ul style="list-style-type: none"> – 17-01-2017: 1 Empresas aduaneiras ameaçam parar atividades nas fronteiras; – 17-01-2017: 2 Argentinos cometem infrações de trânsito; – 20-01-2017: Argentinos cometem infrações de trânsito; – 27-01-2017: Argentinos multados nas rodovias.
Fevereiro de 2017	<p align="center">_____</p>	<ul style="list-style-type: none"> – 03-02-2017: Entrevista sobre a implantação de <i>free shops</i> nas cidades-gêmeas; – 09-02-2017: Carnaval em Santo Tomé.

APÊNDICE G – Recortes analisados no programa *Atualidades*

Meses / Categorias	Abordagem Direta	Abordagem Indireta
Dezembro de 2016	<ul style="list-style-type: none"> – 16-12-2016: Operação especial da Polícia Federal na fronteira; – 21-12-2016: Movimento e entrada de turistas argentinos; – 23-12-2016: 1 Entrada de turistas argentinos; – 23-12-2016: 2 Entrada de turistas argentinos. 	<ul style="list-style-type: none"> – 08-12-2016: Entrevista com referência a projetos com Santo Tomé; – 09-12-2016: Expectativa de vendas em São Borja a partir da entrada de turistas; – 19-12-2016: Alteração no horário de atendimento e entrada de argentinos para compras; – 20-12-2016: Alteração no horário de atendimento e entrada de argentinos para compras.
Janeiro de 2017	<ul style="list-style-type: none"> – 06-01-2017: Entrada de argentinos; – 16-01-2017: Entrada de argentinos; – 17-01-2017: Entrada e movimento de argentinos; – 27-01-2017: Entrada e movimento de turistas argentinos. 	<ul style="list-style-type: none"> – 16-01-2017: Argentinos cometendo infrações de trânsito em São Borja; – 20-01-2017: Argentinos cometem infrações de trânsito; – 27-01-2017: Argentinos multados nas rodovias; – 31-01-2017: Segurança pública e controle das fronteiras.
Fevereiro de 2017	_____	_____